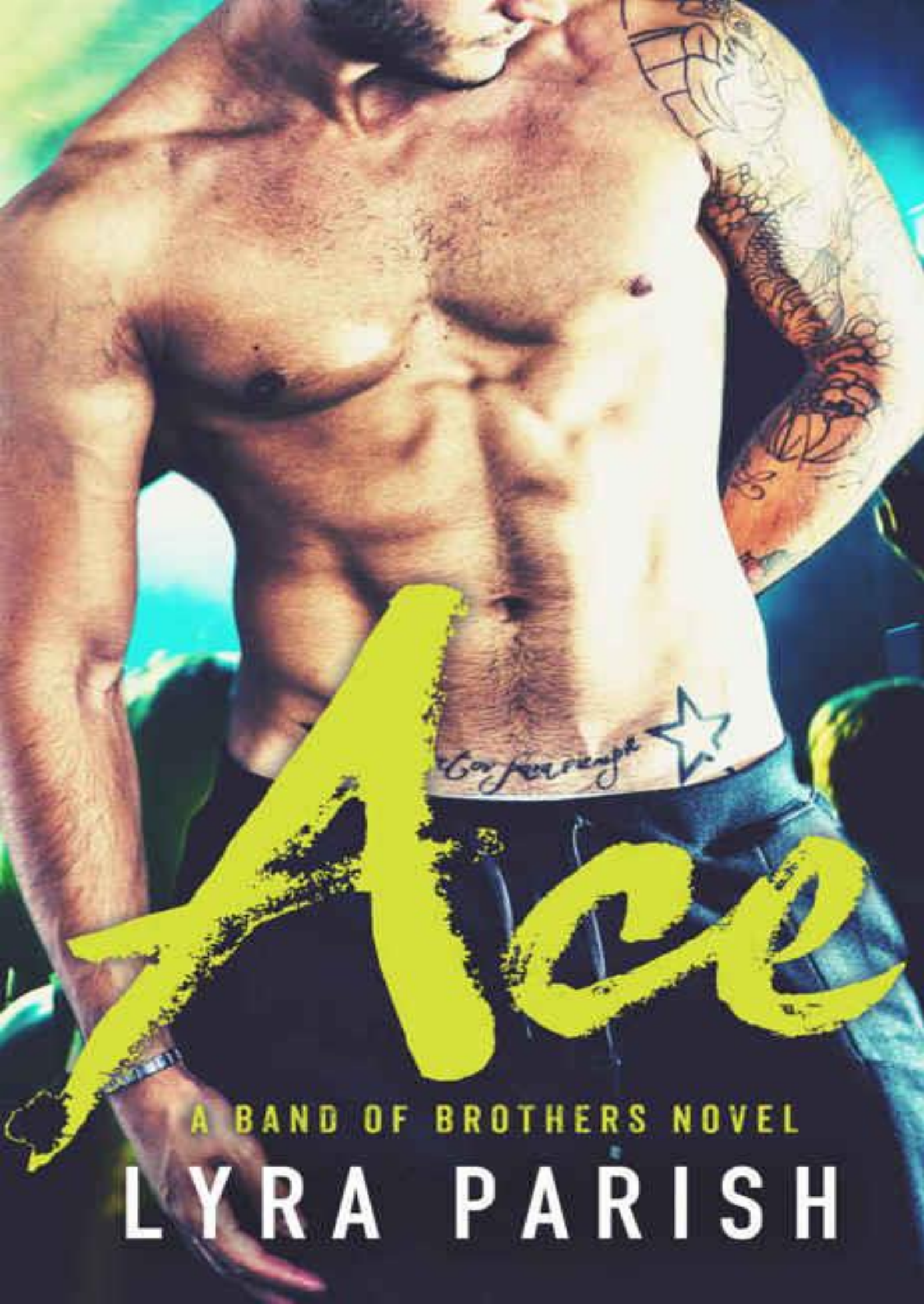

Ace
A BAND OF BROTHERS NOVEL
LYRA PARISH

Pégasus Lançamentos
6 anos

APRESENTA:



Ace

"A Band of Brothers"

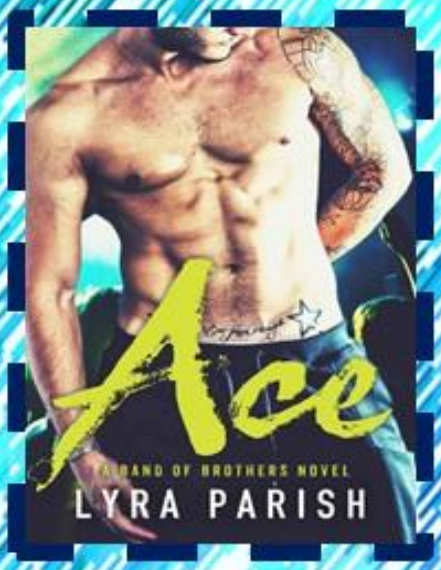
Lyra Parish

Pégasus Lançamentos
6 anos

Sobre a Série:

"A Band of Brothers"

Lyra Parish



OBS: A autora ainda não lançou os outros livros da série, até o momento em que esse layout foi feito. No entanto, já é de conhecimento público que o título do segundo livro da série será: "NIK", irmão do Ace e também integrante da banda – Capa oficial do segundo livro ainda não conhecida.

Lançamento





Equipe:

Envio: Soryu

Tradução: ChayraMoom

1- Revisão Inicial: Fabi ranieri, Nina, Leleka, Rafa Figueiredo, Adriksms, Blackbird, Alana, Jace Silva, Gi Vagliengo

2 - Revisão Inicial: Zizy

Revisão Final: Cindy Pinky

Leitura Final e Formatação: Gaby B.

A tradução em tela foi efetivada pelo Grupo Pégasus Lançamentos, de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato e-book. O grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor/usuário fica ciente de que o download da presente obra se destina tão somente ao uso pessoal e privado. Deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social e bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo.

O leitor/usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo o grupo citado no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



Equipe Pégasus Lançamentos



"A Band of Brothers"

Lyra Parish

Dedicatória:

Para aqueles que ainda não encontraram o que inspira canções de amor, espero que encontre ele/ela em breve.

Você diz que eu sou um sonhador. Mas eu não sou o único.

THE BEATLES

Recado aos leitores:

Um registro EP foi criado para este romance. Cada canção foi escrita, gravada, e produzida por Will Young. Não é o artista britânico cantor/compositor, mas o meu amor, que também é um músico. Nós fizemos essas músicas disponíveis em todos os pontos de venda. Espero que gostem tanto quanto eu, e que cada um realmente capte o estilo *Band of Brothers*.

.:) X Lyra



Ace

"A Band of Brothers"

Lyra Parish

Sinopse

Meu nome é Ace e eu sou o Ace de Espadas.
Eu não sou bom e meu comportamento não é decente.
Eu serei seu pesadelo.
Eu serei seu sonho.
Vou ter você implorando por mais de mim com cada grito.

A verdade está nas minhas letras.
Incontrolavelmente controlada.
Eu entrego minha alma em um rock & roll.

Eu não namoro ou faço amor, estar comigo é difícil.
Você sabia que o ás de espadas é considerado o cartão da morte?
O amor não existe no meu mundo, ele nunca existiu.
O amor não existirá no meu mundo, é algo que eu não permito.

Meu nome é Ace e eu sou o ás de espadas.
Proceda com cuidado, porque eu sou afiado como uma lâmina.

Capítulo 1

ACE

O set estava se aproximando do fim e eu podia sentir o olhar da loira na primeira fila. Os seios dela pendurados para fora de sua camisa enquanto lambia os lábios e visualmente arrancava minhas roupas. Quando eu olhei para longe, em seguida, de volta para ela, era como se seus olhos nunca tivessem me deixado. Esta noite, eu decidi que iria foder a loira da primeira fila.

Luzes azuis e verdes brilharam em cima do palco, depois passaram através da multidão. Quando fizemos contato visual outra vez, sua língua traçou o lábio inferior carnudo e naquele momento eu sabia que ela estava PPF. Estando pronta *para foder* fazia isso muito mais fácil, mas, sendo o vocalista do Band of Brothers, as calcinhas magicamente se jogavam. Eu seria a sua fantasia para a noite. Tenho certeza de que não





Pégasus Lançamentos
6 anos



haveria mais de uma noite, considerando que cada show - da Flórida a Nova York, todo o caminho para Califórnia - foi vendido.

A bateria no ritmo conforme eu gritava os próximos versos.

Eu não vou desistir
Eu não vou devagar
Você espera me ver destruído enquanto eu viro o jogo
Eu não vou ceder
Com suas demandas egoístas
Eu vejo através de seus planos.

A bateria parou e a distorção foi cortada, deixando um arranhar melódico da guitarra de Nik.

A música terminou, em seguida, as luzes apagaram conforme nós saímos do palco deixando a multidão gritando e gritando a plenos pulmões. Jex, Nik e Rex tinham enormes sorrisos em seus rostos enquanto eles produziam um som explosivo, e os técnicos nos entregavam a água. Isso nunca iria ficar ultrapassado. Momentos como este eram para o qual viviam e trabalhavam. Uma vez que o cantar e bater de palmas subiu para o volume máximo, nós quatro caminhamos de volta ao palco e demos aos fãs o que eles queriam, um bis.

Luzes verdes e amarelas brilharam sobre a multidão e a fumaça pairava no fundo do palco. Tocamos mais três músicas, dando ao público toda a energia que nos restara. As pessoas cantavam e balançavam com a letra e a música, enquanto alguns surfavam sobre a multidão. Alguns saltavam para cima e para baixo, sentindo a batida da bateria, outros batiam suas cabeças. A sensação de ter milhares de pessoas cantando minhas letras não parecia real. Mais frequentemente do que não, eu sentia como se estivesse em um sonho no qual nunca quisesse acordar.

Durante a última música, apontei para a loira. Pela forma como ela estava vestida, com uma camisa rosa apertada e uma saia que mostrava a parte inferior de suas nádegas, eu sabia que ela queria ser vista. Ela provavelmente tinha essa noite planejada desde o início. Garota de sorte. Aleatoriamente, eu escolhi algumas outras da multidão para se juntar a nós, para dançar na frente do nosso público, para sentir o poder temporário. Era algo que eu fazia a cada show, em cada turnê.

O Segurança ajudou as meninas a subirem ao palco e elas ergueram os braços e balançaram suas bundas. Antes da música terminar, os técnicos guiaram as meninas ao lado dos canhões que disparavam pequenos fogos de artifício do chão. Após a canção final, meus irmãos e eu jogamos baquetas e palhetas para a enorme multidão; enquanto mergulhavam

para eles, fizemos a nossa saída. A gritaria não parou por vários minutos, mas eventualmente o público percebeu que não iríamos voltar. Eu andei pelo lado do palco onde as meninas esperaram ansiosamente. Eu sorri, levantando uma sobrancelha para a porra da minha escolhida para a noite, e ela imediatamente veio até mim. Envolvi meu braço em torno dos ombros dela, a qual me abraçou pela minha cintura. Meus irmãos pararam na sala verde com as outras meninas, mas a Loira e eu caminhamos para o ônibus.

— Eu sou Lindsey, — ela sussurrou em meu ouvido antes de chegar ao final do corredor. Eu sorri para ela e abri a porta de saída. Groupies e fãs esperavam perto do ônibus, e, logo que nós nos aproximamos, elas correram.

— Eu estarei aqui fora daqui a pouco, — eu disse, sorrindo com dentes brancos e brilhantes para os fãs. — Meus irmãos estão saindo por aquela porta ali. Cerca de dez minutos.

Eu odiava a estratégia de saída deles, mas eu queria tomar meu tempo e enterrar meu pau fundo dentro de Misty ou Christy ou qualquer merda que seu nome fosse. Não importava. Nomes nunca eram importantes.

Nós andamos por dentro do ônibus, onde garrafas de bebidas se alinhavam no balcão. Puxei um copo do armário e olhei para ela. Ela estava olhando ao redor com os olhos

arregalados. O ônibus era algo com o qual eu havia me acostumado durante as turnês – iluminação embutida, pisos de madeira e aço inoxidável me cercavam. Esta era a nossa casa longe de casa; bem uma delas, pelo menos. Tínhamos dois ônibus para as turnês não incluindo nossas equipes técnicas.

— Qual veneno você escolhe? — Eu perguntei.

— Tequila. — Sua voz era suave e sedutora.

Joguei um limão no ar e peguei na minha mão, em seguida, rolei na parte superior do bar. Peguei uma faca de uma gaveta e cortei o limão em pedaços grossos. O cheiro cítrico encheu a sala e minha boca se encheu de água. Cuidadosamente, lhe servi uma dose de tequila e coloquei um limão ao lado. Ela me olhou com curiosidade, depois levantou o copo no ar. Eu bati ao lado da garrafa de tequila em seu pequeno copo.

— Pela música, — disse ela.

— Pela trepada, — eu disse. Ela nem sequer pestanejou. Eu gostava de testar as águas.

Ela tomou a dose de tequila num só gole e olhou para mim com grandes olhos azuis. Eu sorri por cima da garrafa antes de tomar uns goles enormes que arranharam minha garganta. Agarrei-a pela mão e a levei para o meu quarto na parte de trás do ônibus.

— Eu quero que você tire a roupa para mim, — eu sussurrei em seu ouvido e ela sorriu. Sentei na beira da cama, observando lentamente, seus quadris se moveram em um ritmo melódico enquanto ela deslizava a saia pelos seus quadris. Calcinha de seda branca transparente cobria a sua buceta e eu sorri. Lentamente, ela puxou sua camisa sobre a cabeça e tudo o que vi foram mamilos cor de rosa alegres. Os seios dela eram naturais, outra coisa que eu amava em uma mulher. A Barbie falsa de merda pode permanecer na caixa por tudo que me importa. Eu gosto de mulheres reais. Quando ela olhou nos meus olhos, ela abaixou a calcinha, em seguida, jogou-a de seu dedo do pé. Raspada.

— É isso que você queria, Ace? — Sua voz era um ronronar conforme ela balançava os quadris e andava até mim.

Meu pau latejava de desejo e necessidade. — Deite-se na cama e se ttoque. — Eu ordenei e ela ouviu cada palavra. Seu cabelo loiro espalhou ao redor de sua cabeça enquanto ela brincava com seu clitóris, gemendo, tocando-se e sussurrando o meu nome, me dizendo o quanto estava molhada e com que tesão eu estava a fazendo ficar só por assistir. Beliscou seus mamilos, alternando de um para o outro, em seguida se abriu para mim, deixando eu ver o interior. Rosa. Perfeito.

Porra, meu pau ficou muito duro. Tirei a camisa e deslizei minha calça e cueca do meu corpo. Seus olhos pousaram no meu pau duro e ela empurrou seu dedo mais fundo.

— Foda-me. Eu quero sentir você. Fazer das minhas fantasias realidade, — disse .

Fantasia. Eu estava bem sendo isso para ela. Eu fui uma fantasia para um monte de mulheres. Eu sorri pensando nisso enquanto eu me arrastei para a cama e coloquei minhas mãos entre suas coxas. Ela abriu as pernas o máximo que conseguia.

A Loira se inclinou e tentou me beijar na boca, mas eu virei minha cabeça. Nunca dei a elas o que queriam. Beijar na boca era muito íntimo para estranhos, foder por outro lado, não era. Minha lógica poderia ser falha, mas é assim que eu sou.

Isto é puramente físico.

Eu coloquei um preservativo para a proteção e afundei minhas bolas e pau profundamente no seu interior. Nunca poderia deixar de ser cuidadoso com tietes. Seus gemidos encheram o ônibus enquanto as unhas arranhavam minhas costas. A dor provocava picos de prazer bem-vindos.

Os seios dela saltaram conforme eu batia e ela gritou para que eu fosse mais forte. Se eu fizesse, iria quebra-la.

Nós rolamos e ela me montou forte, mas eu não gozaria nela. Minha regra quando eu transava com muitas mulheres era puxar a porra do preservativo para fora. Eu não precisava de algumas cabeças de merda pequenas correndo por aí.

Quando senti o puxão intenso no meu estômago, do orgasmo rugindo, gritando para ser lançado, eu rolei de costas, puxei e tirei o preservativo, então ejaculei em seu estômago. Ela gemeu de prazer e satisfação com meu calor pulverizado em seus mamilos duros e estômago.

— Foda-se, sim, Ace. Dê-me sua porra. — Ela se empurrou sobre os cotovelos e correu seu dedo através de seu estômago, em seguida, colocou-o na boca. Ela me provou e gostou. — Você tem um gosto bom pra caralho. Você deveria ter me deixado engolir você, baby. Não deveria desperdiçá-lo.

Eu não queria que ela falasse. Eu não queria que ela me desse apelido, como se me conhecesse. Ela não tinha ideia de quem diabos eu era e, provavelmente, só conhecia os fatos que foram publicados em revistas e na Internet. Toda a besteira que a mídia propagava era como uma doença; não era eu, mas o que eles queriam que eu fosse. Todo mundo sempre tentou romantizar quem eu era. Foda-se isso!

Ela estava deitada na cama com um sorriso no rosto e piscando lento. Sua voz ficou rouca e ela olhou para mim com os olhos cheios de luxúria.

Eu rolei para fora da cama e fui para o chuveiro lavar o seu cheiro. O pensamento do que aconteceu me deu nojo. Por que diabos eu insisto em encontros de uma noite? A única coisa feliz era meu pau. Quando tinha me tornado uma falácia lógica andando? Quando minha ex me fez perceber sobre relacionamentos e eu era uma mistura de óleo e água.

Eu coloquei roupas limpas e caminhei de volta para o quarto. Ela se deitou na minha cama, esperando. Joguei-lhe uma toalha para limpar a bagunça que fiz na sua pele.

— O show acabou. Se vista. Saia. — Eu disse.

Sua boca caiu aberta com um suspiro seco enquanto ela se limpava. — Mas o que acontece comigo? Você não vai me fazer gozar?

— Eu não chupo as aleatórias, querida. Não é nada pessoal. Eu só fodo putas, não as como.

Ela voou para fora da cama, mamas saltando a cada passo forte que ela dava, enquanto jogava a toalha em mim e pegava suas roupas do chão.

— Você é a porra de um bastardo, Ace Hathway.

Eu lhe dei um grande sorriso, mostrando todos os meus dentes brancos. — Você implorou para ser fodida pelo dono deste pau, então o que isso faz de você?

Ela olhou para mim. — Eu não sou uma vagabunda.

Levantei minhas mãos e balancei a cabeça. — Isto não é nenhum conto de fadas. Isso nunca era pra ser. Príncipe encantado é realmente um pesadelo. Esse Príncipe Encantado sou eu.

— Não cite suas próprias letras, idiota. Você é tão arrogante. Eu não sei no que eu estava pensando.

— Você não estava. Esse é o problema.

Ela empurrou os pés nos seus saltos e atravessou o ônibus com sutiã e calcinha mantidos firmemente em suas mãos. Ela se virou e saiu fora, então abriu a porta e caminhou rapidamente pela multidão de pessoas que esperavam por autógrafos do lado de fora do ônibus. Exalei, capaz de finalmente respirar de novo e estava feliz que ela havia ido embora. Eu odiava esse ciclo e queria sair dele, mas eu não podia. Relacionamentos significativos e Ace Hathway, são polos opostos um do outro. Muitas vezes, eu sinto que não mereço experimentar o amor verdadeiro, mas pelo menos meu pênis estava satisfeito. O animal foi domesticado por agora.

Fui até a cozinha e assisti todos os fãs olhando para a loira que com raiva empurrou através da multidão e foi aí que os sussurros começaram. Eles sabiam. Inferno, a cidade inteira saberia até amanhã. Eu odiava oficialmente a Flórida.

Poucos minutos depois, meu irmão Nik entrou no ônibus balançando a cabeça. Seu cabelo estava molhado de suor e ele colocou-o atrás das orelhas.

— O que você fez dessa vez, irmãozinho? — Ele tirou uma cerveja da geladeira e se sentou à mesa. Eu deslizei no banco na frente dele e sorri.

— Espere, deixe-me adivinhar. — Ele estendeu a mão e me impediu de falar, em seguida, tomou um gole. — Você não a deixou beijá-lo. Você é basicamente um pau andante.

Eu levantei minhas sobrancelhas. — Isso resume tudo.

— E isso aqui fede como sexo nojento. Merda. Borrifa alguma coisa pelo menos. Uma cortesia habitual de estrada, sabe? — Nik sorriu antes de tomar outra bebida, em seguida, colocou a garrafa em cima da mesa.

Rex e Jex chegaram e ambos estavam rindo. Gêmeos. Às vezes, eles me levavam até o limite do caralho. Jex era muito sério e Rex era completamente o oposto.

— Mantendo a sua reputação na turnê? Aquela mulher disse a todos, daqui até Main Street, quão pequeno o seu pau é. — Rex disse rindo.

— Besteira! — Eu disse. — Você quer que eu te mostre e te bata com ele no rosto?

— Por favor, — Jex disse estendendo a mão em sinal de protesto enquanto eu levantei e comecei a abrir meu jeans. — Nós não queremos o seu pau manchado saindo de sua casa. Mantenha-o em sua caverna irmãozinho.

Eu balancei a cabeça e abri a geladeira para tirar uma garrafa de água.

— Eu pensei que as loiras não eram sua coisa, — disse Nik.

Eu tomei um gole. — Elas não são, mas todas elas têm a mesma aparência, com as luzes apagadas. — Peguei uma caneta na frente do ônibus, abri a porta e saí tentando esquecer Sara, Chantal, ou seja lá qual era o nome dela, mas isso seria fácil, porque eu não me importava.

A forma como as pessoas olhavam para mim nunca mudava. Era o olhar impressionado de ver uma estrela. Eu sorri para fotos, conversei com fãs, tietes, todos os itens acima. Estar no palco, conversando com todos que apreciavam a nossa música, era quando eu estava mais feliz.

Uma mulher se aproximou com um vinil independente que tinha uma foto da banda nele. Todas as assinaturas estavam lá, exceto a minha.

— Você tem alguma ideia de quanto tempo eu estive esperando para conhecê-lo?

— Quanto tempo? — Eu sorri.

— Dois anos.

Foi impressionante. Ela tinha vindo para cada show da Flórida e nunca tinha tido a chance de me conhecer. — Você está sempre muito ocupado — disse ela.

Essas eram os tipos de pessoas que eu evitava - o tipo que confrontava, aqueles que alardeavam minhas muitas falhas. Eu nunca disse que era perfeito; os tabloides faziam isso por mim.

— Me desculpe por isso. — Peguei a caneta de ouro de sua mão e assinei acima da minha cabeça e entreguei o disco de volta para ela.

— É verdade o que a mulher disse?

— Eu só tenho pretensão de ser um músico, querida. O resto é boato.

Ela me deu um sorriso, mas quando viu meus irmãos todos parados nos degraus do ônibus ela acendeu. Ela

entregou seu celular para um amigo e perguntou se gostaríamos de tirar uma foto com ela. Ela ficou na frente de nós e todos nós sorrimos. Quando ela olhou para a foto, lágrimas encheram seus olhos. — O melhor dia da minha vida, sem esforço. Obrigada. — Eu vi quando ela entrou na multidão mostrando a todos a imagem.

Às vezes eu me arrependo das coisas que eu faço. A foda aleatória, a falta de cuidado, e do jeito que eu trato as pessoas que eu amo. Estar no olho do público, me faz querer ser uma pessoa melhor, me faz querer ser um modelo para jovens músicos, mas muitas vezes eu estou preso em um lugar escuro. Criatividade, eu ouvi que pode ser perigosa. Ela pode arruinar uma mente ou iluminá-la.

Nós distribuímos autógrafos, até que o gerente de palco nos disse que era hora de sair. Nosso equipamento foi carregado, a equipe estava pronta, e os meus irmãos e eu estávamos morrendo de fome.

Nik apertou meu ombro enquanto entrava no ônibus comigo. Rex e Jex foram ao outro ônibus com um aceno. Nós tínhamos que estar na Pensilvânia em dois dias, então nós dirigiríamos direto para lá. Exaustão bateu e tudo que eu queria fazer era dormir.

Cada banda tinha um idiota, e se você não soubesse quem era, então, o mais provável é que fosse você.

Não que isso fosse um segredo, mas depois desta noite, eu percebi que eu era o idiota líder dos Hathway. Mas meus irmãos eram idiotas também.

Nik limpou a garganta enquanto ele continuava firme com uma garrafa de água. — Eu ainda não acredito que você fodeu aquela loira. Louras não são a sua coisa.

Dei-lhe o meu sorriso de assinatura. — É a Flórida. O que você espera? São todas loiras.

Sentei-me no sofá e observei as luzes dos veículos que passavam. Eu estava vivendo a vida. Eu estava no comando e eu me sentia poderoso.

Eu era Ace, definitivamente, uma porra de ás de espadas.

Capítulo 2

ELIZABETH

Os papéis espalharam-se pelo chão em volta dos meus pés cobrindo as cerâmicas de cor creme. Eu bufei e me abaixei para pegá-los, antes de caminhar para a reunião da manhã. Atrasada. É claro que eu teria que estar atrasada para a reunião de emergência, que meu chefe insistiu que todos deveriam participar, na segunda-feira de manhã.

Entrei com minhas notas bagunçadas nas mãos e sentei na mesa de conferências, parecendo nervosa e desorganizada. Jack, meu chefe idiota, me olhou e vi suas narinas dilatarem. Eu o havia deixado nervoso novamente. Este dia já estava fodido.

Haviam momentos em que eu desejava ser invisível, dias que desejava afundar na cadeira, parede ou mesa e me fundir a elas. Ou mesmo ter o poder de estalar os dedos e desaparecer, especialmente quando as pessoas olhavam para mim do jeito que estavam olhando naquele momento.

Jack mordeu os lábios enquanto esperava eu me sentar, então continuou falando sobre os próximos projetos. Eu sabia da analogia — bater num cavalo morto — em tempo real, porque ele tinha o hábito de repetir a mesma ideia de várias maneiras diferentes, mesmo se todos tivessem compreendido na primeira vez. Reuniões que deveriam durar um ou dois minutos, geralmente duravam pelo menos trinta. Esta era a coisa que eu mais odiava no meu trabalho.

— Como vocês devem ter percebido, Jules não está presente e não estará nas próximas semanas. Ela vai ficar em repouso por tempo indeterminado, devido a complicações na gravidez.

Eu sabia de tudo isto, porque Jules é minha melhor amiga. Embora ela fosse sete anos mais velha que eu, não parecia. Quando nos conhecemos foi como se tivéssemos nos conhecido a vida inteira. Algumas pessoas estavam destinadas a serem amigas, simples assim. Enquanto eu olhava pela janela e via as nuvens passando atrás da cabeça de Jack, eu tentava acompanhar o que ele estava dizendo, mas não consegui; tudo o que eu conseguia pensar era em Jules falando sobre o que precisava ser feito, antes dela sair.

— Você me ouviu, Elizabeth?

Engoli em seco e olhei para Jack. Seus olhos me perfuraram, se fossem raios laser, eu não teria mais cabeça.

— Jules insistiu que você siga o *Band of Brothers* e eles já fizeram sete shows, então estamos atrasados. — Notei o tom duro em sua voz. Ele estava chateado. E eu estava confusa. Quando olhei para meus colegas, percebi que todos estavam aliviados por não terem que acompanhar essa banda durante o verão. A sala inteira suspirou de felicidade, o que significava que eu estava fodida.

— Eu nunca acompanhei uma banda — eu disse.

— Você ajudou Jules com seus artigos nos últimos três anos — respondeu.

— Eu não sou a pessoa certa para isso — protestei.

— Então você vai trabalhar em outro lugar.

— Não são eles...

— O grupo mais difícil de músicos para trabalhar da indústria? Sim. Parabéns por comseguir o novo projeto. — Jack deslizou uma enorme pilha de papéis sobre a mesa com um sorriso radiante e sarcástico no rosto, que lembrava o sorriso de *Grinch*. Infelizmente, Jack estava roubando algo muito mais importante: a minha sanidade mental e felicidade, ou talvez a minha alma. Será que eu estava sendo muito dramática?

— Conheça seu novo trabalho — disse ele, batendo com os dedos ansiosamente sobre a mesa, esperando que eu

dissesse alguma coisa. Mas eu sabia quando tinha perdido. Foi algo que aprendi há muito tempo atrás.

Meu queixo caiu em choque quando Jack falou sobre a programação das diferentes bandas, locais e prazos que cada um de nós tinha. Como se nada tivesse acontecido, ele dispensou a todos para ir em frente, felizes com o seu dia.

Continuei sentada na sala de conferências, olhando para a pilha enorme de pesquisa que Jules tinha deixado para mim. Com um suspiro derrotado, me virei para olhar o calendário. Teria que voar amanhã — *o fodido dia seguinte,* e não tinha nada organizado para passar um mês fora. Aparentemente, já tinha um lugar para ficar em Atlanta. A música de Ray Charles, *Georgia on my Mind*, surgiu na minha cabeça e eu disse a mim mesma que poderia fazer isso. Eu *poderia* fazer isso, *certo*?

Jack fechou a porta com força e então passei as mãos sobre o rosto, esperando que tudo isso fosse um pesadelo horrível e que eu iria acordar, na minha cama.

Não, era real.

Como seria capaz de ter sucesso com isso? Eu sempre ajudei com a finalização das edições. Ajudei Jules a tornar suas palavras brilhantes e sugeri *layouts* para os *spreads*. Conseguir informações para estes artigos era algo para o qual eu não estava preparada. Eu fazia as imagens e as palavras

bonitas, eu era como um maquiador lidando com modelos o dia todo, melhorando o que já era praticamente perfeito.

Algumas pessoas nasceram para fazer entrevistas, eu não. Ser jornalista nunca foi o meu sonho. Houve uma época em que eu queria tocar e cantar, mas o sonho desmoronou quando percebi que odiava as grandes multidões. Então, ao invés de enfrentar as massas, cantava e tocava guitarra, calmamente, para o meu gato.

Eu me intimidava facilmente, e acabava ficando sem fala e com um olhar estúpido durante as entrevistas. Não conseguia fazer perguntas sem ficar nervosa ou envergonhada. Depois de anos de autodescoberta, vi que poderia ser uma editora de artigos na indústria fonográfica. *Não qualquer editora, uma muito boa.*

Bati os punhos na mesa com raiva e frustração, e a batida correu pelo meu corpo, trazendo-me de volta à minha nova realidade.

Peguei as pilhas de documentos sem nenhuma triagem, e caminhei de volta para o escritório que dividia com Jules desde o meu primeiro dia de trabalho. Eu sabia que ela estava de licença maternidade, mas tinha que falar com ela sobre o fato dela não me dar nenhum aviso antes de me indicar para esta tarefa enorme.

Ela atendeu ao primeiro toque.

— Não fique chateada comigo, El. — Jules estava sorrindo. Eu podia ouvir o sorriso em sua voz.

— Quero ficar chateada com você... mas não consigo. Sério, o que diabos você estava pensando? Isso vai ser um desastre. Vou foder regiamente todo o projeto, e você vai ser tão responsável pela bagunça quanto eu. Você poderia ter indicado Sara ou Penny para sair em turnê e fazer um grande trabalho. Elas realmente gostariam, porque são extrovertidas e amam essas músicas. Eu sou como um gato mal-humorado, você sabe disso mais do que qualquer outra pessoa.

— E é por isso que escolhi você. Eu quero um trabalho bem feito, sem confusão, sem a repórter tentando entrar nas calças do vocalista ou guitarrista. Penny e Sara vão transar com qualquer um da banda que forem cobrir, e não é isso o que eu quero. Você conhece música. Você toca guitarra porra. E não é só isso, *Band of Brothers* são diferentes de qualquer outra banda. Sei que os Hathways podem ser uns idiotas, todos sabemos disso. Mas se você conseguir... Ace nunca foi entrevistado por ninguém e se você conseguir isso, Jack vai beijar seus pés — inferno, melhor que isso, ele vai beijar sua bunda.

— Você acabou de criar uma visão do inferno. Obrigada.

— Ouça, é óbvio que você me odeia agora, mas no final vai me agradecer. Esse trabalho tem a sua cara. Você tem

olhos de uma fotógrafa e talento de uma escritora. Foi para a faculdade de inglês e música, este é o seu sonho! Controle seus nervos e você será imparável. Entendeu? E talvez aprenda alguma coisa... essa é a vantagem de tudo isso. Talvez você até mesmo fique inspirada para tocar na frente das pessoas.

— Você está igual a uma mãe. Todo mundo tem certeza de que vou falhar. E tocar e cantar para o público não está no meu sangue. Estou condenada!

— Você é a cadela fodona do quarteirão quando canta. Estou torcendo por você, e me ligue se precisar de alguma coisa. Tudo o que faço é clicar na Netflix e comer. Acho que posso ter morrido e ido para o céu. Agora vá pegá-los tigresa. Você tem algumas bundas para chutar. E não se esqueça da guitarra.

Depois que falei com ela, me senti melhor. Seu entusiasmo e paixão pela música e a indústria era contagiante. Quase. Eu teria que encontrar o meu fogo e usá-lo na turnê de verão, ou a *Band of Brothers* iria me mastigar e me cuspir fora.

No restante do dia li as notas que haviam sido feitas sobre a banda. Tentei memorizar coisas diferentes sobre eles, escutei o CD e estudei as músicas. Eu odiei quase todas as canções. Talvez porque fui criada ouvindo os clássicos: Elvis

Presley, The Beatles, The Temptations, Marvin Gaye, Aretha Franklin, Etta James, a lista era enorme. Poderia possivelmente, ser a única pessoa de 24 anos que adorava os clássicos com fervor. Meu pai era o culpado por meu amor pela música e por tocar guitarra.

Haviam especulações de que Ace namorava alguém, mas aparentemente era apenas um rumor. Eu podia imaginar com quantas mulheres ele tinha andado, considerando sua aparência: a forte linha do queixo, penetrantes olhos azuis e um sorriso perfeito. Isso era o suficiente para fazer qualquer mulher derreter. Todos os irmãos tinham essas qualidades. Jesus.

Por um segundo, pensei em minha vida amorosa e em como era inexistente. Claro, eu tinha ido a encontros desde que me mudei para Los Angeles, mas nada muito sério. Haviam muitas pessoas prontas para 'transa pela transa', mas eu não era uma delas. Não queria uma relação aleatória, precisava que significasse alguma coisa, ou seria um desperdício de tempo.

Quem tem tempo para encontros de uma noite? A resposta era clara: estrelas do rock.

Continuei lendo e fazendo muitas anotações mentais. Ace tinha 24 anos, o mais jovem dos irmãos. Jex e Rex eram gêmeos e também os mais velhos, com 29 anos. Nikolas ou

Nik era o filho do meio e tinha 26. Nenhum deles era casado. Nenhum deles tinha filhos, que alguém soubesse. Eu ri com isso. Estrelas do rock...balancei a cabeça e continuei a ler.

Ace recusava-se a ser entrevistado. Em vez de responder as perguntas, sempre deixava seus irmãos fazerem isso por ele. Será que o gato comeu sua língua ou era arrogância? Talvez ficasse nervoso? Olhe para mim... já estava arrumando desculpas para o cara.

Fiquei olhando para uma foto dele no palco, com a guitarra pendurada de lado. As luzes davam ao seu corpo sem camisa um brilho quente. O suor cobria seu peito e ele estava gritando no microfone com pura emoção. Tudo o que ele cantava parecia demonstrar com o corpo. Os músculos do pescoço estavam tensos e, com os olhos fechados, ele segurava o microfone com as duas mãos. A ponta dos dedos da multidão aparecia na parte inferior da imagem, onde as luzes desvaneciam. Eu tinha que admitir, ele era um tipo bonito, poderoso.

Jack estava parado na porta do escritório e limpou a garganta. Eu pulei e coloquei a mão sobre o coração.

— Você me assustou.

Ele franziu os lábios. — Suas passagens estão confirmadas para amanhã. Lembre-se que você está representando o *PHASE Magazine* em *tudo o que faz*. Oh, e

Elizabeth, não estrague isso. Você pode ir embora mais cedo para se preparar para a viagem.

— Sim senhor.

Ele andou até mim com um documento digitado em papel tamanho ofício nas mãos. Colocou-o na minha mesa e olhei para ele.

— Este é o seu contrato de confidencialidade. Ele precisa ser assinado antes de você ir.

As letras eram pequenas e a linha para a minha assinatura praticamente inexistente. Suspirei e assinei, ele dobrou o papel e saiu. Deixaria o resto para ler depois, iria viajar amanhã e estava ficando sem tempo. Olhei para mesa de Jules, desejando que ela estivesse aqui, e então juntei meu lixo. Tudo aconteceu muito rápido.

Guardei o notebook onde Jules tinha escrito toneladas de notas e peguei os CDs, para que pudesse passar as músicas para o meu telefone antes do voo. Eu tinha que estar esperta durante a turnê. Precisava sair da minha concha, pelo menos temporariamente. Nem que fosse apenas para provar que Jack estava errado.

Antes de fechar a porta do escritório, dei um último olhar.

— Jules, é melhor saber o que está fazendo ou você vai me arruinar.



Capítulo 3

ACE

Sempre fui o meu maior fã ou o meu pior crítico e, dependendo do meu estado de espírito, não havia espaço para a censura na criação. Recentemente observei que a auto-aversão e os monólogos interiores destrutivos que me atormentavam, vazaram para as minhas letras. Em alguns momentos eu me odiava, em outros amava quem eu era, não conseguia decidir se era bom ou ruim. Mas, certamente, não poderia deixar minhas inseguranças afetarem minha performance. A fraqueza não está autorizada a existir nesta indústria.

Ouvi muito as pessoas dizerem que o dinheiro não pode comprar felicidade e, podem acreditar, elas estão certas. A felicidade é algo que vem de dentro. E a verdadeira felicidade ainda é algo que eu precisava encontrar. Olhei para o teto do ônibus enquanto estes pensamentos me consumiam. Pela forma como a luz brilhava através das cortinas, devia ser meio-dia.



Coloquei uma camiseta preta desbotada, calças jeans e fui para a área da cozinha, olhando pela janela. O ônibus estava estacionado em frente ao local do show e o sol forte brilhava a distância. Os técnicos que estavam descarregando nossos equipamentos e arrumando o palco, tinham suor escorrendo em suas testas. Droga, eu sabia que estava calor apenas de olhar para eles. A Geórgia no verão era como o inferno. Fiquei olhando por mais alguns instantes, enquanto eles se moviam em linhas como formigas, admirado com o quanto eles haviam feito em tão pouco tempo.

O celular vibrou no bolso da calça e eu peguei para ver de quem era a mensagem.

Rex: Nós estamos indo comer. Você vem?

Quando fui digitar uma resposta, a porta do ônibus abriu e uma mão forte apertou meu ombro.

— Sem escolha irmãozinho, você vem com a gente. A propósito, parece que vergonha e arrependimento estão rolando por aqui — disse Jex.

— Só porque estou prestes a sair com você — respondi rindo. Nós descemos os degraus do ônibus e fomos em direção a uma van preta que estava estacionada ao lado da calçada. Rex e Nik também cruzavam o estacionamento.

Nossa diretora de turnê, Miley, caminhou com determinação ao nosso encontro, vestindo seu *look*

característico: tênis all star, calça jeans, camiseta colorida com estampa de uma banda antiga e óculos ray-ban brilhantes.

— Estejam de volta pelas três e não se atrasem. Eu não estou para nenhuma fodida brincadeira. Aqueçam-se às três e meia. Isso dá exatamente duas horas para vocês almoçarem, ok? — Ela apontou o dedo para nós.

Todos acenamos como se ela fosse nossa mãe o que, na estrada, ela praticamente era. Prendendo atrás da orelha uma mecha de cabelo que tinha caído do seu rabo de cavalo desleixado ela sorriu, satisfeita com a nossa reação. Miley tinha juízo e nunca questionei suas ações. Haviam poucas pessoas no mundo em quem eu confiava sem sombra de dúvida, e ela era uma delas. Nunca caiu em nossa lábia, bebia como um homem e xingava como um marinheiro. Era '*um dos caras*', e nenhum de nós tinha coragem de desobedecê-la. Seu temperamento era assustador.

— Estou falando sério, três em ponto! — Ela nos deu um olhar que faria qualquer outra pessoa tremer.

Nós assentimos novamente, abrimos a porta da van e entramos.

— Os ingressos foram todos vendidos. Dezenove mil pessoas... não consigo acreditar — disse Rex.

— Nada disso parece real — eu respondi.

— Bem a sua cara dizer isso *bro*, você vive sonhando. Mas é melhor acordar, porque o passeio está só no começo — retrucou Jex com uma risada.

— Vocês estão novamente brincando com essa coisa de gêmeos idênticos? — Perguntei cutucando Nik com o cotovelo. Jex e Rex olharam um para o outro e perceberam que estavam usando as mesmas roupas.

Jex instantaneamente se irritou e Rex riu.

— Nós não temos mais cinco anos. Pare de fazer isso, não é legal. — Falou Jex.

— Eu acho adorável — Disse Nik com um sorriso enorme no rosto.

— Achei que seria divertido ser você hoje, quando eu conhecer gente nova — Rex entrou na conversa.

— Não, porra. Eu não acho isso nem um pouco engraçado. — Jex não estava brincando. Era difícil distingui-los se você não os conhecia. Jex até cortava o cabelo diferente, mas Rex acabava fazendo o mesmo corte para deixá-lo louco. Era uma piada que Jex não gostava.

— Às vezes eu odeio ser seu gêmeo. Eu tenho que olhar para a sua cara feia, todas as manhãs, quando olho no espelho. — Rex quase não conseguiu terminar a frase sem soltar uma gargalhada.

Piadas de gêmeos... às vezes eu não entendia.

A van nos deixou em uma das mais antigas lanchonetes de Atlanta. Ela parecia ter sido inaugurada na década de 50, e a decoração com toalhas de mesa xadrez e o cardápio eram o mesmo até hoje. Antes de entrarmos no prédio já se podia sentir o cheiro de gordura das batatas fritas. Um sino bateu quando entramos e uma garçonete, que parecia estar ali desde que o lugar abriu, veio em nossa direção nos acamodamos em uma cabine no canto, enquanto ela sorria o tempo todo.

— Vocês são irmãos? — Ela perguntou. Obviamente, ela não tinha idéia de quem éramos. Às vezes, eu amava isso. Era a oportunidade de ser eu mesmo, de não estar no centro das atenções e de não ter os fãs interrompendo tudo o que estávamos fazendo.

— Irmãos? Você acha que nós somos parecidos? — Nik perguntou para a garçonete, olhando para os gêmeos. Tive que me segurar para não rir.

A garçonete deu-lhe um olhar engraçado, como se ele tivesse feito a pergunta mais estúpida do mundo. — Olhe para eles, estão usando as mesmas roupas. — Disse, fazendo um sinal de legal com o polegar para Jex e Rex. Jex estava fervendo.

— Sim, eu diria que todos vocês parecem iguais. Não há dúvidas sobre isso. Então, o que eu posso trazer para beberem?

Nós pedimos nossas bebidas e comida. Quando os hambúrgueres chegaram, Rex pegou o sanduíche de Jex, dizendo a garçonete que eles trocaram de lugar. Jex estava a ponto de explodir quando o almoço chegou ao final.

— Se você continuar com essa merda, eu irei ser você por um dia Rex. — As narinas de Jex queimavam.

— Pfftt. Você não consegue ser sexy como eu. — Rex respondeu, fazendo um biquinho e movendo os ombros em círculos sedutores.

Jex balançou a cabeça enquanto Rex continuava a provocá-lo.

— Vocês dois são irritantes. É por isso que não podemos ir a qualquer lugar, por causa de vocês, crianças. — Nik tentou falar como um pai e todos nós caímos na gargalhada. Alguns dos outros fregueses viraram-se e nos olharam, um bando de caras bagunceiros, falando alto e comendo de boca aberta, sendo barulhentos e não dando a mínima. Porque, honestamente, não tínhamos nenhuma merda para explicar a ninguém.

A garçonete tirou os pratos vazios da nossa frente e estendeu a conta. Peguei da sua mão e levantando, tirei algumas centenas de dólares da carteira e entreguei a ela.

Ela tentou devolver metade do que eu havia dado. — Você me deu muito.

— Não, eu não dei. Isso é para você. Obrigado por nos tratar como seres humanos. Muitas pessoas não fazem isso.

Ela apertou os lábios e as lágrimas começaram a cair. — Posso pagar a minha conta de luz com esse dinheiro. Muito obrigada. — Colocando os braços em volta da minha cintura, me abraçou, e em resposta, dei um tapinha em seu ombro e um pequeno sorriso. Meus irmãos levantaram, olhando como deuses imponentes, e todos caminhamos para fora do lugar como se fôssemos proprietários dele. Talvez eu devesse comprá-lo. O pensamento me fez rir, porque eu provavelmente poderia, se quisesse.

Coloquei os óculos de aviador e olhei para o céu azul com algumas nuvens. Essa cor me lembrava os verões e de quando era criança, um sorriso tocou meus lábios. O verão sempre foi minha época favorita do ano. Dormir tarde, nadar e andar de bicicleta pela vizinhança como um pequeno terrorista durante o dia, e ter aulas de piano e canto no período da tarde. Sabia aos oito anos que queria ser um

músico profissional, sou a prova viva de que sonhos se tornam realidade se você trabalhar duro e nunca desistir.

Quando entramos na van, Nik falou: — Isso foi legal da sua parte, Ace. Eu sempre soube que você tinha um lado suave por trás dessa casca dura.

— Foda-se. — Respondi, olhando pela janela.

Todo mundo sempre agia como se eu fosse insensível, e essa merda estava começando a me irritar. Eu não fazia as coisas para ter reconhecimento, eu não precisava disso. Eu preferia que ele não tivessem dito uma palavra sobre o assunto.



Capítulo 4

ELIZABETH

A Califórnia era quente, mas Atlanta, oh meu Deus, era escaldante. Eu tinha quase certeza de que minha pele iria derreter assim que o calor bateu no meu rosto. Desde que saí do Texas não tinha sentido essa sensação de umidade, a camisa colou no meu corpo e gotas de suor escorriam pelo meu rosto e peito. Estar na rua era horrível. Depois que peguei minha bagagem e coloquei o case da minha guitarra nas costas, parei em um pequeno restaurante do aeroporto para almoçar, antes de conhecer o motorista que me levaria para Amphitheater de Aaron em Lakewood.

Durante todo caminho eu pensei em como seria fazer parte da equipe e ficar em um ônibus da turnê. Não sei como Jules conseguiu isso, mas a mulher tinha conexões que eu nem sonhava em ter. Um dia eu chego lá, contanto que não fodesse esse trabalho e acabasse na lista negra de todas as revistas de destaque no mundo.



O motorista estava de terno e tinha meu nome escrito em uma placa. Eu me senti especial. Ele pegou minhas malas, mas não a guitarra, e fomos para o Cadillac que seria minha carona. Uau, pensei, PHASE tinha feito um bom trabalho.

Quando cheguei ao local, fiquei um pouco nervosa com a quantidade de pessoas que já estavam esperando do lado de fora para o show. Embora *Band of Brothers* só fosse começar a tocar em quatro horas, a fila em volta do anfiteatro era enorme. Nós nos dirigimos para a parte de trás, onde ficava o estacionamento, e percebi que toda a arena tinha uma *vibe* Panteon, com os grandes pilares de cimento segurando o teto do palco. Eu estava tão tensa que quando o motorista parou perto dos ônibus, quase pedi para me levar de volta ao aeroporto. Mas consegui engolir o pânico, peguei minha mala, a câmera, o laptop e a guitarra, dei uma gorjeta e desci do carro.

Olhei para o meu telefone e vi que eram 14h45min e eu precisava falar com uma mulher chamada Miley, a diretora da turnê, então eu poderia pegar os passes e autorização para o ônibus antes das 15h. Jules tinha escrito uma nota no itinerário: NÃO SE ATRASE. Ou ela vai comer o seu rabo no café da manhã. Ótimo!

Se eu saísse agora não teria a decepção de ser um fracasso. Haviam muitas pessoas, muitas personalidades, o que confirmava que este não era o meu lugar. Senti o

estômago amarrado em nós duplos e firmes, daquele tipo que não pode ser desfeito rapidamente. Esperava não ficar com uma úlcera depois de todo esse stress.

Larguei a mala na calçada e deixei-a lá. Se alguém quisesse roubar minhas roupas, podiam pegar. A câmera e o laptop estavam comigo, e também minha guitarra. Estas eram, de todo modo, as únicas coisas que importavam.

Atravessei o asfalto quente em direção a parte de trás do local, onde os técnicos estavam trabalhando. De longe vi uma mulher que parecia apenas um pouco mais velha que eu, vestindo um jeans rasgado na bunda, um tênis all star e uma camiseta velha. Quanto mais me aproximava, mais percebia que o calor não estava acabando só comigo, mas com todo mundo, porque o suor cobria o corpo dela e seu cabelo estava colado à testa.

— Desculpe-me, você sabe onde posso...

— Sou eu. Miley. — Ela estendeu a mão e me deu um aperto firme. Eu costumava avaliar as pessoas pela maneira como me cumprimentavam, e quando alguém mal apertava minha mão, sempre questionava a sua integridade. Era estranho, mas nunca falhava, e felizmente ela passou no teste. Se tem uma coisa que aprendi na faculdade foi que você tem que ser confiante ao cumprimentar alguém, mesmo

que não esteja confiante com mais nada. As pessoas vão sempre lembrar se você tiver uma *mão mole.*

Ela olhou para um homem que estava trazendo minha mala.

— Você pode levar a mala e estas coisas para o meu ônibus? — disse, apontando para o que estava comigo.

Entreguei o laptop, mas permaneci com a câmera e o case da guitarra. — Obrigada.

— Você quer andar e conversar? — Miley perguntou, depois que o homem se foi.

Ela disse essas palavras em um tom de pergunta, mas não era, porque logo que terminou de falar estávamos andando na parte de trás do palco. O rádio que estava preso na sua cintura era utilizado a cada minuto para dar ordens diretas.

— Aqui é o backstage. Você tem permissão para circular, só se certifique de ficar fora do caminho de todos. Estamos felizes com você aqui, mas não é para você ser nenhuma distração. Entendido?

Eu concordei com a cabeça.

— Há uma cabine sobre o palco se quiser fotos de frente. — Ela pegou dois crachás do bolso de trás de sua calça que tinham um cordão onde *Band of Brothers* estava escrito em

diferentes fontes, juntamente com *Summer Tour,* em um deles dizia jornalista e no outro fotógrafo. Eu me senti como Charlie na Fantástica Fábrica de Chocolate, quando ganhou um bilhete dourado. Esses passes eram meus bilhetes dourados, mas infelizmente, não levaria a um dia inteiro de diversão, e sim semanas de pesadelos.

— Eu ainda não tenho o número do seu ônibus. Estamos tentando organizar alguns detalhes e também esperando algumas pessoas que devem chegar hoje a noite. Assim que souber de tudo, aviso. Você quer que eu deixe a guitarra junto com a mala?

Eu balancei a cabeça e entreguei o case. Ela se virou e ao longe vi quatro homens altos caminhando em direção ao backstage. Eu sabia exatamente quem eles eram antes de ver seus rostos. Esta foi a primeira vez que coloquei meus olhos em *Band of Brothers*.

— Ok, bem, é hora do aquecimento. Tenho mais algumas porras para resolver. Se você precisar de qualquer outra coisa, grite.

Dei-lhe um sorriso e ela correu em direção aos irmãos com a guitarra na mão. Eu poderia afirmar pela forma como sua cabeça estava sacudindo que estava dando instruções detalhadas. Não querendo ser vista, dei alguns passos para trás e peguei a câmera, esperando conseguir uma foto.

Eles entraram no palco rindo, em seguida, começaram a alongar e fazer aquecimento vocal. Guitarras estavam sendo afinadas e técnicos batiam nos microfones de cada um para testar se estavam funcionando bem. Estar lá e ouvi-los se prepararem para esta noite fez tudo muito real.

Eu não conseguia deixar de observar todos os seus movimentos. Eles eram altos e magros, com músculos em todos os lugares certos. Todos eles tinham um leve bronzeado, barba por fazer, cabelo bagunçado e rostos esculpidos... parecer tão bem deveria ser ilegal. Eu já os tinha visto em inúmeras fotos, mas vê-los ao vivo era diferente. Não tinha percebido o quanto eles eram sexys. E esse pensamento me assustou pra caralho e me deixou ainda mais nervosa. Eles não deveriam ser atraentes. Por que eles não eram uns caras sujos com os cabelos oleosos? Sim, eu estava oficialmente fodida.

Encostei contra a parede e percebi que estava sendo observada também. Ace encontrou meu esconderijo e me olhou algumas vezes. Tinha ouvido dizer que ele era o '*mais galinha*' entre todos, e seu olhar me deixou ainda mais ansiosa. Eu não queria atenção. Eu não queria a *sua* atenção. Precisava me misturar aos outros, não ser vista, continuar a ser a pessoa introvertida que eu havia sido a vida toda. Mas a cada vez que ele me olhava, eu sentia como se estivesse

sendo examinada a luz de um microscópio. E eu não consegui aguentar, fui embora.

De longe, ainda podia ouvi-los terminar o aquecimento. Os vocais ressoavam na área de cimento e os ecos jogavam pingue-pongue um com o outro. Olhei para meu telefone e percebi que os portões abririam em exatamente uma hora, e a multidão que estava sob o sol escaldante da Georgia logo estaria correndo em direção ao palco. Esfreguei o rosto, percebendo o quanto estava cansada da viagem, e meu dia tinha apenas começado.

Fui até Miley na parte de trás do palco. — Há algum lugar onde eu possa tirar uma soneca rápida enquanto o show não começa?

Ela terminou de ouvir o rádio, em seguida, me deu um pequeno e rápido sorriso. — Você pode dormir na minha cama. É o ônibus roxo e dourado. Quarto de trás. Os lençóis estão limpos.

Ela começou a falar no rádio novamente e eu movi os lábios em um obrigada, e depois caminhei em direção a longa fila de ônibus.

Não havia como voltar atrás.

Eu estava oficialmente em turnê com a *Band of Brothers.*



Capítulo 5

ACE

— Quem era aquela? — Perguntei a Nik quando terminamos o aquecimento.

— Quem?

— A garota. Você não viu? Ela estava ali.

Eu não poderia estar sonhando.

Ele se virou e olhou para onde eu estava olhando, dando de ombros enquanto tirava o baixo.

— Não sei de quem você está falando.

— Da menina que estava ali. Ela tinha cabelo loiro um pouco abaixo dos ombros e olhos azuis. Estava vestindo calça jeans e uma blusa azul.

— Será que o príncipe encantado viu a sua Cinderela? Talvez você devesse olhar se ela deixou um sapatinho por ali.



Revirei os olhos e peguei uma garrafa de água, antes de sair do palco. As vezes meus irmãos diziam coisas tão estúpidas... Bem, eu não podia fazer nada quando a isso. Continuei me perguntando sobre a loira misteriosa que tentou misturar-se com a parede. Ela agia como se não quisesse ser vista, ou como se não ligasse para a *Band of Brothers*. Ao observá-la rapidamente, achei muito estranha sua linguagem corporal e a forma como segurava a câmera, apertando, como se quisesse esmaga-la. A maioria dos fotógrafos eram rápidos, e os jornalistas... nem me fale deles. Qualquer coisa que dizíamos, cada palavra, era publicada em algum lugar. Muitas vezes eu li coisas que eu falei casualmente, e tive que me certificar de que eles não fossem trazidos para dentro do meu ônibus novamente. E tudo o que eu não precisava no momento era de mais um artigo, aumentando minha reputação de playboy nos meios de comunicação.

Eu a vi caminhar com passos rápidos para trás do palco, como se meus olhos estivessem queimando sua pele. Eu não podia acreditar que ninguém a tivesse visto. Ela não era fruto da minha imaginação, tinha certeza disso. Normalmente, quando fantasiava uma mulher, ela não era loira e delicada, e também não fugia como se eu estivesse transmitindo uma doença com o olhar.

Nós esperamos ali atrás até que os portões fossem abertos. Pessoas corriam em bandos pelo gramado em direção ao palco. Era louco vê-los correr para chegar antes dos outros junto às grades. Lembrei-me de ser um daqueles garotos, animado por estar assistindo minha banda favorita, apesar de não ter espaço para me mover e do suor das outras pessoas se misturando ao meu. Era muito bom!

Passei por Miley enquanto caminhava para o ônibus. De repente virei-me e fui até ela.

— Miles.

Ela parou o que estava fazendo, mas fez um pequeno movimento com a mão, sinalizando para eu me apressar.

— Quem era aquela garota nos bastidores? E desde quando você carrega guitarras?

Ela olhou para o palco cheio de técnicos dando os toques de última hora.

— Que garota?

Eu sabia que tinha exatamente 30 segundos de seu tempo antes que se afastasse. Paciência não era uma das suas virtudes, e ela estava com aquele olhar que dizia que havia coisas urgentes a fazer.

— A menina loira, de regata. Desajeitada. Tímida.

— Oh sim, Elizabeth Riley. E esta guitarra é dela. Ela vai estar na turnê com a gente durante o verão. É fotógrafa e jornalista de alguma pequena revista que nem lembro o nome. Isso é tudo, Ace?

Eu sorri, mostrando todos os meus dentes brancos. — Sim, Vossa Majestade.

— Fico feliz em ver pelo menos um de vocês curvando-se a mim. Nos falamos depois. — Em seguida, se afastou.

Fui na direção dos meus irmãos que estavam dando um tempo no estacionamento, e conversando sobre os estados que mal podiam esperar para visitar novamente. O suor escorria pelos rostos deles.

Quando estava me aproximando Nik perguntou: — Encontrou a Cinderela?

— Ainda não. A menina que vi nos bastidores é jornalista e fotógrafa, alguém para adicionar a minha lista de pessoas a evitar.

— Quando é que você vai desistir e dar uma entrevista? As pessoas morrem de vontade de ouvir algo da sua boca.

Eu olhei para ele. — Nunca. Eu preciso manter algumas coisas somente para mim. Além do mais vocês já falam tudo. O que há mais para saber? Vocês não deixam espaço para a imaginação.

Ele levantou uma sobrancelha cinicamente. — Desculpe-me por isso.

Nik e eu caminhamos para onde estavam os ônibus e vimos que já haviam algumas garotas esperando.

Que porra é essa?

Rex tinha duas mulheres escandalosamente vestidas sentadas em cada lado dele, e estava com os braços em volta de seus ombros. Eu atirei punhais com os olhos, e ele deu de ombros.

Antes dos shows gostava de paz e tranquilidade. Muitas distrações me deixavam nervoso. As pessoas estavam pagando um bom dinheiro para nos ver, e queria ter a certeza de que o que eu dava a elas, valia a pena cada centavo gasto. Eu cantava em cada show como se fosse o último, porque neste mundo não dava para saber quando você seria posto de lado, como um preservativo usado. Se a banda não agradasse as massas, seríamos postos de lado, e isso me mantinha no foco. Sabia que se acontecesse, continuaríamos a tocar, mas eu esperava ser bem-sucedido como o U2. Eu queria cantar e tocar guitarra até que minha voz não pudesse ser ouvida e os dedos não se movessem.

Era uma verdade difícil de aceitar, mas sempre haveria a próxima e melhor banda, que valeria muito dinheiro e que seria a maior revelação das novas gerações. Bandas vêm e

vão como as marés no mar. Para cada um de nós que transformou o sonho em realidade, haviam milhares que não chegaram lá. Eu sabia como era, e não queria retroceder aquele ponto. Por isso levava todos os shows tão a sério. Gostaria que todos os Hathways fizessem isso também.

De nós todos, eu deveria ser o único irresponsável, por causa da minha idade. Sempre deixei meus encontros para depois dos shows, pensar nisso me deixava ainda mais irritado. Balançando a cabeça pensei nas muitas pessoas não profissionais neste negócio. Não queria ter este estigma associado ao meu nome.

Uma menina puxou um baseado da bolsa e acendeu-o. Dei uma olhada em Nik e me dirigi para o ônibus. Rock'n roll e drogas andavam juntos, eu sabia disso. Mas eu também sabia que esse não era o meu tipo de pré-show.

Jex foi atrás de mim. — Ace, espere.

Parei de andar e me virei, olhando para ele. — Você precisa relaxar, homem. Não precisa ser sempre assim.

— Assim como?

Ele me deu um olhar que dizia que eu estava sendo ridículo. E talvez estivesse. Estava me sentindo frustrado, de diferentes formas.

— Você está sendo um babaca tenso.

— Eu prefiro fazer festa após o show. Milhares de pessoas pagam para nos ver e o mínimo que podemos fazer é dar-lhes o show pelo qual elas pagaram.

Ele apertou meu ombro e riu. — Desde quando você se tornou mais tenso do que eu? Você me deixa orgulhoso irmãozinho, mas tem que parar de se preocupar com as pequenas coisas, especialmente neste negócio. Precisa se soltar ou vai estar careca e solteiro aos trinta anos.

— Eu acho que preciso ficar sozinho. Vou ao encontro de vocês antes de irmos para o palco.

— Ok — disse Jex, se afastando.

Eu andei através do estacionamento escaldante em direção ao ônibus de Miley. Sabia que todos estariam fora, e precisava de silêncio. Abri a porta e fui em frente. O ônibus estava completamente escuro, mas tinha certeza que se olhasse em volta tudo estaria impecável. Normal, considerando quem era a habitante do ônibus. Sentei no sofá, estiquei as pernas e então mandei uma mensagem para Miley, avisando que estava no seu ônibus. Não recebi nenhuma resposta, mas também não esperava, uma vez que ela estava envolvida nas atividades pré-show.

Fechei os olhos e tudo que conseguia pensar era na loira de olhos azuis penetrantes. Era estranho, mas estava um pouco curioso, ela não agia como seria de se esperar de uma

jornalista. Mas por que qualquer revista, independentemente do tamanho, iria enviá-la se ela não tivesse capacidade de cumprir a tarefa? Estaria aqui para escrever um artigo terrível sobre nós? Já aconteceu antes, assim parecia plausível. Mas no fundo o que eu queria saber era por que ela fugiu tão rápido, queria ouvir o que tinha a dizer. O jogo poderia ter sido virado? Talvez desta vez seria eu a fazer as perguntas.

Eu não a conhecia, mas ela já estava me assombrando.

Capítulo 6

ELIZABETH

Me senti nas nuvens enquanto estava na cama de Miley. Por um instante pensei em não ir ao show e dormir a noite toda. O voo foi longo e cansativo e a conexão em Houston bem demorada. Fiquei surpresa com o meu pensamento. Não estava sendo paga para faltar aos shows, e ainda precisaria de todas as fotos que eu pudesse conseguir a cada noite, porque assim teria uma variedade de opções. Além disso, Jack havia ordenado para enviá-las até 48 horas após cada show. Então, eu tinha prazos. Passei as mãos pelo rosto e me forcei a acordar, em seguida, mandei uma mensagem a Jules dizendo para me desejar sorte. Claro que sua resposta foi cheia de emoticons de coração.

Levantei-me, alonguei os músculos e fui fazer o que havia planejado. Peguei a mala do chão e coloquei-a sobre a cama para pegar uma camiseta simples e bem leve. A umidade continuava alta, embora estivesse perto de anoitecer. Fui para

o banheiro, escovei os dentes e, como meu rabo de cavalo estava bagunçado por ter dormido, penteei os cabelos com os dedos e fiz um coque alto. Depois de me olhar no espelho e ter uma conversa encorajadora comigo mesma, estava pronta.

Assim que saí do banheiro, acendi as luzes. A última coisa que precisava era tropeçar e cair. Ouvi um sussurro vindo do sofá, e então olhei para uma camiseta de banda preta, cabelo escuro bagunçado e pernas longas que se estendiam até o final do sofá de couro. Meu coração começou a bater forte no peito. Corri de volta para o quarto de Miley, juntei minhas coisas e coloquei a mala encostada contra a parede, onde estava antes. Peguei minha bolsa com a câmera e, o mais silenciosamente que pude, tentei fugir na ponta dos pés.

— Miles — disse a voz profunda. Ele estava deitado de lado, de costas para mim. Eu não sabia qual dos irmãos era, mas sabia que definitivamente era um membro da banda. Eles eram iguais de costas.

— Desligue as luzes. Tenho mais dez minutos antes de ir.

Meus pés pareciam colados no chão. Quando fui apagar a luz, ele se virou, protegendo os olhos da iluminação forte. — Miles.

Ele sentou no sofá e esfregou o rosto. Eu abri e fechei a boca e, em seguida, enfiei as mãos nos bolsos.

— Você não é Miley, certo?

Eu balancei a cabeça, mas dei-lhe uma olhada. Obviamente, eu não era.

— Eu sou Ace. E você é...? — Ele estendeu a mão e a apertei, seu aperto era firme. Um leve sorriso apareceu nos meus lábios ao pensar nisso e ele sorriu em troca, com os olhos fixos nos meus. O nervosismo tomou conta do meu corpo, e ficou óbvio pelo tremor na voz, quando falei.

— Eu sou Elizabeth Riley — gaguejei.

O ar no ônibus pareceu evaporar com minhas palavras.

Ace passou os dedos pelo cabelo e então levantou. Ele era muito mais alto que eu.

— Então, Elizabeth Riley, o que você está fazendo aqui?

— Eu estou... Eu estava... Eu deveria estar fazendo uma cobertura para a PHASE Magazine.

— Tenho certeza que você sabe que eu não falo com jornalistas.

Fiquei vermelha e tudo que queria era enfiar a minha cabeça em um buraco. Desviei os olhos e fiquei olhando para baixo.

— Independente disso, foi bom conhece-la, Elizabeth Riley. Com certeza vou vê-la por aí. — Ele saiu do ônibus sem olhar para trás.

Deixei escapar uma respiração entrecortada e me encostei. A porta abriu e endireitei minha postura novamente. Era Miley

— Ok, você ainda está aqui. Apenas checando. Acho que você pode querer dar uma volta pelo lugar. A maior parte das pessoas estão lá fora. — Ela parou e me olhou de cima a baixo.

— Você está bem? Parece que viu um fantasma ou algo parecido.

Eu meio que ri. — Estou bem, apenas um pouco perturbada. Eu nunca estive em uma turnê antes.

— Bom querida, você está em uma agora e para trabalhar. — Ela sorriu e eu já gostava dela. Miley me lembrava Jules, com sua assertividade. Sabia o que ela queria dizer, embora não soubesse nada sobre ela.

— Obrigada — eu disse, então saí do ônibus e caminhei pelo estacionamento atrás dela. Logo pude ver o brilho dos telefones celulares e ouvir a multidão conversando no gramado do estádio. Respirei, mostrei meu passe para o diretor de palco, entrei nos bastidores e fui para trás da fita. Haviam alguns outros fotógrafos por ali, mas fiquei bem perto,

tendo certeza que veria a todos. Tirei algumas fotos para testar se as configurações estavam certas e fiz alguns ajustes de última hora enquanto a música de introdução começava.

Os sons de aplausos da multidão encheram a arena. Um por um os irmãos entraram no palco e foram para seus lugares. As luzes piscaram, uma fumaça flutuou ao fundo e, em seguida, o show começou.

A bateria iniciou, em diferentes ritmos e batidas. Tambores e pratos mantiveram o rítmo e foram acompanhados por duas guitarras que gritaram em protesto. O baixo era marcante e rápido, mas firme como meu coração. Ace marcava o ritmo enquanto tocava e Nik fez um solo na beira do palco, direto para a multidão.

Encostei-me contra a parede com minha câmera bem perto. Por mais que eu não gostasse dos CDs, ouvir a música ao vivo mexeu com algo dentro de mim. Acho que era a crueza das letras. Gostei das palavras que saíram da boca de Ace e, considerando o que tinha lido, isso poderia ser a única coisa que eu iria gostar nele. Sempre ouvi dizer que haviam verdades escondidas nas letras. Fiquei imaginando que segredos ele estaria revelando para as multidões.

Ace usava todo o palco e conquistava a multidão. O homem foi feito para isso, sem sombra de dúvida. Inclinei um pouco e deixei meus olhos passearem sobre a multidão.

Milhares de pessoas estavam lá, dava para vê-los nas colinas, nas arquibancadas e colados uns aos outros no gramado. Era de tirar o fôlego. Todo mundo ligava os telefones celulares e piscava os isqueiros e também cantavam com eles. Os que estavam mais distantes pareciam vagalumes que flutuavam no céu.

Escrevi algumas notas no meu telefone, tentando capturar o momento exato, descrever o que senti da música e da multidão. Meus olhos continuavam procurando Ace. O carisma dele no palco era quase mágico e eu não conseguia tirar os olhos dele. Usava uma camisa apertada e calças nos quadris que o faziam sexy como o pecado. Estilo, ele o tinha, merda, parecia que ele o tinha inventado. Quando remexeu os quadris e cantou as músicas, minhas opiniões preconcebidas sobre eles voaram pela janela. È certo, eu entendi a loucura. Certamente Ace e seus irmãos poderiam derreter calcinhas, mesmo a distância. A tensão sexual circulava através da multidão e, enquanto ele fazia contato visual com o público, todos os olhares femininos estavam paralisados em seus quadris e na forma como dedilhava a guitarra. Os irmãos nasceram artistas e sabiam como tirar proveito disso.

Todas as luzes, efeitos especiais, música e gritaria da multidão, pareciam bem intimidante. Milhares de olhos estavam sobre os quatro homens que se apresentavam no

palco. A coragem e a paixão, junto com o puro amor pela música, faziam com que todos os seguissem. Eram parte de um movimento, uma comunidade, algo maior do que eles. Eu digitei isso no meu telefone e me perguntei se eles entendiam o que haviam criado.

Ace mexeu os quadris mais uma vez e, após entregar sua guitarra a um técnico, desabotoou lentamente a camisa. Mulheres com as vozes agudas gritavam seu nome e estendiam as mãos para ele. E ele ficava lá, cantando ao microfone, com as calças penduradas perigosamente baixas em seus quadris.

Quando começou uma nova música, pegou uma guitarra diferente para tocar. Um homem e uma guitarra, misericórdia... esta era uma das minhas fraquezas. Ele balançou a cabeça para cima e para baixo, os dedos constantemente se movendo, como uma vela ao vento.

Ace pediu um voluntário e todas as mãos se levantaram. Ele apontou para alguém e um dos seguranças ajudou a menina a subir no palco. Ela era magra, com cabelos castanhos, pele bronzeada e vestida como uma prostituta. Indo para trás dela, cantou mais um pouco, passando a mão pelo braço nu. Comecei a tirar fotos quando a boca roçou com suavidade o pescoço. As mulheres continuaram a gritar, todas desejando estar no lugar dela, e eu revirei os olhos e balancei a cabeça, mas continuei a fazer as fotos. Pensei

sobre todas as coisas que eu gostaria de perguntar se tivesse uma hora do seu tempo. Instantaneamente as perguntas começara a fluir, eu parei por um segundo para escrevê-las no meu bloco de notas.

Quando olhei para a multidão, vi o sol quase sumindo. A cor laranja-amarelado se escondendo atrás das montanhas gigantesca uma obra-prima, e eu fiz várias fotos da multidão com as mãos levantadas contra o sol. As pessoas pareciam pequenos pontos na grama, e haviam tantas pessoas.

Rapidamente pensei sobre as imagens e sorri. Soube naquele momento que era disso que Jules estava falando. Eu tinha olho para fotografia, e se conseguisse um pouco de coragem, faria aquela entrevista. Ou seria demitida. Essas eram minhas únicas opções.

Assim que o show acabou, Ace foi para os bastidores, sorrindo, com o braço sobre a menina de cabelos castanhos que tinha tirado da multidão. Seus olhos estavam cheios de desejo e luxúria. Ele susurrou algo no ouvido dela e eu não consegui tirar os olhos deles enquanto caminhavam para o lado do palco. Graças a Deus estavam indo em uma direção diferente da minha.

Seus olhos se encontraram com os meus mais uma vez. Virei-me para olhar uma última vez antes de ir embora e

segundos depois ele se virou e olhou para mim. Eu nunca seria aquela garota desesperada.

Meu coração disparou e um calafrio percorreu minha espinha. Nik passou por mim no backstage, e eu dei a ele um leve sorriso, e assim fizeram Rex e Jex. Era estranho vê-los tão perto, depois de ler artigos e mais artigos sobre eles apenas um dia antes. Por uma fração de segundo, eu achei que estava vendo estrelas. Eles eram muito mais altos e mais bonitos pessoalmente. O suor brilhava sobre seus corpos e eles se elevavam sobre mim como gigantes. Cada um deles tinha pelo menos 1,83cm de altura, ou talvez mais.

Meu coração estava numa corrida, enquanto minha mente girava. Toda a coragem que eu tinha encontrado mais cedo desapareceu junto com a banda. Fechei os olhos e contei até dez, e depois os abri.

— Ei, querida. Você está tonta? Temos que começar a tirar todo este equipamento e desmontar o palco o mais rápido possível.

— Desculpa.

— Oh você é nova, não é? — Ele largou um pedestal de microfone e estendeu a mão. — Eu sou Romeo.

Inclinei a cabeça, sem acreditar no que ele estava dizendo.

— Sim, sério. Minha mãe amava Shakespeare e histórias de amor trágicas. Todo mundo tem essa reação. Vou começar a dizer as pessoas que meu nome é Rome.

Estendi a mão com um enorme sorriso no rosto. Ele passou no teste do aperto de mão firme.

— Prazer em conhece-lo. Sou Elizabeth. Puxa, eu preciso falar uma coisa.

— Fale.

Coloquei uma das mãos sobre o coração e levantei a outra, como Julieta. — *Romeu, Romeu, quem és tu Romeu?*

— Sente-se melhor? — Ele ajeitou os grossos óculos de aro preto no nariz e me lançou um sorriso bonito. Romeo era o típico *'garoto da casa ao lado'*, altura regular e um grande sorriso branco. Ele envolveu um cabo espesso em torno do braço e continuou andando, enquanto eu o seguia através do palco.

— Posso ajudar em alguma coisa? — Eu guardei o bloco e a caneta no bolso de trás e coloquei a câmera no estojo.

— Se você quiser, pode pegar esse pedestal e levar para o reboque lá na frente.

Fiz o que ele pediu, e então esperei que carregasse a quantidade enorme de cabos em um carrinho. Ele foi em direção a parte de trás do palco, onde pelo menos quinze

ônibus de turismo e grandes trailers com antenas estavam estacionados. Nunca tinha visto uma comitiva de turnê tão grande, mas também nunca tinha estado em uma turnê antes, então tudo sempre parecia surpreendente. Eu não parava de tomar notas mentais sobre o processo.

— De onde você é, Elizabeth?

— Texas, mas moro na Califórnia. Fui para lá em busca do sonho americano.

— Que é? — Ele ergueu as sobrancelhas enquanto um membro da equipe começou a guardar quantidades enormes de alto-falantes e cabos.

— Fazer isso, é claro.

Bem, não exatamente isso, mas levaria muito tempo explicando.

Ele me deu um olhar que dizia, *oh*, ou *sim, certo*. Sorri com os lábios apertados e dei um passo para trás, tropeçando no meio-fio e caindo de bunda no chão. Minhas bochechas ficaram quentes de vergonha. Romeo foi até onde eu estava com a mão estendida, e quando estava a ponto de pegá-la vi Ace com a menina atrás do palco. Estava me observando, e eu sabia que minhas bochechas estavam vermelhas como sangue. Romeo me ajudou a levantar e então sacudi a terra e a grama da minha calça.

— Você está bem? Cuidado com o degrau. — Ele estava rindo.

Tudo bem, porque se tivesse visto alguém cair assim, teria rido muito. Fui distraída por Ace quando ele passou com a mulher grudada no quadril. Eles foram para o ônibus e minha mente imaginava o que iriam fazer.

— Isso acontece em todos os shows — disse Romeo. Olhei para ele e pensei que não poderia ter mais do que 27 anos.

Franzi o nariz e fiz uma careta. — Nojento.

Ele sacudiu a cabeça e começou a caminhar de volta para o palco. — Chama-se ser um rock star, ou um *coock star*, como gosto de chama-los.

Comecei a rir. — *Coock star* é impagável.

— Elizabeth. — Uma voz feminina gritou. Eu me virei e vi Miley. Ela veio correndo até onde estávamos. Técnicos a chamavam na frente e atrás do palco, e outros através do rádio. Ela desligou o auto-falante e me deu um sorriso rápido.

— Tenho a situação do seu ônibus resolvida. Você está no seis. Alguns beliches já estão ocupados, escolha um dos que restam. Se você precisar de alguma coisa, não hesite perguntar, ok? — Miley era toda negócios.

— Sim, claro. Muito obrigada por tudo.

— Sem problema. Feliz turnê — disse ela, e em seguida, pegou o rádio de sua cintura e deu a quem estava do outro lado da linha a sua fúria.

— Temos duas horas. Obtenha essa merda feita, ok? E pare de reclamar. Se você não gosta, vou encontrar alguém que fará e eu prometo, Romeo vai me apoiar nisso. — Ela me deu outro sorriso e acenou para Romeo, em seguida, estava caminhando com determinação em seus passos.

— Você não a ama? — Romeo perguntou. — Pela primeira vez, eu não tenho que ser o cara mau em uma turnê. Ei, obrigado pela ajuda. Vá se instalar no seu ônibus. O seis é divertido.

— Obrigada. Não tenho muita ideia do que estou fazendo.

— Faça o que fizer, não ouça o que eles dizem sobre regras para dormir. E os beliches de cima não são tão ruins — disse ele, antes de caminhar de volta para o palco.

Os ônibus de turismo estavam em frente a calçada, junto com os caminhões de reboque para os equipamentos. Eles estavam estacionados em ordem, por isso foi fácil encontrar o meu. Antes eu não tinha notado os números colados nos para-brisas.

Os bagageiros estavam abertos e vi que minha mala já estava ali. Peguei-a e tirei uma mochila pequena, onde

coloquei algumas roupas para os próximos dias, lençóis, um cobertor e produtos de higiene pessoal. Devolvi a mala para o seu lugar e subi os degraus. Quando entrei, fiquei surpresa por haver algum espaço, considerando a quantidade de pessoas que estavam por lá.

Nada disso parecia real.

Um grupo de pessoas estava sentado à mesa, rindo e bebendo uísque. Eles pararam de falar e olharam para mim quando eu entrei.

— Oi — eu disse, timidamente.

— A garota nova está conosco. Puta merda! Ganhei cinquenta dólares — disse uma menina e fez um '*toca aqui*' com o cara sentado ao lado dela. Todos eles pareciam amigos, e antes que eu pudesse dizer alguma coisa, mais cinco pessoas entraram.

— Oooooh a garota nova! Droga! — Uma voz profunda falou atrás de mim e, enquanto caminhava puxou a carteira do bolso de trás e começou a contar o dinheiro.

— Não seja tímida. Nós vamos ser uma família pelo próximo mês. Diga-nos o seu nome. Sou Ethan. — Ele bebeu uma cerveja que estava em sua mão.

— Sou Elizabeth Riley — disse. Parecia uma estranha festa de fraternidade.

— Que bom que você está com a gente, Elizabeth Riley. Há alguns beliches vazios na parte de trás, faça a sua escolha. Sou Jenny — disse ela. Todos pareciam que tinham estado no sol por muito tempo, mas estavam todos sorrindo e felizes.

Jenny levantou do banco e passou por cima de um cara com uma bandana, em seguida, me levou a parte de trás do ônibus.

— Então, aqui é o banheiro. Aqui estão os beliches. Os dois superiores estão livres, e há outros mais para lá. — Ela apontou para outros quatro beliches. Doze pessoas poderiam dormir aqui sem problemas.

— Há também alguns beliches suicidas na sala de estar, mas ninguém dorme neles, a não ser que sejam loucos ou que não haja absolutamente nenhum espaço. Minha cama é logo ali.

Abri a cortina do beliche acima do dela e coloquei minha mochila e o laptop lá. A câmera ficou comigo. Se havia alguma coisa que aprendi com Jules foi que nunca deveria andar sem a câmera.

— Obrigada.

— Então o que você faz, Elizabeth? Por que você está em uma turnê com o *Band of Brothers*?

Umedeci os lábios. — Eu trabalho para a PHASE. É uma revista.

— Eu conheço a PHASE. Você está brincando comigo? Vocês fazem toneladas de entrevista com bandas independentes que eu amo!

— É mesmo? Sim, nós amamos indies. Isso é uma coisa que eu adoro na PHASE. Nós não publicamos apenas grandes nomes do cenário musical.

— Espere, não é... uhh, qual é o nome dela. Jules. Não deveria ser ela a estar nessa turnê?

— Sim, eu sou a substituta, e não tenho ideia do que estou fazendo. Eu normalmente auxilio Jules quando ela retorna das entrevistas ou de uma turnê. Mas parece que nós trocamos de lugar neste verão. — Eu ri nervosamente.

— A maior parte de nós não sabe o que está fazendo. Eu sou engenheira de áudio e cuido da execução de áudio. Já estou com a banda a um pouco mais de dois anos. Qualquer coisa que você precise, eu posso ajudar. Não seja tímida, ok?

Jenny era um doce e nossa conexão foi instantânea.

— Posso fazer um monte de perguntas mais tarde. Tenho feito muitas pesquisas, mas ainda há coisas que não sei. Qualquer informação que você tenha será ótimo. — Fechei a cortina do meu beliche.

— Vou ficar feliz em ajudar. — Ela era tão entusiasmada, e pela primeira vez, eu esperava que fosse contagioso.

Alguém na sala de estar estava chamando por ela, que sorriu de volta para mim e disse: — Vamos.

— Então, todos, esta é a nova garota. O nome dela é Elizabeth. Jornalista e fotógrafa. Estes são Ben e Henry, engenheiros de áudio. Bev e Carrie, cuidam do guarda-roupa. Aqueles ali são Spider Man e Juicy, os técnicos. — Os dois homens tomaram suas doses de uísque e foram para fora do ônibus, com um sorriso e um aceno.

— Não diga a Miley que você nos viu — disse Juicy.

— Há mais cinco ou seis pessoas no ônibus. Frodo, Larry, Kate, Fireball, e... quem eu estou esquecendo? — Ela olhou para as pessoas que estavam sentadas. Todos estavam contando nos dedos.

— Oh sim, Sarah, ela é jornalista também. Eu sempre esqueço dela — disse Jenny. — Ela não é tão amigável — ela sussurrou.

Eles olharam uns para os outros, tendo uma conversa silenciosa sobre Sarah. Neste momento ela entrou no ônibus. A partir da vibração que emanou, eu poderia dizer que era uma grande puta. Ela caminhou pelo ônibus como se odiasse todos ao seu redor, e em seguida, foi direto para cama de baixo, onde estavam sua câmera e um pequeno laptop. Eu

sabia que ela pretendia baixar as fotos que fez nessa noite, e eu gostaria de vê-las.

— Veja o que quero dizer — Jenny sussurrou novamente. — Ela é grosseira como o inferno.

Um homem baixo colocou a cabeça dentro do ônibus. — Nós vamos terminar em uma hora. Guardem alguma bebida para mim, por favor — disse ele.

— Esse é Frodo — disse Jenny. Ele acenou para mim, depois deu um passo para dentro do ônibus e imitou um hobbit. Eu ri.

— Bem, vou sair para pegar ar fresco. — A introvertida dentro de mim estava gritando por um momento de alívio.

Todos concordaram com a cabeça e sorriram. Desci os degraus do ônibus e respirei o ar quente. Vi uma multidão em torno do ônibus da *Band of Brothers* e os gêmeos estavam dando autógrafos e tirando fotos. Depois de mais uns minutos observando a distância fui até lá e parei atrás, pegando minha câmera para fazer mais algumas fotos. Esta era a banda que as matérias não retratavam — não representando, mas agradecendo as pessoas por curtirem sua música.

Nik saiu do ônibus e as pessoas começaram a gritar de empolgação. Ele ergueu a mão e acenou, com um grande sorriso no rosto e, pegando uma caneta, imediatamente

começou a autografar camisetas e revistas. Olhei pela multidão e só encontrei três dos quatro. Ace não estava por ali. Até agora, os artigos o haviam descrito como um perfeito babaca.

Mais pessoas começaram a chegar para vê-los e flashes brilhavam rapidamente de seus leais fãs.

Atrás de mim duas meninas estavam na ponta dos pés. — Você está vendo ele?

— Claro que não. Não é nenhuma surpresa. Ele nunca está aqui com os outros no final dos shows.

A porta do ônibus abriu e vi sair uma mulher com os cabelos castanhos e longas pernas bronzeadas.

— É por isso que ele não estava aqui fora. Ela é uma droga. — Uma das meninas disse.

Eu segurei uma risada e levantei a câmera acima da multidão, continuando a tirar fotos. Minutos depois, Ace saiu do ônibus, com roupas diferentes das que estava usando antes, e foi encontrar seus irmãos. Mais gritos da multidão e pessoas correndo em direção a ele. Caminhei para trás das fãs e fiquei assistindo a cena com a câmera na mão.

Não podia deixar de admirá-los. Eles pareciam tão confortáveis cercados por aquele monte de gente.

Depois que todos os viram, eles ficaram por ali, conversando com a multidão. Ace fez contato visual comigo e eu não desviei o olhar, mas quando seus irmãos se viraram e me olharam, bem, foi aí que senti a necessidade de correr. Querendo uma distração, guardei a câmera na bolsa e a coloquei no ombro. Peguei o telefone do bolso e lentamente me afastei, enquanto mandava uma mensagem para Jules, atualizando-a da situação.

Eu: Conheci Ace.

Jules: E?

Eu: Eu já não gosto dele.

Jules: Finja.

Eu: Isso vai ser difícil.

Jules: Eu tenho fé em você. Mas é tarde e estou indo para a cama. Continue mandando notícias.

Eu: Boa noite. Eu vou. A menos que eu pare.

Jules: É melhor não, ou vou chutar seu traseiro!

Eu: Ha, ha. OK. Conversamos amanhã.

Voltei para o ônibus para pegar minha guitarra do bagageiro. Eu não podia deixar meu bebê lá até a próxima parada, teria que encontrar um lugar para ela ou coloca-la no beliche comigo. Entrei no ônibus, passado pelos rostos

sorridentes e coloquei a câmera junto ao notebook no meu beliche, fechei a cortina e fui para fora.

Eu queria tocar. Podia sentir meus dedos coçando.



Capítulo 7

Ace

Estava exausto depois do show, mas independente disso trouxe a gata que eu tinha chamado ao palco para o ônibus. Ela era bonita ao seu próprio jeito e alta. Ela tinha pelo menos 1,80cm e com os saltos ficava na altura dos meus olhos. Com olhos azuis e cabelos escuros, ela parecia bastante exótica. Enquanto eu caminhava pelo estacionamento abraçado nela, me perguntei por que eu continuava fazendo isto. Percebi que uma vez que as luzes apagavam e a eletricidade da multidão desaparecia, eu precisava preencher o vazio da minha vida, mesmo que fosse superficialmente.

A noite terminou exatamente como a maioria das noites de shows. Não lembro o nome dela, mas pelo menos esta deixou o ônibus satisfeita. Ela era um animal na cama e, embora eu gostasse do controle, a deixei tentar balançar meu mundo sem quebrar minhas próprias regras. E ela não se importava com beijos, só queria ser fodida com força, seu



desejo era o meu comando.

Depois que me deu um cartão com o nome e telefone, colocou a calcinha no meu armário, como um lembrete do que tinha acontecido, e foi embora. Gostaria que todos encontros fossem como este: satisfatório e tranquilo, sem esperança de qualquer outra coisa. Tomei um banho para tirar o fedor da noite e coloquei algumas roupas limpas, antes de jogar a calcinha no lixo e ir para fora. Sabia que meus irmãos tinham chegado, porque os gritos eram ensurdecedores. Corri os dedos pelo cabelo molhado, respirei fundo e me juntei a eles.

A umidade era um inferno e praticamente me derrubou. O ar era tão espesso e quente que parecia impróprio para respirar, mas coloquei um sorriso no rosto e fui em direção ao grupo de pessoas reunidas em torno dos meus irmãos. Peguei minha caneta e comecei a autografar camisetas, bonés, CDs e partes do corpo. Gostaria de saber quantas tatuagens da minha assinatura seriam feitas esta noite.

Passei os olhos pela multidão e vi centenas de pares de olhos fixos em mim, mas quando olhei para Elizabeth Riley, vi o brilho de uma mulher feroz olhando de volta para mim. Ficamos nos olhando por tempo suficiente para uma fã se virar para ver o que havia chamado tanto minha atenção. Eu sorri e levantei uma sobrancelha para ela, e o foco desvaneceu. Confiança em mulheres era sexy, e Elizabeth Riley não tinha nenhuma.

Jex, Rex, e Nik estavam ao meu lado e notaram que eu estava olhando para ela. Segundos depois, sorrimos para uma foto. Flashes piscavam como pequenos fogos de artifício e manchas de cor verde borraram minha visão, me obrigando a fechar os olhos. Tínhamos os nossos próprios paparazzis pessoais, os fãs, mas eu adorava. Quando olhei novamente, Elizabeth não estava lá. Eu a procurei por perto e vi quando caminhava de volta para o ônibus com o celular na mão.

Nik me olhou com as sobrancelhas levantadas e eu balancei a cabeça, continuando a trocar ideias com os fãs. Quando a pequena multidão foi embora, andei pelo estacionamento até encontrar Miley.

— E agora? — Ela perguntou, com um tom de brincadeira na voz.

— Nada. Precisava dar um tempo.

— Então faça alguma coisa útil. Ajude-me enrolar esses cabos.

Pessoas se movimentavam perto de nós, grandes alto-falantes e andaimes para as luzes estavam sendo desmontados e carregados pelas rampas dos bastidores. Seriam colocados nos reboques presos aos caminhões com o nosso logotipo enorme neles. Era legal ver o nosso logo neste tamanho.

— Então, o show foi bom? — Miley perguntou enquanto enrolava um fio ao redor do ombro até o cotovelo.

— Sim, eu achei que foi ótimo. O gramado estava uma loucura, você viu?

Ela assentiu com a cabeça. — Vocês são o *Band of Brothers*. Eu não esperava nada menos que isso.

Ela colocou os cabos em uma grande pilha e começou a enrolar outro.

— Você tem cordas extras para um violão?

— Pergunte ao Romeo. Eu acho que existem algumas no reboque de equipamentos.

Sorri para ela e andei nos bastidores, passado pelos técnicos até ver Romeo.

— E aí? — ele disse, olhando para mim.

— Você tem cordas acústicas? Pensei que tinha algumas extras no ônibus, mas não encontrei.

Ele riu e me levou até o trailer onde guardava nossas guitarras. Abriu a porta lateral e entrou, para em seguida sair com uma pilha de cordas.

— Cordas Ernie Ball, certo?

Entregou-me os pacotes com um sorriso e voltou para o que estava fazendo.

— Precisando de mais alguma coisa, me avise — disse, quando estava indo embora.

Eu precisava pôr cordas novas no meu violão quando voltasse para o ônibus. Embora estivéssemos em turnê, isso não deveria afetar minhas composições. Felizmente, todos os meus irmãos tocavam e colaboravam nas músicas enquanto estávamos na estrada. Mas eu tinha uma meta de ter pelo menos cinco canções prontas para tocar para eles até o final da turnê de verão.

Enquanto caminhava de volta, ouvi o dedilhar leve numa guitarra do outro lado de um dos ônibus. Fiquei parado por um momento. O toque era perfeito, mas eu não consegui descobrir qual era a música até que a letra entrou. Era uma voz feminina, controlada e bonita. *I Can not Help Falling in Love* de Elvis Presley nunca soou tão bem.

Dei alguns passos até o final do ônibus e parei ao ver Elizabeth Riley tocando com os olhos fechados, cantando, sentada na beira da calçada.

— "Apaixonar-se... com... você."

Quando terminou, eu imediatamente comecei a bater palmas.

Ela ficou absolutamente horrorizada por eu tê-la ouvido e até mesmo visto cantar. O rosto estava totalmente vermelho

e a boca aberta em choque. Guardou a guitarra e, em seguida, levantou e foi embora tão rápido quanto podia.

— Elizabeth...

Ela parou de andar e olhou para as estrelas no céu. Vi quando ela respirou fundo e continuou andando. Se não parasse para mim, não iria parar para ninguém.



Capítulo 8

ELIZABETH

Envergonhada era uma palavra que não explicava totalmente como me sentia. Eu não tocava na frente de ninguém, e pensei que seria seguro cantar e tocar suavemente atrás do ônibus. Olhei para as estrelas e tentei controlar as emoções.

— Elizabeth — Ace disse, caminhando pelo estacionamento na minha direção. Tudo o que eu queria fazer era chegar ao meu ônibus, fechar a cortina da cama e ficar sozinha.

— Hey — falou mais uma vez, quando me alcançou.

Eu parei e olhei para ele.

— O que? — Finalmente respondi.

— Você é boa. Alguém já disse isso antes?

— Você não deveria ter ouvido isso.



Olhei para suas mãos e vi a pilha de cordas. Ele usava as mesmas que eu. Tentei conter um sorriso.

— Cordas Ernie Ball?

Ele balançou a cabeça. — Elas são os melhores do mercado, mas acho que você sabe disso. A quanto tempo você toca?

— Desde que eu tinha sete anos. Meu pai tocava e me ensinou o mais rápido que pôde, embora ele quisesse ter um baterista na família. — Eu ri, lembrando quando comecei a aprender. Meus dedos eram pequenos, mesmo para uma guitarra própria para crianças, mas eu tinha um dom natural.

— Você é interessante, Elizabeth Riley. — Ace estreitou os olhos para mim e uma sensação de calor viajou sobre minha pele, fazendo meu corpo formigar. Eu já estava no limite, tentando me afastar dele, mas algo me puxava de volta.

— Não, eu não sou. Sou uma garota que gosta de tocar e de escrever. Não há nada de interessante nisso.

Ele sorriu e passou a língua pelo lábio inferior. Seus olhos eram um redemoinho de verde e castanho claro, que se misturavam para criar uma cor tão sexy que tudo que eu queria fazer era me perder neles. O ar quente passou por nossos corpos e ele sorriu brevemente. Meus nervos estavam saturados e não podia acreditar que tinha dito todas essas

coisas. Minha coragem, como a maré, foi rapidamente recuando.

— Ainda vamos ver isso, não é? — Ace falou, continuando a sorrir. Ele me entregou um pacote de cordas antes de virar e ir embora.

Eu fiquei olhando ele caminhar pelo estacionamento em uma camiseta que o abraçava em todos os lugares certos. Antes de entrar em seu ônibus, ele olhou para mim e sorriu. Engoli meus nervos e me virei para minha nova casa, o ônibus número seis.

Frodo, o cara baixinho que trabalhava como técnico, me alcançou e nós caminhamos juntos.

— Você é boa em blackjack?

— Hummm. Na verdade, não.

— Até o final desta turnê, você poderá contar cartas e beber cerveja como uma profissional. — Ele disse isso rindo.

Eu ri com ele, mas eu duvidava.

Nós caminhamos para o ônibus, onde todos estavam pulando e gritando enquanto embaralhavam as cartas. Frodo olhou para mim e balançou a cabeça. Sorri e balancei de volta, sinalizando que não. Minha cabeça estava envolta em névoa e eu precisava dar um tempo. Entre a viagem, o show, os fãs e Ace, senti que poderia dormir por cinco dias. Fui até

meu beliche e coloquei minha guitarra de lado contra a parede, onde se encaixava perfeitamente. Tirei os sapatos, subi e fechei a cortina, esperando por algum tipo de privacidade, apesar dela ser fina como papel.

Abri meu computador e conectei a câmera e também os fones de ouvido, para escutar um pouco de música clássica. Baixei centenas de fotos e rolei através delas.

Minha boca ficou seca conforme fui analisando. As configurações na câmera capturaram perfeitamente a fumaça no fundo do palco e o brilho das luzes, sem perder a cor do conjunto ou a pele dos meninos. Eu achei que haviam boas e más fotos, até que parei em uma de Ace. O suor escorria pelo seu peito, e ele cantava ao microfone completamente perdido na música, apontando para o céu.

Quando o celular vibrou eu pulei, batendo com a cabeça no teto.

— Droga — sussurrei enquanto atendia.

— Entãooooooooo, eu não conseguia dormir — disse Jules.

Suspirei no telefone e esfregueia cabeça. — Minhas fotos estão foda.

— Boa menina. Está tudo certo?

— Estou no ônibus, terminando de baixar as fotos e digitando minhas notas.

— Amanhã você estará em Charlotte, Carolina do Norte. O lugar do show é pequeno, somente para doze mil pessoas. Vá dormir um pouco. Depois do show, vai haver uma grande festa para os fornecedores e patrocinadores do APX. Você precisa ir, mas não leve a câmera. Vá e converse com as pessoas, vão ter muitos profissionais do cenário musical e, possivelmente, o diretor da Rolling Stone.

Fiquei sem palavras. Desde que comecei na PHASE, o meu sonho era trabalhar para a Rolling Stone. Pensar sobre as possibilidades desta festa me deixou nervosa.

— Você tem que ir, então nem tente subornar a si mesma.

— Tudo bem. — Disse, revirando os olhos. Eu odiava tudo isso, estava completamente fora da minha zona de conforto. Para não mencionar que estar constantemente perto de muitas pessoas, não era uma coisa boa para os introvertidos. Multidões faziam qualquer situação desgastante.

— De qualquer maneira, seus companheiros de ônibus não iriam deixá-la faltar. E haverá outra festa em Nova York. Você vai precisar de um vestido para a *After Party Ball*, merda, esqueci completamente disso. Peça a Miley para ajudá-la.

— Sério? Você me deve essa, Jules. Você me deve muito.

— Eu já estou alimentando seu gato, então estamos empatadas. Você sabe que ele me odeia.

Comecei a rir, pensando no meu lindinho gato preto andando pelo apartamento. Zztop odiava a todos, exceto a mim.

— Mande por e-mail as cinco melhores fotos. Eu tenho que fazer xixi. Ligo amanhã, ok?

— Ok, *'mãe'*. Boa noite.

— Bons sonhos com a *Band of Brothers* — disse ela e desligou.

Respirei profundamente e deitei com meu computador no colo.

Alguém gritou que tínhamos uma hora antes de partir. Resolvi pegar minha roupa para tomar um banho. Jenny me deu um *'olhar'* antes de eu no entrar no banheiro.

— Vai estar frio — disse ela.

— Tudo bem, eu posso aguentar — respondi.

Embora fosse quente como o inferno lá fora, a água estava gelada. Lavei meu corpo e cabelo tão rápido quanto podia e corri para me secar, tremendo. Pior banho da minha vida, com certeza.

Quando saí do banheiro, todos riram. Eu era uma novata mesmo.

— Não consigo dormir suja — disse a Fireball, um cara com o cabelo vermelho brilhante.

— Eles falam merda sobre isso para mim também, mas eu prefiro ouvir do que ficar com cheiro de bunda — respondeu ele.

— Você aprende a como tomar banho de prostituta — disse Frodo.

— Eu não quero nem saber do que vocês estão falando — eu disse.

— Você vai jogar cartas com a gente? — Perguntou Juicy, um cara gordinho com os lábios grossos.

— Estou exausta da viagem, vou dormir. Mas obrigada pelo convite. Eu vou jogar um dia, prometo. Boa noite a todos vocês.

Eles explodiram em gargalhadas. — Ela disse todos vocês.

— Sou do Texas — disse rindo, enquanto caminhava para o meu beliche.

Subi para a minha cama e fechei a cortina, deixando que o brilho do computador entreaberto iluminasse o espaço

pequeno. Deitei-me, coloquei as mãos atrás da cabeça e fechei os olhos. Parecia que o tempo mal havia passado quando o ônibus começou a se mover e aumentar a velocidade na saída do estacionamento.

Eu repassei a noite inteira, na cabeça, tentando entender cada detalhe.

Ace Hathway poderia ser o meu fim.



Capítulo 9

ACE

Nik sentou no sofá jogando em seu telefone. Ele veio quando entrei.

— Então, irmãozinho. Quem é a menina?

Eu coloquei o punhado de cordas para baixo sobre o balcão e olhei para ele.

O ônibus roncou, então avançamos para frente. Amanhã nós estaremos em Charlotte.

— Não tente esconder isso. Eu vi vocês dois no estacionamento.

Cruzei os braços e encostei no banco. — Você não viu absolutamente nada. Ela não é interessante, ela mesma que me disse isso.

— Se ela não é interessante, então por que você a perseguiu através do estacionamento enquanto ela caminhava para longe de você?



Porra. Eu odiava estar sob a sua vigilância. Nik não perdia uma batida dentro e fora do palco e podia ver através da minha merda mais do que ninguém. Nós estávamos na mesma página a maior parte do tempo.

— Ela toca violão e canta, e ela é boa.

Ele levantou a sobrancelha para mim, então estreitou os olhos. — Então, ela tem a sua atenção?

— Não, ela não tem. Ela é uma jornalista e será somente isso nessa turnê até que estejamos de volta em Cali. Jornalistas e eu...Apenas não.

Nik riu de mim. Eu tentei dar a minha melhor carranca, mas acabei balançando a cabeça e sentando no sofá ao lado dele. Nik ligou a TV e zapeou através dos canais.

— Escolha um, — eu disse, enquanto ele continuava a navegar.

— Conte-me seus pensamentos sobre a jornalista.

— Você é impossível. — Eu levantei, agarrei as cordas, e caminhei para o meu quarto. Compartilhar um ônibus com Nik não era ruim, mas eu não podia alimentá-lo de besteiras. Às vezes era melhor para mim ir embora antes que eu cavasse um buraco tão profundo, que seria impossível sair dele.

Olhei para o laço vermelho que estava sobre minha cômoda. Os pensamentos negativos me invadiram e eu tive que fazê-los parar.

Abri a caixa da minha guitarra e tirei à acústica. Considerando que foi a primeira guitarra que meus pais me deram e muitas canções foram escritas com ela, essa guitarra ocupa um lugar especial no meu coração e coleção. Os lados e costas são de carvalho, com um topo de abeto e um acabamento de ébano. A ponte era de pau-rosa junto com a placa da fricção. Eu me lembro de ter oito anos de idade, observando meus irmãos tocarem e pedindo uma guitarra. Depois de alguns argumentos sobre como compartilhar a acústica, eu ganhei a minha própria. Enquanto eu adorava tocar piano, eu queria aprender a tocar tudo, então eu fiz. Até que eu tinha dez anos e podia tocar melhor do que qualquer um dos meus irmãos. Quando eu atingi a puberdade e minha voz mudou, sabíamos que o que tínhamos como irmãos era especial. O resto foi trabalho duro e história.

Cuidadosamente, eu tirei as cordas, duas de cada vez e afrouxei a tensão antes de cortar as cordas. Eu esquadrinhei os pontos a partir da ponte e acrescentei cada uma das novas cordas. Quando o ônibus balançou para frente, ganhando velocidade, eu estava sentado na beira da cama e sintonizado com a minha guitarra. Novas cordas a fizeram soar viva e vibrante novamente. Não havia nenhum som melhor.

Meus dedos, embora eles ainda estivessem formigando do show de hoje, queriam continuar tocando. Às vezes, a música era muito poderosa para negar. Havia dias em que eu tinha que tocar, como se a música me controlasse como uma marionete, e eu alimentava esse impulso. Eu aprendi ao longo dos anos a ceder quando a criatividade acenava. Algumas das canções mais profundas foram criadas dessa maneira.

Quando eu tocava, eu não conseguia pensar em nada a não ser na música. Ela encapsulava totalmente meus pensamentos e emoções. Muitas pessoas costumam dizer que o francês é a língua do amor, mas eu tenho que discordar. A música é a linguagem mais universal e emocional no mundo. Canções costumam dizer aquilo que as pessoas estão com muito medo de falar. A música é a linguagem do amor.

Uma vez que a guitarra estava afinada, eu cuidadosamente tocava um *sol maior* e os meus pensamentos me catapultaram de volta ao momento que assisti Elizabeth entregar-se totalmente à música. Foi uma bela visão, uma que me tocou de uma forma inexplicável. É fácil se perder nas luzes brilhantes, no ruído da multidão e nos efeitos especiais em shows, mas havia algo cru e inocente sobre seu modo de tocar para ninguém além de si mesma. Eu me senti um pouco culpado por arruinar seu momento íntimo. Foi uma verificação da realidade em um sentido, que me trouxe de

volta para tudo o que eu tinha feito, me trouxe de volta às minhas raízes. Eu fiz tudo isso pela música, não pela fama. A música era a única constante em tudo isso.

A presença de Elizabeth era como uma onda gigante no meu oceano normalmente estável. Enquanto a maioria das mulheres se jogavam em mim, ela estava muito ocupada tentando fugir. Elizabeth Riley me intrigava.

Eu tocava outro acorde e de alguma forma me encontrei perdido nos Beatles, *'Let it Be'*. Eu cantei mais alto conforme as letras cortavam em minha alma já crua. Eu lembrei de quando nós interpretamos essa música e como Nik, Jex e Rex cantaram em harmonia. Minha mãe não poderia estar mais orgulhosa.

A porta se abriu e Nik entrou em cena, cantando o próximo refrão em perfeita harmonia. Quando terminamos, ele estava sorrindo de orelha a orelha.

— Amanhã, nós temos que tocar essa música no show, — disse Nik encostado na moldura da porta.

— Só se Jex e Rex estiverem bem com isso.

Ele riu. — Nós temos o teclado. Vamos falar com Romeo e ter-lhe configurado. A multidão irá enlouquecer. Eu não posso esperar. Fazem anos desde que tocamos isso ao vivo e nós nunca fizemos isso em uma grande turnê.

Eu sorri. — Tudo bem, então. Negócio feito. Você fala com Romeo e eu vou tocar. Porra, eu não tocava piano desde antes de sairmos.

— Eu te disse para ter esse bebê grande instalado no ônibus.

— Nós poderíamos fazer a versão para guitarra?

— Não. Todo mundo sempre vê você tocar guitarra. Eu acho que isso vai trazer um fator surpresa, sabe? O teclado está acontecendo. Eu vou tê-lo pronto. Vamos fazer isso antes do final do show. Eu vou fixar a lista antes de ir em frente. Eu não acho que eu vou dizer aos gêmeos. — Ele riu.

— Eu vou deixar o set list dizer a Jex. Rex não se importa. Vou mudá-los após o aquecimento.

— Eles podem matá-lo, — eu disse.

— Eu gostaria de vê-los tentar. Todo mundo sabe que eu sou mais esperto do que os dois juntos.

Nik estava muito animado com esta canção; mas ele estava certo, eu não tinha tocado o piano ao vivo nos últimos anos.

Amanhã nós vamos voltar às nossas raízes e tocar músicas da velha escola.

Eu realmente senti uma pequena mudança dentro de mim. *Merda.*



Capítulo 10

ELIZABETH

Eu sabia que tínhamos chegado ao nosso destino porque quando o sol raiou as pessoas estavam agitadas. Percebi que seria impossível dormir nessa turnê, a cama de cima era muito quente. Droga. No momento que este trabalho terminasse, provavelmente estaria dez quilos mais magra, de tanto suar. E não havia nada pior do que roupa grudada no corpo porque você estava transpirando.

Rolei para o lado e abri o laptop, passando pelas imagens mais uma vez antes de enviá-las a Jack. A última coisa que eu precisava era estar atrasada com os prazos, principalmente sabendo que ele estava esperando que eu fodesse com tudo.

Band of Brothers me devia uma entrevista, porque a noite inteira os quatro assombraram meus sonhos. Em um deles, eu estava correndo de Ace a toda velocidade mas, de alguma forma, ele sempre me alcançava. Pesadelos. Eu acordava, voltava a dormir, e a cair em outro sonho de



perseguição. Deve ter sido por causa do movimento constante do ônibus.

Fechei meu laptop depois de enviar as fotos e abri a cortina, tentando sair com elegância e me esforçando para não deixar os pés tocar no beliche debaixo. Peguei a mochila e tirei algumas roupas para vestir.

Jenny abriu a cortina e também se arrastou para fora.

— Dormiu bem? — Ela perguntou, esfregando os olhos. Seu cabelo castanho estava com um buraco do lado. Arrumei-o para ela.

— Não — resmunguei, e depois ri. — Eu não posso dormir até amanhã?

— São quase dez, hora de levantar. E você vai se acostumar com isso. Depois de um tempo, o movimento e a oscilação do ônibus vai fazer você dormir em minutos, garanto. Quando estiver em casa, vai se perguntar por que não consegue dormir. E a resposta será sempre...

Ela esperou que eu completasse a frase com os braços abertos.

— Porque não está em turnê — disse ela, com um sorriso enorme no rosto.

Ela era tão familiar, mas acho que é porque ela me lembrava de Jules. A maioria das pessoas que me faziam lembrar da minha melhor amiga, tinham personalidades fortes amigáveis.

— Quais os planos para hoje? — Jenny perguntou.

— Nenhum plano. Não conheço ninguém, lembra?

— Certo. Vamos fazer algumas mudanças nisso. Vou mostrar a você o lugar e os melhores pontos para fazer as fotos deste show. Está feliz?

Ela me bateu com o ombro e trocou de roupa ali mesmo, no corredor. Jenny estava se fodendo para a modéstia. Eu tinha muito a aprender.

— Vou vigiar a entrada para você trocar de roupa. Outra coisa que vai aprender é que fazer isso no corredor é muito mais fácil do que lutar pelo banheiro na parte da manhã. — Jenny foi até a abertura que levava a sala de estar e colocou os braços em cada um dos lados. Ela virou, me deu um aceno rápido e continuou vigiando. Corri parar tirar a camiseta que usava como pijama e vesti um short e um top curto. Quando estava colocando as sandálias, Frodo abriu a cortina e saiu da cama de baixo.

Sorri pensando no hobbit, enquanto ele caminhava até o banheiro para escovar os dentes. Jenny estava certa, todos estavam tentando chegar lá. Esperei minha vez pacientemente, mas com a bexiga estourando.

Nós saímos do ônibus e fiquei surpresa com a paisagem. Estávamos rodeados por edifícios de tijolos vermelhos e árvores. O estacionamento estava lotado de ônibus e

caminhões, eram tantos que nenhum outro veículo teria espaço para estacionar atrás do palco.

Caminhamos por ali, para que eu pudesse ter uma visão melhor dos assentos e das colinas verdes de grama.

— Como todo mundo vai caber neste local? — Perguntei.

— Não vão. Possui apenas cinco mil lugares, então haverá pessoas que vão ficar do lado de fora para ouvir. O gramado vai estar superlotado também.

Lembrei como o local de ontem era grande, lá cabiam quase o dobro de pessoas.

Técnicos já estavam descarregando os suportes para iluminação, equipamentos de som, e grandes quantidades de cabos. Fiquei impressionada com a rapidez com que eles transportavam, mas sabia que levaria de seis a oito horas para deixar tudo pronto. O palco ainda estava sendo armado.

— Vamos lá. Há um lugar a poucos quarteirões que tem os melhores tacos do mundo e, maldição, é basicamente hora do almoço.

Eu a segui pela calçada, vendo como ela era alta para uma menina. E o fato de que estava usando botas de salto não ajudava em nada.

Passamos por lindas lojinhas nas calçadas, até que Jenny parou no Texicali Taco e Tequila Bar. Ela me deu um

enorme sorriso antes de entramos. Pisos de madeira cobriam todo espaço e a decoração era feita com caveiras mexicanas. Culpei a tequila.

Jenny sentou no bar e eu sentei ao lado dela. Por trás das garrafas de tequila iluminadas com uma luz azul havia um painel, exibindo uma motocicleta com chamas vermelhas. Um barman bonito chamado Jackson inclinou-se sobre o balcão e anotou nossos pedidos e, momentos depois, doses duplas de tequila vieram deslizando até nós.

Jenny pegou a dela e eu seguiu seu exemplo.

— A *Band of Brothers.* — Disse ela.

— A *Band of* Brothers. — Repeti, sentindo a tequila queimar minha garganta.

— Então, o que você pensa deles até agora? — Perguntou, colocando o limão entre os dentes e chupando.

— Eu ainda não tenho uma opinião — respondi da forma mais sincera possível. O único sobre o qual eu poderia ter qualquer tipo de opinião era Ace. Os outros pareciam legais.

— Não? Você vai amá-los depois que os conhecer.

— Dúvido que vou chegar a conhece-los. Tenho um grande adesivo *'Perigo, Jornalista'* colado na testa.

— Então, você conheceu Ace?

Olhei para as garrafas de tequila alinhadas perfeitamente no bar, e depois de apertar os lábios respondi — De passagem.

— As vezes ele é um pouco intenso. Você vai ter que ignorá-lo. Provavelmente é o único que vê *'jornalista'* colado na sua testa.

Tudo o que eu conseguia pensar era que ele me ouviu cantar Elvis. Engoli em seco, me sentindo nervosa ao falar sobre Ace. Jenny riu para mim enquanto eu permanecia em silêncio.

— Ele não torna as coisas muito fáceis — disse.

Jenny sorriu e balançou a cabeça. — Nada na vida que vale a pena, é fácil. Mas acho que é por isso que você está aqui.

Suspirei antes de responder. — Neste momento, estaria sentada no meu sofá, de pijama, zapeando na tv.

— Mas você ainda não está feliz, não é? Depois de comer esses tacos macios, você vai morrer.

Jackson colocou a comida na nossa frente, como se ele tivesse tido uma dica. O cheiro de coentro e tortillas caseiras frescas me deu água na boca. Cuidadosamente peguei o taco recheado com puras delícias e dei uma enorme mordida.

Assim que fiz isso, quatro deuses entraram no ambiente. Jenny se virou, olhou para a *Band of Brothers* e acenou.

Merda.

No momento que vi Ace, meus muros internos imediatamente ergueram-se. Ele ainda não havia tirado seu ray-ban, e suspirei quando o vi vestindo uma camiseta apertada com a imagem do Elvis na frente. Seria esta sua maneira de estabelecer algum tipo de comunicação comigo? Meu coração começou a bater forte, fazendo a adrenalina circular pelo corpo. Virei a cabeça engolindo o taco, de repente me sentindo muito insegura.

Rex andou até nós com um sorriso enorme nos lábios.

Será que todos no *Band of Brothers* usavam o cabelo estilo desarrumado?

— Finalmente fazendo amigos?—Ele disse, provocando-a.

— Cale sua boca — ela respondeu, cutucando-o com o ombro.

Concentrei-me na comida a minha frente, tentando ser invisível. Será que eu conseguiria?

— Elizabeth, este é Rex, baterista da banda.

Limpei a mão no guardanapo, engoli e apertei sua mão.

— Prazer em conhecê-lo — eu disse, dando um sorriso.

Rex se inclinou contra o balcão dando-me um sorriso de lado, lindo.

— O que vocês estão bebendo? — Seus olhos não me deixavam.

— Tequila, obviamente — disse Jenny, levantando a mão em direção as garrafas.

Rex pedia três doses quando senti o calor no meu outro lado. Puxei uma respiração irregular, virei a cabeça e vi Ace encostado no bar, me estudando. Seu ray-ban agora estava sobre a cabeça.

— Oi — disse ele. Sua voz era baixa e aveludada e fez meu estômago se contorcer.

— Hummm, oi. — Minha fome havia desaparecido e a garganta ficou tão seca que precisei forçar as palavras para fora da boca.

Jackson colocou as doses de tequila na nossa frente e Jenny ergueu a dela.

O braço de Ace estava roçando o meu e o cheiro do seu corpo, sabão e masculinidade misturados, chegava até mim. Puta merda! Eu precisava de outra dose.

Jenny abriu a boca. — A...

— Novas amizades — Rex completou.

Bebi como se fosse para salvar minha alma. A tequila desceu queimando pela garganta e, em poucos minutos, eu podia sentir as duas doses correndo através das veias.

Nik caminhou até o balcão e colocou a mão no ombro de Ace. — Nós vamos sentar para comer ou ficar no balcão?

Ace se virou para Nik e então olhou para Jackson. — Eu irei pagar e tudo o mais que elas queiram. Ace disse.

— Não, está tudo bem. — Eu disse.

Jackson entregou a conta para Ace que a segurou entre dois dedos. Não queria que ele pagasse, eu era uma mulher independente. Virei o meu corpo para encará-lo.

— Eu vou pagar, sério — insisti.

Ele acenou a conta na minha frente. — Parece que eu tenho isso.

Olhei para sua camisa e então, estreitei os olhos. Ele me deu um pequeno sorriso e, em seguida, ergueu ligeiramente uma sobrancelha. Minha respiração acelerou.

— Você não está facilitando as coisas — sussurrei, mais para mim mesma.

Ele inclinou e sua respiração tocou suavemente meu pescoço.

— Ace e fácil nunca estão na mesma frase.

— Eu acho que algumas pessoas discordariam disso, considerando sua reputação após o show. Talvez esse possa ser o título do meu próximo artigo? Acho que as pessoas iriam gostar, não é?

— Desafio você — respondeu, estreitando os olhos para mim.

Senti meu rosto ficando vermelho e não sabia se era culpa da tequila ou de Ace. Talvez fosse uma combinação dos dois?

Nik e Rex voltaram para uma mesa no canto onde Jax estava sentado e fizeram o pedido. Jenny desculpou-se, dizendo que ia ao banheiro, levantando um polegar pelas costas de Ace. Balancei a cabeça para ela.

— Então o que deixa você mais louca? O fato de que está atraída por mim ou a ideia de que nunca vai conseguir uma entrevista?

— Você é sempre tão egoísta?

Ele explodiu em gargalhadas como se eu estivesse brincando.

— Hmmm... — Ele fingiu que estava pensando sobre a pergunta enquanto batia com o dedo no queixo perfeitamente esculpido. — Quase sempre.

— Oh, você respondeu a uma pergunta — disse, tentando encontrar mais coragem para conseguir ultrapassar aquela linha invisível que ele criara. Pensei que iria precisar de mais tequila antes de ir tão longe, mas notei que as duas doses já tinham ajudado.

— Você acredita em tudo que lê? — Ele virou todo o corpo para mim e apoiou o queixo em cima do punho fechado.

— Sim. A menos que sejam tablóides.

— Escute, boneca. Eu disse que não ligo para os jornalistas, que não falo com eles. Obviamente... — Ele inclinou a cabeça.

Fiquei em silêncio, esperando ele sumir atrás da parede invisível que construí em torno de mim. A tequila tinha me ajudado a encontrar alguma confiança, mas não toda ela.

Ele sorriu para mim. — Você. Você, Elizabeth Riley...

Jenny voltou para o bar neste momento e sentou ao meu lado.

— Pronta? — Ela se inclinou e olhou para Ace, em seguida, para mim.

— Sim. — Puxei uma nota de vinte do bolso e a coloquei sobre o balcão, olhando para ele.

— Até mais, Ace. — Disse Jenny.

— Yep. Tchau, Elizabeth. — Disse ele, com os olhos fixos nos meus.

Inclinei a cabeça para ele e Jenny segurou meu braço, me puxando para frente do restaurante.

— Que diabos! — Disse ela.

— O que?

— Ele, obviamente, estava flertando com você.

— Não, não estava. Ele só estava sendo idiota. — Coloquei as mãos nos bolsos, tentando pensar sobre o que exatamente nós conversamos. Antes de abrir a porta e sair dei um último olhar para onde eles estavam sentados, e vi que ele estava me observando.

Quando pisamos na calçada, senti que poderia respirar novamente. O peso que tinha pressionado contra o peito tinha ido embora, mas foi substituído por uma emoção estranha, que corria através do meu corpo, enquanto caminhávamos de volta para o local do show.

— Eu não posso acreditar que Ace Hathway estava flertando, ou tentando flertar — disse ela.

— Você e ele...?

Jenny começou a rir. — Deus, não. Acredite em mim, nunca tivemos nada. Só faz muito tempo desde que o vi tentar.

O sol estava brilhando e mal podia esperar para chegar ao ônibus, mas Jenny insistiu em mostrar onde eu tinha que ficar esta noite. Caminhamos em frente ao palco até a cabine de som que ficava bem no meio da platéia.

— Não há espaço suficiente para mais de duas ou três pessoas aqui. Mas é perfeito para fotos. O espaço ao lado não é grande coisa, confie em mim. Algumas das fotos que vi eram terríveis — disse ela.

Eu estava exatamente no lugar que Jenny falou, e ela tinha razão, este seria o local perfeito.

— Você vai na festa depois do show esta noite, certo? É uma das maiores e é considerada o pontapé inicial por todos os fornecedores e patrocinadores.

— Eu não perderia isso por nada neste mundo. — Mas o que eu queria dizer era, eu não poderia perdê-la por nada neste mundo ou Jules me mataria.



Capítulo 11

Ace

Horas se passaram desde que a vi pela última vez, e o fato dela ter ficado em silêncio estava me deixando louco. O que ela estava pensando? Ela mal tinha dito algumas palavras. E se eu tivesse sido muito babaca? Sabia que tinha uma dessas personalidades difíceis, mas não era porque eu queria.

— O que há com você, mano? — Nik perguntou.

Olhei para ele.

— Você parece mais agitado que o normal, o que não quer dizer muita coisa, mas ainda assim...

Eu balancei a cabeça quando ele inclinou suas costas contra o balcão com uma cara séria, que logo se abriu em um grande sorriso. Mostrei o meu melhor olhar mortal, que terminava com uma carranca, e me preparei para sair.



— De jeito nenhum. — Nik deslizou para frente na mesa, colocou o queixo sobre os punhos e se inclinou. — É a jornalista, não é? Ela mexeu com você.

— Não, fode. — Não esperei nem um segundo antes de falar novamente. — Não.

— Eu mal posso esperar para contar a Rex e a Jex.

Revirei os olhos para ele e inclinei a cabeça para trás. Quando olhei novamente, ele ainda estava de pé, com um sorriso idiota estampado no rosto.

— Todos nós vimos o que aconteceu no Texcali, você não foi sutil. Até mesmo Jenny percebeu. Eu acho que a única que não percebeu foi a Elizabeth.

— Nik, porra, eu não penso nela assim. Ela é loira e você sabe como me sinto sobre loiras. Não. São. Meu. Tipo. Ela é praticamente indefesa, é desajeitada e caseira e muito, muito tímida. Não é corajosa, a menos que beba. Ela é tudo o que eu não gosto ou quero. É completamente o oposto do meu tipo, na verdade.

— Mas ela canta bem e toca guitarra. E foge de você como o diabo foge da cruz. Você está intrigado e é exatamente por isso que ela está prendendo suas bolas.

— Eu não acho isso, porra! — Levantei e caminhei até a parte de trás do ônibus, sentando na beira da cama e passando as mãos sobre o rosto.

Porra, eu era muito jovem para me sentir assim tão velho. Mas tinha que admitir, havia alguma verdade nas palavras de Nik, talvez ela estivesse mexendo comigo. Deixei escapar um suspiro e deitei na cama.

O que diabos eu estava fazendo?

Flertando?

Eu não flertava.

Eu não precisava. Ace Hathway conseguia o que queria sem fazer nada. Elizabeth Riley não jogava sob as minhas regras e tenho certeza que jamais o faria. A verdade era que ela me intrigava, muito mesmo.

Coloquei os braços atrás da cabeça e fechei os olhos, em seguida abri e peguei meu telefone. Tínhamos exatamente quatro horas antes do show começar, e se eu continuasse deitado aqui, ficaria louco.

Levantei e passei por Nik, indo para fora do ônibus. Era normal estar por perto enquanto a instalação estava acontecendo. Gostava de observar as pessoas suarem e trabalharem duro. Significava muito para mim que eles deixassem suas famílias para estar com a minha.

Miley estava encostada à parede rindo de uma mensagem de texto.

— Do que você está rindo? — Perguntei.

Seu rosto imediatamente se transformou e ela rosnou. — Não é da sua conta, Hathway.

Enquanto estava falando com Miley, vi Elizabeth e Jenny em pé na cabine de som. Miley me explicou a situação de ingressos sendo vendidos por fora, e que os cambistas estavam pedindo quatro vezes mais que o preço estipulado. Mas eu olhava para elas. Miley olhou para onde as duas estavam, e depois para mim.

— Olhar de águia — disse ela.

— Só tendo certeza que elas não estão planejando cortar meu pau ou, você sabe, sabotar o show — falei rindo.

— Como se Jenny fosse fazer isso. Ela acha que vocês são os melhores.

— Ela ainda tem muito a aprender sobre a indústria.

— Dê um tempo. Ela está "ralando a bunda" e fazendo o melhor que pode.

Miley colocou as mãos nos quadris e balançou a cabeça para mim. Revirei os olhos e esperei o ataque, mas não veio. Eu andei pelo palco para ver se a guitarra e o teclado estavam

no lugar, prontos para o show. Não consegui evitar o sorriso que apareceu em meus lábios. Nik fez isso acontecer. Quando olhei para a esquerda do palco, imaginei a platéia, sabendo que esta noite seria cheia de corpos suados, todos lá para nos ver.

Por um momento esqueci que Elizabeth estava lá, até que ela entrou no meu campo de visão. Houve uma conversa silenciosa entre nós, e eu queria conseguir decodificar cada piscar de olhos.

Merda, talvez Nik estivesse certo.

Talvez Elizabeth Riley estivesse prendendo minhas bolas.

Parei de olhar e me afastei. Quando saí do palco, Jenny e Elizabeth estavam passando e, por um momento, pensei que elas estavam fazendo isso de propósito.

— Eu tenho que pegar o meu talão de recibos — disse Jenny a Elizabeth, e a deixou sozinha comigo. Talvez eu precisasse evitá-la da mesma forma que ela tinha me evitado. Enquanto eu caminhava pelo estacionamento, a ouvi dizer alguma coisa.

— Por que você não deixa ninguém te entrevistar? — Havia atitude em seu tom, algo que ela mantinha escondido. Aquele pequeno vislumbre de uma mulher feroz me fez querer juntar as peças, como se ela fosse um quebra-cabeça.

Diminuí a velocidade, em seguida me virei e levantei cabeça. Ela ficou imóvel. Dei alguns passos, diminuindo a distância entre nós, e levantei uma sobrancelha quando percebi que seu corpo ficou tenso. Olhou como se eu fosse fogo e ela gelo, e a qualquer momento poderia derreter sob meu olhar. Demorei todo o tempo do mundo para memorizar seu rosto, passar o olhar pelos seios e para baixo, no estômago, antes de voltar aos olhos. Observei até que ela não podia mais suportar, até que sua confiança escorresse como água. Se ela queria conversar, ela precisava ser capaz de dar o exemplo. Saber que eu poderia fazê-la se contorcer provavelmente a enfurecia, a levando ao inferno. Boa. Eu gostei disso.

Uma sugestão de um sorriso, surgiu no canto dos meus lábios. Mais tempo se passou e ela não disse nada. Peguei sua mão e a levei para baixo de uma árvore perto do ônibus, saindo do sol escaldante.

— Eu vou te dar essa entrevista, Elizabeth.

Sua boca abriu quando o choque tomou conta dela, mas eu não tinha terminado.

— Mas, para cada pergunta que você fizer, você perde uma peça de roupa.

Levantei novamente uma sobrancelha, os lábios apertados em uma linha reta. Ela engoliu em seco e

encontrou sua voz depois de silenciosamente contar quantas peças de roupas estava vestindo.

Isso mesmo, querida, quase nada. Um top, short, sutiã, calcinha e chinelos de dedo.

— Isso é um total de cinco perguntas sem nenhuma dignidade sobrando — disse ela, ainda pensando.

— O tempo acabou, querida — falei, em um rosnado baixo.

Coloquei as mãos nos bolsos e me afastei, a deixando tão frustrada quanto ela várias vezes me deixou. Independentemente se ela fazia isso de propósito ou não, o retorno era uma cadela. Mas eu amei dar o troco.

Ela se afastou em outra direção. Posso dizer que pela rapidez, estava irritada, e não pude deixar de rir. Talvez eu estivesse prendendo suas bolas também.

Caminhei em direção ao ônibus, incapaz de segurar o sorriso. O olhar de Nik brilhava ferozmente por cima da borda do copo quando entrei. Revirei os olhos enquanto Jex terminava seu discurso retórico sobre o calor, lembrando que estava meio morto por causa do verão e que estávamos no sul, onde a umidade era uma merda.

— Você ouviu o que eu disse? — Nik perguntou.

Balancei a cabeça, servi outra dose, e coloquei na frente dele com um sorriso, na esperança de que a bebida iria curar seu humor azedo.

— Não — respondi.

— Eu contei a Rex e Jex sobre sua namoradinha e que ela toca guitarra.

Meu rosto foi de feliz a sério em uma fração de segundo.

— Eu não tenho namorada.

— Se você disser que ela não é sua, então eu vou dar em cima. Ela é sexy como o inferno. Esse short pequeno de hoje... merda! Era quase demais para aguentar — disse Rex, ajustando-se nas calças, com um enorme sorriso.

Olhei para ele, me certificando de que entendeu a mensagem alto e claro.

Elizabeth Riley já estava na minha linha de visão e ele podia ir se foder.

Capítulo 12

ELIZABETH

Tudo o que eu podia ouvir era a voz de Jules se repetindo.

Se você fizer essa entrevista, terá Jack na palma da mão. Ele quer que você falhe, espera que você falhe. Mas você não pode falhar. Você não vai falhar.

— Merda — sussurrei baixinho, enquanto voltava para o ônibus com o rosto sério. Da próxima vez, não hesitaria quando ele fizesse uma oferta, independente de onde estivéssemos. Faria exatamente o que ele não imaginava, o inesperado.

Droga. Precisava desta entrevista, mas também tinha minha dignidade. Jules deveria ter escolhido outra pessoa. Tirar a roupa na frente dele me fez ter vontade de correr para as montanhas, ou reservar um voo de volta para casa, para a tranquilidade do meu apartamento, para meu gato.

Verdade

seja dita, as chances desta entrevista acontecer não estavam a meu favor.

Enquanto caminhava de volta para o número seis, me dei conta que Ace e Jack estavam na mesma equipe. Juntos seriam a razão pela qual eu iria falhar. Mas eles teriam uma grande surpresa, porque não me sinto um fracasso, não nessa turnê, nem nunca. Eu tinha grandes metas e sonhos a realizar e, finalmente, queria trabalhar para a Rolling Stone.

Quando entrei no ônibus estava exausta, mas se eu dormisse agora ficaria acordada a noite inteira. O objetivo de hoje era ficar o máximo de tempo lá fora, para que quando voltasse não ter outra escolha a não ser dormir. Eu tinha que fazer isso ou a exaustão seria minha sombra.

Hoje a noite uma banda que eu não conseguia lembrar o nome iria abrir o show da *Band of Brothers*. O pré-show começaria em duas horas, então em pouco tempo precisaria sair. Eu queria fazer todas as fotos que pudesse, e talvez conseguir uma rápida entrevista. Nunca se sabe, mas uma banda pequena poderia se transformar em um grande sucesso. Às vezes oportunidades aparecem quando menos se espera.

Verifiquei se as lentes estavam na case da câmera e peguei mais alguns cartões de memória. Se as fotos ficassem

tão boas como Jenny disse que ficariam, teria que colocar um cartão novo em breve.

Coloquei a câmera nas costas, peguei uma garrafa d'água, meus óculos de sol e saí do ônibus. Romeo estava no backstage dando direções à equipe de palco. Ele acenou na minha direção e eu respondi enquanto caminhava até ele.

— O pré-show começa em poucas horas — disse ele.

— É. Você conhece a banda? Qual é o nome?

— Learn to Fall. Jadon, o vocalista, está à direita do palco. — Romeo piscou para mim.

Dei um enorme sorriso e caminhei em direção ao palco, puxando meu pequeno bloco de notas que estava no bolso do case.

Eles estavam fazendo a verificação do microfone da bateria e as batidas ecoavam por todo o palco. Assim que os vi em pé, conversando num pequeno círculo, eu queria dar as costas e ir embora. Droga, precisava agir como adulta para ter uma chance. Já tinha ido tão longe, o que eu tinha a perder?

Respirei profundamente e fui na direção deles. Jadon me olhou, e depois novamente para seus companheiros de banda. Um delineador acentuava a forma dos seus olhos

castanhos, e ele estava usando calça skinny, camisa jeans com os botões abertos e um chapéu fedora.

Rockstars pensei, sacudindo a cabeça.

Vá lá e faça, sussurrei para mim mesma.

Estava perto o suficiente para ouvir suas vozes. Jadon olhou mais uma vez para mim e me deu um sorriso de menino que, eu tinha certeza, levava as mulheres a loucura.

— Oi Jadon — disse, sem gaguejar muito. — Sou Elizabeth Riley da PHASE Magazine. Você se importaria em responder algumas perguntas?

Seu rosto se iluminou. — Sério?

— Bem, sim — respondi rindo.

— Foda-se, claro que eu não me importaria.

Eu sorri. Finalmente, alguém estava disposto a responder minhas perguntas. A equipe de palco continuava a verificar os microfones da bateria e a batida constante era perturbadora. Olhei para a bateria e depois para ele.

— Vamos sair daqui. Siga-me — disse ele. Andamos juntos pelo lado do palco até chegar a uma sombra. Eu já gostava dele. Parecia gentil, verdadeiro e amigável, embora sua aparência fosse hardcore.

— Então, você é britânico?

— Por que você está perguntando isso? — Disse, em um sotaque britânico que quase fez meus joelhos dobrarem.

Esse sotaque... Deus, me ajude.

— A maneira como você se veste — respondi, com um riso nervoso. Ele olhou para o que estava usando, e foi nesse momento que notei as unhas pintadas de preto. Era a combinação perfeita do heavy metal e do moderno, como se tivesse criado seu próprio estilo.

— Há quanto tempo vocês tocam juntos?

— Desde que éramos adolescentes irritados com o amor. Cerca de dez anos, eu acho. Uma garota bonita quebrou meu coração, então escrevi uma música sobre o quanto odiava o amor. Era a típica canção anti-amor, e as pessoas adoraram.

— Uma canção anti-amor... Tem uma 'pegada' nisso.

Jadon se encostou no corrimão da escada que levava para o palco.

— Como você se sente fazendo a abertura da *Band of Brothers*?

— É a oportunidade de uma vida. Nós somos fãs deles há muito tempo. Acho que minha resposta seria: muito foda, porra!!!

Eu olhei para o seu rosto e soube imediatamente que estava sendo verdadeiro em sua resposta.

— Existe alguma coisa que você gostaria de dizer aos seus fãs?

— Rock é muito fodido!

Eu explodi em uma gargalhada e ele levantou a mão, fez o símbolo do rock e mostrou a língua.

— Bem, isso é tudo por agora, eu realmente agradeço pela entrevista. Vou fazer as fotos desta noite e gostaria de enviar algumas delas a você por e-mail

Entreguei meu bloco de notas e ele escreveu o endereço de e-mail e o número do celular. — Ligue-me se precisar de mais informações.

— Muito obrigada — disse, dando-lhe um aperto de mão firme.

Quando estava saindo ele se virou, mostrou a língua e fez o símbolo do rock mais uma vez. Eu balancei a cabeça e ri. Quando me virei, bati em algo duro. Um peito. Olhei para cima, e direto nos olhos castanhos de Ace.

— Vocês dois pareciam bem sociáveis — disse, colocando as mãos nos bolsos.

Meu sorriso instantaneamente desapareceu e bufei um suspiro.

— É porque, ao contrário de você, ele realmente quis responder às perguntas. — Olhei sério, mas não funcionou. Ele abriu a garrafa de água e bebeu.

— Cuidado. Jadon é matador — disse Ace.

Afastei-me, mas ele ficou no meu calcanhar, com seus passos largos. Eu andei ao lado da estrutura indo para a segurança da cabine de som. Mas minhas emoções venceram, então parei e me virei para ele. Quando abri a boca para dizer alguma coisa, ele falou.

— Estou me sentindo um pouco desrespeitado, Elizabeth. Posso até imaginar o tipo de coisas que você já escreveu sobre mim.

Ele estava a centímetros do meu rosto, me deixando completamente perturbada. As paredes internas que me protegiam tinham caído, e entrei em 'modo ataque'. Ele precisava entender que o seu lugar não era na minha bolha ou nos meus assuntos. Ace continuava a me testar e eu não gostava disso.

— Eu sou uma jornalista, não alguém mandado aqui para beijar sua bunda, seus pés ou o chão que você pisa. Não estou escrevendo um artigo sobre o que eu penso, estou

escrevendo os fatos, e deixando que outros julguem como quiserem.

Ele sorriu o que só me frustrou mais.

— Eu não quero jogar o seu jogo. Você age como se todo o universo girasse ao seu redor. Não tenho certeza se percebeu, mas nem sempre é sobre você, Ace. Às vezes é só sobre a música, então pare de olhar para seu umbigo. — Engoli em seco, sabendo que tinha falado demais quando o rosto dele foi de suave a fechado. Ele era irritante e eu não tinha certeza de quanto mais poderia aguentar antes de dar o fora. Seria assinar uma sentença de morte profissional, mas com tudo que ele me fazia sentir, talvez valesse a pena considerar. Era tudo muito confuso.

Esperei que fosse embora, mas ele não se moveu. Manteve-se firme. Seu olhar intenso passou através do meu corpo, quase me derretendo. Ele tirou as mãos dos bolsos e lentamente aplaudiu.

— Muito bem, Elizabeth. Parece que mesmo sem a coragem líquida, você tem bolas. Ao dizer essas coisas, está me mostrando a pessoa terrível que você acha que eu sou. — Suas palavras eram quase sarcásticas.

Ele fechou o pouco espaço que havia entre nós, sua respiração no meu rosto. Foi aí que percebi que talvez eu já estivesse em sua órbita, que estive sendo puxada por sua

força gravitacional, cada vez mais, até que entrei em sua atmosfera. E uma vez que isso aconteceu, havia apenas dois cenários possíveis: queimar na reentrada ou colidir com o solo e quebrar em um milhão de pedacinhos. Pressentia que qualquer tipo de emoção com Ace Hathway acabaria em destruição e desgraça.

Eu precisava ficar consciente do meu lugar como o jornalista e fotógrafa, e somente isso.

Mas meu corpo respondia a sua voz e ele percebeu.

Uma pequena parte minha queria ficar invisível, enquanto meu coração batia rápido, porque ele estava muito perto. Percebia que estava lentamente deslizando por uma ladeira escorregadia, sem retorno, e não queria cair sem lutar. Odiava admitir que o cabelo bagunçado e o meio sorriso, combinados com olhos castanho esverdeados que pareciam ver através de mim, eram demais para resistir. O homem, à sua própria maneira, era um deus, e dava para entender por que as mulheres ficavam obcecadas. Mas eu nunca me considerei uma daquelas mulheres, de modo que meu cérebro iria lutar contra meu corpo. Meu lábio inferior tremeu quando estávamos bem perto, congelados no tempo e envoltos em silêncio.

Por mais que eu quisesse, não conseguia prever seu próximo movimento. Ace Hathway era imprevisível, o que

causava uma mistura de emoções que quase me estrangulavam com a intensidade. Fechei os olhos, na esperança que ele sumisse, mas quando os abri, seu corpo estava relaxado e sua confiança estava em pleno vigor. O carisma de Ace era muito perigoso.

— Agora, o que você estava dizendo sobre beijar minha bunda? — O lábio inferior roçou levemente o meu enquanto ele me absorvia profundamente em seu íntimo e me segurava em seu transe. Minha reação imediata foi de passar a língua no lábio para que pudesse sentir o gosto dele. Quase fiz isso.

— Isso é errado — sussurrei.

— Errado porque você quer isso?

Deixei escapar um suspiro e dei um passo atrás. Eu não devia abrir essa porta. Não faria isso.

— Não sou uma groupie ou mesmo uma fã. Sua fama não me seduz.

— E isso é o que torna esta caçada um desafio. Não sou ninguém para você e gosto disso.

— Você não está me perseguindo.

— Então por que você está constantemente fugindo?

Eu pensei que era forte.

Eu pensei que eu poderia lidar com isso.

Mas eu estou fora de controle.

Olhei para as profundezas dos olhos castanhos e encontrei a coragem de virar e ir embora. Ele era muito intenso, muito para mim. Percebi enquanto caminhava em direção à cabine de som que Ace estava certo, eu estava correndo para longe dele, correndo o mais rápido que podia.

Mas ainda não era o suficiente.



Capítulo 13

ELIZABETH

Roxos desvaneceram-se em azuis e azuis em verdes, que se transformaram em rajadas amarelas de luz iluminando o palco e a multidão. A fumaça tomou conta do chão e me fez lembrar quando as nuvens de tempestade corriam através do céu. O pré-show tinha empolgado o público e não havia uma única pessoa sentada. Entendi o que Jadon falou sobre as músicas anti-amor. As palavras eram pesadas, e as letras saiam de sua garganta como um rugido forte, deixando a multidão totalmente hipnotizada. Eles não tinham que trabalhar muito para cativar o público, eles os conquistaram a partir do momento em que pisaram no palco.

A multidão gritou e cantou todas as músicas. As duas bandas eram uma mistura perfeita, uma espécie de biscoitos com leite. Quando a *Band of Brothers* começou, todo mundo marcava o ritmo da música balançando a cabeça e



mexendo

com o corpo. Olhei para Jenny enquanto ela dançava e fiz um rápido sinal de positivo, indicando que as fotos estavam perfeitas. Quão sortuda eu era em conhecer alguém tão amigável e prestativa? Em um mundo onde todos esperavam que eu caísse, ela estava lá para impedir a minha queda. Suspirei e continuei trabalhando.

As mãos na parte inferior das fotos, junto com o brilho das luzes ao fundo, produziram uma imagem quase sobrenatural. Eu tirei várias fotos e as revisei rapidamente. Era o máximo ser capaz de contar uma história através do ângulo da minha câmera e como meus olhos a viram. Imagens assim, as pessoas não esquecem. Balancei a cabeça pensando em Jules. A mulher era mais esperta do que eu pensava. Ela acreditou em mim e, olhando estas fotos, entendi o porquê. Eu posso fazer isso.

Um mar de gente se movimentava com os braços erguidos, quase como se fossem as ondas batendo na praia. Continuei clicando, mas tirei meu olho da câmera e estudei as pessoas na multidão. Quem eram esses fãs e quem estaria com a banda desde o inicio? As vozes ecoavam em conjunto todas as músicas. Inclinei a câmera para o lado quando um teclado foi colocado no palco e as luzes passaram de verde para laranja. Quando a guitarra soou as primeiras notas, eu sabia exatamente que música era: The Beatles, 'Let it Be'.

Adorava os Beatles e gostava de tocar suas músicas. Isso me lembrou de todas as grandes memórias de tocar guitarra com meu pai. Vi Ace fechar os olhos e tocar as notas ao piano, e quase esqueci onde estava e quem estava assistindo. Segundos se passaram, mas pareceram horas. A *band of Brothers* me envolveu tanto em seu feitiço que o tempo parecia ter parado. Troquei as lentes tão rápido quanto podia – dei um zoom – e foquei em Ace. Algo se agitou dentro de mim, algo o qual eu não queria admitir.

As pessoas tinham ficado calmas, uma vez que reconheceram a música, começaram a gritar intensamente, aprovando. O clima se transformou em admiração apaixonada. Corpo e braços musculosos estavam em meu enquadramento e eu estava completamente chocada ao vê-lo tocar piano, embora não devesse estar.

Ace parecia perdido na música, na multidão e nas luzes. Era quase como se ele estivesse tocando para si mesmo. Quando fechou os olhos e cantou olhei para seus irmãos, que estavam sorrindo, orgulhosos como o inferno.

Calor escorria pelo meu corpo, seguido por calafrios quando Ace abriu os olhos e olhou diretamente para mim. Mesmo que houvesse uma multidão de pessoas, ele sabia exatamente onde eu estava. Engoli em seco, tentando recuperar o fôlego que ele havia roubado, ainda que estivesse do outro lado e no palco. Meu coração batia tão forte que eu

podia senti-lo balançar através de mim. Fiquei alheia ao público, completamente perdida em seu transe.

Quando a música terminou, ele acenou na minha direção, e voltou a ser um rockstar, prendendo a guitarra no seu corpo forte. A multidão se empurrava, chegando tão perto do palco quanto possível, com as mãos levantadas, prontos para o rock.

— Obrigado! Obrigado! — Ele riu ligeiramente e deu um pequeno sorriso de lado para a multidão. — Isso tudo foi feito por Nik. Obrigado, irmão.

Ace levantou a mão para Nik, que respondeu com uma rápida continência.

Não consegui deixar de sorrir com a brincadeira entre os dois.

Ace olhou para Jex com um sorriso no rosto e assentiu. Ficava óbvio que eles estavam compartilhando algum tipo de piada pessoal.

A canção 'One Night Stand' explodiu, o que significava que Ace iria escolher uma menina para a noite. Meu coração simplesmente afundou. Ele estava lindo vestindo uma camisa branca de mangas curtas, que me deixava ver, sem nenhum esforço, os músculos do estômago. Com precisão, ele mexeu os quadris e os ombros, deixando as mulheres loucas.

Lambi os lábios e continuei a fotografar. Como eu imaginava, ele escolheu uma morena bonita na multidão, muito parecida com a menina da noite anterior. Talvez ele tivesse um tipo: cabelo castanho e sacanagem. Minhas bochechas ficaram quentes e senti uma dor no fundo do estômago.

Por que eu me importava? Não deveria dar a mínima para Ace Hathway ou com quem ele estaria transando hoje à noite. Mas o pensamento de seus lábios no corpo de outra mulher me deixava com raiva. Será que eu estava com ciúmes? Talvez fosse como as outras mulheres na multidão, atirando punhais nesta estranha que ele havia puxado aleatoriamente para o palco. O que diabos eu tinha a ver com isso? Eu estava perdendo o controle e precisei virar a cabeça para parar a raiva que fervia dentro de mim. Ace poderia fazer o que quisesse, e eu não tinha nada com isso. Que ridículo!

A música terminou e o palco ficou escuro. Tentei me recompor neste meio tempo. Consegui vê-la caminhar para o lado do palco em seu vestido branco, que praticamente brilhava na escuridão. O show estava quase no fim, e eu mal podia esperar para que terminasse. O respeito que Ace tinha ganhado desapareceu imediatamente.

A bateria soou, seguida pelo som do baixo. A batida mantida em curso e em seguida Nik dedilhou um acorde. Ace

fez um o solo na frente do palco e caminhou até o microfone. A letra era emocional, áspera, e por um momento senti que foi feita para mim.

Eu nunca vou ser o único para você.

Havia tanta verdade nessas palavras.

Os irmãos saíram do palco e demoraram uma eternidade para retornar. A multidão não desistia. Eles gritavam e gritavam até que eles voltaram ao palco. Em todos os shows havia um bis de três músicas. Ace voltou ao palco, passando por Rex, com uma guitarra presa ao corpo e o punho fechado no ar, se movendo no ritmo da multidão cantando. Estava terminando, e eu quase não podia aguentar.

Olhei para Jenny que estava sorrindo enquanto ajustava alguma coisa e se concentrava na mesa. Ela me deu um rápido sinal de positivo e em seguida voltou o foco para a banda. A última música começou e cada um deles deu ao público o seu melhor. Ace pulou no palco, com a guitarra na mão enquanto cantava, como qualquer rockstar de verdade faria. Ele andou até Nik e solaram juntos, sorriu para Jex, e em seguida, focou a atenção em Rex. Quando a música terminou, eu estava exausta de observá-los. A multidão foi à loucura quando Ace tirou a guitarra e jogou do outro lado do palco, para um técnico pegá-la. Engoli em seco, não podia acreditar, mas eu tinha sido rápida o suficiente para tirar

uma foto da guitarra deixando sua mão. E se a pessoa do outro lado do palco tivesse deixado cair? E se ele não tivesse jogado com força suficiente para chegar ao outro lado? Descuidado. Balancei a cabeça e preparei a câmera para mais uma foto. Eu nunca iria tratar um instrumento desse jeito.

— Vamos para a festa? — Jenny perguntou, quando caminhei para os degraus que levavam para fora da cabine.

— Claro que sim. — Parei de andar e esperei ela chegar até onde eu estava.

— O show foi ótimo, não foi? — Ela estava muito animada.

Colocando o case da câmera no ombro, olhei para o palco e vi Ace falar com a garota de vestido branco. Jenny seguiu minha linha de visão e me deu um pequeno sorriso doce, embora seus olhos parecessem tristes.

— Não se preocupe com isso — disse ela.

Suas palavras eram sinceras, mas fiquei um pouco confusa.

— Eu não estou preocupada *com isso*, confie em mim. — Sorri mais uma vez e descemos os degraus.

— Encontro você no ônibus. Alguns SUVs vão nos levar para o local.

— Parece ótimo. Oh, espere, o que devo vestir?

— Algo bonito. Vou colocar uma saia e um top. Essa cidade é quente como o inferno.

— Então, alguma coisa de garota?

— Sim. Mostre essa cintura incrível e os quadris. — Ela sorriu para mim.

Pensei em tudo que havia na minha mala, e quando estava mentalmente combinando as peças um pensamento me ocorreu: *eu nunca me preocupava com minha aparência. Por que diabos isso importava agora?*

Dei mais um passo e me misturei com a multidão suada, que se movia em direção à saída. Era bom estar com todo mundo, mesmo que por apenas um momento.



Capítulo 14

Ace

Após o show, dispensei a menina e fui para o ônibus sozinho me aprontar para a festa *kick-off*. Festas depois de um show eram desgastantes, a sensação era que continuava no palco por causa dos profissionais da indústria da música que nos rodeavam, os holofotes ainda estavam ligados e brilhantes. Esta era a festa que dava o pontapé inicial na turnê de verão, e onde nossa gravadora agradecia a todos os investidores. Esperava-se que agíssemos como fantoches, sorrindo e fingindo que nós amávamos estar lá. Até acho que meus irmãos gostavam, mas estar com esse tipo de gente não era a minha praia.

Gostava quando tínhamos um tempo para viajar antes de ir para a próxima cidade, mas essas festas não eram minha ideia de diversão. Muitas pessoas tentando conversar ou entrar nas minhas calças, e todos pareciam desesperados.





Adorava o





jogo, mas quando as pessoas eram muito fáceis ou muito ansiosas para ficar com a gente, era chato, e sempre deixava um gosto ruim na minha boca. Eu não ligava para gente falsa.

— Você viu as camisetas que aquele grupo fez? Elas eram incríveis. *Bro's* da *Band of Brothers*. Eu amo essa merda — disse Jex.

— Sim, e parece que elas brilham no escuro também — falou Rex.

— Oh, um deles me deu uma. Está no ônibus — Nik gabou-se.

Algumas jornalistas se aproximaram de nós, então, Rex e Jex começaram a conversar sobre a turnê. Acho que foram os decotes que atraíram a atenção dos meus irmãos, e então encarei isso como uma deixa para sair fora. A equipe técnica tinha aparecido e também alguns jornalistas, mas não vi a pessoa que eu estava procurando. Fui ao bar pegar uma bebida para tentar relaxar e ficar mais comunicativo com as pessoas que ajudavam a tornar nosso show impecável. Nós não poderíamos fazer nada sem eles, e na maior parte do tempo essas pessoas não eram reconhecidas. Nik me seguiu, sabendo que eu não deveria ser deixado sozinho em situações sociais como esta.

Debrucei-me no bar e pedi uma Guinness para nós dois.

Encostei as costas no balcão e tomei um gole de cerveja, olhando para a porta da frente.

— Como foi o show? — A pergunta veio de um cara que estava sentado ao meu lado, bebendo uísque.

— Foi um bom show. Eu gosto de tocar na Carolina do Norte — disse, tentando ser social. Sorri para algumas pessoas que estavam nos olhando e Nik levantou a taça.

Então, meu olhar foi atraído em direção a porta, para ver Elizabeth e Jenny entrando. Ela olhou através da sala e acenou para Romeo e alguns dos outros técnicos. Romeo caminhou até onde elas estavam e colocou a mão no ombro dela, para em seguida, os três irem juntos até o bar.

— Você me ouviu, Ace? — Nik perguntou.

— Sim, desculpe, estou um pouco cansado. Estou animado com New York também.

Sabia que a veia no meu pescoço estava pulsando, e se não levantasse e fizesse alguma coisa ou fosse falar com ela, eu iria perder a porra da minha cabeça.

— Vou pagar uma dose para todo mundo que está no bar — disse, e fiz um pequeno círculo com o dedo.

A pequena multidão que estava amontoada na nossa volta começou a bater palmas, pulando e gritando. Elizabeth se virou no lado oposto do balcão circular e olhou

diretamente para mim. Ela segurava uma bebida na mão e fez um pequeno brinde, depois virou, disse algo a Jenny e sorriu.

— Já volto — disse a Nik, bebendo a cerveja restante em um grande gole, para depois cruzar o local em direção a elas.

Ele riu e balançou a cabeça. — Oooookey.

Jenny sussurrou algo no ouvido de Elizabeth e foi embora. A distância entre nós desapareceu rapidamente, mas assim que estava perto, não sabia o que dizer. Porra! Eu não era assim com as mulheres. Mas talvez fosse o fato de que estávamos em uma festa enorme, sabendo que tinha um alvo nas minhas costas e que quando falasse com qualquer menina, ela também teria um.

— Estou feliz que você veio — disse calmamente, meus ombros relaxando enquanto sorria. Ela torceu as mãos e se recusou a olhar na minha direção, agora que eu estava perto e não no lado oposto do bar. A saia preta que mostrava seus quadris e a blusa de renda que expunha seus seios, esquentaram as coisas em mim. Ela estava... linda, e por um breve momento, me tirou o fôlego. Eu precisava ficar no controle.

Os olhos de Romeo percorreram o ambiente e, quando olhou para mim, agradeceu pela bebida, para em seguida se desculpar e sair. Levantei o queixo em resposta e fui para

mais perto de Elizabeth, que tinha dado alguns passos em direção ao bar, quase como se estivesse me ignorando. O que eu tinha feito?

— Vocês dois estão juntos? — Perguntei.

— O que? — Suas sobrancelhas se juntaram e ela estreitou os olhos, enquanto inclinava as costas contra o bar.

— Eu acho que você nunca disse se estava namorando alguém. — Corri os dedos pelo cabelo e depois coloquei as mãos nos bolsos. Queria saber sua resposta. De repente, eu queria saber tudo sobre ela. Queria saber sobre sua infância e sua vida fora do trabalho. Eu queria conhecer Elizabeth Riley porque ela estava me deixando malditamente louco. Por muitas vezes eu me peguei pensando sobre ela e percebi que não sabia nada sobre ela, e desejava mudar isso.

— Eu não acho que isso seja da sua conta, Ace. — Ela tomou um gole da sua bebida e olhou a grande sala, com lustres de cristal pendurados em diferentes níveis. Um pianista tocava canções de sucesso, fazendo com que o evento parecesse ainda mais extravagante do que era. Tule e luzes piscando ornamentavam o teto, criando um efeito de estrelas no céu. Meu braço roçou o dela enquanto eu virava o corpo. Vi Jex e Rex se sentarem junto a Nik em frente ao bar e balancei a cabeça para eles. Ótimo, agora estavam nos observando.

— Então eu gostaria de fazer da minha conta — Inclinei e falei baixo, com a voz rouca. A tensão sexual estava me puxando em sua direção, e mesmo que ela dissesse uma coisa, seu corpo dizia outra. Às vezes, as mulheres eram teimosas, mas nunca na minha vida tinha conhecido alguém tão teimosa quanto ela.

— Eu duvido — disse, tomando outro gole. Vi que seu corpo estava tenso. Ela queria que eu caísse fora, mas eu não iria fazer isso.

— Do que você tem tanto medo? — perguntei baixo o suficiente para apenas ela ouvir.

Virando o corpo em minha direção, olhou nos meus olhos. Meu batimento cardíaco aumentou e eu não conseguia me concentrar em outra coisa. Ela olhou meus lábios, e então meus olhos novamente.

— De me magoar, Hathway.

Minha boca se abriu e eu a fechei rapidamente. Haviam muitas distrações neste lugar e após essas palavras saírem de seus lábios, o barulho pareceu ficar ainda mais intenso. Ela continuava encostada no bar, observando a multidão, e eu não sabia o que pensar.

— Eu nunca iria machucar você — disse, no seu ouvido, para em seguida me virar e pedir duas doses de tequila.

Precisava de algo mais forte. Elizabeth me olhou por cima do ombro, com o rosto em branco. Eu não podia lê-la mais.

Mas era verdade, nunca a machucaria.

— Tequila? —Mostrei a bebida, na esperança de mudar de assunto e aliviar o momento. Tinha ficado muito sério e haviam muitas pessoas por perto. Ela olhou para o copo e depois para mim.

— Não, obrigada.

— Você vai me deixar beber sozinho? Isso é rude.

— Você deveria beber com a mulher que subiu ao palco esta noite.

Eu ri. — Ahh. Entendi. Agora tudo faz sentido. Você está com ciúmes.

Quando ela abriu a boca para dizer alguma coisa, Jenny apareceu.

— Como você sabia que eu precisava de uma dose? — disse, estendendo o braço sobre o balcão. Ela pegou a bebida, brindou comigo e a engoliu em um único gole.

— Obrigada, cara. — Jenny inclinou, com as palmas das mãos pressionadas contra o bar e me deu uma piscadinha.

Eu balancei a cabeça e respirei fundo. Não que eu estivesse indo bem, mas Jenny estava estragando o jogo.

— Oh, me desculpe, eu interrompi alguma coisa? — Ela perguntou, finalmente entendendo.

— Não — Elizabeth disse, e olhou para mim. — Nada mesmo.

Eu virei o copo nas mãos antes de largá-lo e ir embora.

Quando olhei por cima do ombro, vi Elizabeth virando e olhando para mim, como se ela estivesse tentando ler minha mente. Eu não tinha certeza do quanto poderia me segurar, porque estar perto dela era muito intenso.

— O que foi aquilo, irmãozinho? — Perguntou Rex.

— Nada. Apenas uma jornalista ciumenta que quer minhas bolas. — Sorri, tentando fazer piada com isso, mas de alguma forma não era engraçado.

Rex se virou e olhou para Jenny e Elizabeth.

— Será que ela sabe sobre Jenny?

— Não sei, e não importa — disse, frustrado. Passei os dedos pelo cabelo e caminhei até o pianista.

— Posso fazer um pedido?

Ele olhou para mim e sorriu. — Claro amigo — respondeu, ainda tocando.

— Love Me Tender, do Elvis.

— Clássico. Vou tocar depois dessa.

Com um enorme sorriso no rosto, saí atravessando uma multidão de pessoas que começavam lentamente a dançar. Senti como se estivesse novamente no baile da escola, pela forma como as pessoas olhavam quando eu passava. As luzes brilhavam diretamente no meu rosto, ou pelo menos é como eu me sentia. Rex estava dançando com a jornalista que estivera conversando antes e era possível ouvir sua risada ecoando através da música. Jex estava ocupado entretendo um grupo e Nik conversava com Miley.

Quando o piano começou a tocar as notas da música olhei para Elizabeth, que estava sem jeito no bar, sozinha. Ela virou a cabeça e nossos olhos se encontraram, com um milhão de palavras silenciosas soando entre nós. As notas ao piano sempre me lembravam pequenas caixas de música, mas a partir de agora, estariam para sempre ligadas a ela.

Dei alguns passos, sabendo que Elizabeth tinha recebido a mensagem silenciosa para vir até mim. E se ela não viesse, eu iria até ela. Enquanto estava andando uma das executivas me parou.

— Ace, querido, você gostaria de dançar?

Respirei profundamente e coloquei um sorriso falso no rosto, sabendo que eu não poderia dizer não.

— Claro — disse, e estendi a mão.

Ela colocou os braços em volta do meu pescoço e eu coloquei as mãos em sua cintura. Meus olhos encontraram Elizabeth e ela balançou a cabeça e se afastou.

— Então, como está indo a turnê até agora? — Patty perguntou.

— Ótima. Adoro conhecer todo mundo e fazer o melhor show que eu puder.

— Gosto muito de ouvir isso. Você está animado com Nova York? Parece que vai ser ainda maior este ano.

— Eu imagino que vai ser especial. Mesmo local?

— Sim, é um espaço para vinte mil pessoas, se necessário, e é perfeito. Você está trabalhando em músicas novas enquanto está na estrada?

— Estou sempre trabalhando em algo novo, assim como meus irmãos. Espero que quando a turnê termine a gente possa discutir o próximo álbum na reunião de encerramento.

Ela riu, e eu a girei quando música terminou. Quando o pianista começou a tocar 'I Can not Help Falling in Love', um grande sorriso passou pelo meu rosto. Eu tinha que encontrá-la – ponto de partida.

— Se você me der licença. Vou vê-la em Nova York — disse a Patty.

Olhei para Jenny e ela apontou para o outro lado da sala. Agradeci com um aceno de cabeça e caminhei através da multidão. Quando encontrei Elizabeth, ela estava rindo e brincando com os técnicos. Seu rosto ficou indiferente, mas segurei a mão dela e a puxei para a pista de dança. No início, ela resistiu, depois cedeu. Será que eu estava sendo muito persistente? Essa mulher fazia com que eu me questionasse. Merda.

Ela olhou para mim enquanto a música continuava a tocar, e eu sorri e estendi as mãos.

— Não me faça implorar na frente de todas essas pessoas.

— Mas eu não danço.

Peguei suas mãos e a trouxe para perto. Seu corpo mal balançou com a melodia que o pianista tocava perfeitamente.

— Você disse a ele para tocar esta música.

— Não, eu juro que não.

Ela respirou com força. — Por que você está fazendo isso?

— Fazendo o quê? — Olhei em seus olhos.

Nós ficamos na pista de dança, e outra música começou.

— Você sabe exatamente o que está fazendo. Não está funcionando e não vai funcionar. Não é para ser.

— Não sei do que você está falando. — Eu a girei. Seu corpo parecia tão pequeno e frágil nas minhas mãos. Senti como se pudesse levá-la por todo o espaço, ela girava tão facilmente. Depois que fez a rotação completa, os seios se pressionaram contra o meu peito, e ela engasgou.

— Como você aprendeu a dançar assim? — Perguntou, sem fôlego.

Outro giro e mergulho, e a puxei para perto. Olhei seu rosto, consciente de que meus lábios estavam a apenas algumas polegadas dos dela. Droga! Eu precisava me controlar.

Nik e Jenny passaram por nós dançando. Ele com um sorriso estampado no rosto.

— Todo mundo está querendo saber quem é a menina com quem Ace parece dançar tão disposto. — Ele olhou para Elizabeth. — Agora você tem um alvo nas costas, querida.

— Não dê ouvidos a ele — disse Jenny. Os dois eram ridículos juntos.

Ouvi Elizabeth gemer e não pude deixar de rir. Nik também riu quando ele girou Jenny e mergulhou-a. Do outro lado da sala vi Jex apontando o dedo para cima, como se ele estivesse dançando boogie-woogie.

Um fotógrafo apareceu fazendo fotos de todo mundo. Ele parou onde Elizabeth e eu estávamos e rapidamente nos disse para sorrir. O flash era tão forte que deixou manchas nos meus olhos.

— Droga — ela sussurrou.

— O quê?

— Minha reputação está em jogo. Se esta imagem ficar circulando, as pessoas vão pensar que eu dormi com você, ou algo assim, e meu trabalho será completamente desacreditado. Isso não poderia ter acontecido.

— Eu vou cuidar disso.

— Você não pode fazer nada se essas fotos forem parar na rede.

A música terminou e também nosso momento juntos.

— Obrigada pela dança — disse ela. Eu a vi se afastar, pelo que parecia, a milionésima vez. Respirei fundo e me virei quando Jex apertou meu ombro.

— Suas bolas estão presas no momento.

— Por que todo mundo continua dizendo isso, porra? — Fui para longe dele e pedi outra bebida, sentando em um banquinho do bar. Nik se juntou a mim e nós conversamos sobre o tempo, o show, a turnê e as mulheres.

— Você tem que aprender o que as mulheres querem. Você não pode ser um homem das cavernas o tempo todo. Não funciona assim, independente de quem você seja.

Tomei um gole de cerveja e escutei as músicas que o pianista tocava. Todas elas pareciam tristes, doces e...aff

— Eu estou pronto para ir — disse.

Nik assentiu. — Vamos dar tchau a Rex e Jex e ir embora. Eu estou esgotado.

A medida que atravessávamos o salão, olhei para as mesas e grupos de pessoas, mas não a vi em lugar algum.

— Estamos voltando para o ônibus. Eu quero tomar um banho antes de sair — disse Nik.

— Tudo bem, vamos ficar até o final. Nos vemos amanhã — respondeu Jex.

Trocamos abraços, então, Nik e eu fomos para a saída. Uma Tahoe esperava lá fora e quando chegamos perto, um homem de terno saiu e abriu aporta.

— Vem mais alguém?

— Não que a gente saiba — respondeu Nik.

Voltei para o ônibus frustrado pra caralho, porque a única pessoa que ocupava meu pensamento era Elizabeth.

Ela era o oposto do que eu procurava nas mulheres, mas era quem eu queria.

Nik entrou no ônibus rindo de alguma coisa, e nem sequer precisei dizer nada para ele saber que eu não estava bom humor.

— Ace — disse Nik.

Fui até meu quarto, fechei a porta e deitei. Bati o punho na cama para ver se me livrava da agitação.

Tirei a roupa que estava usando e coloquei uma calça solta. Embora estivesse frustrado com Elizabeth, meu pau estava duro.

Fechei os olhos, e estendendo a mão segurei-o. Comecei a mover devagar, pensando nela. O rosto, as curvas que ela tentava esconder com a camiseta e calça jeans, e aqueles lábios. Aumentei o ritmo e senti o orgasmo começando a se construir. Como o pré-sêmen estava na ponta eu o esfreguei em toda a cabeça, tornando-a mais sensível. Imaginei colocá-la na minha cama e transar, suave no início e depois forte. Pensei em seus gemidos, e em como ela iria me pedir para ir mais fundo, com o rosto transformado em prazer absoluto. Eu iria apertar seus seios e provocá-la, colocando meu pau profundamente em sua boceta apertada. Foda-se, mesmo a fantasia com ela era muito quente.

Antes que eu pudesse me preparar, gozei na cueca, com o coração batendo dentro da minha cabeça.

E embora com o estresse temporariamente aliviado, eu ainda não tinha o que eu queria. Elizabeth.



Capítulo 15

ELIZABETH

Eu não estava certa do que havia de errado comigo, mas o ciúme não era um atributo ao qual eu estava acostumada a experimentar. Na maioria das vezes, eu não me importava. Mas esta noite, quando o vi dançando com uma mulher com idade para ser sua mãe, isso só... ugh. Lambi meus lábios enquanto Jenny e eu andávamos de volta para o ônibus. Eu tive que sair de lá antes que fizesse papel de boba, mais do que já tinha feito, ou antes que eu dissesse algo que acabaria por me arrepender.

— Você se divertiu hoje à noite? — Jenny perguntou, me puxando para longe de meus pensamentos.

Eu balancei a cabeça.

— Ele está me deixando louca. Absolutamente louca. Eu não caio por caras como Ace. Isso não acontece.

— Eu acho que ele gosta de você. — Disse Jenny.



O calor correu pelo meu rosto e corpo e uma onda de excitação fluiu através de mim. Tentei me concentrar nos edifícios pelos quais passávamos e suas luzes cintilantes. Depois que ganhei um pouco de controle, virei e a olhei.

— Eu acho que não. — Eu disse.

— Ele gosta. Eu conheço bem o Ace. Ele não olhou para uma mulher assim em anos.

Eu queria lhe fazer um milhão de perguntas. Eu queria saber como ela o conhecia tão bem. Ela era a mulher a quem ele tinha olhado dessa forma? Eu me senti ridícula por esse pensamento, mas minha curiosidade tinha conseguido o melhor de mim.

— Vocês dois já namoraram?

Ela fez uma cara, franzindo o nariz e juntando as sobrancelhas.

— Não. Definitivamente não.

— Será que você namorou com qualquer um dos irmãos?

— Eles *não* são o meu tipo, — disse ela, com os olhos procurando o meu rosto como se quisesse me dizer alguma coisa, mas não o fez.

Eu não sabia qual era seu tipo. Ela nunca tinha falado sobre os homens. Talvez ela não estivessse aberta para rapazes e fosse lésbica, o que estaria bem. Sua preferência sexual não importa para mim.

— Eu não ficaria chateada se você tivesse. E se você não gosta de caras, não é um grande negócio.

Ela fez uma pausa e riu. — Eu não sou gay. Eu amo muito os caras. Eu não tenho nenhuma razão para me estabelecer ou mesmo procurar. E eu também não tenho tempo para isso. Mas se a pessoa certa aparecer, eu consideraria isso.

Eu sorri para ela, me sentindo aliviada que a conversa não tinha sido estranha, porque ela poderia facilmente ter sido. Quando Jenny trouxe o riso na equação, era como se nada mais importasse.

O veículo continuou descendo a estrada e eu deixei escapar um suspiro. Minha carreira andava sobre os meus ombros e estava ficando um pouco pesada demais para o meu gosto. Eu estava em meio a estrelas do rock e em um lugar difícil. Eu ri da minha analogia. Talvez eu estivesse perdendo completamente o juízo.

A eletricidade de dançar com ele continuou a viajar pelo meu corpo e, tanto quanto eu queria dizer que odiei cada segundo, seria uma mentira. Eu podia sentir os olhos nos

observando e desejei que não houvessem tantos. Eu balancei a cabeça imaginando o que todo mundo pensava.

— Você deve lhe dar uma chance. Ele é um grande cara, uma vez que você passar a concha de imbecil. Confie em mim quando digo isso. Eu o conheço há muito tempo. E parece que de alguma forma você está rachando a casca. Então, veja o que acontece. — Ela me cutucou.

— Eu tenho um trabalho a fazer. Isso só vai complicar as coisas, sabe?

O SUV parou em frente ao nosso ônibus e nós agradecemos ao motorista pelo passeio e saímos. Olhei para o ônibus um e vi que as luzes estavam acesas e alguém estava andando na área da sala de estar.

A lua refletia em frente ao estacionamento causando salpicos de luz para mostrar o caminho. Desliguei meus pensamentos e segui a sombra alta de Jenny para o nosso ônibus. Uma vez dentro, troquei de roupa e subi no meu beliche.

Jenny subiu no dela. — Pense no que eu disse, ok?

— Eu vou.

Olhei para cima da minha cama com as mãos atrás da minha cabeça até que o ônibus seguiu em frente. Meu coração estava me pregando peças. Quando eu fechei os

olhos, tudo o que eu conseguia pensar era no toque de Ace, seus olhos, a maneira como ele me puxou para perto quando estávamos dançando, e o calor de sua respiração em meu pescoço. Eu abertamente suspirei e rolei de lado.

Antes de adormecer, minha cortina foi rasgada. Abri os olhos e vi Sarah olhando para mim e rangendo os dentes.

— Você se acha tão esperta. Você pensa que, se chegar perto dele, ele vai lhe dar a entrevista de uma vida. Não seja uma puta idiota.

— Desculpe-me? — Eu disse.

— Você me ouviu. Ninguém nesta indústria vai levá-la a sério e ser amiga desta especial, não vai ajudá-la em tudo. — Ela me olhou como se estivesse pronta para arrancar meu rosto.

A cortina abaixo de mim se abriu e Jenny saiu.

— O que você disse sobre mim? — Seu cabelo era uma bagunça e eu poderia dizer que ela tinha recentemente adormecido, mas ela estava com raiva. Mais furiosa do que eu jamais tinha visto.

Elas ficaram nariz com nariz; eu esperei para que elas batessem com um punho uma na outra.

— Você deveria ficar feliz por nós não estarmos em outro lugar neste momento. — disse Sarah.

— Você está me ameaçando? — Jenny estreitou os olhos.

— Não, eu nunca faria uma coisa dessas. — A voz de Sarah pingava sarcasmo no final de cada palavra pronunciada.

Jenny olhou para mim como se não pudesse acreditar no que estava acontecendo. E verdade seja dita, eu não podia acreditar.

— Você é uma piada e não vale a pena. — Jenny disse então rastejou de volta para sua cama. Eu agarrei a borda da minha cortina e a fechei.

Meu coração disparava.

Eu não gostava de confronto. Eles geralmente faziam eu querer me fechar em uma bola apertada, mas agora queria atacar, raiva inundou meus pensamentos...

Mais importante, eu não gostava do fato de que Sarah tinha uma opinião sobre mim por causa de uma dança. Se ela fez, os outros também não o fariam? Ouvi passos pisarem longe enquanto o ônibus continuava na estrada. Inspirei profundamente e exalei. A cortina se abriu em seguida.

De novo não.

Jenny procurou meu rosto. — Não dê ouvidos a ela. Ela é uma cadela e tem sido desde o primeiro dia. Eu estou cuidando disso.

Abri a boca, então a fechei.

— Boa noite. E não a deixe envenenar seus pensamentos. Ok?

Eu balancei a cabeça, então ela sorriu e me fechou dentro do pequeno espaço pessoal que eu tinha. Demorou horas para eu adormecer. Demasiados cenários vagaram por meus pensamentos. A estúpida da Sarah e suas palavras estúpidas eram demais. Haviam muitas jornalistas vadias nesse negócio que estavam muito ansiosas em agradar para obterem a história de uma vida, mas isso não era eu. Isso era, na verdade, o completo oposto de quem eu era.

Fechei os olhos e esperei afastar os pensamentos, mas no momento em que consegui o ônibus rodou até parar, e a agitação normal de quando se chegava ao próximo local começou. Nós já estávamos em Virginia Beach.

Eu não poderia ficar lá por mais tempo. Minha mente estava muito ocupada, e meu corpo estava muito ansioso. Além disso, eu precisava ficar sozinha. Eu pulei fora do meu beliche e vesti umas calças de ioga e uma camiseta e agarrei uma jaqueta leve. Com meu equipamento jogado sobre o meu ombro, fui para a frente do ônibus. Haviam algumas pessoas

sentadas em torno conversando, acordando, tudo estava quieto e escuro lá fora. O motorista deu a volta e pegou o lixo, em seguida, agarrou sua bolsa de viagem. Dei-lhe um sorriso enquanto eu passava.

— Estamos em Virginia?

— Sim, com certeza estamos.

— Por acaso você viu alguma cafeteria aqui por perto?

— Um Starbucks na esquina.

— Você, senhor, é um salva-vidas.

Olhei para o meu telefone e vi que passava das seis. Esta é uma hora sedutora para cafeterias, mas eu arriscaria. Uma leve brisa varreu meus braços, seguido por calafrios. Eu tomei meu tempo andando pelo estacionamento ao tentar sair do local. Eu ainda podia ver algumas estrelas no céu que mudavam de cor a cada minuto que passava do sol nascente. Fez-me lembrar de um anel de humor – a forma como as cores desbotadas de preto para roxo e, eventualmente, azul ou cinza.

Eu andei em torno do canto e vi a sereia verde escuro sorrindo para mim. Nossa, eu amava esse sinal. Era um farol de felicidade. Peguei meu ritmo sabendo que no interior continha tudo que eu precisava. Quando abri a porta, fui recebida pelo que parecia ser o céu do café e vários baristas

sorridentes. Como alguém poderia ser seriamente tão feliz na parte da manhã? Eu tinha que admitir, porém, que era contagioso.

A fila terminava na porta e eu estava esperando pacientemente no final. Vários dos técnicos estavam em fila e eu sorri para os que eu reconheci. Haviam tantas pessoas na turnê que eu não conhecia e eu sabia que não conheceria a todos. Provavelmente, seriam necessários anos de turnês para conhecer os regulares e suas histórias.

Eu tinha um milhão de perguntas. O que essas pessoas fazem quando eles não estão na estrada com uma banda? Será que eles só viajavam com Band of Brothers? Eu fiz uma nota mental para entrevistar alguns técnicos e ajudantes antes do passeio terminar.

Depois que eu pedi, encontrei uma pequena mesa no canto e me sentei. Peguei meu computador, minha câmera e meu bloco de notas, em seguida, comecei a trabalhar. Eu digitei a entrevista com Jadon e procurei através das centenas de fotos que tirei deles tocando para a multidão. Eu escolhi algumas para a revista e outras para enviar a ele através do email. Abri um projeto e comecei a digitar.

O barista chamou meu nome e eu me aproximei e agarrei meu macchiato de caramelo extragrande. Café, para mim, tinha gosto de céu líquido e, se não estivesse tão

quente, eu teria terminado em poucos goles. Sentei-me e continuei a me perder nas fotografias. Eu escolhi dez fotos e as enviei juntamente com o pequeno artigo de *Learn to Fall* enviado a Jack. Eu recebi um email de resposta instantânea dele.

Elizabeth,

Mande um email à Sheila. Ela irá ajudá-la com a turnê de verão.

Jack.

Eu descansei a parte superior das costas contra a cadeira e exalei. Eu esperava conseguir algum tipo de louvor, mas não, não de Jack... nunca. Ele não dava elogios livremente, especialmente para mim. Senti que ele me via como o inimigo público número um, como se ele estivesse esperando que eu regiamente fodesse tudo.

Querendo dar uma resposta sarcástica, eu deletei o que eu tinha escrito e encaminhei meus e-mails originais com anexos para Sheila. Eu estava um pouco irritada que Jack tivesse atribuído a ela o meu projeto. Sheila não tinha experiência em turnês – só no design, mas eu iria tentar fazer o melhor dele.

Os sons do café estavam um pouco perturbadores, então eu puxei meus fones de ouvido da minha bolsa e conectei em meu computador. Eu pressionei aleatório no iTunes e a primeira música que tocou foi 'One Night Stand' por *Band of Brothers*. Mesmo ouvir a música me fez contorcer, porque eu sabia que cada vez que ele tocava, alguém era trazido aos bastidores, e outra marca era acrescentada na parede de mulheres de Ace. Eu abri o navegador da web no meu computador e digitei Ace Hathway, em seguida, minimizei a tela no caso de que alguém olhasse por cima do meu ombro. Havia muitos técnicos vagando.

Um artigo escrito por fãs de *Band of Brothers* há 24 horas apareceu na minha busca Google. Eu o abri sem hesitação.

Ace Hathway, o vocalista do Band of Brothers, é conhecido por romantizar as senhoras, mas até agora tudo isso foi feito de forma privada. Ontem à noite, no pontapé inicial da turnê de verão, ele foi visto dançando com uma mulher. A imagem está abaixo. Fontes dizem que ela é uma jornalista, mas o nome dela não está confirmado. Esta é a primeira vez que Ace foi publicamente visto com alguém desta maneira. Então, quem é esta mulher misteriosa? O que ela faz? Poderia Ace Hathway ter uma nova namorada? Só o tempo irá dizer. Deixe seus pensamentos abaixo na seção de comentários.

Os comentários eram horríveis. As pessoas criticaram a maneira que eu olhava, o que eu estava usando, e qualquer outra coisa que poderiam pensar em criticar. Se isso é estar no centro das atenções, eu não gosto nada. Eles foram odiosos e jogaram com todas as minhas inseguranças. Por mais que eu quisesse parar de ler o que tinham a dizer, eu não podia. Eu estava perdida em toda a negatividade. As pessoas não percebiam que eu era uma pessoa e tinha sentimentos, ou eles estavam tão presos em seu ciúme que não se importavam?

Eu tinha que fechar isso, mas não antes de ler onde alguém tinha anonimamente jogado meu nome e a revista que eu trabalhava na seção de comentários. Eu estava absolutamente chocada. Quanto tempo seria necessário para ser atualizado com o meu nome? O pensamento me fez estremecer. Tudo parecia sujo. Eu coloquei a mão sobre os olhos e tentei reagrupar os meus pensamentos. Sem dizer quanto tempo eu sentei lá naquela mesma posição. Eu estava exausta e frustrada e chateada. O bater na mesa me assustou e eu me endireitei olhando Ace direto na cara.

— Não se preocupe com isso, — disse ele.

— Sobre o quê?

— Eu meio que espiei por cima do seu ombro quando eu estava voltando do banheiro. Não é nada para se preocupar. Eles são sempre maliciosos no site.

—Você não percebe que sentado aqui comigo poderia ser comentado? — Eu sussurrei.

— Eu não tenho vergonha.

Exalei. — Você está tentando me arruinar?

Ele sorriu e ergueu uma sobrancelha. — Não da maneira que você pensa.

Tomei um gole de meu café e esperei o upload das minhas imagens concluir para o servidor antes de fechar meu laptop.

— Eu vou fazer você virar uma fã antes do final dessa turnê, — Ace disse enquanto eu levantava e pegava minhas coisas.

— Eu gostaria de ver você tentar.

— Desafio aceito.



Capítulo 16

ACE

O universo estava constantemente me colocando no mesmo lugar que Elizabeth. Ela vai para o café, eu também vou. Tenho certeza, que ela pensa que tenho algum tipo de dispositivo de rastreamento ou algo parecido, mas não é nada mais do que o acaso e um pouco de sorte.

Peguei meu café e voltei para o ônibus, mas querendo ficar lá. Não conseguia tirar o rosto dela da minha cabeça, ela estava obviamente chateada com o artigo. Eu tinha lido no meu telefone ontem à noite e ignorei, estava acostumado a esse tipo de coisa. Mas eu tentei me colocar no lugar de Elizabeth e tentei sentir o que ela tinha sentido, e consegui entendê-la.

Chegando no ônibus, peguei o telefone e mandei uma mensagem para Jenny.



Eu: Cuide de Elizabeth hoje.

Jenny: O que você fez agora?

Eu: Nada. Ela leu um artigo em um site filha da puta sobre nós, juntos na festa.

Jenny: Ah, entendi. Vou cuidar.

Nik estava na cozinha e colocou água na cafeteira.

— Sério que você foi na Starbucks e não me trouxe um café?

— Desculpe. — Tomei um gole enorme. — Quer um pouco?

— Não, você tem germes das vagabundas — disse Nik, com a voz um pouco áspera.

— Eu tenho tantos germes das vagabundas quanto você, cabeção. — Ri alto e sentei à mesa e Nik sentou na minha frente.

— Se você quiser namorar de novo, eu apoio. Depois de Misty pensei que nunca mais fosse querer.

Lembrei da minha vida há cinco anos atrás. Misty tinha partido meu coração em milhões de pedaços quando me deu um ultimato: a música ou ela. Nunca imaginei que alguém iria querer me fazer desistir de uma parte da minha alma. Eu a amava muito, e teria feito qualquer coisa por ela, menos

isso. Não poderia parar de tocar e fazer shows porque ela queria ser a número um.

Por muito tempo eu pensei sobre o que ela disse. Se realmente gostasse de mim tanto quanto disse que gostava, teria me apoiado. Mas ela era muito ciumenta para lidar comigo viajando em turnê, embora eu fosse um homem de uma mulher só. Misty me destruiu, e eu não tinha levado ninguém mais a sério desde então.

Quando me tornei famoso e ela percebeu que meus sonhos eram realidade, ela voltou rastejando. Mas eu não era mais o mesmo homem que ela tinha deixado para trás, estava mais duro e calejado... do jeito que ela me fez.

— Misty — balancei minha cabeça. Pensar nela me deixava enojado.

— Eu sei, ela é uma vadia. Honestamente, o rompimento foi a melhor coisa que já aconteceu a você. Desviou-se da bala. — Disse Nik.

— Graças a Deus. — Tomei um gole de café. — Uma coisa que eu gosto em Elizabeth é que ela entende a música e minha vida. E ela não fica se jogando em cima de mim. É difícil admitir isso...

— Estou feliz por você. Não estrague tudo. — Nik estava radiante.

— Não pretendo.

Houve uma batida na porta, então, Jex e Rex entraram no ônibus. Eles também tinham copos brancos com sereias verdes em suas mãos.

— Vocês estão brincando comigo? Houve uma viagem dos Hathway até a Starbucks? Vocês sabem do que eu gosto. Nossa. Sinto que sou o irmão menos querido — disse Nik.

— Você é. — Falou Jex, tomando seu café com um sorriso no rosto.

— Planos para esta noite? — Rex perguntou.

— Eu tenho um show para fazer, mas depois disso estou livre — disse, lembrando-os que tinham um show para fazer também.

— Não vai pegar ninguém depois?

Fiz uma careta. — Acho que acabei com isso.

Rex sarcasticamente engasgou. — A jornalista chutou seu saco e fez você mudar de hábitos. Gosto desse seu lado, irmãozinho.

Todos explodiram em risadas. Eles soavam exatamente iguais.

— É esquisito ouví-los. Vocês soam como um bando de robôs que foram programados para rirem juntos — disse.

— Na verdade, tenho planos — Nik falou.

Todos viramos e olhamos para ele, confusos.

— Desembucha — disse Jex.

— Não preciso. — Nik virou a cafeteira em sua caneca, olhando com inveja nosso café.

Jex se levantou e pegou Nik pelo pescoço com o braço. Nik olhou na minha direção e eu dei uma piscada, antes de tomar um gole de café.

— Eu não tenho nada a ver com isso. Não dou a mínima para o que você faz.

— Ok, ok — disse Jex, soltando o braço.

— Mamãe e papai querem que a gente vá jantar com eles após o show, já que estamos apenas a algumas horas de distância. Nós meio que temos que ir. Então, você pode adiar seus planos até amanhã ou algo assim? — Rex falou.

Eu fiquei só assistindo. Nik, que já estava irritado, ficou pior.

— Ok. Mas só porque é a mamãe e o papai. Seria não para vocês, idiotas.

— Depois do show eles vão nos pegar no ônibus. Estejam lá e não façam papai esperar. Ele não liga nenhuma merda para quem nós somos. Eu acho que eles querem ir a

um restaurante que serve cerveja e lanches vinte e quatro horas, ou algo assim — disse Rex.

— Estarei lá. — Terminei o café e fui até a cafeteira, enchendo meu copo descartável até a borda.

Nik me olhou, e eu não pude deixar de rir. Pela primeira vez, não era eu que tinha dormido do lado errado da cama.

— Tenho umas coisas para fazer — disse, saindo da sala de estar.

— Uh-uh, não tão rápido irmãozinho — falou Rex, me puxando pela camisa.

— Todos nós lemos o post na página filha da puta. Assim, pode ir falando — disse Jex.

— Até mamãe e papai perguntaram se você estava namorando com ela — Rex contou.

— Você está falando sério?

— O que é ainda mais assustador é nossa mãe ler um site de fofocas sobre nós. — Nik estava chocado.

Deixei escapar um suspiro grave. — Eu quero ver onde isso vai me levar, ok? Nós não estamos namorando. Na verdade, ela me odeia. É isso.

Nik me deu um sorriso. — Mamãe vai querer saber de tudo.

Balancei a cabeça. — Não tenho tempo para explicar isso para ela. Nós dançamos. Ela odiou cada segundo. Fim.

— Não é isso que os comentários dizem. Inclusive um anônimo colocou o nome dela e a revista para qual ela trabalha. — Rex estava sério.

Todo mundo ficou quieto e eu me virei e olhei para Rex. Peguei meu telefone do bolso e rolei através dos comentários e lá estava, Elizabeth Riley da PHASE Magazine.

— Eu não vi isso ontem. — Minha voz estava calma. Não conseguia parar de pensar em Elizabeth e como ela queria manter o anonimato. Isto era o caos completo. Eu não tinha idéia que alguém tinha descoberto suas credenciais. Seria apenas uma questão de horas antes que começassem a persegui-la, tudo o que precisavam saber estava no site.

— Foi postado esta manhã, e não é bom para ela Ace. Coisas como esta podem arruinar a carreira de uma pessoa. Você tem que ser cauteloso com isso — Jex disse.

— Merda! — Corri para o quarto e peguei meu laptop. — Vou enviar um e-mail para Maria.

Todos me olharam como se eu fosse louco.

— O que?

— Vai enviar um e-mail para a menina que administra o site? Você está louco, porra? E se ela postar seu e-mail?

— Não acho que vai fazer isso. Eu não posso deixar isso acontecer. Vai ficar tudo bem se ninguém souber quem ela é, mas se descobrirem, vai ser demais para Elizabeth aguentar.

— Está tentando protegê-la? Talvez você seja realmente um homem mudado. — Rex estava em choque.

Olhei para ele por cima do laptop e escrevi um e-mail rápido.

— O que vocês acham disso?

Hey Maria,

Como está indo? Tenho um grande favor a pedir. Você pode excluir um comentário com o nome de Elizabeth e, por favor, não repassar a informação? Eu vou ficar bem feliz em te dizer que ela realmente me odeia e foi forçada a dançar comigo naquela festa. As imagens não são o que parecem. Se você fizer este favor, em agradecimento vou enviar algumas coisas bem legais assinadas por todos nós, e alguns cartazes raros do começo da banda. Ah, e também vou ler alguns posts e dizer se são fofocas ou verdade.

Amor e Rock & Roll,

Ace

— Parece que você cagou rosas esta manhã — disse Jex.

— Perfeito! —Pressionei em enviar.

— Você vai confirmar o que é rumor ou verdade? — Nik perguntou.

— Foda-se, sim eu vou. Prefiro que tenha uma fonte verdadeira do que alguém que pensa que sabe. E ela vai me fazer um grande favor.

— Foi chicoteado por uma buceta — disse Rex.

— Buceta é minha kryptonita. — Quando ia fechar o laptop, recebi um e-mail.

Ace, baby,

Você acordou cedo. Faz muito tempo que não falamos. Sobre o seu pedido, vou deletar o post inteiro. Eu li os comentários e eles estavam "fora de mão". Nós não estamos promovendo a negatividade em nossa página. Não há necessidade de enviar nada, mas se quiser verificar os dez últimos posts e me dizer se eles são fato ou ficção, ficaria feliz.

Amor e Rock & Roll para sempre,

Maria.

— Ganhei, cadelas. Maria vai remover o post. Vejam bem, só é preciso um pouco de amor para as mulheres fazerem o que eu quero.

Todos gemeram em uníssono. Voltei para o meu quarto e percorri os posts, todos falsos. Respondi de volta para Maria, agradecendo também por me ajudar.

Fechei o laptop e coloquei-o na cama, orgulhoso de que eu tinha sido capaz de realizar algumas coisas boas hoje.

Peguei meu telefone e mandei uma mensagem para Jenny.

Eu: O post está sendo removido.

Jenny: Bom...Eu não quero saber como você conseguiu isso.

Eu: Confirmei se era real ou fofoca.

Jenny: Vendeu informações.

Ri e andei de volta para onde estavam meus irmãos, discutindo sobre quem era mais quente: Bette Paige ou Marilyn Monroe.

— Nenhuma das duas. Vocês são tão lerdos.

Eles me olharam como se eu tivesse dito um sacrilégio.

Eram meus irmãos eu gostasse deles ou não, mas a verdade era que os amava muito.



Capítulo 17

ELIZABETH

Eu queria dormir por semanas. Meus dias estavam corridos e eu não poderia dizer se era um fim de semana ou dia da semana. Os shows constantes faziam com que cada dia parecesse sábado, mas eu sabia que não podia ser.

Voltei para o ônibus, fechei a cortina, e dormi por horas. Acordei ao som de Frodo fazendo piadas obscenas sobre hobbits, e eu não pude deixar de rir. Quando eu me virei, havia um pedaço de papel no meu beliche com rabiscos de caligrafia difícil de ler na parte externa do mesmo.

Ligue-me, 213-555-4390

Eu estava um pouco confusa.

Olhei fora do beliche e olhei em volta.

— Procurando por alguém? — Frodo perguntou.



— Não — eu disse e amassei o pedaço de papel na minha mão. Depois de um minuto, eu o desamassei e em seguida, abri o meu telefone e digitei o número para poder enviar um texto. Papéis aleatórios com números aleatórios normalmente jogo direto no lixo, mas eu estava intrigada.

Eu: ?

Me liga: ?

Eu: O texto mandou fazer.

Me liga: Elizabeth?

Eu: Quem quer saber?

Me liga: Eu queria falar com você sobre o artigo.

Eu: Ace?

Me liga: Eu pensei que você nunca iria adivinhar.

Ace: Me liga.

Eu adicionei o seu número ao meu telefone e disquei. Como um anel de alta-frequência funcionando, eu podia sentir as batidas do meu coração em meu pescoço.

— Hey — ele disse. Sua voz era baixa e grave. — Esse artigo ridículo foi removido.

— O que?

— Eu cuidei dele para você.

— Wow. Muito obrigada. — Eu não tinha certeza o que mais eu deveria dizer. Foi um gesto simpático, e mesmo sem perceber, eu estava sorrindo.

Silêncio.

— Por nada. Você sabe, eu não estou tentando sabotar sua carreira.

— Sério? — Eu tentei segurar o meu entusiasmo.

Eu não pude deixar de pensar sobre a entrevista que eu não faria e como as imagens de meu rosto foram publicadas na Internet por causa dele. Por enquanto, eu estava feliz que o artigo foi excluído, mas não quer dizer que ele se foi para sempre. Nada na Internet desaparecia, mesmo eu sabia disso.

Silêncio.

— Eu suponho que seja isso, então. — disse ele.

— Eu suponho que seja.

O telefone clicou e a chamada terminou. Eu nem sequer sei o que pensar sobre falar com Ace Hathway ao telefone e eu tinha o número dele. Isso poderia ter sido uma das conversas mais estranhas do mundo, mas foi excitante. Eu tinha o número de Ace Hathway!

Mais uma vez, eu estava presa no meu beliche olhando para o teto. Esta se tornou minha rotina diária. Eu não sabia

o que pensar sobre o que tinha acontecido. Como é que ele conseguiu retirá-lo e por que ele se importava? Eu achava que o *senhor playboy* seria todo orgulhoso de todo mundo vê-lo com as mulheres, mas me enganei. Talvez eu não soubesse quem era a pessoa Ace Hathway.

Os artigos que eu tinha lido e as coisas que foram ditas quando fui designada para o projeto tinham criado um viés, quer eu gostasse ou não. Seria possível para mim apagar todas as minhas opiniões preconcebidas e lhe dar uma nova chance? Mordi meus lábios e, lentamente, balancei a cabeça. Havia muito fluindo através de mim e eu não poderia lidar com tudo isso. Eu precisava me livrar desse sentimento. Eu precisava ir para uma corrida.

Quando eu fico confusa ou preciso arejar a minha cabeça, eu tendo a tocar guitarra ou correr. Tocar estava fora de questão, considerando quantas pessoas estavam fora e a queda da temperatura. Sabia o que eu faria. Correr. Correr até que minhas pernas não pudessem mais ir para frente. Correr até que eu conseguisse classificar o que estava acontecendo.

Eu vesti shorts e uma t-shirt, em seguida, agarrei um blusão e amarrei meus sapatos. Coloquei o meu iPhone no bolso e ao pisar fora do ônibus, coloquei meus fones de ouvido. Comecei lento e corri pelo estacionamento, dobrei a esquina, e desci a calçada. Corri, dando tudo de

mim. Meu batimento cardíaco acelerou em meu peito. Quando o sinal fechou, descansei minhas mãos em meus joelhos desejando ter trazido uma garrafa de água. Burra.

Quando eu corro, eu não consigo pensar em nada. Meu corpo se move em movimentos robóticos, e eu mantenho minhas mãos soltas e meu ritmo e respiração estável. Quando eu comecei, estava frio lá fora, mas eu comecei a ficar quente e no cruzamento seguinte, tirei meu casaco e amarrei em volta da minha cintura. Me virei e não conseguia ver a linha de cerca que rodeava o local. Decidi não ir mais longe e me virei para voltar. A música, a minha respiração e a batida do meu coração me levaram para um lugar onde eu precisava estar. Calma. Um pequeno sorriso surgiu em meus lábios, enquanto meu corpo lutava em protesto para parar. Anos atrás eu aprendi que é tudo mental. Eu posso ir tão longe quanto eu preciso ir, é natural querer parar, mas eu não o farei.

Foi como aprender a tocar guitarra. Os primeiros meses, meus dedos estavam em carne viva das cordas. Doía para escrever com um lápis, era doloroso fazer qualquer coisa com as mãos. Minhas unhas eram basicamente inexistentes, porque elas quebravam, de tanto tocar. Em vez de as deixar crescerem, comecei a cortá-las curtas. Meus dedos machucaram até que um dia eles não doeram mais. Eu tinha ganhado uma tolerância e os meus dedos tinham se tornado

mais duro. Já não eram mais rosados, com pulsação; eles estavam calejados por conta da minha determinação.

Quando eu comecei, meu dedilhado era terrível. As pausas entre os acordes de uma canção eram instáveis. Mas eu continuei tocando até que tudo se encaixou. Anos se passaram e eu finalmente poderia mover para cima e para baixo do pescoço naturalmente. Quando uma pessoa quer algo na vida, eles vão atrás com tudo o que são e as mantém, não importa o quê. Verdadeiros músicos continuam a tocar, e eles continuam a tocar mesmo com dor, até que um dia isso não importa mais. Porque uma vez que a música está dentro de alguém, ela nunca pode ser removida.

Corri para o estacionamento com a respiração pesada, e quando virei a esquina, eu tropecei em uma pequena pedra e caí no chão. Aconteceu muito rápido e quando eu coloquei as minhas mãos para me segurar, as palmas das mãos deslizaram pelo chão. A dor me atingiu de uma só vez. Olhei para o pavimento, em seguida, para minhas mãos sangrentas e meus joelhos esfolados. Tentei limpar as pedrinhas da minha pele. Quando eu virei minha cabeça, vi Ace correndo em minha direção.

Foda-se! É tudo que eu conseguia pensar. Ele deve ter visto a coisa toda. Meu rosto esquentou e antes que eu pudesse me levantar, ele estava se inclinando olhando para mim com preocupação marcada em seu rosto.

— Você está bem? — ele perguntou.

Eu balancei a cabeça confirmando, mas não falei, para o caso do constrangimento estar evidente em minha voz.

Tentei ficar de pé e estremeci, por causa da queimadura latejante que ganhei ao cair no chão. Quão desajeitada eu estava?

— Aqui, me deixe ajudá-la. — Ace nem sequer me deu uma chance de responder antes que ele estivesse me levantando. Fiquei ali por alguns segundos, tentando me recompor. Quando eu tentei colocar peso sobre o tornozelo, foi demais. Eu torci. Ace mudou de lado e eu envolvi meu braço em torno de sua cintura e ele agiu como minha muleta humana.

— Eu sou uma idiota. — eu sussurrei, com a boca seca. Da próxima vez, em vez de ir para uma corrida, eu vou escolher a música.

A pressão era demais no meu tornozelo e eu parei o 'meu mancar' por um segundo. Ele olhou para mim e sorriu. Eu estava esperando que ele começasse a rir de mim, mas isso nunca aconteceu.

— Você é tão teimosa.

Se ele realmente soubesse o quanto eu era teimosa.

— Tudo bem, chega disso.

Segundos depois, ele estava passando os braços atrás das minhas pernas e me levantou em seus braços, me carregou pelo estacionamento em direção a seu ônibus.

— Digite 1999. — Disse ele. Eu passei meu braço por cima, digitei o código e a porta se abriu. Ace me levou acima pelas escadas e me sentou em um sofá de couro preto no ônibus. Olhei em volta, surpresa com o quanto era grande e extravagante. Ele me entregou um copo de água, em seguida, se virou e voltou com um kit de primeiros socorros vermelho. Eu não poderia ajudar, apenas assistir seus movimentos.



Capítulo 18

ACE

— Você está bem? Não falou quase nada desde que caiu. Você bateu a cabeça?

Ela me olhou e tive que me conter para não sorrir. Eu estava realmente preocupado, porque ela bateu no asfalto.

— Não estou sendo sarcástico. Quero ter certeza de que você não tem uma concussão.

Ela tomou outro gole de água e se sentou reta.

— Não, eu não bati a cabeça. Estou morrendo de vergonha no momento.

— Poderia ter sido muito pior — falei rindo

Fiquei de joelhos, tirei seus tênis e meias e olhei para os tornozelos.



— Ok, eles não estão inchados ou feridos, pelo que eu posso ver. Isso é um bom sinal.

Quando passei a mão em sua pele, podia sentir sua tensão. Nossos olhos estavam no mesmo nível, e eu não conseguia afastar os meus. Ela engoliu em seco.

— Não fique com vergonha. Haviam apenas algumas pessoas lá fora quando aconteceu, não foi grande coisa. Quero ter certeza de que você está bem.

Ela soltou um suspiro quando peguei alguns lenços com álcool. Sentando ao seu lado no sofá, limpei a sujeira nos arranhões das mãos. Ela contraiu o corpo e, olhando em seu rosto, sabia que estava doendo. Cuidadosamente, limpei uma das mãos, para em seguida, pegar um lenço novo e limpar a outra.

— Parece dolorido. — Disse.

— É. O pior é que não vou poder tocar por algumas semanas. Estou tão chateada comigo, deveria ter prestado mais atenção. — Falou, balançando a cabeça.

Elizabeth se desprendeu dos meus olhos para olhar o chão derrotada.

Peguei seu queixo entre os dedos e a virei na minha direção. Tudo o que eu queria fazer era beijá-la.

Beijar e afastar a dor.

Beijar sua preocupação.

Beijar seu embaraço.

Eu lentamente toquei seu rosto e entrelacei os dedos pelos cabelos. Instintivamente inclinei minha cabeça, e ela inclinou a dela. Nossos olhos se fecharam e chegamos mais perto um do outro, sem pressa. Quando as bocas estavam apenas a uma polegada de distância eu podia sentir seu hálito quente no rosto.

É isso. Este é o momento que eu estava esperando.

Meu coração disparou e minha respiração ficou mais rápida, e quando a porta se abriu com um estrondo, os meus olhos também abriram. Nik e Jex na entrada, de boca aberta. Meus olhos se voltaram para Elizabeth e percebi que o momento tinha passado.

— Merda. Desculpe — disse Nik, e os dois viraram e saíram do ônibus.

Apertei a boca para conter todos os palavrões que eu queria cuspir neles. Meu humor, temporariamente exultante, rapidamente sumiu.

A mão de Elizabeth apertou a minha e ela me deu um leve sorriso. — Provavelmente foi melhor.

— Certo. — Eu disse, querendo dizer a ela o quanto estava errada. Mas quando tivesse a oportunidade de beijá-la

novamente, o *timing* seria perfeito e nada iria ficar no caminho. Eu teria certeza disso.

Peguei outro lenço embebido em álcool e coloquei a mão na sua perna, antes de pressioná-lo. Ela ficou ligeiramente tensa, e depois relaxou quando o ardor diminuiu.

— Obrigada — disse ela. Seus olhos encontraram os meus e em seguida desceram para os meus lábios. Desta vez fui eu a engolir em seco quando ela *me* estudou. Respirando fundo, levantei e estendi a mão para ajudá-la. Ela levantou e deu dois passos para frente, se encolhendo.

— Ouch — murmurou, apertando minha mão. Notei que sua camiseta estava coberta de suor.

— Você quer tomar um banho? A água quente é ilimitada.

Um grande sorriso apareceu em seu rosto e era contagiante. — Pode ajudar, mas...

— Tem toalhas lá.

— Não tenho roupas limpas.

— Tenho certeza que posso lhe emprestar alguma coisa. Dê-me um segundo.

Ela apoiou o peso em uma das pernas enquanto eu corria ao meu quarto. Olhei para o armário e vi uma calcinha

rendada, que tinha esquecido lá desde meu último encontro. Joguei no lixo junto com o cartão que tinha um número de telefone. Os inúmeros momentos de fraqueza eram algo que eu queria esquecer. Quando elas iam embora, queria que os rostos, as vozes e tudo mais desaparecesse. Tinha que parar com esta loucura.

Abri a gaveta e peguei uma camiseta e calças de corrida. Olhei para ter certeza de que ainda havia um cordão, porque sabia que assim que ela vestisse cairia pelos quadris. Pensar sobre isso me fez sorrir. Quando voltei, ainda estava em pé, onde a deixei. Eu a assisti enquanto ela olhava o ambiente admirando tudo. A primeira vez que entrei, fiz a mesma coisa. É um ônibus de luxo, com couro, iluminação embutida e pisos de madeira por toda parte. Continuei nas sombras por mais um segundo, a olhando encantado. Elizabeth Riley tinha paciência, algo que eu tinha muito pouco.

Andei alguns passos e quando ela me viu, um sorriso tocou seus lábios, e depois seus olhos. Embora estivesse machucada, com os pés descalços e com as roupas suadas, ela estava linda em seu próprio modo. Ela nem sequer precisava tentar. Elizabeth Riley era naturalmente bonita, e eu apreciava isso. Enquanto muitas mulheres queriam ser alguém que não eram, fazendo dietas, cirurgias plásticas e colocando silicone nos seios, ela estava feliz em ser ela mesma. E eu gostava dela exatamente assim.

— O quê? — Perguntou, notando que eu estava olhando. Inferno, ela era tudo que eu podia ver naquele momento.

— Nada. Aqui está. — Entreguei as roupas e ela mancou até o banheiro enquanto eu mantinha meu braço para que ela se apoiasse. Quando chegamos a porta, ela virou e olhou para mim.

— Por que você está sendo tão bom para mim?

— Porque sou um cara legal — respondi, sorrindo.

— Há toneladas de pessoas que não concordam com isso.

— O que você acha?

Ficou parada por um momento e então algo mudou dentro dela, seu rosto se tornou mais suave. Ela esperou antes de falar, e eu permaneci de pé na porta, curioso para saber o que diria. Elizabeth olhou para o chão e depois para os meus olhos.

— Eu acho que você é um cara legal, Ace.

— Obrigado, isso significa muito. Você tem tudo que precisa?

Ela abriu a porta do banheiro e sua boca praticamente caiu ao chão.

— Seu banheiro é enorme. Oh meu Deus, você tem até mesmo uma banheira.

Eu ri. — Sim. Eles gostam de nos estragar na estrada.

— Você falou antes sobre água quente ilimitada?

— Praticamente. Sinta-se a vontade para usar o que for necessário.

Ela mancou para dentro e antes de fechar completamente a porta sussurrou: — Obrigada.

— O prazer é meu. E quero mesmo dizer isso.

Ouvindo a água correr, caminhei pelo ônibus. Pensar nela tão perto estava me deixando louco. Quase nos beijamos, e não tenho certeza quando teria essa oportunidade novamente. Mas ela fechou os olhos e se inclinou para frente, o que me disse que queria tanto quanto eu.

Meu coração quase parou quando percebi que ela fechou a ducha. O que estava acontecendo entre nós não tinha acabado, e embora eu quase pudesse sentir seus lábios nos meus, não queria me apressar. Não, eu iria deixar acontecer naturalmente e deixar fluir, mesmo que fosse algo que não estava acostumado a fazer. Para alguém que não gostava de romance, parecia que eu tinha sido consumido por ele ultimamente.

Será que estava doente? Eu estava apaixonado por ela? Amor parecia ser uma palavra muito forte, mas o que eu estava sentindo poderia se transformar e isso me assustou. Ace Hathway e relacionamentos não andavam juntos, mas aqui estava eu, pensando sobre isso. Sim, estava completamente ferrado.

Eu era conhecido por viver uma vida cheia de mulheres, luzes brilhantes e música. Vivia e respirava rock 'n roll. E enquanto estava sentado no sofá, esperando que ela terminasse o banho, centenas de pensamentos e perguntas passaram pela mente. Às vezes, a mudança era natural e saudável, eu não podia negar isso. E Elizabeth me inspirava. Ela me fazia querer tocar, escrever e cantar alto o suficiente para o mundo inteiro ouvir.

Era estranho pensar isso, mas quando foi que me tornei o perseguidor em vez do perseguido?



Capítulo 19

ELIZABETH

Ace pode ter me subornado com um chuveiro e eu posso ter caído fácil. Ao longo das últimas semanas, eu tinha tomado chuveiradas rápidas, que apenas fizeram o trabalho de limpeza. Eu não tinha sido capaz de ficar sob a água e permitir que o vapor me cercasse, mas hoje foi diferente. Hoje, eu levei o meu doce tempo. Meus músculos doloridos lentamente soltaram e as pulsações do meu 'acidente' diminuíram. Não tenho certeza se Ace estava brincando ou não quando ele me disse para enlouquecer, mas eu fiz. A água me acalmou e me sinto ótima.

Quando saí do chuveiro e me sequei, eu olhei para o meu corpo nu no espelho de corpo inteiro atrás da porta. Meu joelho já estava ficando roxo e minha pele estava vermelha brilhante dos cortes. Eu apertei minhas mãos e me





encolhi com a dor,



eu era grata de não ter marcas em meu rosto. Tudo o que eu precisava era de grandes arranhões em toda a minha bochecha para o mundo inteiro ver como ridiculamente desajeitada eu era. Felizmente, tudo o que restava era um coxear e alguns arranhões. Balancei a cabeça e levei o meu tempo para me vestir. O algodão dentro das calças era macio na minha pele. Não me preocupei em colocar meu sutiã esportivo por baixo porque a camisa lisa preta que Ace tinha me dado era tão grande que quase parecia uma camisola. Na verdade, eu parecia uma criança em suas roupas. Enrolei as calças de jogging várias vezes na cintura para que ela não caísse tão baixo, mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre a camisa. Cuidadosamente eu peguei e dobrei minhas roupas sujas e manquei meu caminho através do corredor.

Quando entrei na sala de estar, Ace estava sentado com as mãos cobrindo o rosto ligeiramente enquanto ele esfregava as têmporas. Ele quase parecia perturbado. Mas como poderia um homem que tem tudo no mundo estar triste? Eu não entendia isso.

— Tudo certo? — Eu perguntei.

Vi o sorriso crescer em seus lábios carnudos até que eu vi seus dentes perfeitamente brancos. Eu sabia que parecia ridícula em suas roupas.

— Tudo bem, — ele riu. — Eu tenho uma pequena dor de cabeça.

Sentei-me no sofá ao lado dele, sugando o ar entre os dentes com a minha pele firme expandida em torno de minhas feridas.

Ficamos em silêncio e eu não sabia o que dizer, mas às vezes as palavras não eram necessárias.

— Você está com fome? — Ele perguntou.

Eu pensei sobre isso e sim, eu estava morrendo de fome. — Você pode ouvir meu estômago?

— Farei algo.

Ele não hesitou. Ace levantou e abriu armários acima da pia e começou a puxar caixas e tempeiros. Ele abriu a geladeira e colocou tomate, alho e algo verde sobre o balcão. Eu não podia ajudar, podia apenas assistir.

— Vocês sempre mantem uma geladeira cheia de comida?

Ace olhou por cima do ombro para mim. — Nós temos que comer.

Ele se moveu em torno da cozinha como se ele fizesse isso muitas vezes. De vez em quando, ele olhava por cima do ombro para mim e sorria. Eu senti como se estivesse

derretendo no sofá de couro. Ele poderia ter qualquer mulher no mundo, mas eu era a única sentada aqui.

— O que você está pensando? Você está tranquila, — ele disse por cima do ombro enquanto picava o tomate e o alho.

Hesitei, mas eu tinha que saber. — Por que eu?

Ele riu, largou a faca, em seguida, se virou permitindo que a parte inferior das suas costas descansasse contra o gabinete.

— Eu não estou a mantendo refém.

— Não, quero dizer…isso vai parecer estúpido.

Ele lambeu os lábios e eu soltei um suspiro afetado.

— Você pode ter qualquer uma, qualquer mulher e...

Ace cruzou os braços. — E?

— Eu estou esperando o sangue de porco escorrer do teto para eu fugir chorando de uma brincadeira. — Me senti estúpida após dizer isso, e sabia que me sentiria assim. Mas, essas palavras precisavam ser ditas. Eu não era seu tipo de mulher. Nada parecia somar.

Ace andou cinco passos e se pôs de joelhos na minha frente para que ficássemos olho no olho.

— Eu não estou me exibindo para você. Isto não é uma piada para mim.

Sua mão colocou fios molhados de cabelo atrás das minhas orelhas. Eu poderia dizer pelo tom de sua voz e do olhar em seu rosto que ele estava falando sério.

— Eu... eu... eu... — ele hesitou.

Olhei para ele.

— Eu nunca fiquei sem palavras antes.

Mordi o canto do meu lábio enquanto o assistia.

— Você faz coisas como essa em mim. E eu sei que é estranho. Deus, eu sei que é tão estranho. Você não verificou todas as minhas informações. Inferno, você não verificou nada, mas isso é o que eu gosto sobre isso. Você é tudo que eu nunca quis, mas de alguma forma eu não consigo tirar você dos meus pensamentos. Você me fez persegui-la. Você não se importa com quem eu sou, o que eu faço, ou que eu sou mesmo da *Band of Brothers*. Você não é um fã tentando me foder para exigir direitos. Nada disso importa para você e *isso significa tudo* para mim. Você não joga pelas minhas regras e você não se importa. Eu nunca conheci ninguém como você antes e isso diz muito.

— Às vezes você me frustra. Você está sempre aparecendo em lugares aleatórios onde eu estou, e eu não sei

se é o universo me puxando para próximo de você ou o que, porque há tantas coincidências de encontros. E não consigo entender o porquê. Então, não Elizabeth, esta não é uma brincadeira para chegar em você. Quem tem tempo para isso?

Minha boca caiu aberta e com as mãos suaves, ele a fechou. Quando sua mão tocou minha pele, uma descarga elétrica passou por mim. Ele era tão gentil. Senti como se estivesse atualmente sonhando. Será que isso aconteceu? Eu estava a ponto de me beliscar.

— Agora, boneca. Tenho que terminar de cozinhar. — Ele piscou para mim, então se levantou e caminhou de volta para uma panela, onde acrescentou o alho picado e tomates em cubos. Palitos de massas deslizaram da caixa em uma panela grande com água fervente. Eu tentei acalmar a minha respiração, mas meu coração continuou competindo com pequenos picos de excitação e medo. Meus pensamentos e emoções agiram como traidores em um jogo traiçoeiro de desestabilizar. Suas palavras me agarraram e enterraram todas as minhas ideias preconcebidas. Isso foi demais. Ele nem sequer me deu a oportunidade de responder a ele. Assim que ele começou a falar, as minhas palavras tinham desaparecido de qualquer maneira. Ele colocou uma tampa sobre a panela, limpou as mãos em uma toalha de cozinha, e se virou para mim.

— Por que você não toca na frente das pessoas?

Meu corpo ficou tenso sob seu olhar.

Suspirei. — Sempre me deixou nervosa. Eu não sou uma vadia da adrenalina.

— Você vai tocar comigo?

Ele me lançou um sorriso bonito e eu não pude deixar de rir. — Isso soa tão sujo. — eu disse.

Ele revirou os olhos, mas continuou sorrindo. — Você sabe o que eu quero dizer.

— Só eu e você ou...

— No palco. — Ace agarrou a minha mão.

Eu balancei minha cabeça. Pensar nisso me deu suores frios.

— Você toca uma canção e eu vou responder a todas as perguntas que você quiser.

— Você está me subornando, Ace Hathway?

A verdade era que a entrevista nem sequer passou pela minha cabeça.

— Talvez.

— Eu não posso. Eu não seria capaz de lidar com isso. Realmente não posso.

— O objetivo da minha vida agora é colocar você no palco, — disse ele, brincando.

— Por favor, não.

Eu costumava querer tocar profissionalmente, mas depois de alguns shows e não ser capaz de ter controle sobre os meus nervos, eu sabia que não era para mim. É preciso um tipo especial de pessoa para ser capaz de tocar na frente de milhares, e eu soube anos atrás que não era para mim. O pensamento de estar no palco com Ace na frente de todas aquelas pessoas me assustou. Já tinha havido muitos momentos durante a turnê que me fizeram querer me esconder no ônibus seis, mas ao fazer isso me faria querer me esconder para o resto da minha vida.

— *Por favor*, Ace. — Eu olhei para ele com grandes olhos, sabendo que ele estava tramando.

— Eu meio que gosto quando você implora. — Ele se virou, levantou a tampa da panela e mexeu. Inclinei minha cabeça para trás no sofá e fechei os olhos. Eu não tinha percebido que estava cansada até sentir a mão do Ace tocando a minha perna para que eu acordasse.

— Você ronca como uma princesa – bonitos e pequenos roncos, — disse ele.

Lambi meus lábios, em seguida, os escondi na minha boca. Não posso acreditar que eu estava roncando.

Eu agarrei sua mão e manquei até a mesa. Ace me entregou um guardanapo e um garfo, em seguida, levou os dois pratos de espaguete para a mesa. O cheiro de alho fresco e molho caseiro encheram o ônibus. Ele se sentou à minha frente, rolou longas cadeias de espaguete no garfo, e depois sorriu antes de dar uma mordida.

Eu estava sonhando.

Esta poderia ser a minha realidade?



Capítulo 20

ACE

O sorriso era quase permanente no meu rosto, e não desapareceu nem enquanto comia. Ela olhava para mim como se eu fosse uma obra da sua imaginação.

— Tem certeza de que não bateu a cabeça? — Eu ri.

Ela estreitou os olhos para mim, então girou o garfo entre os dedos e abriu a boca para mais uma grande garfada de massa.

— Mmm. Oh meu Deus. — Ela largou o garfo. — Onde você aprendeu a cozinhar assim?

— Minha mãe sempre disse que se você quer impressionar uma mulher, é melhor você saber como cozinhar para ela. — Mordi o lábio inferior enquanto olhava os lábios dela. Houve uma ligeira pausa, e então ela falou.



— Ela é uma mulher inteligente.

— Então, você está dizendo que está impressionada? — Perguntei inclinando a cabeça.

Elizabeth começou a rir e eu não conseguia afastar os olhos. Quando ela sorria abertamente, apareceu uma covinha na sua bochecha e, porra, era a coisa mais perfeita que eu já tinha visto. Larguei o garfo e lambi os lábios enquanto absorvia seu gemido sobre o macarrão.

— Isso é muito sexy — falei.

Ela colocou os lábios para dentro da boca e conteve um sorriso. —Desculpe. Sou uma "comedora vocal", especialmente quando se trata de boa cozinha.

Logo os pratos estavam limpos. Coloquei minha mão em cima da dela e em seguida entrelacei nossos dedos.

A porta do ônibus abriu novamente, e eu me virei e preparei o meu olhar de morte para quem estava entrando. Vi longos cabelos castanhos e uma camiseta rosa brilhante.

— Jesus, Elizabeth. Fiquei sabendo o que aconteceu. — Jenny olhou para mim, sorriu, depois continuou a entrar.

— Droga, eu espero não estar interrompendo nada.

— Não mesmo — Elizabeth respondeu.

Resolvi pegar os pratos e levar para a pia.

Jenny se sentou na minha cadeira falando a um milhão de milhas por minuto. — Você quebrou algum osso? Você foi ao médico?

Me mantive de costas para elas.

— Não, Ace me ajudou. Eu tive sorte de ser apenas alguns arranhões. Sou uma maldita idiota.

— Isso acontece, boba. O show começa em poucas horas, você vai estar lá, certo?

Elizabeth parou por um segundo e eu prendi a respiração à espera de sua resposta, enquanto continuava lavando o molho dos pratos.

— Sim. Eu não perderia por nada no mundo. Vou com os joelhos machucados e as palmas das mãos arranhadas, mas vou.

— Puta merda — disse Jenny. Percebi que ela não tinha visto as mãos.

— Está tudo bem. Realmente já me sinto um pouco melhor.

Os sussurros começaram. Desliguei a água e cruzei os braços sobre o peito, me divertindo com as duas agindo como estudantes. Depois que eu limpei minha garganta, Jenny virou e sorriu para mim.

— Desculpa.

Ela levantou, pegou um prato e se serviu de massa.

— Você fez a receita secreta — Jenny disse, alto o suficiente para eu ouvir.

Estreitei os olhos para ela. — Você está tentando ser uma empata foda?

Ela respondeu com uma piscadinha, o que, porra, me irritou como a merda. Jenny sentou ao lado de Elizabeth e começou a comer. Uau, que sorte.

Depois que ela deu umas batidinhas na mesa, sentei junto com elas.

— O quê? — Ela disse, com a boca cheia de espaguete.

— Sua mãe não lhe ensinou boas maneiras? — Perguntei.

— Será que a sua ensinou? — Ela retrucou com um sorriso.

Eu bufei.

— Oh, Nik me disse para deixá-lo sozinho, mas eu respondi que de jeito nenhum, porque precisava ter certeza que minha amiga estava bem. E pela aparência dela, eu diria que está.

Ela cutucou o braço de Elizabeth e continuou comendo a massa como se fosse sua última refeição. Se ela continuasse assim, realmente seria, ou pelo menos a última que *eu cozinhava* e *ela comia*.

— Você consegue andar? — Jenny perguntou.

— Eu consigo mancar. Não é possível ainda colocar muito peso sobre meu tornozelo. Pode demorar alguns dias.

— Eu posso ajudar se precisar de mim. Quando estiver no local você vai ficar bem, certo? — Jenny perguntou.

Elizabeth olhou para mim e eu senti meu coração acelerar, porque ela olhou de forma diferente. Seu rosto era mais suave e um sorriso permanecia em seus lábios. Maldição, ela era absolutamente linda. Eu inspirava e expirava profundamente, tentando me acalmar. Quando ela olhava, era como se pudesse *me* ver, Ace Hathway, não o rockstar, e isso fazia coisas em mim, as quais eu não poderia explicar.

Mas sabia que, naquele momento, estar com ela seria difícil. Ela tinha um trabalho a fazer, e era um trabalho fodido.

Jenny levantou e colocou o prato na pia.

— Você não vai lamber o molho do prato também?

Ela caminhou para a panela com molho, enfiou o dedo e depois o colocou na boca. — Não. Estou satisfeita.

— Acho que está na hora de voltar para o ônibus — disse Elizabeth.

— Por que a pressa? Você deveria ficar aqui. — Jenny respondeu.

— Eu preciso trocar de roupa e me preparar para a noite. Mas eu tive um bom momento. — Ela olhou para mim e então, timidamente, olhou para longe. Estava fazendo isso de novo, tocando as cordas do meu coração. Jenny soltou um *humph* e me olhou, mas estendeu a mão e ajudou Elizabeth a levantar.

— Merda, você pode pegar minhas roupas? — Ela perguntou.

Levantei, peguei as roupas no sofá e as entreguei a Jenny. Antes de sair do ônibus, Elizabeth olhou por cima do ombro e sorriu para mim.

— Obrigada — disse.

Inclinei a cabeça e dei um sorriso. Não era como eu esperava que os acontecimentos do dia terminassem e, embora não ficasse feliz que ela tinha se machucado, estava grato por poder ser seu cavaleiro de armadura brilhante.

— Sempre que precisar, baby — respondi.

Ela me deu um último sorriso e saiu. Respirei profundamente e observei as duas caminharem através do estacionamento, lentamente, mas sem parar.

Sentei à mesa e cruzei os dedos, enquanto olhava pela janela. O vento soprava através das árvores e o céu estava coberto de nuvens. Luzes dispersas passavam em frente ao estacionamento e fiquei observando os técnicos, que estavam bastante ocupados para o show de hoje a noite.

Não sabia o que estava fazendo... passei os dedos pelo cabelo e mexi o pescoço de um lado para outro até ele estalar algumas vezes. Certo, eu tinha decidido seguir o fluxo e ver onde ele me levava, mas de alguma forma eu sabia que me levaria direto para Elizabeth Riley.

Horas se passaram, não sei dizer por quanto tempo fiquei nessa posição, olhando pela janela e perdido em meus pensamentos. Em algum momento Jex, Nik, e Rex entraram no ônibus, rindo.

— Whoa. O que diabos há de errado com você? — Rex perguntou.

— Ele está doente de amor — disse Nik.

— Puta merda! Você não estava mentindo — Jex brincou.

Eu balancei a cabeça sabendo que essa não era uma batalha que eu iria ganhar. Depois de crescer com eles aprendi rápido que em três contra um, não havia chance.

— Precisamos estar no backstage em quinze minutos — disse Nik. — Troque sua roupa, escove os dentes e coloque seus malditos sapatos.

— Sim, mãe. — Respondi.

— Oh, isso me lembra... não esqueçam que temos o jantar com nossos pais depois do show. — Disse Rex.

— Mamãe e papai vão estar nos bastidores. Devemos chamá-los? — Perguntei.

— Porra, acho melhor chamar. Mamãe diz que odeia isso, mas eu acho que por dentro ela adora. — Rex cutucou Nik.

Fui para o quarto e observei minhas roupas. Decidi por uma camiseta branca que tinha WORD escrito na frente e uma calça preta. Coloquei um par de Nike Dunks e estava pronto.

Assim que nós saímos do ônibus ouvi a música que vinha do palco, e a multidão, que já estava selvagem. Eu sabia que os assentos azuis do estádio e o gramado estavam lotados. Vinte mil pessoas... e eles não eram desconhecidos. Chegando ao backstage fizemos um círculo e nos abraçamos

apertado, como jogadores de futebol se preparando para uma partida. Só que o nosso jogo já estava ganho.

A música do pré-show parou e as luzes baixaram até tudo ficar preto. Os gritos da multidão continuavam e os flashes dos celulares não chegaram a registrar nossa entrada fortuita. Ficamos ali por alguns segundos em silêncio. Quando as luzes piscassem, a canção iria começar.

5...

4...

3...

2...

1...

Guitarras e bateria soaram ao mesmo tempo, e a multidão enlouqueceu. Eu estava em pé na beira do palco, tocando para a multidão e sorrindo. Mãos se estenderam na minha direção e dei alguns passos para trás, chegando perto de Nik. Nós solamos juntos e em seguida, pulamos no ar ao mesmo tempo. Quando tocava em frente ao público, sentia como se estivesse tendo uma experiência fora do corpo, como se me visse entretendo as massas. E mesmo cantando, nada disso parecia real. Mas isso também me ajudava a não tomar nada como certo.

Tocamos com vontade, colocando toda a nossa alma na música. Suor escorria pelo rosto de todo mundo, e eu limpei o meu com a bandana que usava no pulso. Toneladas de músicos usavam, tínhamos roubado a ideia dos tenistas. Quando estava no palco, não conseguia pensar em outra coisa, somente na música atual, e olhando para o setlist vi que já estávamos na metade do show. Antes de iniciar a próxima canção, coloquei o dedo indicador sobre os lábios e todo o estádio acalmou – sensação de poder!

— Existe uma senhora muito especial que eu tenho que apresentar para vocês antes de continuar. Ela é meu tudo.

Os rostos das mulheres na multidão passaram rapidamente de sorrisos para sérios. Quando dizia isso, elas sempre confundiam.

— Eu a amo com todo o meu coração. — Olhei para o lado do palco e por um segundo, tive um vislumbre do corpo de Elizabeth, mas não consegui distinguir seu rosto.

— Ela me fez prometer nunca mais fazer isso de novo, mas normalmente não cumpro ordens, nem regras. — A multidão foi à loucura.

— Pessoal, gostaria de apresentar minha mãe!

Vaias, gritos, aplausos e palmas encheram o estádio. Minha mãe, linda, entrou no palco balançando o dedo para mim.

— Ah, e não posso esquecer o homem que ajudou a tornar toda a mágica real — disse, acenando ao meu pai para que se juntasse a nós.

— Estas duas pessoas aqui nos criaram para sermos bons filhos, e aposto que eles nunca pensaram que estariam aqui hoje.

Dei nos meus pais um grande abraço. Rex largou as baquetas e veio abraçá-los também, seguido por Jex e Nik. Éramos uma família feliz.

— Ok, ok. Agora tape seus ouvidos mãe, estamos prestes a tocar uma música com palavrões.

Ela sorriu e eles saíram de mãos dadas. Esperava que um dia pudesse ter uma relação amorosa como a deles.

— Eles não são os melhores?

A multidão gritou um grande SIM!!!

— Agora, é melhor todo mundo levantar a bunda porque vamos fazer este lugar pular. — Assim que eu toquei a primeira nota, todos ficaram absolutamente loucos. A multidão pulava em ondas com as luzes brilhando em seus rostos, algumas pessoas sendo levantadas e surfando sobre as mãos. Era quase hipnotizante assistir aos corpos pulando junto com a batida. Quando cantei 'One Night Stand' não chamei nenhuma menina ao palco. Havia toneladas de

mulheres frustradas, muitas haviam lutado para chegar mais perto durante a música. Mas não queria mais ser aquele cara desesperado. O pensamento de quem eu era há uma semana, me dava nojo.

Após a última canção, levantei minha guitarra e joguei do outro lado do palco para Romeo, que pegou perfeitamente. Saímos suados e sorrindo. As luzes baixaram, mas a multidão continuou gritando. Tomamos água e voltamos ao palco para o bis, onde misturamos músicas atuais com o repertório antigo.

Quando o show finalmente terminou, fui para o lado do palco onde meus pais estavam. Fiz contato visual com Elizabeth e sorri para ela quando minha mãe colocou o braço em volta da minha cintura. Olhei para trás por cima do ombro e pisquei para ela, e tudo o que ela conseguia fazer era sorrir.

Esperava que meu coração não estivesse me pregando peças.



Capítulo 21

ELIZABETH

Por um momento, durante o show, pensei que Ace iria me chamar ao palco e entrei em pânico. Mas logo percebi que o casal mais velho que estava assistindo a banda e sorrindo eram seus pais. Graças a Deus. Senti como se um peso enorme tivesse sido tirado do meu peito quando sua mãe caminhou em direção a banda. Se ele me chamasse eu teria ficado exatamente onde estava, não moveria um único músculo. Teria me tornado um camaleão e tentado me misturar com o ambiente. Entretanto, felizmente, não tinha acontecido.

Quando o show terminou, a multidão saiu e a equipe de palco começou a sua rotina. Romeo me deu um sorriso e continuou enrolando longos cabos em seus braços. Miley passou por mim enquanto eu lentamente mancava pelos bastidores. Ela parou.



— Você precisa de ajuda?

— Não, tudo bem. Estou lenta mas vou ganhar a corrida.

Ela balançou a cabeça e colocou o braço nas minhas costas e eu botei o meu no seu ombro. Estava feliz de finalmente estar com alguém próximo a minha altura. Parecia que todos por perto eram gigantes.

— Eu ouvi sobre seu tropeço — disse ela.

— Bem, não foi bonito.

Senti que ela queria voltar ao que estava fazendo, mas se recusava a me deixar caminhar pelo estacionamento tão lenta quanto uma canção de natal. Vi que a *Band of Brothers* estava dando autógrafos a um mar de pessoas que queriam qualquer coisa assinada por eles.

— Eles provavelmente vão ficar lá por um tempo — ela disse com um sorriso.

— Tenho certeza que sim.

Ela me acompanhou até o ônibus número seis e voltou ao seu trabalho. Em vez de subir, fiquei lá fora e mandei uma mensagem para minha mãe. Ver Ace com sua família me lembrou de que eu precisava saber como a minha estava.

Eu: Oi mãe! Eu te amo.

Mãe: Ei docinho. Como está a turnê?

Eu: Ótima, mas levei um tombo.

Mãe: Oh querida. Você está bem?

Eu: Sim, mãe. Eu te amo, mas, agora tenho que ir. Diga ao papai que eu amo ele também.

Mãe: Vou dizer. Eu também te amo. Me ligue quando puder.

Eu: Ok.

A brisa fresca tocou minha pele e eu inclinei um ombro contra o ônibus, observando a multidão se dissipar lentamente. A maioria das pessoas conseguiu um autógrafo, mas ficaram por ali, esperando os irmãos se afastarem. Era muito legal. Depois de mais de trinta minutos, eles acenaram, deram mais alguns autógrafos de última hora e entraram no ônibus. As pessoas esperaram por perto um bom tempo, antes de se convencerem de que eles não voltariam.

Um SUV preto parou ao lado do ônibus e a mãe de Ace bateu na porta. Os irmãos vieram para fora, um por um, rindo. Eles tinham mudado de roupa. Virei a cabeça, sentindo que estava invadindo um momento em família. Com o canto do olho, vi uma pessoa parada em frente ao estacionamento. Ace desceu do SUV e abraçou Jenny. Ela lhe deu um soco de brincadeira no estômago e ele colocou a mão nas costas dela quando sua mãe saiu e a abraçou. Minha boca abriu em choque. Fiquei confusa quanto ao motivo dela

estar indo com eles. Todos pareciam tão próximos... será que ela era ou tinha sido namorada de um deles? Não fazia sentido.

Ouvi alguém pigarreando atrás de mim e me virei para ver Sarah, que me olhava de cima a baixo fazendo uma careta.

— Precisa de alguma coisa? — Disse, sem me intimidar.

— Onde sua melhor amiga está indo? — Perguntou.

Cruzei os braços e olhei para ela. — Não é da minha conta.

— Deveria ser. Ela e Ace... — Ela parou de falar, mas meu rosto não se alterou.

— Terminou? — Perguntei, sentindo meu interior ferver.

Ela riu, revirou os olhos e entrou no ônibus.

Muitos cenários diferentes passaram pela minha mente. Não era possível que ela estivesse namorando qualquer um deles. Era? Será que ela estava escondendo algo? Ela negou quando perguntei, mas tinha o código do ônibus deles e aparecia nos momentos mais inoportunos. Respirei profundamente e comecei a ficar com raiva de mim mesma, me sentindo idiota e burra. Minha cabeça girava pensando em Ace e Jenny. Mordi o lábio inferior e inclinei as costas contra o ônibus, olhando para o céu na esperança de ver as estrelas. Nuvens encobriam a lua, e assim estava meu

coração. Não conseguia pensar direito, as coisas não faziam sentido. Eu não estava vendo nada com clareza.

Frodo passou por mim tirando uma garrafa pequena da jaqueta e sorrindo.

— Parece que você precisa de um gole disso.

Peguei a garrafa e bebi... e bebi... minha garganta queimou e comecei a tossir.

— Nossa, menina. Cuidado. Isto é *moonshine*[1], não um suco de frutas.

— Eu poderia terminar com essa garrafa.

— Gosto disso. Sirva-se. Há mais de onde esta veio.

Coloquei a garrafa na boca e deixei o líquido descer queimando pela minha garganta, como um incêndio florestal sabor canela. Depois de alguns segundos, fechei os olhos e tossi, tentando limpar minha garganta. Ele entrou no ônibus, encheu a garrafa e voltou. Porque ele era inteligente, tomou pequenos goles. Nós descansamos as costas contra o ônibus e fizemos piadas sobre as pessoas que passavam, meu filtro tinha desaparecido e meu paladar também. Queria esquecer esta noite, queria esquecer o que vi e o que a cadela havia insinuado.

[1] Bebida destilada ilegal.

— Nós estamos indo para a Howling Moon depois que terminarmos tudo por aqui. Só vamos para outra cidade amanhã. Quer ir conosco?

— Você está brincando? Porra, eu amo isso. — Levantei a garrafa e cantarolei uma música, me balançando levemente. A bebida tinha tirado todas as minhas inibições. Eu sentia como se estivesse me observando de longe.

— Você está perdida, isso vai ser divertido. Nós estamos saindo em cerca de trinta minutos. É perto, dobrando a esquina. Você acha que pode andar até lá?

— Pffff. Sim.

Ele riu, me deu um tapinha no ombro e pegou a garrafa da minha mão, para em seguida, atravessar o estacionamento balançando a cabeça e rindo.

Eu dei alguns passos instáveis, por causa da bebida.

Eu não sabia o que poderia acontecer esta noite, mas eu iria de braços abertos, embora estivesse uma bagunça quente.



Capítulo 22

ACE

Jantar com a família foi muito bom. Claro, com todas as brincadeiras normais dos Hathway. Fazia quase um ano desde que estivemos todos reunidos no mesmo lugar. As pessoas olhavam para nós, mas nossos pais não ligavam, e nós comemos tanto que parecíamos habitantes famintos de alguma pequena aldeia. No caminho de volta para o ônibus, tudo que eu conseguia pensar era em Elizabeth e no que ela estaria fazendo. Peguei meu telefone e digitei três textos diferentes, para depois apagar cada um deles.

— Só escreva. Você está sendo ridículo — disse Jenny.

— Não me faça contar sobre você — eu ri.

— Não me faça contar sobre você — ela repetiu.

— Não se atreva — sussurrei.

Ela cruzou os braços e sorriu, olhando os prédios pela



janela

Quando chegamos ao estacionamento, papai se virou e olhou para nós. — Comportem-se crianças. Nós amamos vocês.

Mamãe sorriu e Rex disse um grande e alto "Awwwwwwwww".

Papai balançou a cabeça e saímos do SUV. Trocamos abraços e 'eu te amo' e prometemos nos ver em Los Angeles, logo que acabasse a turnê de verão.

— Estaremos em casa por algumas semanas após a turnê. Prepare a churrasqueira pai — eu disse.

Ele riu e me deu um tapinha nas costas. — Estou orgulhoso de você filho.

Não consegui deixar de sorrir. Nunca cansaria de ouvir meu pai dizer essas palavras. Nunca.

Quando eles estavam indo embora ainda ficamos em pé, acenando. Depois disso peguei o telefone do bolso e mandei uma mensagem para ela.

Eu: Ei você.

Sem resposta. Esperei mais cinco minutos.

Eu: Hey. O que está rolando?

Ela: Não é da sua conta.

Acho que mereci essa resposta.

— Ei, todo mundo está no piano bar. Quer ir? — Jenny perguntou.

— Você acha que... — parei, pensando em Elizabeth e Jenny compreendeu.

— Sim, ela está lá.

— Boa — disse sorrindo.

Nós andamos em frente ao estacionamento e fomos para a calçada. Eu podia ouvir as pessoas no piano bar cantando aos gritos *Journey*. Coloquei o braço no ombro de Jenny e estávamos rindo quando entramos. "Don't Stop Believing" ecoava por todo local e todo mundo estava dançando, bebendo e se divertindo. Meus olhos procuraram entre a multidão até que a encontrei, sentada em um banquinho do bar, rindo com a boca aberta e a cabeça jogada para trás. Ela me viu e levantou sua bebida, depois sacudiu a cabeça. Tirei meu braço do ombro de Jenny e olhei para ela. Jenny assentiu com a cabeça, sabendo que eu iria até Elizabeth.

Enquanto caminhava em sua direção, ela se levantou e mancou em direção ao banheiro. Eu a segui. No corredor, as luzes penduradas no teto criavam um brilho quente.

— Elizabeth — eu disse.

Ela parou e olhou para as luzes, mas se recusou a virar. Eu coloquei a mão em seu ombro e ela olhou para mim. Seu rosto estava sério.

— Se você e Jenny tem alguma coisa acontecendo...

Estreitei os olhos. Demorou alguns segundos para processar o que ela havia dito, mas depois comecei a rir. Era um riso profundo, que veio direto da minha barriga. Ela inclinou a cabeça e franziu o rosto para mim. Aparentemente, não estava achando engraçado.

— Acho que não — disse, entre risadas. — Eu não estou namorando minha irmã.

Seus olhos se arregalaram.

— Quase ninguém sabe. É um grande segredo.

Sua boca abriu e pareceu como se ela estivesse lembrando de cada instante em que me viu com a Jenny. Dei alguns passos para a frente. Elizabeth inclinou suas costas contra a parede e olhou para o chão.

— Sinto muito, eu achei que ela tivesse contado — sussurrei e corri o polegar sobre seu lábio inferior. Nós estávamos a poucos centímetros um do outro. Ela piscou lentamente, e olhou para mim.

— Eu me sinto absolutamente ridícula.

— Não sinta.

Ela usava uma blusa que caía nos ombros e mostrava a suavidade da sua pele. O cabelo estava repartido de lado e ela usava batom vermelho brilhante. Elizabeth era uma tigresa, pronta para arrancar meu coração.

— Você está bonita.

Quando ela mordeu o lábio inferior, não consegui parar de olhar. Eu queria e precisava sentir o gosto. Corri os dedos por seu pescoço e deslizei pelos cabelos, a puxando para perto de mim. Ela suspirou e fechou os olhos, me fazendo hesitar. Meu coração batia forte e uma explosão de adrenalina atravessou meu corpo, porque eu queria beijá-la, queria sentir a suavidade dos seus lábios nos meus. Pensar nisso estava me deixando louco. Coloquei a palma da mão na parede, acima de sua cabeça e fechei os olhos. Estávamos perto, tão perto que sua respiração era quente contra a minha pele, me afastei para provocá-la, sem tocar em seus lábios, mas a antecipação do que estava para acontecer era demais para me segurar.

Sua respiração se tornou irregular e eu não consegui aguentar, lentamente fui em sua direção, roçando meu lábio inferior contra o dela. Ela segurou um gemido e eu peguei sua mão antes dos nossos lábios estarem completamente juntos. Quando nossas bocas se tocaram, fiquei perdido em

seu gosto. Beijos brincalhões logo se transformaram em beijos ávidos. Pensei que eu era ganancioso, mas nada comparado com Elizabeth quando ela, na ponta dos pés, colocou os braços em volta do meu pescoço e enfiou os dedos no meu cabelo, enquanto sua língua tocava a minha.

Eu me afastei, apertei seu lábio inferior entre meus dentes e levemente puxei. Ela deixou escapar um suspiro e sorriu contra o meu sorriso. Meu nariz roçou o dela e vi seus olhos se abrirem. Beijar assim deveria ser ilegal. Fazia muito tempo desde que beijei pela última vez, anos até. Minha regra fundamental tinha sido quebrada, e eu queria fazer novamente, e novamente, e novamente. Beijar era para os românticos incorrigíveis, e mesmo os tablóides tinham razão quando diziam que eu me esquivava de beijos como de uma praga. Beijar era muito íntimo, deixava o coração aberto e exposto, fácil para ferir ou ser destruído. Soltei o ar e engoli, tentando levar isso da forma como era – apenas duas pessoas atraídas uma pela outra, dando um passo de cada vez.

— Você — disse, espantado, sentindo seu gosto nos lábios.

Ela me deu um pequeno sorriso bonito e eu lentamente balancei a cabeça.

— Onde é que você estava se escondendo?

— Pergunte a *moonshine.* — Respondeu sorrindo.

Balancei a cabeça. Queria que ela saísse da sua concha sem a necessidade de algo para diminuir suas inibições, mas eu trabalharia para isso. Lenta, mas seguramente, a mulher feroz iria desabrochar e, eventualmente, ela ficaria.

— Eu amo essa música — disse ela, fechando os olhos e colocando a mão sobre o coração. Levei menos de três segundos para perceber que era Wonderful Tonight, de Eric Clapton. Coloquei os fios soltos do seu cabelo atrás da orelha e estendia mão.

Ela olhou e riu nervosamente. — Eu não danço.

— Agora você dança. — Falei, segurando a mão dela e colocando a minha na parte inferior das suas costas. — É só mover os pés junto com os meus, a não ser que seu tornozelo esteja doendo demais — disse, olhando nos olhos dela.

— Não. Acho que bebi a dor... ou você a beijou.

Depois de alguns segundos, seus quadris balançaram ao som da música e o corpo se aproximou do meu. Nós viramos ligeiramente e dançamos no corredor, com o brilho quente das luzes iluminando nossos rostos. Eu peguei uma das suas mãos a fiz girar, e seu corpo seguiu meu comando. Quando estava na minha frente, peguei a outra mão e levantei os braços acima da cabeça, fazendo outra pequena volta. Divertindo-me, a girei novamente para depois segurar os

quadris e trazê-la de volta para os meus braços, tomando cuidado para não fazer nada muito rápido, por causa do tornozelo. Sua boca estava aberta e ela estava com a respiração acelerada. Meus movimentos eram lentos e calculados, e ela confiava em mim para guiá-la.

A canção estava terminando, e eu não queria que a noite terminasse. Os braços de Elizabeth estavam no meu pescoço, com os dedos entrelaçados. Ela não queria que eu me afastasse.

— Deixe-me te levar embora — sussurrei em seu ouvido, enquanto pressionava o corpo dela contra o meu. Quando a música terminou, os caras do piano fizeram algumas piadas e a multidão começou a gritar, pedindo outras canções.

— Ok. — Ela inclinou o corpo contra a parede e sorriu timidamente.

Nós caminhamos pelo corredor voltando para a sala cheia de pessoas cantando junto com o "Piano Man". Vi Jenny do outro lado e acenei, rindo. Elizabeth pensou que nós estávamos namorando. Hilário.

Enquanto caminhávamos através da multidão, Jex se aproximou e nos parou.

— Ei pombinhos, onde vocês estavam escondidos?

Levantei uma sobrancelha para ele.

— Elizabeth, você tem a minha permissão para chutar a bunda dele se ele virar um imbecil. — Jex riu e tomou um gole da sua bebida.

Elizabeth riu também.

— Na verdade, se ele a tratar mal, me avise e eu mesmo vou chutar a bunda dele para você. Entendeu?

— Combinado — disse, apertando a mão dele. Ela olhou para mim e deu uma piscadinha. Gostava deste lado sedutor de Elizabeth.

— Bem, vou deixar vocês crianças voltarem a isso.

Dei um aceno de cabeça e coloquei a mão na parte inferior das costas dela, a conduzindo até a saída. Meus ouvidos zuniam por causa do barulho do bar. Caminhamos devagar pela calçada e eu deslizei os dedos para a mão dela, que segurou a minha de volta. Algo estava crescendo dentro de mim, algo que eu não queria negar, mas que me assustava pra caralho.

Eu não sabia como me relacionar depois que Misty destruiu meu coração, mas, eu tentaria pelo menos. Ela tinha me deixado quebrado e ferido, acreditando que o amor já não existia no meu mundo. E uma parte de mim ainda acreditava que não poderia existir. Mas Elizabeth estava lentamente apagando esses pensamentos, e eu sentia como se tivesse recebido a chance de um novo começo.

Passei o braço pelos seus ombros e ela segurou minha cintura, enquanto caminhávamos em silêncio, trocando olhares quentes e sorrisos. Ela tropeçou algumas vezes e eu a peguei. Não conseguia parar de rir de si mesma, e eu achava isso fofo.

Hoje à noite, eu teria certeza que ela chegaria bem ao ônibus. Hoje à noite, eu iria proteger a sua fofa embriaguez. Gostei que não precisávamos de palavras a todo momento, ao invés disso, nós aproveitamos o confortável silêncio.



Capítulo 23

ELIZABETH

O zumbido estava começando a passar, mas minha cabeça ainda estava tonta. Paramos fora do ônibus número seis e eu não tinha certeza do que mais poderia dizer. Ace pegou minha mão e nós caminhamos até a parte de trás do ônibus.

— O que estamos fazendo? — Perguntei e depois dei um soluço. Seus lábios roçaram o meu rosto, e o calor do seu corpo pressionando ao meu, me deixou aquecida.

— Eu não sei. — Sussurrou, dando um sorriso doce. Ele estava sendo tão transparente... gostava desse lado dele. Meu coração dava cambalhotas e piruetas, mas as palavras tinham sumido.

— Venha para o meu ônibus. — Ele falou.



— Ooh, estar bêbada perto de um cara quente poderia ser muuuito perigoso — disse, rindo.

— Então você acha que eu sou quente? — Ele me provocou, afastando uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Você é uma provocação.

— Como assim?

— Eu acho que é a maneira com que você move seus quadris no palco. Deixa as mulheres loucas. — Solucei novamente.

— Será que eu deixo você louca? — Ele perguntou no meu ouvido.

Prendi a respiração quando os lábios traçaram minha orelha, e mordi o lábio inferior assentindo. Ele não sabia o efeito que tinha sobre mim, ou talvez ele soubesse. Muito *moonshine*.

— Veja, garota bêbada. Mmmhmmm. Cara quente. Eu poderia perder o controle.

— Soa bizarro. — Ele disse.

— O mesmo acontece com Ace Hathway.

Ace explodiu em gargalhadas e tomou minha mão na sua.

— Venha comigo. — Ele sorriu e fez uma pequena cruz sobre o coração. — Eu prometo ser um bom menino quente.

Olhei em seus olhos e sabia que não havia nenhuma maneira de dizer não.

— Bem, já que você prometeu...

Ace pegou minha mão e me levou por trás dos ônibus, para não sermos vistos. Ele espiou antes de irmos para a frente do ônibus dele, e após digitar rapidamente o código, acenou para que eu entrasse. Estávamos rindo quando entramos.

Nik via TV esparramado no sofá, com as pernas penduradas para fora porque ele era muito alto. Mas parecia confortável.

— Ei, pombinhos.

Ace lhe lançou um olhar mortal e eu levantei minhas sobrancelhas para ele.

— Estava brincando. Merda! — Nik, trocava os canais sem pensar.

Ace pegou duas garrafas de água na geladeira e me entregou uma.

Quando seu telefone tocou ele olhou para tela. — Minha mãe. Vou falar com ela, se estiver tudo bem. — Ace olhou para mim.

Eu concordei e Nik se sentou no sofá para que eu pudesse me acomodar ao lado dele.

— Vai levar só um segundo, prometo.

Eu solucei e sentei ao lado de Nik, que me olhou com um meio sorriso. Ele parecia tanto com Ace, um rosto que era tão perfeito quanto um "tiro na cabeça".

— Fico feliz em ver você aqui — disse ele, baixando o volume da televisão.

Ri nervosamente. — Por quê?

— Porque meu irmão merece alguém verdadeiro e não qualquer idiota. Faz muito tempo... Oh, meu Deus. Eu amo "The Golden Girls". Nunca conte a ninguém que eu disse isso — ele riu.

— Eu juro. — Estendi meu dedo mindinho e ele olhou como se eu fosse louca. — É uma coisa de menina. Você enrola seu dedo mindinho com o meu e, em seguida, beija a mão. Aí não pode falar — Soluço. — Culpa do *moonshine*. Pode ignorar.

Nik gostou da ideia e enrolou o dedo mindinho com o meu e beijou a mão.

— Você é hilária — disse ele, durante um comercial.

— Por que faz muito tempo? — A minha curiosidade tinha sido aguçada. Será que Nik iria me dizer?

Assim que ele abriu a boca Ace voltou, e encostou na parede com os braços cruzados. Havia um leve sorriso em seu rosto.

— Sobre o que vocês estavam falando?

Nik mudou de canal, trocando "The Golden Girls" por um filme de ação qualquer. Eu explodi em gargalhadas.

— Nada... juro! — Eu disse e fiquei de pé quando ele me chamou com o dedo pra seguí-lo. Ace pegou minha mão e nós caminhamos através do corredor, passando pelo banheiro para chegar a um quarto na parte de trás do ônibus. Ele abriu a porta e eu entrei e olhei em volta.

— Então, aqui é onde a mágica acontece? — Levantei as sobrancelhas, o provocando.

Ele riu e deu um tapinha na cama. Coloquei as mãos nos quadris e levantei as sobrancelhas, com os lábios apertados. Era mágico estar perto dele, e naquele momento, não conseguia pensar em outra coisa a não ser ele, Ace fazia com que todos os meus pensamentos fossem encapsulados e substituídos apenas por ele.

Estar tão perto dele, sentir seu cheiro e ver aquele olhar sexy em seu rosto provocava coisas em mim, coisas que eu não queria admitir.

Deixei escapar um pequeno suspiro e fui em direção a ele. Tudo isso era tão inesperado, eu não tinha nenhuma explicação do porquê eu estava lá, a não ser que meu coração me levou. Ele caiu de costas na cama, com as mãos acima da cabeça. Sua camiseta levantou e pude ver o osso do quadril, tatuagens e os músculos do abdômen. Se estivesse com minha câmera, teria feito uma foto dele assim. Era muito sexy, e eu queria correr meus dedos pela sua pele, através dos seus músculos. Ele se apoiou nos cotovelos e me deu um meio sorriso.

— O que?

Balancei a cabeça. — Nada. Você é apenas... — Fiz um gesto como se estivesse fazendo uma foto.

— Enquadramento perfeito. — Ele disse.

Havia momentos em que tudo o que eu queria fazer era me perder em seus olhos, e em outros, era tão intenso olhar para ele que eu tinha que virar a cabeça. Ele era muito bonito, o que fazia estar aqui ainda mais intimidante.

Dei mais alguns passos e Ace pegou meu braço e me puxou para perto dele. Erguendo-se sobre um cotovelo virou o corpo em minha direção e deslizou os dedos por toda a

suavidade do meu quadril. Minha reação imediata foi puxar a blusa para baixo, mas não fiz. Fogos de artifício. Faíscas. Eletricidade. Eu costumava tirar sarro quando as pessoas falavam que sentiam essas coisas, e agora estava acontecendo comigo. Acho que realmente estremeci.

Ace inclinou o rosto para perto do meu e vi quando ele olhou para os meus lábios. Senti como se tivesse sido inundada por borboletas. Fechei os olhos, e ele me beijou com paixão, suave e hipnotizante. Quando nossos lábios se separaram, Ace deitou de costas e olhou para o teto. Virei e apoiei o queixo com as duas mãos. Ele me olhou, com os olhos entreabertos, e inclinei a cabeça.

O sorriso que apareceu em meus lábios mostrava minha felicidade. Estava me derretendo ainda mais por Ace Hathway. Tudo o que ele disse abriu uma parte do meu coração que estava fechada há muito tempo. Este era o Ace Hathway que eu queria me lembrar pelo resto da minha vida – o doce, honesto, sexy Ace, que me envolvia em seus braços e me puxava para perto dele. Pressionei meu corpo contra ele e senti seu cheiro. Um cheiro doce e viril, que não deviam se misturar, mas que ainda assim o faziam.

Eu coloquei minha cabeça no peito dele e eu podia ouvir seu coração batendo. Cuidadosamente, ele passou a mão nas minhas costas e me segurou. Estendi a mão e me belisquei.

— Ouch — eu disse.

— Por que você fez isso? — Sua voz estava rouca.

— Eu queria ter certeza de que não estava sonhando.

Ele me apertou, rindo.

— Ouch. Ok, definitivamente não.

Ergui a cabeça e estudei seu rosto. Os cílios eram longos e curvados nas pontas. Após alguns segundos, seus olhos se abriram e pude ver os redemoinhos de azul, de verde e de marrom. Nós estávamos perdidos um no outro, nenhum título de rockstar ou jornalista para nos manter à distância. Palavras não ditas estavam escritas em nossos rostos e eu não queria que o momento acabasse.

Ele pegou meus quadris e me puxou para mais perto, e nossos lábios se chocaram com tanta força que minha respiração foi roubada no impacto. De alguma forma eu estava em cima dele, montando seu corpo, e nossos lábios nunca deixaram de se tocar. Estávamos ligados tão profundamente, como se estivéssemos enraizados no coração um do outro.

Afastei e me sentei sobre ele, sentindo a dureza através das suas calças. Levantei uma sobrancelha e ele inclinou a cabeça.

— Você fez isso comigo.

— Eu não quero ter pressa — disse, com sinceridade.

— Babe, eu não quero mais ninguém.

Revirei os quadris e ele agarrou minhas coxas e me parou.

— Dois podem jogar esse jogo — disse, me deitando de costas. Suas mãos eram como uma bússola encontrando o caminho através do meu corpo. Seus lábios traçaram os meus e se arrastaram pela minha bochecha, senti a respiração quente no pescoço enquanto seus cílios tocaram minha pele. Fechei os olhos, perdida em um mar de emoções, e ele era a correnteza, me puxando para territórios desconhecidos ao explorar meu corpo. Sentia o coração disparado e os pensamentos giravam.

Abri meus olhos e eu o vi pairando acima de mim, com o cabelo escuro caindo nos olhos e os lábios cheios, que eu tanto queria beijar. Levantei a cabeça, esperando o beijo, mas ele recuou e sorriu. Borboletas se agitaram e, em seguida, explodiram quando ele abaixou a cabeça e me beijou. Meu estômago dava voltas com a emoção, enquanto meu corpo implorava por mais dele. Seus dedos traçaram pequenos círculos na minha barriga e, lentamente, foram ainda mais para baixo. Meu corpo respondeu ao seu toque quase instantaneamente. Com a respiração suspensa, esperei para ver até onde iria. Quando ele se afastou, eu respirei, metade

de mim desejava que ele tivesse descido mais, ainda que meu melhor julgamento dissesse que não.

— Veja — disse ele em meus lábios, sem pressionar, não permitindo que eles se tocassem como eu queria. — Eu inventei a palavra provocação.

Com sua língua nos meus lábios, na minha boca, eu queria me afogar nele. Não conseguia evitar, meu coração queria Ace Hathway. Ele roçou o nariz contra o meu e me beijou rapidamente, antes de se afastar e deitar de costas.

E ficamos lá, deitados, com as mãos atrás da cabeça e olhando para o mesmo teto branco, sem dúvida imaginando as coisas safadas que poderíamos estar fazendo no momento. Ace virou a cabeça para mim.

— Eu preciso contar sobre o meu passado Elizabeth, acho que é importante.

Virei e apoiei a cabeça no cotovelo, acenei e esperei.

Ele abriu a boca e a fechou, várias vezes. Então começou a me contar tudo.

— Há cinco anos estive envolvido com uma mulher que eu pensei que amava. Não levei ninguém a sério desde então, por isso estou um pouco enferrujado.

Olhei em seu rosto tentando ficar sóbria, enquanto ele derramava seu coração para mim.

— Ela não queria que eu fosse atrás dos meus sonhos, não queria que tocasse profissionalmente ou viajasse, então me deu um ultimato. Ou ela ou a música.

— ...E você não a escolheu?

Ele balançou sua cabeça. Seu rosto se tornou sério e os olhos pareciam tristes.

— A música é minha vida, é uma parte de quem eu sou. Nunca, em meus sonhos mais loucos, imaginei que iria encontrar alguém que poderia fazer meu coração bater daquele jeito de novo e alguém que entenda a música. Estou desiludido a muito tempo, sempre em busca de algo para preencher o vazio. E quando eu estou com você Elizabeth, não sinto mais esse vazio.

Com cada uma de suas palavras meu coração expandia. Estava quase me beliscando novamente.

— Ace, você faz eu me sentir da mesma maneira. — Sussurrei com adoração, sentindo o coração disparar quando ele correu os dedos pelos meus cabelos e se aproximou beijando minha testa. Meus olhos se fecharam quando ele colocou sua testa contra a minha. Eu estava perdida em seu toque e não queria ser encontrada.

— Obrigado — disse ele. — Obrigado por me fazer sentir vivo.

Antes de colocar um beijo suave na minha boca, seu polegar traçou meu lábio inferior. Havia tanta emoção por trás desse único beijo, que eu não queria me afastar. Estávamos na mesma página, lendo o mesmo parágrafo, palavra por palavra. Isto era a vida real? Ace Hathway me fazia sentir coisas que eu tinha enterrado há muito tempo.

Quando me puxou em seus braços fechei os olhos. Tinha medo de me tornar viciada em Ace Hathway. Eu estava em queda livre sem paraquedas e, uma vez que tinha pulado, sabia que não poderia voltar atrás. Esperava que o risco valesse a pena.

Acordei com o seu riso suave.

— Hã?

— Nós adormecemos — disse ele.

— Ugh. Tenho que ir.

Ace levantou e se espreguiçou, estendendo a mão para mim, a peguei e ele me puxou. O sabor dos seus lábios seria algo com que eu sonharia esta noite.

— Eu quis dizer tudo o que disse — ele sussurrou em meu ouvido.

— Eu também.

Andamos pelo corredor vendo Nik ainda no sofá, dormindo e roncando. Ace colocou o dedo sobre os lábios com um sorriso e acenei um tchau. Ele me deu uma piscadinha e eu saí.

— Tchau Elizabeth. — Ouvi Nik dizer antes da porta fechar.

Quando saí do ônibus Jenny estava dobrando a esquina. Ela tinha bebido e falava muito alto. O efeito do *moonshine* tinha passado e minha cabeça começava a doer. Agora que eu sabia que ela era irmã dos meninos da *Band of Brothers,* podia ver a semelhança. Eles tinham a mesma estatura, e o rosto dela, embora muito mais suave, apresentava a mandíbula forte e o nariz reto como o deles. Como não percebi antes?

— Aí está você — disse ela, apontando para mim.

— Aí está você — repeti, com as bochechas ruborizadas, pensando sobre o que aconteceu.

— Eu não posso acreditar que você é irmã deles — falei em voz baixa.

— Sinto muito por não ter contado. Por favor, não fique zangada.

— Eu não posso ficar brava com você. Achei que você dois eram...

Jenny explodiu em uma risada estridente, até que estava praticamente asfixiando.

— Você é uma comédia. — Ela parou de falar, tossindo e rindo muito.

Jenny diminuiu o passo para acompanhar minha velocidade de tartaruga.

— Eu disse que ele não era o meu tipo. Não vou namorar alguém da minha família. Você namoraria? — Ela perguntou.

Ri para ela. — Não. Sarah me fez pensar que tinha alguma coisa acontecendo.

Jenny parou de andar e cruzou os braços.

— Você sabe qual é o problema dela? Tentou foder com todos, e todos disseram não. Por quê? Porque ela é uma cadela. Eu juro que vou fazer com que saia desta turnê. E não importa quantos shows faltem para terminar

Nós entramos no número seis e todo mundo já estava na cama.

— Que horas são? — Sussurrei para Jenny, porque o ônibus estava estranhamente silencioso.

— Duas da manhã — respondeu, em voz alta



Onde o tempo tinha ido? O tempo era tão precioso, algo que nunca poderia ser comprado, vendido ou dado, mas Ace havia roubado o meu. Ou melhor, eu tinha dado a ele de bom grado.

Sem arrependimentos.



Capítulo 24

ACE

Outro show, outra lista de músicas, outra multidão de pessoas gritando, mas eu não poderia estar mais animado. Não tenho certeza se era culpa do show. Olhei pela janela do ônibus e vi a mudança de cenário diante dos meus olhos. Parecia que ia chover. Isso poderia ser indicativo tanto de um show confuso e divertido ou um show cancelado se tivesse raios. Peguei meu telefone, incapaz de me segurar por mais tempo.

Eu: Oi baby.

Elizabeth: Bom dia...baby.

Eu não conseguia parar de sorrir.

Eu: Eu quis dizer cada palavra.

Elizabeth: Eu também.





Eu: Queria que você estivesse aqui.



Elizabeth: Pare o ônibus e me juntarei a você.

Eu: Se eu tivesse o poder de fazer isso...

Elizabeth: Você não tem? ;)

Eu: Provocadora.

Elizabeth: Você inventou a palavra. Lembra?

Eu: E você escreveu a definição.

Eu conseguia imaginar seu rosto nesse momento, e aposto que ela estava sorrindo tanto quanto eu. Não a encontrei durante o dia pois estávamos viajando para a próxima cidade, mas estava feliz por acabar com os receios dela a meu respeito. Se não me importasse com ela, eu a teria comido ali mesmo, na minha cama. Mas, isso era diferente, não queria apressar nada e não queria negar as coisas que eu sentia. Sorri pensando sobre isso e mal podia esperar para vê-la novamente.

— Se você vai fazer essa coisa de relacionamento, acho melhor manter em segredo. As pessoas estão começando a perceber que você está agindo diferente — disse Jex.

— As pessoas ou você? — Ele não iria me controlar.

— Eu só estou avisando. Você quer proteger Elizabeth e manter tudo em segredo, mas está agindo diferente. Leu o

mais recente artigo online? Playboy troca seu título. Continue assim e ninguém vai levá-la a sério. É isso que você quer?

— Minha felicidade deveria ser tudo o que importa para você ou para Nik e Rex.

Jex veio até onde eu estava e me deu um grande abraço de irmão, batendo a mão grande nas minhas costas. — Eu quero que você seja feliz, mas nós temos um show a fazer. Não esqueça disso.

Apertei os olhos para ele. — Eu levo a sério Jex, você não tem que se preocupar com isso. E a verdade é que, talvez esteja mesmo entregando o meu título de playboy. Mas por que isso importa? Você fode as groupies que trago ao palco. Acho que eu terminei com isso.

Ele suspirou. — Você sabe o que estou dizendo, Ace. Não estou dizendo para fazer isso novamente, ok? Quero que você seja feliz irmãozinho, mas não mude sua cena. É uma cena, se é que você me entende. Nós não precisamos de uma Yoko para estragar o que temos.

Tudo que eu poderia fazer era rir sarcasticamente. Pela primeira vez, em meia década, encontrei alguém que eu estou interessado, e ele fala isso?

— Ela não é a porra de uma Yoko. Ela não é Misty. Você não sabe nada sobre Elizabeth. E, não se preocupe comigo, vou lidar com isso.

Jex se serviu de uma dose de tequila, a levantou em minha direção, depois voltou para o sofá. Apertei o punho e me senti meio tentado em dar a merda de um soco na geladeira. Mas não dei.

Esta era a minha vida e faria o *que* eu queria com *quem* eu queria, pura e simplesmente.

Isto não era uma cena.

O ônibus entrou no estacionamento e esperamos durante o resto do dia, até que fosse a hora do show. Eu fui lá fora, na esperança de vê-la, mas ela não apareceu. Não queria mandar uma mensagem para perguntar onde ela estava, porque gostava de dar espaço, mas estava ficando louco. O tempo passou e eu não podia esperar mais. Foda-se.

Eu: Esperando por você.

Elizabeth: Eu vou demorar um pouco. Tentando terminar meus artigos para a PHASE.

Eu: Ok. Te vejo em breve.

Elizabeth: Sim, você vai.

Nik saiu correndo do ônibus e passou por mim, então eu soube que estava perto da hora do show.

— Vai chover? — Perguntei, olhando para as nuvens escuras enquanto atravessávamos o estacionamento. Mexi

meus dedos, queria que a energia fluísse através do meu corpo.

— Talvez. É por isso que precisamos nos apressar. — Ele sorriu para mim.

— Você é como aquela música. "*Só está feliz quando chove, você alma escura*".

— Você nem imagina — disse Nik, praticamente correndo pelo estacionamento, enquanto eu tentava acompanhá-lo.

— Você não vai derreter. — Eu disse e ele riu.

Miley passou por ele em um ritmo ainda mais rápido e eles trocaram olhares. Ela virou sorrindo para ele e atirando punhais em mim.

— O que foi isso? — Perguntei.

— O quê?

— É assustador quando ela sorri.

— Hmmm. Não sei.

Apertei os olhos, sem acreditar em uma palavra que ele disse.

— Não — disse ele, antes que eu pudesse começar a fazer perguntas. — Eu não misturo negócios com prazer.

— Espero que você não esteja insinuando nada — disse, meio brincando.

— Talvez sim, talvez não.

Nós subimos as escadas de dois em dois degraus e chegamos a um corredor que levava diretamente ao palco. Era um espaço estranho, tipo uma caverna, que levava a lugares diferentes debaixo do local. Nós encontramos com Rex e Jex, fizemos a nossa reunião pré-show. Era algo que fazíamos em todos os shows desde que éramos crianças. Meu pai começou a tradição quando queríamos cortar a garganta uns dos outros. Ligação fraternal, ele diria.

Um trovão ressoou e nós nos olhamos.

— Este show vai chutar tantas bundas — disse Nik.

Eu balancei a cabeça com um sorriso. Ele era o irmão que adorava ver as pessoas sujas.

— Estou imaginando todas as pessoas no gramado cheias de lama — Eu disse.

— Eu realmente gosto de vê-los cair — disse Rex.

— Você é doente. — Falei.

— O quê? É hilário! — Ele disse.

— Vamos fazer o maldito melhor show que pudermos nesta noite — disse Rex, olhando para mim. Esperava que ele

não estivesse insinuando nada. Eu levaria o conselho de Jex em consideração e ia fazer uma cena, mas não ficaria mais com qualquer menina. Isso tinha acabado.

Trocamos um grande abraço em grupo, pegamos nossas guitarras com os técnicos e esperamos enquanto todas as luzes baixavam no palco. Rex entrou primeiro e começou um rufar baixo de tambores. Nik atravessou o palco e tocou um acorde em Ré maior com distorção. A guitarra soou e os gritos da multidão também, com a mesma intensidade. Eu já podia sentir a energia, e sabia que acabaria este show esgotado, mas feliz. Entrei e dedilhei uma nota aberta, Rex correu os dedos pelo baixo, sem perder nada. Todos nós paramos de tocar no momento exato em que as luzes acenderam. Levantei os braços para a multidão e em seguida toquei a primeira nota da nossa música de abertura, exatamente quando o céu desabou.

As pessoas dançaram na chuva e outros tentaram ir para baixo do toldo, mas ninguém foi embora. Todo mundo ficou, ouviu e cantou comigo. A multidão e eu como se fôssemos um só. Foi um dos mais belos espetáculos que eu já tinha feito.



Capítulo 25

ELIZABETH

Antes do show começar, eu escrevi um e-mail para enviar a Shelia, minha ajuda. Ela me enviou um e-mail no início da semana e me agradeceu por minhas instruções. Acho que Jack a odiava tanto quanto ele me odiava. Pobre menina. Ela teria um tempo difícil, como eu tive.

Meu telefone tocou e eu percebi que era a minha mãe. Sorri e peguei o telefone. Eu tinha tanta coisa para contar a ela sobre a turnê e Ace, mas imediatamente sabia que havia algo errado. Sua voz não era alegre e seu tom de mãe não estava presente. Ela parecia derrotada.

— Seu pai está no hospital, — disse ela entre soluços. Eu quase não podia entendê-la, e em seguida, isso *clicou* o que ela tinha dito. Parei tudo o que estava fazendo e o sorriso desapareceu do meu rosto. Fechei meu computador e agarrei



minha câmera para o show. Então sentei na cama de Jenny e coloquei meu rosto em minha mão, tentando segurar a sensação queimando dentro do meu nariz, mas eu não podia.

— Mãe, o que aconteceu? — Perguntei, tentando me acalmar e não ser muito histérica. Ouvi ela chorar ao telefone e colocar para fora as palavras sobre o ataque cardíaco, hospital e unidade de terapia intensiva. Nada do que eu poderia ter dito a teria confortado. Isto é do que eram feitos os meus pesadelos.

Inspirei irregularmente, enquanto ela fungou na outra linha.

— Eu vou pegar o próximo voo nas a primeiras horas da manhã.

— Não, você não pode. Não seria de nenhuma ajuda. Os horários de visita são muito limitados, Liz. Querida, eu tinha que lhe dizer para que você soubesse o que estava acontecendo.

— Eu quero estar aí para você e o papai. — Eu queria que ela soubesse que eu iria largar tudo pela família. Eu devia tanto ao meu pai, meu amor pela música e minha capacidade de tocar. Eu nunca teria chegado tão longe nesta indústria sem o seu apoio, e eu devia tudo aos meus pais.

— Mãe. Por favor. Isso é grave. Se eu não voltar para casa e algo acontecer, eu nunca vou ser capaz de me perdoar.

Ela estava tentando falar através de lágrimas e era demais.

— Você sabe que seu pai não iria apoiar isso. — Ela se forçou a dizer.

Ficamos em silêncio. Ela estava certa. Ela estava sempre certa.

— Mamãe. — Eu implorei.

— Termine o seu trabalho. Faça o que seu pai iria querer que você fizesse. Ok, querida?

Minha voz era pequena, mas eu forcei sair um ‘Ok’.

Ela inspirou profundamente e disse um único 'eu a amo' antes que me dissesse que ela tinha que ir. Meu coração estava dilacerando. Eu desliguei o telefone, sentei e permiti que as emoções e lágrimas assumissem o controle. Eu não poderia imaginar perder o meu pai.

Limpei meu rosto e peguei meu cabelo soltando do rabo de cavalo para ajudar a esconder o meu rosto. Quando chorava, meu nariz ficava vermelho e minhas bochechas inchavam. Meus olhos estavam inchados e era difícil para mim encobri-los, mas eu tentaria.

Quando sai do ônibus, o céu começou a se derramar completamente. Alguém tinha dado à mãe natureza a

mensagem e ela chorou conosco, cobrindo todos em suas lágrimas.

Mudei meu equipamento para mais perto do meu corpo e corri pelo estacionamento o mais rápido que pude, feliz pela água. Iria encobrir minha melancolia. Quando eu pequei as escadas para o local, senti pela primeira vez que eu não queria estar lá. Não essa noite. Eu queria estar de volta na Califórnia, sentada com meus pais falando sobre a praia, a música e a vida. Uma única lágrima passeava pelo meu rosto e eu me apressei para limpá-la.

Tomei meu tempo caminhando pelo longo corredor que passava debaixo do palco para o andar térreo em frente ele. Havia uma plataforma na frente da cabine de som que me colocou quase no nível dos olhos da multidão. Jenny recomendou o local, e eu sabia que uma vez que eu estivesse sobre ele, seria perfeito. Quando cheguei no lugar, eu percebi que era frio e eu não esperava que fosse, mas poderia ser por estar encharcada da chuva.

Os irmãos já tinham tomado o palco e a banda tinha tocado pelo menos duas canções, talvez até três. Me virei e olhei para cima na colina, onde as pessoas estavam sentadas e em pé sobre o gramado com a chuva os encharcando. Alguns foram inteligentes e trouxeram ponchos, outros usavam nada além das roupas em suas costas. Eles ficaram

na chuva, a permitindo cobrir seus corpos e rostos, e cantando com tudo o que eles tinham.

Os milhares de fãs dedicados eram uma visão para admirar, mas mesmo com tudo isso, eu não conseguia me concentrar em nada. Eu me movia roboticamente, tirando uma fotografia de cada vez. Felizmente, os irmãos eram tão fotogênicos, que fez a minha tarefa fácil. Música após música e estava no mesmo lugar, pronta para quando tudo estivesse acabado e eu pudesse rastejar em minha concha e ficar lá até amanhã.

Ace continuou a animar a multidão. Mulheres agiam da mesma maneira em cada cidade e era quase chato de assistir. Inclinei meu ombro contra o metal frio do corrimão da escada e deixei minha câmera cair da mão para o meu lado. Ace fez contato visual comigo e eu estava hipnotizada por todos os seus movimentos. Eu sabia que parecia uma bagunça com o meu cabelo colado na minha testa e minhas roupas completamente encharcadas, mas eu absorvia como uma esponja. Durante quase toda a música eu estava presa em um transe de vê-lo, lhe permitindo tirar meus pensamentos para longe pela primeira vez.

Eu quero que você veja.

Quero que você veja a realidade.

Seu amor é um veneno que eu gostaria de beber.

Para sentir a batida, mais uma vez.

A batida do meu coração.

Você é minha.

Sua voz era suave e aveludada, e eu senti como se aquelas palavras fossem para mim. Eu não acho que eu tirei uma única foto decente pelo resto do show.

Quando 'One Night Stand' veio e Ace chamou uma mulher no palco, meu coração caiu para a boca do estômago. Tinha sido tudo para nada? Ontem à noite foi um sonho? Minhas emoções estavam em um turbilhão e eu não poderia lidar com mais de um coração partido hoje à noite. Não, não esta noite.

Corri da multidão, logo que a mulher de cabelos castanhos de altura de salto agulha subiu ao palco. Suas unhas correndo pelo seu estômago. O pensamento dele transando com ela, como as outras que ele teve antes, me deixou doente. Depois de receber o telefonema informando que meu pai teve um ataque cardíaco, parecia que nada disso importava. Eu tinha que ir embora naquele momento. Era demais. Eu não podia ser vista em um momento de fraqueza como esse.

Ouvi os tambores de batendo e as notas de Ace sumindo na distância. Eu estava no corredor com as costas pressionadas contra a pedra fria, esmagada. Eu não poderia

me importar mais. Tudo tinha que parar. Quando eu soube que o show acabou, eu andei pelo longo corredor sozinha. As únicas luzes principais do caminho foram as placas de saída aleatórias colocadas por toda parte.

Quando fechei os olhos, tudo o que eu podia ver era os olhos de Ace em mim enquanto eu tirei fotos do piso térreo. Talvez na noite passada ele tinha soprado fumaça na minha bunda, me alimentando com mentiras que eu tinha comido mordida por mordida.

— Onde você vai? — Ele gritou para o corredor, mas eu não parei.

— Por que você se importa? — Minhas palavras saíram duras, e eu não deveria ter dito nada, mas por vezes, a verdade tinha de ser falada.

Ace agarrou meu braço enquanto eu tentava continuar caminhado, mas ele me puxou para perto dele. Eu podia sentir seu calor, o cheiro do seu perfume e suor da sua performance, e uma parte de mim queria me dobrar em seus braços e tê-lo me dizendo que tudo ficaria bem. Mas ele não era o tipo de homem que consolava mulheres, era? Hoje à noite ele me mostrou que ele era o tipo de homem que usa as mulheres, em seguida, as empurrava para fora. Certo? Não era? Eu não sabia mais a resposta para isso. O homem que

ele tinha me mostrado antes, não era o homem que eu vi no palco. Talvez eu fosse a tola.

Ele colocou a mão debaixo do meu queixo e me forçou a olhar para ele.

— Não é nada mais que um ato, Elizabeth. Às vezes você tem que tomar riscos. Às vezes você tem que pisar fora da caixa. E você sabe qual a parte mais bonita disso? Eu escolho você.

Abri a boca e a fechei. — Eu não tenho o cabelo castanho e uso sapatos salto agulha. Você não tem alguém que você devia estar usufruindo?

Ele agarrou minha mão e beijou meus dedos. — Elizabeth. Posso dizer que algo está errado.

— Se você fosse o *deus* que você finge ser.

Foi um golpe baixo, mesmo eu sabia disso.

Seus olhos tolerantes procuraram os meus e ele me puxou para perto dele até que meu corpo estava pressionado contra o seu, em seguida, passou os braços em volta de mim e eu não tinha escolha, além de envolver meus braços em torno dele. Eu não me importava se ele estava suado. Senti a parede emocional começar a se desintegrar e tentei não chorar. Eu não podia, não ali. Havia uma pessoa carinhosa por trás dessa casca dura e eu tinha sentido a sua suavidade

como eu fazia naquele momento. Sendo mantida assim, fez eu me sentir segura e confortou a minha montanha russa de emoções.

— Olha, Elizabeth, eu sei que sou um idiota. Sei que houveram momentos em que eu fui um grande babaca com você e eu sinto muito por isso. É... — Sua voz era baixa e sua boca estava perto da minha orelha.

Eu não poderia evitar me segurar a cada palavra que ele disse. Quando Ace me segurou, foi fácil alimentar a fantasia de estar com ele e esquecer tudo. Estar tão perto dele tornou ainda pior. Eu podia sentir o cheiro da mistura de sua pele e suor e sentir as batidas do seu coração. Liberamos nosso abraço e suas mãos deslizaram em meus braços enquanto ele gentilmente esfregou as pontas dos dedos na minha pele. Pequenos alfinetes e agulhas correram através de mim como colisões passando pelos meus braços.

— Termine o que ia dizer, é o que? — eu disse.

Ele abriu a boca e a fechou enquanto eu olhava para o lábio inferior carnudo. Eu esperei e quando ele não disse mais uma palavra, eu puxei meus braços de seu toque elétrico.

— Ace, baby? — A voz estridente disse atrás de nós. Ace tirou as mãos de mim e se virou. Assim que ele fez, eu fiz contato visual com sua porra aleatória para a noite e olhei

para ele, magoada. Achei que tínhamos compartilhado algo especial e pensar que era tudo por nada, me fez questionar tudo. Seus beijos tinham me capturado e sei que ele sentiu isso também. Ele tinha sentido. Ou talvez fosse tudo uma mentira.

Se ela fosse nada, por que não foi escoltada para fora do palco com os outros e por que ela persistia? Perguntas me bateram com força. Perguntas completas que eu não tinha o direito de pedir ou merecer as respostas. A realidade da situação me deu um tapa na cara, eu não era ninguém especial.

Olhei-a de cima a baixo e percebi que éramos completamente opostas. A mulher balançou os quadris enquanto ela caminhava e franziu os lábios quando disse o nome dele novamente. Ela até usou a conversa de bebê. Você está brincando comigo? Olhei novamente para ele com narinas tremendo e me afastei. Quão estúpida eu era para acreditar que ele tinha mudado?

— Liz, — disse ele, ignorando a mulher.

— Não me chame assim. — Meu coração tremeu porque meu pai sempre me chamou de Liz. Bati a porta do palco atrás de mim e encostei ao lado do edifício, sozinha, enquanto as lágrimas do tamanho de elefantes escorriam pelo meu rosto. Eu estava chorando pelo meu pai e por meu coração

que foi lentamente destruído em pedaços. Em todos os lugares que eu olhei, não vi nenhuma melhora. Quando Jack revisasse meu artigo eu provavelmente seria liberada do serviço. Talvez quando eu voltasse para a Califórnia, eu iria procurar um novo emprego em um jornal local ou alguma coisa, porque se eu voltasse com as mãos vazias, eu estaria demitida de qualquer maneira.

Sentei com as costas contra a frieza do prédio e chorei até que meu corpo estava completamente vazio, vazio de emoção. Uma hora ou assim deve ter passado, e tenho certeza que Ace estava ocupado em seu ônibus fazendo a noite daquela mulher. As conversas normais dos técnicos enchiam o espaço enquanto eles faziam centenas de viagens de indo e voltando ao local do show. Embora eu não pudesse esperar para chegar em casa, uma pequena parte de mim sentiria falta de estar em turnê. Eu tinha feito amigos para a vida e senti coisas que eu achava que estavam perdidas há muito tempo, mas eu precisava parar de viver em um conto de fadas porque em breve isso tudo acabaria e eu estaria de volta em casa, no mundo real.

Quando o som do movimento diminuiu, eu decidi voltar para o ônibus. Eu sabia que meu rosto estava inchado de lágrimas, então eu evitei fazer contato com os olhos tanto quanto possível. Abri a minha cortina e minha boca se abriu.

Dentro do meu beliche, no ônibus dos empregados, estava Ace Hathway. Olhei para ele como se ele fosse louco e ele segurou seu dedo sobre sua boca. Alguém passou e eu fechei a cortina muito rápido e tirei meus sapatos. Eu fiquei ali, olhando para o teto pensando no que eu faria. Nosso ônibus estava cheio, por isso era ou dormir sentada à mesa, ou no pequeno sofá que mantinha duas pessoas, ou subir no beliche e ficar com Ace.

Jenny estava no corredor e inclinou a cabeça para mim.

— Você está bem? — Ela abriu os braços e me deu um grande abraço.

— Meu pai teve um ataque cardíaco e minha mãe é teimosa, ela exigiu que eu ficasse aqui.

— Eu sinto muito. Só mais cinco shows. Isso vai voar. Sério.

Jenny começou a tirar seus sapatos, também, e trocando para um pijama no corredor. — Será que Ace te encontrou?

— Não. — Eu disse rapidamente e ela virou a cabeça e olhou para mim.

— Ok. — Ela riu. — Ele estava procurando por você lá fora cerca de vinte e cinco minutos atrás. Eu sei que ele é

meu irmão e ele é um babaca, mas ele tem um bom coração. Eu juro. Eu não estou sendo uma irmã tendenciosa.

Cruzei os braços e olhei para ela. Nós não tínhamos chegado a oportunidade de discutir isso em detalhe. — Sim. Sobre isso.

— Eu não quero que você pense de forma diferente a meu respeito. Muitas pessoas não sabem. É por isso que eu passo por Jenny em vez de Jennifer. Eu quero ser levada a sério na indústria, não pegar a carona dos meus irmãos mais velhos.

— Ei. Eu entendo. Não se preocupe com isso. — Eu bocejei.

Ela me abraçou, então rastejou em seu beliche. — Boa noite.

— Boa noite. — Eu disse, em seguida, coloquei apressadamente meu pé à beira de sua cama e me puxei até onde Ace ocupava a metade do espaço. Ele estendeu os braços para mim e me segurou. No início, eu estava hesitante, mas percebi que era isso ou ficar completamente desconfortável.

Nossos rostos estavam a meras polegadas um do outro e sua respiração roçou meu rosto.

— Por que você está aqui? — Eu sussurrei.

— Você não entende? Eu quero estar com você.

Nossas vozes eram baixas. Excitação e eletricidade dispararam através do meu corpo, começando na boca do estômago e direto através do meu coração. Engoli em seco e fechei os olhos. Nossos lábios se chocaram com tal fervor que parecia como se um milhão de anos tinha nos mantido separado. Sua mão oposta arrastou pelo meu cabelo e seu polegar roçou minha bochecha. Quando nos afastamos, ambos estávamos ofegando.

Senti como se estivesse respirando com dificuldade o suficiente para que todos no ônibus me ouvissem. Mas Ace não parou por aí. Ele mordiscou meu lábio inferior, puxando o suficiente para me deixar absolutamente insana. Quando fechou os olhos, seus cílios atingiram o topo das minhas bochechas. Eu jamais queria esquecer aquele momento. Era um que eu queria lembrar para o resto da minha vida. Ele me fez sentir coisas que eu nunca tinha sentido antes. E, de repente, tive uma estranha sensação de adoração por ele, pelo fato de levar para longe os pensamentos que estavam tão ansiosos para me consumir, e por não estar tentando fazer sexo comigo. Ele estava contente em estar lá, assim como eu.

Tudo o que eu conseguia pensar era Ace aqui comigo agora me tratando como se eu fosse tão frágil e preciosa. Seu toque na minha pele me puxou de volta à realidade e eu não queria que ele parasse. Me aconcheguei em seus braços e ele

beijou minha testa. Fechei os olhos e sorri. Minutos se passaram e me acomodei mais perto dele me permitindo adormecer lentamente. O toque e o calor de seu corpo me confortaram. Se eu não tivesse tanta certeza, eu teria dito que estava sonhando, mas quando acordei, ele ainda estava lá, me segurando como se ambas as nossas vidas dependessem disso. Rolei e a mão dele encontrou o seu caminho sob a minha camisa e descansou no meu estômago. Borboletas explodiram dentro de mim, voando e vibrando por todo meu corpo. Este foi mais do que um caso de uma noite. Este foi Ace sendo meu cavaleiro de armadura brilhante, me salvando mais uma vez. Eu sorri contra seu pescoço e fechei os olhos.

Eu não sabia como ele iria fugir daqui sem que todos o vissem, mas não me importei. Ace era um cara inteligente e ele iria descobrir isso. Honestamente, ele poderia se preocupar com isso na parte da manhã.



Capítulo 26

Ace

Eu a teria segurado até o fim dos tempos se fosse isso o que eu precisava fazer para me certificar de que ela estava bem. Antes de entrar no ônibus, pedi ao motorista para fazer uma parada e dizer que era questão de segurança, solicitando que ninguém saísse se as pessoas acordassem. Quando ele fizesse isso, escaparia de modo que ninguém visse. Era importante estar aqui, mas era ainda mais importante ser discreto. A última coisa que nós precisávamos eram fofocas on-line sendo espalhandas por aí. Honestamente, eu não me importava, porque não tenho nada a esconder, mas eu sabia que era importante para ela. Elizabeth queria ser levada a sério, e se ela fosse vista saindo com o vocalista da banda que estava tentando conseguir uma entrevista, suas palavras não teriam qualquer credibilidade.

Não havia como negar que eu sentia alguma coisa por ela, algo que eu não sentia por uma mulher há muito tempo. Não



era somente físico, embora ela fosse sexy pra caramba, era emocional também. Estava conectado com Elizabeth em um nível muito mais profundo do que já tinha estado com qualquer outra pessoa na minha vida. Foda-se se eu iria deixar isso passar. As vezes uma pessoa tem que ir até a beirada e dar uma olhada no fundo do precipício, mesmo que seja uma missão suicida. Por ela, eu andaria na beirada. Estive perdido em um mundo de sexo sem sentido, e sentia como se tivesse finalmente encontrado a luz no fim do túnel.

O ônibus balançou e meus olhos se abriram. Fiquei a olhando dormir por alguns minutos e sorri. Elizabeth era uma beleza natural, não precisava de maquiagem, era linda sendo ela mesma. Corri os dedos por seus cabelos loiro suave e puxei o cobertor leve sobre seu corpo.

— Eu gosto de você, Elizabeth Riley. Sinto muito por te chatear — sussurrei.

Quando ela não respondeu, percebi que estava dormindo profundamente. Ela murmurou meu nome e eu a puxei ainda mais perto. O calor irradiava do corpo dela e eu queria aproveitar isso. E queria aproveitar todas as noites, até que a turnê acabasse e depois que a turnê terminasse também. Esse único fato me fez perceber o quanto eu estava feito. Elizabeth Riley tinha conseguido o impensável, ela capturou meu coração. Como foi o rato capaz de domar o leão?

Ela colocou o braço em volta do meu corpo e eu fiquei lá, quieto, permitindo que o momento ficasse marcado na minha alma.

Eu havia caído no sono e acordei quase em pânico. Não poderia estar neste ônibus com todos acordados e se movimentando por perto. Seria muito óbvio e os rumores seriam uma loucura. Eu estava acostumado a isso, mas sentia necessidade de protegê-la.

— Elizabeth — sussurrei em seu ouvido.

Ela olhou para mim com olhos entreabertos e se aconchegou na curva do meu pescoço.

— Eu tenho que ir querida. Quer vir comigo?

Seus olhos se abriram. — Ok.

— Eu tenho que sair daqui antes. — Dei um pequeno sorriso lado.

— Como?

— Passe por cima de mim.

Lambi os lábios enquanto ela colocava a perna sobre meu corpo até que estava montada em cima de mim. Antes que pudesse se mover, eu agarrei sua bunda e a mantive ali por mais alguns segundos. Quando ela se inclinou para me

beijar, os seus seios pressionaram o meu peito e os cabelos dela caíram em cascata ao redor do meu rosto.

— Foda-se. — Sussurrei em sua boca quando senti meu pau despertar. Sei que ela sentiu isso também, porque mexeu lentamente os quadris. Rosnei, sabendo que não poderia responder a provocação, embora quisesse que a mulher feroz dentro dela assumisse o controle. Ela puxou meu lábio inferior em sua boca e chupou, fazendo meus olhos revirarem. Coloquei minhas mãos dentro de sua blusa lentamente tocando sua pele, até que seus seios nus descansassem em minha mão. Seus mamilos estavam duros e eu sabia que se fosse persistente, poderia tê-la. Elizabeth teria se entregado de bom grado a mim, porque estava tão ligada quanto eu. Mas eu não queria assim, queria que fosse significativo. Ace-ferrado-Hathway era um homem mudado.

Corri os dedos pelos lados do seu corpo e firmei a cintura com as mãos, para em seguida beijá-la como se o sol não fosse nascer novamente.

— Você é linda. — Disse, baixo o suficiente para apenas ela ouvir.

Eu sabia que ela podia sentir meu pau duro e soltei uma respiração irregular, se isso continuasse, eu ia rasgar suas roupas e fazer amor com ela naquele pequeno compartimento de merda.

— Nós temos que parar. — Falei, não acreditando nas palavras que saíram da minha boca.

Ela inclinou a cabeça para mim.

— Não quero assim, quero aproveitar você. Deitá-la na minha cama e adorar cada polegada do seu corpo, da maneira que merece ser adorado. Quero fazer amor realmente e intensamente lento, até você implorar para que eu vá rápido e com força. Eu não quero me apressar, quero que a gente voe alto. E então quero passar o dia deitado com você, até que você esteja pronta para as rodadas dois e três.

Ela beijos meus lábios, meu rosto, meu pescoço e mordeu minha orelha. — Eu aceito o *vale* para a próxima.

Ondas de prazer atravessaram meu corpo quando ela deslizou por cima do meu corpo para o lado. Ajustei minhas calças e esperei a ereção diminuir, mas depois de alguns minutos, soube que não ia acontecer. Ótimo, eu teria bolas azuis mais uma vez, e Elizabeth Riley era a culpada.

— Você fez isso — Disse, olhando para a protuberância em minhas calças.

— Eu sei. — Respondeu com orgulho, se inclinando para me beijar.

— Estou indo, enquanto tenho uma chance.

— Queria pedir para você ficar, mas entendo. Vou ficar aqui. Estou tão cansada.

Beijei-a uma última vez antes de deslizar para fora da cama e fiz meu caminho através do ônibus escuro e silencioso. Corri para o meu ônibus e rapidamente digitei o código para a porta e entrei, sentindo falta de ar. Foi tudo muito intenso e inesperado.

Elizabeth estava destruindo todas as minhas defesas. Ela não se importava com a fama e não dava a mínima para o dinheiro. Eu sabia que ela não estava nem aí para essas coisas, o que fazia tudo ainda mais doce. O que nós tinhamos não era baseado em eu ser um famoso vocalista, e achar isso, era especial.

Elizabeth estava me transformando no homem que eu sempre quis ser para uma mulher. Eu seria este homem para ela, se ela me desse essa chance.

Capítulo 27

ELIZABETH

Isso tinha acontecido? Ace-pirado-Hathway, tinha sorrateiramente, dormido comigo a maior parte da noite? E eu o beijei como se fosse a última vez, como se nunca mais fosse vê-lo novamente? Puxei o cobertor até o queixo e não conseguia parar de sorrir.

Ace.

Senti como se estivesse sonhando. O lado de Ace que presenciei à noite o fez... desejável. Engoli em seco e apertei as pernas. O que diabos eu estava fazendo? Tudo o que eu sabia, até momentos atrás, é que eu queria Ace Hathway, e eu o queria só para mim. Sentia-me gananciosa por sua boca, seu toque e, mais importante, por ele. Suspirei, fechei os olhos, e sonhei com as possibilidades. Sem poder me conter, ri em silêncio com a minha fantasia.

Horas depois acordei, e foi como se Ace Hathway não houvesse estado ali. Ninguém sabia que ele esteve no meu beliche e, obviamente, eu não poderia contar a Jenny, me vesti e saí do ônibus.

Respirando fundo e olhando as nuvens finas através do céu rosado. O sorriso permanente no meu rosto não iria embora tão cedo. Andei em frente ao estacionamento aproveitando a brisa fresca, e depois subi os degraus que levavam a um enorme palco. Caminhei através dele e quando cheguei ao meio fiquei tentando imaginar como era olhar para um grupo de fãs enlouquecidos. Eu simplesmente não conseguia.

Embora já estivéssemos aqui, o show só aconteceria amanhã, e a grande festa seria no sábado. Hoje era dia de descanso, e eu queria usar meu tempo com sabedoria. Afinal de contas, era Nova York. Eu já tinha estado aqui algumas vezes a trabalho, mas foi rápido, tipo voar, trabalhar e voar de volta. Jack não gostava da gente o suficiente para deixar que nos divertíssemos, *nunca*. No sábado aconteceria a festa de encerramento, onde milhares de pessoas apareceriam vestidas com roupas extravagantes. O editor sênior da revista Rolling Stone estaria lá, com muitas outras pessoas que eu adoraria conhecer.

Liguei para minha mãe. Nenhuma resposta. Isso me deixou preocupada. Desliguei e liguei novamente... nenhuma

resposta. Em casos como este, nenhuma notícia não era uma boa notícia.

Meu celular vibrou, era minha mãe.

— Querida. — Disse ela, parecendo exausta.

— Ei.

— Seu pai está melhor. Estou a caminho do hospital.

— Eu posso estar em casa esta tarde. — Parei de andar e fiquei no meio do palco. Estava me sentindo culpada por não estar com eles.

— Você iria ficar sentada sem nada para fazer. Você aqui ou aí não vai mudar as coisas, ok?

— Poderia te fazer companhia.

— Sua tia está me fazendo companhia, e vovó vai chegar hoje.

— Ok. Por favor, por favor, me avise se alguma coisa mudar.

— Ele vai ficar bem, Elizabeth. É um homem muito teimoso. Vou beber uma xícara de café e depois vou subir. Se for preciso, chamo você. Não quero que se preocupe.

— Eu te amo, mãe.

— Amo você também.

Ela me deu uma risada baixa e desligou. Respirei profundamente e olhei para o espaço vazio que amanhã estaria cheio de fãs. Tentei me conscientizar que deveria fazer o que meus pais queriam 'que eu ficasse'. Ela queria que eu tivesse sucesso e eu sabia que não faria nada de bom estando lá.

— Eu vou te dar uma entrevista, se você for em um encontro comigo esta noite. Dou a minha palavra.

Ace me assustou e eu pulei. Meu coração acelerou, não tendo certeza se era porque ele estava lá ou porque fui afastada dos meus pensamentos de forma abrupta.

— A sua palavra? Será que posso acreditar? — Levantei uma sobrancelha para ele.

— Você não confia em mim? — Ele cruzou os braços e deu um sorriso.

— Ace, eu confio em você. — Respondi sorrindo.

Ele virou e foi embora, sorrindo também.

— Que horas? — Perguntei em voz alta, antes que ele saísse.

— Sete. — Disse. Podia ouvir o sorriso na sua voz enquanto ele descia os degraus. Fiquei olhando até que desaparecesse, sem olhar para trás. Relaxei um pouco, mas fui surpreendida novamente.

— Há cerca de um milhão de mulheres que venderiam suas almas para estar no seu lugar. — Disse Miley.

— Merda! Você me assustou.

Quando me dei conta que ela sabia o que estava acontecendo, fiz uma careta.

— Olha, não vou dizer nada sobre isso. Seu segredo está seguro comigo, não vou contar a ninguém. — Disse ela. Não existiam muitas pessoas em quem eu confiava, mas a palavra de Miley era uma que nunca iria questionar.

Uma onda de alívio tomou conta de mim. — Obrigada.

— Não estou tentando ser intrometida, mas todos nós conhecemos Ace, e ele não tem relacionamentos. E com certeza não tem encontros, em especial com jornalistas.

Foi neste momento que fiquei nervosa.

— Sim, certo. Ele é o homem que quebrou um milhão de corações, não é?

— Só porque disse não a muitas mulheres.

Eu não tinha palavras. Eu não soube o que responder. Miley estava me fazendo pensar demais nessa coisa toda de encontro.

— Ele é um grande cara Elizabeth. Não machuque seu coração. — Disse ela antes de ir embora, nem mesmo me dando a chance de responder.

Eu machucar o coração *dele*? Acho que ela se enganou. O mais provável era que Ace estaria estilhaçando o *meu* coração. No fundo havia uma pequena parte minha esperando que ele fizesse isso, mas eu sentia que o que tínhamos era real. Parecia real para mim, e esperava não estar errada. Eu realmente tive que segurar um sorriso histérico, porque as coisas não estavam se encaixando na minha cabeça. Eu sabia que ele tinha levado uma mulher para o ônibus após o primeiro show. Quantas outras tinham havido antes de eu chegar? Resolvi parar com essa tortura auto imposta. Em todo o grande esquema das coisas, qualquer coisa disso importa? Não! Porque ele *tinha* mudado.

Voltei para o ônibus e peguei minha mala no bagageiro. Escolhi um vestido de verão branco e sapatos anabela com tirinhas em arco que subiam até o início das pernas. Esperava ser bom o suficiente. Eu esperava ser boa o suficiente.

Se alguém tivesse me dito semanas atrás, que eu estaria indo a um encontro com o vocalista da *Band of Brothers*, *Ace-o-maior-babaca-na-indústria-da-música-Hathway*, eu teria rido. Ele colocava uma máscara para as pessoas, mas eu não acreditava que a pessoa da qual as

revistas e tablóides falavam fosse o mesmo homem que eu conheci. Não. Acho que ele fazia isso para se proteger e ao seu coração.

Depois de devolver a mala ao bagageiro, olhei pelo estacionamento. Ace estava do lado de fora do ônibus conversando com os irmãos. Pareciam meninos num cartaz da ray-ban com seus jeans e camisas abotoadas. Ele segurava uma garrafa de água com força na mão, me olhando enquanto acenava em resposta a algo que Jex tinha dito.

Um sorriso apareceu em meus lábios quando fui para o ônibus. Caminhando pelo corredor fiquei olhando Ace através dos vidros escuros das janelas, o ônibus estava posicionado de uma maneira que podia vê-lo sorrir genuinamente. Em vez de pensar nele como o idiota de quem eu quis me esquivar, com cada partícula do meu ser a pouco tempo atrás, eu penso nele como estava nesta última semana. Peguei a câmera do meu ombro e fiz uma foto através do vidro fumê.

Um dos caras do som entrou no ônibus junto com um assistente.

— Por que você está tão sorridente hoje? — James, o engenheiro de áudio, perguntou.

— Nós temos mais cinco shows, então eu posso ir para casa. Isso é o suficiente para me fazer rir pela próxima semana e meia.

Eles concordaram, balançando a cabeça.

Estar em turnê era divertido, mas eu sentia falta de estar em casa. Eu sinto falta da brisa e da praia, sinto falta do conforto da minha cama. Ah, e eu sinto falta do meu gato, ZZTop. A lista do que sinto falta é muito longa. Mas eu sabia que uma vez que a turnê acabasse, começaria a sentir falta da turnê. Estava presa entre a *rocha e um lugar duro.* Eu não poderia ter o melhor dos dois mund



Capítulo 28

ACE

Não beijo mulheres aleatórias na boca; é uma das minhas regras fundamentais. É muito íntimo, passional demais, e era suposto que significasse alguma coisa. Eu não tinha beijado alguém tão apaixonadamente em pelo menos cinco anos e aqui estava eu, beijando Elizabeth tão naturalmente. Cinco malditos anos é um tempo do caralho para não se ter intimidade com alguém, mas eu queria que significasse alguma coisa quando a beijasse. Droga, isso significava algo! Quando nos beijamos, nossos lábios se chocaram, gananciosos e agressivos, de um jeito que fez minha mente girar. Eu estava num estado eufórico, preso no limbo dos relacionamentos.

Quanto mais pensava em Elizabeth, mais queria estar com ela. Eu largaria qualquer coisa por esta chance. Havia uma aura estranha entre nós que simplesmente não





poderia





ser explicada com palavras, eu não poderia decifrar isso, mas ela me entendia. Entendia-me em um nível que muitos não entendiam ou poderiam entender.

Coloquei uma camisa de botões e uma gravata preta e enrolei minhas mangas até meus cotovelos, então ajeitei meu cabelo bagunçado para o lado. Enfiei a camisa num par de calças pretas e até usei um cinto. Quando caminhei para fora do banheiro, Rex e Nik pararam de falar.

— Uau! — Rex disse. — Você se vestiu?

— Não seja um idiota. — Eu disse com um sorriso.

— Você parece bem, amigo — Nick disse. — Vai transar hoje a noite?

Ajustei a gravata.

— Será que o meu carro já chegou?

Olhei pela janela e havia um Mercedes preto estacionado ao lado do ônibus.

— Você vai transar. — Disse Rex.

A porta do ônibus foi aberta e Jex entrou.

— Quem diabos alugou um Mercedes?

Rex e Nick apontaram para mim.

— Culpado. — Olhei para o meu relógio e me senti um pouco nervoso porque estava quase na hora, mas isso não fazia sentido. Eu poderia cantar na frente de 50.000 pessoas, mas ir a este encontro me deixava nervoso.

— Divirta-se. — Nik disse, dando tapinhas em minhas costas.

— Use proteção. — Disse Jex.

Rex deu dois grandes polegares para cima.

Quando eu saí, vi Elizabeth atravessar o estacionamento em saltos e um vestido. Seu cabelo estava solto e penteado para o lado. Quando ela me viu, instantaneamente sorriu e apressou seu passo.

Assim que ela chegou perto, a empurrei contra o carro e ela enfiou seu lábio inferior em sua boca e olhou para mim como se eu fosse seu salvador. Nós estávamos tão próximos que eu poderia sentir o calor de seu corpo. Inclinei e a beijei, roubando o seu fôlego. Ela derreteu embaixo de mim e senti como se eu estivesse derretendo dentro dela, nos tornando um.

— Você me faz querer fazer coisas más. — Sussurrei em seu ouvido, então deixei uma trilha de beijos leves por seu pescoço, antes de me afastar. Seus leves gemidos faziam coisas loucas para mim. Encontrei seus olhos, vi que ela estava respirando com dificuldade e dei um sorriso.

Olhei para o ônibus e soube que meus irmãos estavam assistindo através da janela. Dispensei-os com um aceno, então corri na frente do carro e entrei.

Era isso.

Havia meses desde que eu tinha dirigido para qualquer lugar, mas eu era louco pelo couro macio.

— Isso é maravilhoso — Elizabeth disse, inclinando sua cabeça contra o encosto do banco, me assistindo assumir o controle da estrada.

— Espere só. — Eu disse.

O dia estava começando a desaparecer na noite e o céu tinha se transformado de azul para roxo escuro. Nós fomos para longe da cidade e quando olhei para ela, eu podia dizer que estava ansiosa, mas não tão ansiosa quanto eu.

— Onde estamos indo? — Ela perguntou, depois de termos percorrido alguma distância da cidade.

— Você vai ver. Seja paciente.

Ela franziu os lábios e sacudiu sua cabeça brincando.

— Paciência e eu não nos misturamos.

Coloquei minha mão sobre sua perna e esfreguei meu polegar sobre sua pele.

Nós passamos da cidade e deixamos o brilho quente dos grandes edifícios para longe. O GPS me mandou virar à direita e eu virei. A confusão em sua face quando ela viu o prédio de metal me fez rir.

Andei em torno da frente do carro e abri sua porta. Depois de travar o carro, peguei a mão dela e a levei em torno do prédio. A cintilação de velas alinhadas na calçada levava ao helicóptero.

Suas mãos voaram sobre sua boca e ela ficou lá, completamente chocada.

— Você está falando sério agora?

— Totalmente sério.

— De jeito nenhum!

Peguei suas mãos, beijei seus dedos, então a levei pela calçada e abri a porta para ela. Ela subiu um degrau, então se inclinou para baixo e apoiou suas mãos sobre meus ombros. Agarrei-a pela cintura, a girando em torno e ela abaixou seu rosto e me beijou. Nós nem mesmo tínhamos visto a cidade à noite ainda e eu já estava vendo luzes.

Quando entramos no helicóptero e colocamos os cintos, o piloto nos deu os fones de ouvido, em seguida, ligou as hélices. O couro dentro do helicóptero era tão luxuoso e confortável quanto no Mercedes.

— Oi. Sou Gabriel Jackle. Vou estar voando com vocês através da cidade hoje a noite.

Ele virou e sorriu para nós dois. Os olhos de Elizabeth brilhavam quando ela olhou para mim; fiquei emocionado ao saber o quão feliz eu a tinha feito.

— Sou Ace Hathway e esta é minha bela acompanhante, Elizabeth. O prazer é nosso.

— Espero que vocês crianças, não estejam nervosos — Gabriel disse com um enorme sorriso em seu rosto.

— Estou tão pronta para isso!

Excitação enchia a voz dela.

Nós decolamos, e do alto da cidade, as luzes piscaram à distância. O sorriso nunca desapareceu do rosto de Elizabeth enquanto ela olhava pela janela em reverência. Agarrei sua mão e entrelacei meus dedos com os dela.

Nós voamos sobre Manhattan e a ponte do Brooklyn. Bolas brancas de luzes levitavam sobre as pontes, como se fossem a principal forma de mantê-las erguidas. Os edifícios cintilavam, brilhavam e incandesciam como ouro quando voamos sobre eles. Nós passamos pelo Empire State Buildings, Radio City Hall e o Central Park. Ver a cidade deste jeito fez com que eu me apaixonasse por sua vasta beleza mais uma vez.

— Oh, meu Deus, isso é de tirar o fôlego.

Eu sorri para ela.

— Você é de tirar o fôlego.

Ter Elizabeth experimentando isto comigo o fez muito mais doce. Perdia-me nos edifícios e luzes e, de vez em quando, ouvia o piloto apontar as coisas para que não deixássemos de vê-las. Nós circulamos a cidade uma última vez e terminamos o voo sobre a Estátua da Liberdade. Lampejos de luz e reflexos cintilavam através da água.

Elizabeth pegou seu telefone e, em vez de tirar uma foto da paisagem, inclinou para perto de mim e tirou uma foto nossa. Isso foi fofo.

— Não quero esquecer isso nunca. — Ela disse, olhando para mim com seus olhos encapuzados.

— Eu também não.

Minha face realmente doía de tanto sorrir.

O helicóptero estabilizou, então pairou até suavemente tocar o chão. As hélices reduziram até pararem e o piloto abriu a porta de Elizabeth. Ela desceu primeiro, e eu a segui. Peguei sua mão e nós atravessamos o bloco, então caminhamos pela calçada. O rosto dela estava aturdido e suas bochechas estavam rosadas. Muito do sorriso que encontrei em seus lábios quando subimos no helicóptero

ainda estava lá. Envolvi meu braço em torno de seus ombros e a puxei para perto. Pensei ter ouvido seu suspiro.

A noite ainda não tinha acabado, mas eu já sabia que eu queria que nunca acabasse.



Capítulo 29

ELIZABETH

Eu nunca tinha visto New York de forma tão íntima ou jamais tinha imaginado que veria. Os edifícios, as luzes, as paisagens eram absolutamente empolgantes. Nunca, em um milhão de anos, teria esperado que ele planejasse algo tão sentimental. Hoje à noite, Ace Hathway tinha me dado um presente especial, uma experiência que eu nunca esqueceria pelo tempo que eu vivesse.

Ele colocou seu braço sobre meus ombros e serpenteei o meu em torno de sua cintura. Nós caminhamos pela calçada e fizemos nosso caminho através do Battery Park.

— Você faz com que me sinta especial. — Eu disse.

— Você é.

Ele se inclinou e beijou minha testa.

Ficamos parados na borda, olhando para as luzes



noturnas e brilhantes da Estátua da Liberdade. Eu poderia ter ficado ali a noite toda a admirando. O vento soprou em minha face e o som da água em movimento nos rodeava. Não havia como negar, a noite já era perfeita.

— É a primeira vez que eu a vejo. — Eu disse.

— Você quer chegar mais perto?

Inclinei a cabeça para ele quando ele sorriu.

Mais perto dele ou...

Olhei para trás em cima da Estátua da Liberdade, questionando a ambiguidade de suas palavras. A água bateu contra o lado da terra e fez um barulho de salpico. Depois de mais alguns passos, Ace parou e virou para mim.

Lá estávamos nós, cercados por barcos com luzes brilhantes, parados sob um poste. Um homem num terno branco, usando um crachá que dizia "Capitão Roberts", apertou nossas mãos quando nós embarcamos no barco dele. Caminhamos ao redor do iate e subimos um conjunto de escadas que nos levavam ao convés superior. Acima havia uma mesa para dois com uma toalha de mesa branca austera, bandejas de prata e velas no centro da mesa. Eu não poderia acreditar em nada disso.

Quando dei alguns passos para frente, podia ouvir um pianista lá embaixo tocando canções de amor clássicas.

Ace puxou minha cadeira, me sentei e deslizei para frente. Ele tirou as tampas de prata de nossos pratos e as entregou a um homem vestido com um terno. Ace sentou na minha frente, pegou o guardanapo e o colocou em seu colo, então sorriu para mim.

— Está tudo bem? — Perguntou com um sorriso.

— Mais do que bem. — Eu disse, levantando o garfo e a faca e cortando um bife médio. — Como você sabe que é assim que eu como o meu bife? — Perguntei.

— Foi um palpite de sorte. É como eu como o meu também. — Ele empurrou um pedaço na boca e começou a mastigar.

Segui seu exemplo.

O bife praticamente derretia em minha boca. As batatas estavam cremosas e o brócolis estava cozido à perfeição, nem muito duro, nem muito mole. A luz de vela criava sombras e iluminava seu rosto calidamente. Eu não conseguia parar de olhar para ele, nós trocamos olhares durante toda a refeição. Éramos como duas crianças tímidas indo a um encontro pela primeira vez. Acho que estava tão intimidada que as palavras me abandonaram.

Quando acabamos de comer, nossos pratos foram levados, assim como a mesa e as cadeiras. Ace foi até o parapeito e colocou seu braço em torno de mim. O barco

balançou para frente e caí sobre ele. Suas mãos agarraram meus braços e me estabilizaram. Olhei em seus olhos e ele enfiou seu lábio em sua boca. Meus olhos instintivamente fecharam, e em poucos segundos nossos lábios estavam dançando uma dança lenta. Rapidamente, eu estava enfeitiçada, e em seguida sem pressa e com cada troca eu não sabia que lado era para cima ou para baixo. Uma pessoa poderia cair para cima?

— Ace. — Sussurrei.

Ele se afastou e assisti um pequeno sorriso de lado em seu rosto.

— Eu não quero que essa noite acabe.

As palavras escorregaram da minha boca, mas eram verdadeiras. Ace me virou, minha boca caiu aberta e ele passou os braços em torno do meu corpo ficando atrás de mim. As luzes amarelas iluminavam a Estátua da Liberdade e ela quase parecia uma estátua de bronze gigante. Eu amava tanto essa cidade.

— Uau! — Sussurrei. — Ela não é linda?

— Não tão linda quanto você. — Ele disse em meu ouvido.

Carinhos quentes viajavam através dos meus braços e eu não tinha certeza de quanto mais disso meu coração poderia aguentar. Eu nunca tinha sido tão feliz.

O piano ressoava à distância e o iate reduziu para um arrastar. Ace tomou minha cintura em suas mãos e descansei meus braços em volta do seu pescoço, e lentamente moveu seu corpo junto ao meu. Ele me pegou e me girou enquanto dançávamos à luz de velas e o iate circulava a Estátua da Liberdade.

— Elizabeth. — Sussurrou.

Engoli em seco.

— Você me faz genuinamente feliz — Ace disse.

Soprei uma respiração irregular antes que seus lábios trançassem os meus.

— Você tira meu fôlego. — Eu disse.

— Você é linda... Talentosa... De bom coração... Eu não acho que você entende quão vivo você me faz sentir. Durante anos minha família pensou que meu coração estava frio e morto e que nunca poderia amar novamente. Quando estou perto de você, sinto cada batida do meu coração, martelando, correndo e pulando. E cada vez que você olha para mim como se eu pudesse salvar o mundo, uma parte de mim acredita em você.

Em nenhum momento afastou seus olhos dos meus, e eu não poderia me impedir de ter uma síncope. Esse alto, belo e talentoso vocalista do *Band of Brothers* estava na minha frente com todas as suas inibições expostas. Eu não poderia evitar sorrir enquanto eu colocava meus braços em torno dele e me entreguei ao seu toque.

— Ace, você pode mudar o mundo. Você já mudou o meu.

Ele entrelaçou os dedos pelos meus cabelos e me puxou para um abraço ainda mais apertado. O calor de nossas respirações se misturaram e me senti tão leve quanto penas flutuando no céu. Quando nossos lábios se tocaram, eu enrolei meus dedos nos bolsos da calça dele para me equilibrar, enquanto absorvia a sensação de seus suaves lábios quentes contra os meus. Movi minhas mãos para cima em seu peito e os braços em volta do pescoço enquanto travávamos uma guerra de beijos silenciosa, uma guerra que nenhum de nós jamais ganharia.

Ele chupou meu lábio inferior, eu mordisquei o seu e então nossas línguas dançaram ao ritmo da mesma música. Abri os olhos e sorri contra os lábios de Ace. Ele sorriu também. Esse foi o momento que eu soube que tinha me apaixonado por uma estrela de rock. Meu coração forjou um caminho para o seu e o reivindicou como meu. Ou talvez fosse o contrário? Eu não queria tirar os braços de seu

pescoço então ficamos alguns minutos abraçando um ao outro apertado.

— Você sente isso? — Perguntei, quando ele passou a mão nas minhas costas, fazendo com que pequenas doses de emoção estourassem através de mim.

— Hmmm?

— Meu coração batendo? — Olhei para ele e sorri.

— Você sente o meu?

Descansei minha orelha contra seu peito e ouvi o aumento do ritmo de seu coração martelando.

— Você dá ao meu coração uma razão para bater. — Eu disse.

— Oh, querida.

Ele abaixou e me beijou de novo, de novo e de novo até que estávamos rindo como adolescentes apaixonados.

Ace pegou minha mão e me levou até um balde de gelo com uma garrafa de champanhe. Ele a pegou, tirou a rolha, em seguida, serviu duas taças altas. Peguei uma e ele ergueu a dele enquanto o iate tomou o longo caminho de retorno para o porto.

— O que estamos brindando? — Perguntei quando Ace ergueu a taça.

— O amor. Eu não posso evitar acreditar que ainda exista amor no mundo. — Disse ele.

— Ao amor?

— Porque eu não posso evitar me apaixonar... — Sua voz era mais suave agora.

— Por você. — Eu sussurrei, procurando seu rosto, me sentindo sobrecarregada de alegria e reverência quando seu rosto suavizou.

Eu estava errada antes. Esse foi o momento em que aconteceu.

Mordi o lábio inferior e ele me observou mordê-lo.

— Eu poderia estar com ciúmes do seu lábio no momento.

Sua voz era toda grossa e sensual, oh Deus... eu queria ele, tudo dele, tão intensamente. Meu corpo implorava por seu cheiro, seu toque e sua pele. Meu coração inchou enquanto eu bebia da taça e eu não queria que a noite terminasse. Eu queria ficar com Ace assim para sempre. Se eu pudesse parar o tempo, o pararia neste momento. Eu era mais feliz do que tinha sido em anos.

— Eu não quero que a noite termine — Eu disse.

— Vamos dançar a noite toda. — Disse ele, colocando as mãos nos meus quadris e lentamente balançando os dele. A intensidade da noite cresceu enquanto o encontro chegava ao fim, mas eu não queria que isso acabasse. Depois de mais uma taça de champanhe, o barco ancorou e nós levamos nosso tempo para descer as escadas. O carro que nos levou para o heliporto nos esperava lá fora e um motorista abriu nossas portas e lhe entregou as chaves. Nós sentamos dentro e eu virei minha cabeça olhando para Ace, esperando que ele recebesse a minha sugestão não tão sutil quando prendi meu lábio inferior na minha boca.

— O que você quer fazer agora? — Ele sussurrou.

A mensagem foi ouvida alta e clara.

Esta noite seria inesquecível.

Esta noite seria nossa. Porra, já era.



Capítulo 30

Ace

Entrelacei meus dedos com os dela enquanto seguíamos de volta para os ônibus. Por mais que quisesse levar Elizabeth para um hotel e adorar o seu corpo da cabeça aos pés, eu não podia. Imaginar as coisas que eu faria com ela me deixou duro. Cada conversa silenciosa, mordida de lábio e olhar sexy, me fez querer voltar com o carro e esquecer as entrevistas que tínhamos programadas para a parte da manhã. Nem sempre era fácil ser eu.

Ela apertou minha mão e me virei, sorrindo para ela. As vezes as palavras não eram necessárias. Às vezes, era perfeitamente normal permitir que o momento acontecesse. Cada vez que paramos em um sinal vermelho, ela olhava nos meus olhos e eu não podia deixar de me inclinar e a beijar levemente seus lábios. Tudo naquele momento era perfeito.

— Você é linda. — Disse, beijando sua testa. Agora





eu



estava tentando parar em cada semáforo para que pudesse saborear seus lábios. Ela suspirou com um sorriso, enquanto colocava a mão na minha barriga. Era como se ela tivesse roubado a minha voz com o mais leve toque, comandando todo o meu corpo com o seu feitiço. Naquele momento, eu faria o que ela pedisse, eu daria a ela o mundo, e eu queria dar.

A distância, eu podia ver os ônibus alinhados, então parei o carro no acostamento para alguns últimos minutos juntos antes de retornarmos. Soltei o cinto e virei meu corpo para ela, pegando suas duas mãos e esfregando o polegar na pele suave. Pensei tê-la visto tremer pelo meu toque.

— Elizabeth.

— Sim?

— Você seria minha acompanhante na festa de sábado?

Um calor se espalhou por todo o meu corpo e me perguntei se meu rosto estava rosa. Que porra era essa? Não costumava ficar nervoso, mas lá estava eu no limite, esperando sua resposta. Ela olhou para os ônibus, em seguida, olhou para mim.

Ela soltou o cinto rapidamente e seus lábios encontraram os meus com ganância. Imediatamente a peguei e antes que eu percebesse as pernas dela passaram pelas minhas e ela estava montada no meu colo. Seus braços em

volta do meu pescoço, e nós estávamos nos beijando, enquanto nossas almas cantavam em perfeita harmonia, como se tivéssemos sido feitos para ficarmos juntos. Quando nos afastamos, seu nariz roçou o meu e eu mordi o lábio inferior dela. Ela estava com falta de ar e eu também.

Adorei. Eu era extremo, mas isso foi mais do que eu podia imaginar.

— Eu acho que isso é um "sim"?

Ela riu. — Sim, claro que sim.

Inesperadamente, gotas de chuva bateram contra o teto do carro como se os anjos se regozijassem. Ela se empurrou em meu persistente tesão e sorriu.

— Mmmm. — Disse ela, beijando minha orelha. Sua bunda estava nas palmas das minhas mãos e eu apertei. Ela se aninhou e encontrou meus olhos, com o cabelo caindo ao redor do meu rosto enquanto devolvia cada beijo. Pensei que meu coração fosse explodir com as emoções que fluíam através do meu corpo. Elizabeth tinha que ser minha. Elizabeth seria minha. Eu a queria tanto que quase sentia dor.

A chuva continuava a cair, cada vez mais forte, fazendo barulho no teto. Soava como granizo.

— O inferno congelou. — Eu ri.

— Eu acho que é a nossa deixa para ir. — Disse Elizabeth. Ela saiu do meu colo e eu liguei o carro. Dirigi para o estacionamento quase sem enxergar e estacionei no meu ônibus.

— Eu não tenho um guarda-chuva. — Disse.

Ela inclinou a cabeça no assento e correu os dedos pela janela embaçada, deixando uma marca de mão provocadora, enquanto gemia rindo.

— Se apenas... — Eu disse e me ajustei enquanto ela me olhava e lambia os lábios. Levantei minha sobrancelha e ganhei um pequeno sorriso de lado. A tigresa estava de volta. Ela tinha retornado. Puta merda! Fechei os olhos na esperança de que o tesão diminuísse, mas não ajudou.

— Pronta? — Perguntei, sabendo que se não saísse deste carro, acabaria por comê-la ali mesmo, e ela merecia um momento mais íntimo. Às vezes, jogar duro para conseguir o que se quer era mais divertido.

Quando eu saí do carro, ela abriu sua porta e eu peguei sua mão, a puxando para a chuva. Nossas roupas ficaram encharcadas com a água fria, e seus cabelos colaram no rosto. Nós não conseguiamos parar de rir quando a peguei em meus braços, nossos corpos molhados pressionados um contra o outro. Elizabeth olhou para o céu, deixando a chuva cair ao seu redor, e eu fiz a mesma coisa.

As gotas fortes doíam quando caíam contra minha pele, mas isso não importava. Minhas mãos foram para sua cintura, ela colocou os braços no meu pescoço e nós dançamos na chuva. A canção que tocava em nossos corações lentamente queimando, subindo e descendo como uma chama que se transformaria em um fogo inextinguível. Eu fui para trás, a levando ao meu ônibus, eu tinha que tê-la, toda ela, cada polegada. Isso era mais do que querer, isso rapidamente tinha se transformado em necessidade. Quando chegamos à porta, ela se virou e apertou suas costas contra o metal frio. Olhei em seus olhos enquanto ela também me olhava, e desejei ser um leitor de mentes. Tinha a sensação de que nossos corações estavam na mesma página.

Ela fechou os olhos e inclinou para o meu beijo e, eu a beijei, queria tudo dela. Seus lábios eram doces, suaves e ávidos. A porta do ônibus se abriu e Nik passou por nós com um sorriso e foi para o estacionamento sem se molhar. Nós quebramos nosso abraço e Elizabeth entrou. Eu observei Nik andar através do estacionamento na chuva antes de eu fechar a porta. Ou ele estava me dando privacidade ou tinha algum programa.

Segurei a mão dela e a levei para o meu quarto. Fechei a porta e me virei para seu corpo que estava tremendo, e um arrepio passou por mim também.

Elizabeth andou na minha direção, afrouxou a gravata e desabotoou cada um dos botões da minha camisa. Mãos frias empurraram o tecido sobre meus ombros, a camisa molhada caiu no chão e eu sorri. Lenta e calculadamente, ela passou os dedos pelo meu estômago e brincou com o cós da calça antes de abrir o cinto e deixá-lo cair, juntamente com minhas calças.

Não podia negar o quanto ela me deixava ligado, meu pau mostrava isso. Eu queria jogá-la, na cama e foder com força, mas eu daria a ela o controle. Deixaria que levasse o seu tempo, porque um momento tão importante como esse, não deveria ser apressado.



Capítulo 31

ELIZABETH

Meu vestido estava encharcado, mas eu não liguei, eu teria dançado a noite inteira na chuva, com seu corpo duro pressionado contra o meu. A maneira como Ace tinha me olhado, enquanto estava encostada contra a frieza do seu ônibus, foi intensa. Quando nossos lábios se encontraram, ondas gigantes de emoção subiram e desceram dentro de mim. A água escorria pela minha pele e por seu rosto, e eu não conseguia parar de sorrir. É isso que a gente sente quando está apaixonada?

Passei os braços pela sua cintura sentindo a pele nua, e ficamos ali, tremendo, sabendo exatamente onde a noite iria terminar. Mas eu não queria que Ace estivesse no controle, esta noite eu queria balançar o seu mundo. A protuberância em suas boxers me deixava muito confiante sobre o que iria acontecer.



Levei-o para a cama e ele se sentou, seus olhos suavizaram enquanto estudava cada curva do meu corpo. Ser olhada dessa maneira, fazia eu me sentir sexy. Baixei o vestido pelos ombros até que caiu no chão. Ace mordeu o lábio inferior enquanto eu saí do vestido e abri meu sutiã, ele engoliu em seco.

Sem afastar os olhos dos seus, eu deslizei minha calcinha, tirei os sapatos e dei alguns passos para frente. Olhei bem dentro de seus olhos quando ele colocou as mãos em meus quadris, um fogo por ele queimou dentro de mim e empurrei seus ombros para trás na cama, deslizando sua cueca pelas suas pernas. O olhar em seu rosto e a maneira que seus olhos escureceram só me incentivou a continuar. Eu não podia voltar atrás agora, e eu não queria. Um homem como Ace Hathway não era facilmente controlado por uma mulher, mas eu o tinha preso sob o meu feitiço.

Arrastei-me na cama até que meu rosto pairou sobre o dele. Ele gemeu quando mordi seu lábio inferior, e então distribuí beijos por seu estômago e por suas tatuagens, até que meus lábios chegaram ao seu pau. Com minha língua, eu lambia e provocava cada polegada dele. Gemidos profundos escaparam dele e eu percebi quanto controle eu tinha naquele momento. Apertei a base de seu pênis com a mão, mas mantive a ponta na boca, uma gota de pré-sêmen apareceu e eu a lambi.

Chupei lentamente, depois mais rápido, em seguida lento outra vez, sem ceder ao que o corpo dele pedia. Seu peito subia e descia com a respiração irregular, e eu sabia que isso não terminaria até ele me dar tudo o que ele era. Vê-lo tão vulnerável me fazia sentir coisas indescritíveis. Ace agarrou meu braço e me puxou em direção a ele, eu passei a perna sobre seu corpo e montei nele, mas não deixei que me penetrasse, ainda não. Beijos, muitos beijos foram trocados, macios e fortes, alguns combinados com a língua. Não tinha certeza quanto tempo mais de provocação eu poderia aguentar.

Saí de cima de seu corpo, ele parou e ficou quieto. Imediatamente senti a ausência da sua pele. Músculos caiam em cascata para baixo de seu corpo magro e engoli, admirando cada pedacinho dele. Ele piscou para mim quando puxou um preservativo da gaveta e o abriu. Eu estava hipnotizada quando ele rolou para baixo em seu comprimento.

Eu sorri para ele e nós recomeçamos de onde havíamos parado.

Ele pairou sobre mim, me olhando nos olhos, e relaxei enquanto eu o tomava dentro de mim, tudo dele. Lentamente seu comprimento me preencheu e a maneira como me senti, quando ele chegou ao final, me deixou sem palavras. Meu corpo queria mais dele, mesmo que eu não aguentasse mais. Eu empurrei contra ele, movi meus quadris, moendo mais

forte, o deixando me balançar para dentro e para fora. Uma das mãos de Ace acariciou meus seios enquanto a outra foi para o clitóris. Com cada movimento, eu desmoronava mais, nossos corpos em total sincronia. Estava me perdendo e me tornando mais bestial com cada movimento. A qualquer momento eu iria perder completamente o controle e eu acolhia a sensação. Os músculos do estômago contraíram e uma tempestade iminente pairava sobre mim, até que ele parou. Eu choraminguei, sabendo que eu estava muito perto da destruição. Baixando a cabeça ele me beijou.

— Não se apresse. — Disse ele, mexendo os quadris, lento e forte, mudando o ritmo.

— Eu. Preciso. Gozar. — Eu disse, entre gemidos de prazer. Com a boca aberta, inclinei a cabeça para trás e arranhei o peito dele enquanto o terremoto dentro mim destruía tudo o que eu era.

— Puta merda. — Ele disse quando eu me desintegrei em torno dele.

Seus gemidos me fizeram desejá-lo novamente, mas no momento, meu corpo estava completamente satisfeito.

— Eu quero te montar — Falei. Ele estava mordendo o lábio inferior e eu me inclinei para beijá-lo. Ace rolou de costas e eu fiquei por cima, roçando a ponta do seu pau na minha umidade.

— É a sua vez de ser provocado — disse, o levando dentro de mim de modo lento e constante, balançando com força e até o fundo. Seu pau me encheu e eu sabia que amanhã ainda o sentiria. Seus dedos pressionaram meus quadris quando peguei o ritmo, mais rápido e mais intenso. Queria que ele sentisse o orgasmo crescer com a mesma intensidade que o meu. Uma mão encontrou meu mamilo e a outra o meu clitóris. Sensações atravessaram meu corpo e eu sabia que se ele continuasse a fazer isso, eu iria gozar novamente. Acho que esse era o seu plano de mestre.

Ele jogou em círculos contra meu clitóris e nosso amor se transformou em pura foda. O suor escorria pelo meu corpo e os gemidos ficaram cada vez mais altos.

— Oh. Meu. Porra. — Eu disse, enquanto o segundo orgasmo violentamente agitava dentro de mim. Fiquei com falta de ar quando meu corpo se contorcia de prazer, mas Ace não parou. Ele estava de volta em cima de mim, investindo com força.

— Baby — Ele sussurrou, olhando para mim.

— Entregue-se! — Eu disse baixo.

— Elizabeth! — Ele suspirou quando todo seu corpo tensionou e depois relaxou. Eu o senti latejando dentro de mim e eu não podia tirar meus olhos do seu rosto enquanto ele estava sobre mim. Nós estávamos respirando com

dificuldade, meu coração batendo forte no peito. Ace saiu de cima de mim, tirou o preservativo e deitou ao meu lado.

— Porra! Você é tão sexy. — Ele respirou profundamente e colocou as mãos atrás da cabeça, então eu me arrastei em sua direção e enrolei meu corpo ao dele. Ficamos parados olhando para o teto, esperando que nossos corações voltassem ao ritmo normal. Os dedos de Ace roçavam meu braço, causando pequenos arrepios em todo meu corpo. Ele olhou para mim com os olhos entreabertos.

— Você é minha, Elizabeth. — Sussurrou.

— E você é meu, Hathway.

Ele me puxou para perto, os dedos acariciando o meu cabelo e os lábios brincando na suavidade do meu pescoço.

— Fique comigo. — Disse ele.

Apoiei-me em um cotovelo para beijá-lo.

— Eu não tinha planos de sair. Não esta noite. — E essa era a verdade. Mesmo que quisesse, o que não era o caso, não teria forças para sair. Meu corpo teria protestado se eu tivesse tentado me mover, e meu coração ficaria revoltado.

Seu braço apertou meu corpo e ele me puxou para mais perto. Coloquei a cabeça no seu peito e podia ouvir a batida do seu coração. Dentro de mim as borboletas se agitaram e

um grande sorriso apareceu em meu rosto quando fechei os olhos.



Sexo tão bom deveria ser ilegal. Me espreguicei na cama e procurei por ele. Abri os olhos vi que a cama estava vazia. Sentei-me e percebi que ele estava encostado à porta com duas xícaras de café nas mãos vestindo calças de corrida que caiam baixas no quadril.

— Coma sexual?

Levantei uma sobrancelha enquanto ele me entregava uma xícara de café.

— Algo assim. — Resmunguei, tomando um gole. Ace inclinou e beijou minha testa, um simples, porém romântico, gesto. Ele sentou perto de mim e eu sorri por cima da borda da caneca de cerâmica.

— O que? — Ele perguntou.

— Você.

Eu vi sua língua passar pelo lábio inferior, e por um segundo estava com ciúmes dela.

— Você me fez dormir como os mortos. — Tomei outro gole.

— Você é tão culpada quanto eu.

Ele pegou a caneca da minha mão e a colocou na pequena cômoda ao lado da cama. Antes que eu pudesse perguntar o que ele estava fazendo, seus lábios estavam nos meus e suas mãos estavam me tocando em todos os lugares certos. Ace arrancou o edredom do meu corpo e beijou meus seios e passou a língua pelos mamilos, tendo certeza de tomar seu tempo, permitindo as sensações correrem pelo meu corpo. Corri meus dedos pelo cabelo bagunçado, enquanto ele beijava a minha barriga. Instintivamente minhas coxas abriram, dando toda a permissão que ele precisava. Eu não podia negar o meu desejo por ele novamente, e novamente, e novamente.

Ace deslizou suas calças de seu corpo e esfregou seu pau sobre o mais sensível dos lugares. Engoli em seco e segurei os lençóis com os punhos fechados. Ele brincou comigo, me provocando, não me dando o que eu queria: *ele*. Implorar, no entando, não estava abaixo de mim, especialmente se ele continuasse com essa charada.

Ele pairou sobre mim e sorriu. Eu corri minhas unhas pelas suas costas, e ele suspirou com satisfação.

Sabendo exatamente onde ele estava, ele mergulhou a cabeça do seu pau em mim e lentamente a puxou para fora, mais e mais, até que meu corpo gritava por todo dele.

— Ace... — Eu praticamente implorei.

— Mmmhmm?

— Foda-me. — Exigi.

Ele riu e lentamente colocou seu pau dentro de mim. Quando ele me preencheu, eu ofeguei, sabendo que não poderia aguentar mais. Ele moveu os quadris, sem apressar nada, e apreciei cada segundo, tentando memorizar exatamente como era senti-lo. Levantei meus quadris, querendo que ele enfiasse seu pau até o fundo, enquanto meu corpo se desmanchava em torno dele.

— Mais forte. — Sussurrei entre gemidos.

Ele não se conteve.

Ele me deu cada parte dele e eu o queria.

Meu orgasmo estava se formando, empurrando e puxando, tomando o controle de cada parte do meu corpo. Começou lento, como uma tempestade no mar, e então explodiu como fogos de artifício. Senti como se estivesse nadando através das nuvens, prazer espalhou por todo o meu corpo me fazendo perder o controle. Ninguém mais no mundo importava, exceto nós dois e o que compartilhávamos. Sua

mão tocou meu rosto e ele inclinou e me beijou. Embora estivesse perdida, nadando em um mar de satisfação, Ace continuava a me dar o que eu queria. Beijou meu pescoço e sussurrou contra a minha pele que ele estava perto, e depois, em um movimento rápido, tirou e gozou sobre o meu estômago. Saber que eu lhe dava prazer me fazia feliz. Este homem poderia ter qualquer mulher no mundo e me escolheu. Ele me escolheu. Tentei entender, verdadeiramente, o que isso significava.

Depois de ajudar a limpar sua bela bagunça, ele deitou de lado e passou os dedos pelos meus cabelos.

— Quais são seus planos para hoje?

Olhei para seus olhos verdes, analisando o ouro e o marrom em torno de sua íris.

— Preciso ir comprar um vestido para a festa.

— Eu tenho reuniões no centro. Posso te dar uma carona?

— Sim, claro. — Respondi sorrindo.

Fui para perto dele. Nossas bocas estavam a apenas algumas polegadas de distância e seu hálito quente tocava minha pele. Ele me puxou mais próximo dele, como se isso fosse possível, e eu coloquei a cabeça sob seu queixo.

Minutos se passaram, meu corpo relaxou e os olhos ficaram pesados.

Quando acordei de novo, ele não estava, e um bilhete repousava sobre o travesseiro. Virei-me para ler.

Vou ajudá-la com o vestido para a festa. Quando estiver pronta mande uma mensagem para o número abaixo. Uma limusine virá buscá-la.

Ace

999-432-0945

Ele era um doce comigo. Levantei e me espreguicei, sentindo dor em todos os lugares. Coloquei uma camisa e calças dele e fui para o banheiro. Água quente ilimitada seria minha nova melhor amiga. Tirei a roupa e entrei no chuveiro, e uma névoa rapidamente encheu o local. A água gotejava pela minha pele e escorria pelo meu corpo, e eu permeneci alí, aproveitando o vapor. Quando minha pele ficou rosa, saí me envolvendo em uma toalha e sequei meu cabelo.

O sorriso não deixava meu rosto e eu sabia que era por causa de uma pessoa: *Ace*. Cada vez que fechava os olhos, podia ver flashes de sua boca memorizando meu corpo e minha frequência cardíaca aumentou enquanto um zumbido de eletricidade passava por mim. Este homem tinha o poder de, eventualmente, me destruir.

Depois que me vesti, entrei no quarto e mandei uma mensagem para o número que ele tinha deixado. Recebi uma resposta que dizia a hora que o motorista viria me buscar. Chique. Nesse meio tempo, fiz a cama e coloquei minha calcinha debaixo do travesseiro dele, como um pequeno lembrete, embora, se ele fosse como eu, não esqueceria tão cedo. Quem eu tinha me tornado? Sentia-me tão confiante, sexy, e Ace Hathway era o culpado. Ele me fazia sentir como uma rainha e quando estávamos juntos, o mais próximo que duas pessoas poderiam estar, ele me dava uma enorme sensação de confiança. Esperava que da próxima vez em que me olhasse no espelho, pudesse reconhecer a mulher que eu veria.

O motorista me mandou uma mensagem quando chegou.

Ouvi vozes abafadas. Sabia que Ace tinha saído, mas percebi que os irmãos estavam ali.

Meu coração acelerou, mas não podia ficar enfiada no quarto, especialmente com o motorista esperando lá fora. Primeiro eu tomei alguns minutos e depois canalizei a mulher confiante que Ace tinha despertado em mim. A risada dos irmãos enchia a sala de estar, o que fez meu coração acelerar, mas respirei fundo e saí em direção a sala de todo modo.

— Santa mãe fudida. Puta merda. — Disse Jex, com os olhos arregalados.

Coloquei as mãos nos quadris e procurei minha coragem.

— Nunca viu uma mulher antes?

— Desculpe a língua. Você me assustou como o inferno.

Rex explodiu em uma gargalhada profunda, e meu rosto se abriu em um sorriso.

Nik se levantou e colocou a mão sobre meu ombro. — Então, Elizabeth, você sabe que tem que nos dizer se vocês estão namorando.

Seu charme, embora fosse impressionante, não ia funcionar comigo.

— Você não sabe que uma dama nunca beija e conta? — Levantei uma sobrancelha e dei a ele um pequeno sorriso de lado.

— Será que Ace capturou e prendeu você como refém durante toda a noite? — Rex riu.

Balancei a cabeça e divertidamente revirei os olhos. — Talvez eu o tenha mantido como refém. Já pensou nisso?

Ooh, Ahh e quenteeeee encheram a sala.

— Eu sabia que ele parecia um pouco feliz demais esta manhã. — Disse Nik, me dando uma piscadinha.

— Eu gosto de você, Elizabeth. — Falou Jex — Você vai ser uma coisa boa para o meu irmão, ele precisava de alguém para colocá-lo nos eixos.

Meu rosto ficou vermelho e antes que alguém pudesse notar, houve uma batida na porta e Jenny entrou, falando ao telefone.

— Um segundo. — Disse ela, e cobriu o telefone. — Eu bato porque nunca se sabe quando Nik vai andar por aí com seu pau de fora. Mas, falando em paus, todos eles estão aqui.

Eles reviraram os olhos e começaram a implicar com ela.

— Você pode imaginar crescer com esses idiotas? Sério! E as pessoas se perguntam por que eu sou do jeito que sou. — Ela riu e colocou o telefone de volta no ouvido.

— Desculpa, mãe. Eu sei. Sim. Ok. Vou dizer a eles o que você disse. Prometo. Tchau. Te amo. — Disse ela, em seguida, colocou o telefone no bolso.

— Mamãe disse que se vocês me encherem o saco de novo, ela vai chutar seus traseiros no churrasco após a turnê.

Todos ficaram quietos e eu comecei a rir, porque percebi que eles levaram a sério a ameaça. Talvez sua mãe fosse assustadora.

— Vim avisar que tem uma limusine esperando lá fora. O cara está olhando impaciente, e eu quis ter certeza de que não estavam na "hora Hathway".

— Oh, merda! É minha carona. — Disse, passando por ela.

— "Hora Hathway"? — Olhei para ela antes de sair do ônibus.

— Estes idiotas estão sempre trinta minutos atrasados para tudo.

— Todos nós, não. Apenas estes dois idiotas. — Disse Nik, apontando para Rex e Jex.

— Não escute o que eles dizem, Elizabeth. Sério, eles têm inveja porque ficamos com toda a beleza e o charme e não deixamos nada para eles. — Disse Rex.

— Então por que você não está na reunião que começou trinta minutos atrás? Parece que a única pessoa lá é Ace.

— Ah Merda! Nós temos que ir. — Disse Rex, olhando para o seu telefone.

— Vocês são ridículos. — Falou Nik.

Jex levantou e revirou os olhos para o irmão, me dando um sorriso.

— Saia enquanto pode, enquanto eles estão ocupados. — Sussurrou Jenny, com uma risada

Desci os degraus do ônibus rindo e o motorista me cumprimentou com um sorriso, aceno de cabeça, e um 'Senhorita'. Um táxi teria sido perfeito, mas não iria recusar uma carona em grande estilo. Dentro da limusine uma garrafa de champanhe e um copo me aguardava, então servi o espumante e observei as pessoas na rua, olhando enquanto o carro passava. Quando paramos o motorista abriu a porta na frente de um arranha-céu lindo, com janelas de vidro fumê que refletiam a cidade que me rodeava.

O motorista de dentes perfeitos sorriu novamente para mim.

— Ace disse que eu deveria deixá-la aqui.

— Sério?

Ele assentiu. — Tudo o que você precisa é se identificar no balcão.

Saí do carro, ansiosa e animada para ver o que me esperava. Lá dentro não pude deixar de admirar o teto alto e as pinturas abstratas penduradas nas paredes. O balcão era grande e abrangia toda a parede de trás. Fosse o que fosse este local, era muito extravagante e eu me senti um pouco fora de lugar.

A mulher sorriu e pediu minha carteira de motorista.

— Elizabeth Riley. Bem-vinda ao Sashay. Sou Delores e serei sua *personal stylist* hoje. Nós vendemos vestidos de alguns designers, mas acho que o seu já foi escolhido. Vou precisar que você experimente para ter certeza que ele serve.

— Uau, estou sem palavras.

— Espere até ver o que temos na loja para você. — Disse ela, sorrindo. Delores saiu e retornou com uma caixa enorme. Meus olhos arregalaram quando ela abriu e me entregou um vestido de seda preto longo com uma faixa branca na cintura. Parecia um vestido de conto de fadas porque a saia era bem rodada. Eu não conseguia deixar de sorrir.

— Há um provador ali. Experimente-o e venha me encontrar aqui no pedestal.

— Muito obrigada. — Respondi. Com o vestido dobrado nos braços caminhei para o provador. Quase não podia esperar para colocá-lo. Abri a parte de trás e coloquei um pé depois o outro e me contorci tentando fechá-lo, mas não foi possível. Saí, segurando o vestido, e a mulher correu na minha direção.

— Deixa-me ajudar. — Ela fechou o zíper e o vestido se encaixou como uma luva.

— Obrigada.

Delores me levou até uma plataforma e quando olhei nos espelhos meu sorriso aumentou. Como ele sabia que serviria tão bem? Ace tinha se superado.

— Pediram-me para entregar isso quando você experimentasse.

Na mão dela havia um envelope escrito em uma caligrafia desleixada.

Eu abri e não conseguia ler rápido o bastante.

Espero que seja tudo o que você sempre quis e que se sinta tão bonita quanto eu sei que você é.

Ace

Suspirei e coloquei o bilhete no peito. Tinha que estar vivendo a vida de outra pessoa, porque isto era o livro perfeito.

Ela fez alguns ajustes no vestido e me liberou. Fui até o provador tirar o vestido e o entreguei a ela que, com um sorriso, o colocou dentro de uma caixa e depois numa sacola e o devolveu para mim.

— Eu preciso pagar?

— Querida, está tudo certo. Desfrute de sua festa, você ficou linda.

Meu rosto doía de tanto sorrir. Fui até o carro e o motorista abriu a porta. Inclinei contra o assento e olhei os

edifícios que passavam enquanto eu relaxava e pensava em tudo o que estava acontecendo. Raios de sol atravessavam as nuvens e tudo em que eu conseguia pensar era em Ace. Só de pensar nele um grande sorriso aparecia no meu rosto, eu me servi de uma outra taça de champanhe

Verdade seja dita, não acho que um oceano poderia nos manter afastados.



Capítulo 32

Ace

O local parecia frio e escuro, e cheirava como um antigo hotel ou biblioteca. Foi construído em 1800 e convertido em um anfiteatro na década de 90. Era pequeno e pitoresco, perfeito para gravar o show em DVD. A turnê de verão seria para sempre lembrada neste local. E também era a noite perfeita para o meu plano maligno.

Eu não a via desde hoje pela manhã, e queria ir até ela, mas esperei impacientemente para vê-la. O pensamento do seu corpo nu pressionado contra o meu, os lábios vorazes e o olhar em seu rosto, eram o suficiente para me botar de joelhos. Havia um sorriso permanente colado em meu rosto e ela era a razão. Meus irmãos estavam começando a se preocupar com o quanto eu estava feliz ultimamente, e não era um segredo, cada um deles sabia a causa.



— Com o que você está sonhando? — Nik perguntou, me encontrando no centro do palco.

A voz de Nik me assustou e dei um pulo. — Foda-se! Avise que está chegando. Jesus Cristo!

— Desde que você não cague em suas calças no palco, nós estaremos bem. — Riu ele.

— Onde estão *Tweedle Dee e Tweedle Dum*[2]?

— Não chegaram ainda. — Respondeu ele, chegando mais perto. — Não havia nenhuma vergonha no rosto de Elizabeth está manhã quando saiu do seu quarto.

Eu me virei, olhei para ele e cruzei os braços. — Interessante.

— Sim. Estávamos todos no ônibus quando ela saiu do seu quarto.

— O quê? Que diabos?

— Eu não sabia que ela estava lá. Envie-me uma mensagem de texto ou algo assim na próxima vez, merda! Não é minha culpa. — Disse Nik, cruzando os braços também.

[2] Personagens de Alice no País das Maravilhas.

— Se vocês a envergonharam... — Falei em tom de ameaça. Ela teria me mandado uma mensagem se eles tivessem sido uns babacas, certo?

— Você o quê? Vai chutar minha bunda? Você não tem que se preocupar comigo, são os outros dois que não têm filtro.

Eu comecei a rir quando Jex entrou e Rex estava vestido exatamente igual a ele. Nik os viu e riu também. Nós trocamos olhares e Jex se virou e olhou para Rex.

— Você está brincando comigo? PARE. DE. FAZER. ISSO. — Jex estava puto, ele virou e olhou para nós com as narinas dilatadas.

— Ele espera eu me vestir, vê o que eu estou usando, encontra uma camisa exatamente igual ou muito parecida. Na próxima turnê vou ficar com você, Nik.

Rex começou a rir tanto que estava praticamente asfixiado.

— De jeito nenhum, Nik é meu parceiro de ônibus. Você pode ir se entendendo com ele. — Disse, apontando para Rex, que estava batendo nas pernas e rindo.

— Na próxima turnê, você estará em seu próprio ônibus com a sua namorada. — Disse Nik.

Virei-me e olhei para ele.

— Espero que você esteja certo. — Falei, colocando as mãos nos bolsos.

— Vamos passar a porra do som. — Disse Jex, atirando punhais com os olhos em Rex.

Pegamos os instrumentos e tocamos algumas músicas, verificando os níveis dos monitores, e deixando que os engenheiros de áudio aprimorassem o som no ambiente.

Retornei para o ônibus e dormi até a hora de ir para o camarim esperar o início do show.

Eu: Diga-me quando Elizabeth estiver a caminho.

Jenny: Combinado. Você é mau.

Eu: Eu sei o que eu quero.

Quando recebi uma mensagem de Jenny esperei até ouvir passos, então abri a porta e rapidamente a puxei para dentro. Ela me olhou com os olhos arregalados e eu a beijei como se não houvesse amanhã. Ela suspirou e largou o case da câmera. Com um sorriso de lado, a deitei no sofá de couro e coloquei meu peso em cima dela, imobilizando-a. Seu cabelo espalhou em volta do rosto e a respiração acelerou.

— Agora isso é algo que não quero esquecer nunca. Você, exatamente assim. — Eu disse, baixando a cabeça e a beijando novamente. Ela estava tão linda e perfeita.

— Faça uma foto e nunca vai esquecer. — Disse ela, se inclinando para me beijar.

Peguei meu iPhone do bolso e tirei uma foto dela. — Boa ideia.

Mordisquei sua orelha e voltei para os lábios.

Toc. Toc. Toc.

— Está quase na hora. Você está pronto? — Disse Nik, do outro lado da porta.

— Sim. Vou terminar algo rapidamente e vou para lá. — Beijei seu pescoço e ela inclinou a cabeça, com os olhos fechados.

— Não consigo parar de pensar em você. — Sussurrei.

— Você está me deixando louca. — Disse, me beijando outra vez.

— É difícil resistir. — Percebi que ela olhou o meu corpo e precisei me ajustar nas calças. — Isso também está difícil.

Mais alguns momentos se passaram e ouvi o ruído da porta sendo aberta lentamente. Seu corpo ficou rígido embaixo de mim, mas não me movi ou levantei. Eu não me importava. Olhei por cima do ombro para Nik, e ele colocou as mãos nos quadris e sacudiu a cabeça.

— Nós temos que ir. Sério. Você pode fazer isso mais tarde. — Ele piscou para Elizabeth.

Olhei para ela, admirando o azul dos seus olhos enquanto conversávamos silenciosamente.

— Mais tarde. — Sussurrei, e ela lambeu os lábios e assentiu.

Cuidadosamente, levantei do sofá ficando de frente para Nik.

— Desculpe. — Disse ele a Elizabeth e se aproximou de mim para pegar minha camisa e me puxar para fora.

— Vou devolvê-lo mais tarde Elizabeth.

Eu não conseguia parar de rir do seu jeito maternal. Jex e Rex estavam esperando, e quando nos aproximamos deles nós quatro nos abraçamos. Com a nossa música de entrada tocando, as luzes do palco ficaram escuras. Os efeitos especiais seriam escandalosos esta noite, com lasers, telas verdes e um show de luzes programado para cada batida de cada canção.

— Você está pronto com o caralho duro assim? — Jex perguntou.

— Claro que sim. — Respondi, sabendo o que o *setlist* seria longo.

Capítulo 33

ELIZABETH

Eu estava caminhando para o local onde iria ficar quando recebi um telefonema da minha mãe.

— Seu pai está sendo liberado. — Ela parecia muito mais feliz do que a última vez que havíamos conversado.

Eu queria gritar. — Estou tão aliviada! Isso é incrível. Posso falar com ele?

— Está dormindo agora. Mas vou dizer a ele que você o ama quando ele acordar, e irei ligar se alguma coisa mudar.

— Obrigada, mãe. Eu te amo. Tenho que ir.

— Também te amo, filha.

Dei um pulinho de felicidade enquanto caminhava. Não podia deixar de me sentir confortada pela boa notícia, porque se meu pai estava bem, tudo estaria bem.

O brilho suave das luzes do palco iluminava o local escuro. Assim que as luzes acenderam e a batida da primeira música começou, Ace me encontrou no meio da multidão e seu olhar fixou no meu. Estava tendo meu show particular. Parecia que não havia mais ninguém por perto, até que ele disse meu nome ao microfone e eu pude ouvir as pessoas se movendo.

No começo achei que estava imaginando coisas, depois entrei em negação e então ele descreveu o que eu estava vestindo e me apontou. As pessoas se viraram e olharam, alguns até me incentivaram, mas eu podia sentir a concha se fechando a minha volta. Se eu fosse uma tartaruga teria onde me esconder, mas eu não era uma tartaruga e não havia como se esconder quando seu rosto está sendo exibido nos telões. Não, não havia como me esconder.

— Elizabeth, vamos lá. — Disse ele.

Engoli em seco e me forcei a dar alguns passos à frente. Tudo o que eu podia focar era a fumaça pairando acima da multidão e na forma como as luzes brilhavam. Virei e olhei para Jenny na cabine de som. Ela estava feliz, me enxotando para frente com as duas mãos.

— Eli—za—beth! Eli—za—beth! Eli—za—Beth. — Gritava o público, no ritmo da minha frequência cardíaca acelerada. Tive que dizer a mim mesma para colocar um pé

na frente do outro, enquanto caminhava entre as pessoas e chegava aos seguranças, que me colocaram em cima do palco. As luzes brilharam em meus olhos e bloquearam a maior parte da multidão. Quando eles fecharam ao meu redor, eu pude ter o vislumbre das 10.000 pessoas que estavam no local.

Ace se inclinou para mim, com o rosto voltado para o fundo do palco. — Veja, não é tão ruim assim.

— É tão ruim assim. — Sussurrei.

Romeo trouxe minha guitarra, afinada e pronta para tocar. Fiquei ali, congelada, enquanto um microfone era montado ao lado direito do palco e colocado diretamente na minha frente. Fiz contato visual com Romeo e ele me entregou um cabo para ligar a guitarra. Um chiado espalhou pelo local, mas Ace continuava com o rosto sorridente. Eu nunca iria perdoá-lo por isso.

— Esta é Elizabeth Riley. Um de seus sonhos era se tornar cantora, entre outras coisas. O único problema é que grandes multidões a assustam como assombração. Isto não é uma piada de mau gosto, acho que ela tem o que é preciso.

Ele atravessou o palco onde poderia realmente ver a multidão.

— Então, se comportem. — A multidão foi à loucura quando ele colocou a guitarra elétrica. Então virou e olhou

para Nik, depois seus olhos foram até Rex e Jex. Com delicadeza contou 1... 2... 3... e todos eles começaram a tocar o início de 'Can not Help Falling in Love'. Estava tão chocada que esqueci a letra. Com a guitarra pesando no corpo ouvi a batida lenta e constante, e eles tocaram a introdução várias vezes antes de eu começar. Não havia como sair dali, então respirei profundamente, fechei os olhos e dedilhei a guitarra, me aproximando do microfone.

— Você pode fazer isso. — Ace murmurou, se aproximando.

Não podia acreditar que o som da minha voz estava saindo através do microfone. A multidão não existia, quando meus olhos estavam fechados, era apenas minha guitarra e eu. Isto era tudo o que importava.

Cantei as notas altas perfeitamente, sabendo que meu pai teria ficado orgulhoso. Eu não tinha feito nada assim desde o colegial. Continuei a apertar os olhos com força e a respirar profundamente entre os versos, implorando aos meus nervos para cederem, enquanto eu deixava a música tomar conta. Após o segundo refrão, pensei que meu corpo iria relaxar e a ansiedade dissipar, mas não aconteceu.

Quando abri os olhos o mundo veio à tona com força total. Eu me virei e olhei para Ace que estava tocando junto comigo. O sorriso não havia deixado seu rosto e a expressão

dizia tudo o que ele não podia. Percebi que ele estava orgulhoso por mim. A música terminou e a multidão foi à loucura. Arrepios percorreram meus braços e pernas, encheram meu corpo todo, minhas pernas começaram a tremer e a realização do que tinha acontecido veio à tona.

— Senhoras e senhores, a bela Elizabeth Riley. Ela não é talentosa? — Os gritos encheram o espaço e as luzes piscaram sobre o público. Meu coração caiu no estômago quando notei as câmeras com foco em nós dois. Abri a boca e arregalei os olhos porque tinha esquecido completamente a gravação. O que eu fiz poderia ser visto várias e várias vezes. Foi como se tivesse levado um soco, fiquei enjoada, com vontade de vomitar, querendo tirar a guitarra e sair correndo do palco. As luzes, os sons, os zoons das câmeras eram esmagadores. Quando consegui sair encostei contra a parede, com o coração batendo tão rápido que pensei que ele iria pular do meu peito.

Romeo me entregou uma garrafa de água que bebi avidamente, estava com a garganta seca. Precisava de ar fresco para acalmar a onda de adrenalina e, como estava com a cabeça latejando, fui direto para o ônibus tomar um analgésico. Pensando que seria melhor dormir um pouco, troquei de roupa, subi para minha cama e fechei os olhos.

De repente a cortina foi aberta.

— Nós vamos sair para beber e você vem com a gente. Puta merda, Elizabeth! Por que não contou que você pode tocar e cantar? — Jenny perguntou.

— Minha cabeça está me matando.

Ela pegou minha mão e puxou meu braço.

— Vou te dar dez minutos e voltar. Com dor de cabeça ou sem dor de cabeça você está indo com a gente.

Eu gemi, levantei e vesti uma saia e top amarrado no pescoço. Queria ficar no ônibus e dormir, mas Jenny pegou minha mão e me levou para fora.

— Isto vai ser muito divertido.

— Onde nós vamos?

— Você vai ver.

Suspirei, e com um sorriso no rosto olhei para ela.

— Então... Você e Ace? Sim? — Ela mexeu as sobrancelhas.

— Ele é tudo o que uma garota poderia desejar e muito mais. E o sexo... — Pisquei para ela.

— Estou feliz por você, mas eu acho que vou ali vomitar um pouquinho. — Ela riu e me deu uma cotovelada enquanto caminhávamos em direção ao SUV preto com vidros escuros.

— Entre. — Disse ela abrindo a porta.

Ace estava sentado lá dentro, com um sorriso enorme no rosto. Sua expressão era de luxúria e desejo. Engoli, tentando recuperar o fôlego, porque não esperava vê-lo lá me esperando. Virei e olhei para uma Jenny radiante.

— Vou encontrar com vocês lá. — Disse, acenando enquanto se afastava.

Ace estendeu a mão e eu deslizei sobre o assento de couro ao lado dele. O motorista deu a partida e nós saímos pela rua.

— Oi linda.

Meu coração acelerou.

— Eu deveria estar brava com você. — Mesmo que quisesse não conseguiria, não com ele tão perto.

Ele inclinou a cabeça para mim como um sorriso doce nos lábios. — Você não consegue ficar com raiva de mim.

Brincando, cruzei os braços e tentei não sorrir. — Eu posso.

Quando eu virei a cabeça para olhá-lo, ele pegou meu queixo entre os dedos e gentilmente me beijou. Era como uma lufada de ar fresco, e quando respirei, minha alma saiu pela boca.

— Vou tirar sua raiva com beijos.

— E se isso não funcionar?

— Então vou fodê-la.

Calor inundou cada polegada do meu corpo. Felizmente estava escuro porque eu sei que o rubor atingiu meu rosto, ainda mais ao lembrar desta manhã e da noite passada. Uma parte de mim queria pressionar um botão de pausa para que eu pudesse ficar todo o meu tempo com ele. Respirei lentamente, tentando controlar minhas emoções, e ele notou.

— Você é tão linda. Especialmente quando está com raiva.

Balancei a cabeça com um sorriso, recuperando o controle e olhando na sua direção.

— Prometa-me não me colocar mais em frente a grandes multidões. Eu fico nervosa.

Ele inclinou e seus lábios traçaram o meu ouvido.

Oh. Meu. Deus.

Ace Hathway sabia o que fazer.

— Não posso fazer isso, querida.

O SUV parou em frente a um pequeno bar de jazz. Havia um painel no exterior do prédio, mas o local não tinha um

nome. O motorista se manteve olhando para frente, enquanto nós não saíamos.

Seu nariz roçou minha bochecha e ele beliscou a pele do meu pescoço com os dentes e puxou.

— Eu gosto disso. — Murmurei, permitindo que a sensação de prazer misturado com dor atravessasse meu corpo. Virei e nossos lábios se encontraram novamente, então tudo em volta desapareceu e o tempo parou. Éramos apenas duas pessoas que gostavam de se beijar e de estar juntos. Ele não era Ace Hathway, músico famoso, e eu não era Elizabeth Riley, a jornalista. Não havia nada a esconder, e me sentia bem com isso.

Nós nos separamos quando a porta se abriu. Rex estava lá com um enorme sorriso.

— Vamos lá pombinhos. Vamos tomar algumas doses.

Jex pegou minha mão e ficou ali, a segurando, de frente para Ace com um sorriso de orelha a orelha. Eu não consegui segurar o riso, eles amavam provocá-lo.

— Solte-se um pouco. — Disse Jex, piscando para mim e batendo nas costas do irmão.

Ace segurou minha mão e entrelaçou seus dedos com os meus.

Os irmãos lideraram o caminho enquanto Ace e eu tomamos nosso tempo, caminhando por um longo corredor que levava a um ambiente aberto. O balcão de madeira do bar ficava em um dos lados, em frente a um palco onde uma banda tocava. Os meninos foram imediatamente para o bar, e Ace me acompanhou até um reservado escondido no canto da sala.

— Eu já volto. — Disse, e foi até os irmãos. De costas, todos pareciam iguais, altos, musculosos e elegantes.

Ace voltou com dois copos de vinho tinto nas mãos. — Jazz e vinho combinam perfeitamente.

— Eu concordo. — Tomei um gole enquanto ele deslizava ao meu lado na cabine.

Nós assistimos a banda tocar em silêncio.

Uma única vela cintilava na mesa e eu fiquei olhando a chama subir e descer. Ace apertou minha coxa e tomou um gole de vinho. Depois de mais algumas músicas, ele se inclinou e cochichou no meu ouvido.

— Encontre-me no corredor que vai para o banheiro em alguns minutos.

Balancei a cabeça uma única vez e ele se levantou e caminhou com confiança para o corredor. Após 100 segundos e o resto do meu vinho, levantei e fui na mesma direção que

ele havia desaparecido. O local tinha uma iluminação vermelha e baixa, fazendo parecer um escuro calabouço. Uma mão agarrou meu pulso e me puxou para um closet.

— Aí está você. — Disse Ace.

Estava escuro, mas nossos lábios facilmente encontraram um ao outro. Corri meus dedos pelo seu cabelo e ele encostou a testa na minha. Seu cheiro era semelhante ao da chuva no verão.

— Eu quero você. — Sua voz estava baixa e as mãos passavam pelo meu corpo em um toque suave.

— Eu quero mais. — Sussurrei, voltando para sua boca.

Nossos beijos se tornaram mais vorazes enquanto eu deslizava os dedos pelo seu estômago. Ele me beijou no pescoço e voltou para minha boca, com sua língua encontrando a minha.

— Me possua. — Eu disse em sua boca, antes que ele se afastasse completamente.

— Você é uma garota má. — Disse ele, enquanto eu abria o cinto.

Ele segurou meu rosto com uma das mãos, e com a outra levantou a parte inferior da minha saia. Deslizando a calcinha para o lado, ele pressionou levemente meu clitóris fazendo meu corpo derreter como gelo no verão sob o seu

toque. Depois passou o dedo ao redor da borda da renda e a puxou, contra a minha pele, causando um redemoinho de dor e prazer.

— Isso é meu agora. — A voz grave e baixa era puro sexo.

Uma mão suave voltou, movendo em círculos lentos, me fazendo morder o lábio inferior para conter os gemidos. Com as costas pressionadas contra a parede abri mão de minhas reservas, porque eu queria isso tanto quanto Ace queria me dar.

Vozes abafadas vieram do corredor e eu fiquei tensa. Ace mergulhou um dedo dentro de mim, me fazendo engolir em seco e esperei não ter gemido tão alto como soou na minha cabeça. Ele sabia exatamente o que meu corpo queria e precisava.

— Você é tão sexy. — Disse, retirando os dedos da minha calcinha e chupando. — E tem um gosto tão bom.

Eu queria ser capaz de vê-lo enquanto ele falava, mas estava muito escuro. Ele ajoelhou para beijar minhas coxas, com as mãos macias percorrendo meu corpo. A saia estava quase na cintura e ele levantou uma das minhas pernas sobre seu ombro. O primeiro movimento da língua no meu clitóris fez todo meu corpo enfraquecer, e precisei apoiar as mãos em seus ombros para não cair quando ele me penetrou com a língua ávida.

— Ace. — Sussurrei quando caía no abismo de emoções. Torcendo, girando, caindo e em seguida flutuando, eu não sabia qual caminho tomar, mas isso não importava, a cada segundo eu estava me perdendo mais no toque de Ace. Meus joelhos ficaram fracos e calor percorreu meu corpo quando o orgasmo me alcançou. Encostei a cabeça na parede tentando respirar, o coração disparou e meu corpo relaxou. Ace levantou, suas mãos deslizando pelas minhas coxas, descansando-as no meu quadril. Quando me beijou, senti meu gosto em seus lábios. Ele rosnou apertando seu corpo contra o meu, e com a dureza do seu pau me pressionando, eu queria mais dele.

— Você faz isso comigo. — Ele sussurrou, os dentes arranhando meu pescoço.

Não consegui deixar de sorrir.

— Eu quero você.

Uma batida ecoou na porta me fazendo congelar. A maçaneta fez barulho e rapidamente puxei meu vestido e alisei o cabelo. Ace riu antes de se afastar. Ele abriu a porta e uma mulher estava parada lá fora.

— Hummmm. Desculpe. Eu preciso de uma vassoura. — Embora eu não visse seu rosto por causa da escuridão, pelo tom de sua voz, ela parecia confusa.

— Vamos. — Ace disse, saindo e segurando minha mão enquanto ríamos do nosso interlúdio. Caminhar ao longo do corredor me deu tempo para controlar o meu coração e meu corpo. Quando chegamos na sala, a banda tocava uma melodia lenta, e finalmente pude olhar para Ace. A mandíbula forte, os lábios carnudos e um pequeno sorriso faziam meu interior se contorcer, instintivamente mordi o canto do lábio inferior pensando no que tinha acontecido. Ele levantou uma sobrancelha para mim e eu apertei sua mão sem falar nada. Nós caminhamos para o bar e Ace puxou um banquinho para mim, antes de sentar ao meu lado.

Nik sentou no meu outro lado resmungando algo sobre as mulheres. O polegar de Ace roçou minha perna enquanto ele se inclinava sobre o bar para olhar Nik.

Nik olhou para mim, em seguida, para Ace. De repente, me tornei autoconsciente. Sabia que minhas bochechas estavam vermelhas e meus lábios estavam inchados de beijar Ace com força. Será que Nik notou que desaparecemos? Será que os irmãos sabiam o que tinha acontecido? Eu estava usando minha satisfação como um cobertor quente?

— E aí? — Ace perguntou a ele.

— As mulheres são tão complicados. Sem ofensa. — Disse na minha direção.

— O que está acontecendo? — Perguntei.

Ele respirou lentamente e pediu uma bebida. Nunca tinha visto Nik tão frustrado.

Ace levantou e foi para perto dele.

— Eu quero ser feliz e quero alguém para me fazer feliz para o resto da vida. Estou cansado de jogos, das inúmeras mulheres que se jogam para mim. É chato. — Ele tomou um gole de cerveja.

— O que você vai fazer sobre isso? — Ace perguntou.

— Eu não sei mais o que fazer.

— Siga seu coração. — Eu disse.

Ele virou e me olhou.

— Não estou dizendo que tenho todas as respostas. As vezes eu me pergunto o que diabos estou fazendo. Mas se você deixar seu coração levá-lo, as possibilidades são infinitas. Muitas vezes nós terminamos com tudo antes de dizer o que estamos sentindo...

Ace estava sorrindo, e um sorriso muito grande. Nik assentiu e tomou o resto da cerveja, batendo o copo no bar. Ele estava sorrindo.

— Você está absolutamente certa. — Nik levantou e apertou meu ombro, antes de andar rápido para a porta.

— Sobre o que foi isso? — Perguntei a Ace.

Eu me virei e olhei para Ace e ele piscou para mim e me deu um sorriso bonitinho de lado.

— Ele está apaixonado. — Eu disse.

Ace olhou para cima e estreitou os olhos, batendo com o dedo indicador nos lábios.

— Quem é? Você sabe quem é. — Passei os dedos pelo meu cabelo e apoiei o queixo na palma da mão.

— Eu não sei. Eu tenho uma ideia, mas parece completamente ridículo.

Jenny se aproximou e sentou no banco ao meu lado.

— O que é ridículo?

— Notou algo estranho em Nik?

— Não, o que está acontecendo? — Jenny cruzou os dedos e sorriu.

— Nada. — Disse Ace. Olhei em seus lábios quando ele falou. Eu queria beijá-lo e ele notou. Alguns ajudantes entraram e Jenny virou e olhou para eles.

— Vejo você mais tarde. — Ela disse e me deu um pequeno abraço sorrindo para Ace.

— Você não acha que as pessoas estão agindo de forma estranha? — Ace perguntou.

— Talvez o amor esteja no ar.

Quando o bar anunciou a última música, nós terminamos nossas bebidas e voltamos para o ônibus, sozinhos.

Ace olhou pela janela e eu me virei para ele.

— Você quis dizer aquilo?

— Dizer o que? — Perguntei em seu peito.

— Sobre seguir seu coração.

— Quis. Minha cabeça me disse para fugir, mas meu coração disse para ficar. Adivinhe qual eu segui.

As pontas dos dedos dele roçaram meu braço, fazendo com que as borboletas vibrassem na minha barriga. Inclinei em seu corpo duro e descansei o braço sobre seu estômago, por todo caminho até o carro parar. Atravessamos o estacionamento e ele me deixou na porta do meu ônibus.

— Então, amanhã. Você está pronta?

Peguei sua mão e virei, olhando para ele.

— Mais do que pronta. Você não tem que fazer tudo isso. — Um sorriso tocou meus lábios.

— Eu faria qualquer coisa por você. — Ace disse, me puxando para perto dele.



Soltei a respiração, a excitação zumbindo como eletricidade através das minhas veias.

— Até amanhã. — Ele baixou a cabeça e traçou os meus lábios com os seus antes de realmente me beijar.

— Até mais. — Estava sem fôlego quando entrei no ônibus.

Capítulo 34

ACE

Estávamos passando um tempo com os patrocinadores e a imprensa. Meus pais fizeram uma surpresa voando para Nova York e tivemos um almoço sem a Jenny. Ela ficaria bem chateada quando os visse na festa e percebesse que não conseguiu nos encontrar. Logo depois que comemos fomos enviados para cabeleireiros e alfaiates para que nos preparássemos para uma sessão de fotos no topo de um edifício em Manhattan, vestidos com smokings de festa. Juntos, parecíamos uma equipe de James Bond prontos para combater o crime, mas eu sabia o que a *Rolling Stones* estava fazendo. Eles estavam jogando com os pontos fracos da maioria das mulheres.

Um homem em um terno era sexy para senhoras. Essas fotos seriam apresentadas numa próxima edição, uma edição pré-festa. Nós abrimos um champanhe e tinha uma mini

festa enquanto eles tiravam inúmeras fotos. Depois, foram feitas perguntas e enquanto meus irmãos falaram sobre a turnê e o novo álbum, sentei em silêncio. Os repórteres já esperavam por isso. Eu estava ignorando os tops curtos, os olhares de lado e o flerte sem sentido. Todas queriam o que não podiam ter. Proibido poderia muito bem ser o meu nome do meio.

Quando as luzes dos prédios se acenderam, eu percebi que não tinha falado com Elizabeth desde a noite passada. Ansiedade me inundou quando abri meu telefone. Ela não tinha tentado entrar em contato comigo também. Um zumbido encheu meus ouvidos, meu coração batia forte e minha boca ficou seca.

— Nervoso sobre alguma coisa? — Nik perguntou.

Droga, ele me conhecia muito bem.

Deixei escapar uma respiração lenta e controlada. Eu olhei de volta para o meu telefone e decidi enviar um texto. Nik estava lá e viu.

Eu: Está quase na hora.

Elizabeth: :)

Eu: Devo buscá-la às 7?

Elizabeth: Eu sei que você é o centro das atenções. Eu o encontro lá.

Eu: Por que você é tão boa para mim?

Elizabeth: Você não viu nada ainda.

Eu não tinha que a ver para saber que ela estava sorrindo. Mas isso só me fez sorrir de volta. Nik me deu tapinhas nas costas enquanto caminhávamos através do grande hall de entrada do edifício.

— Você está caidinho por ela, não é? — Nik enfiou as mãos nos bolsos quando atravessamos a rua em direção à limusine preta. Eu me virei e olhei para ele.

— Sim. — Eu disse. Não havia como negar isso.

Esperamos Rex e Jex para entrar, para que pudéssemos continuar a nosso próximo destino.

— Ela é uma garota esperta. — Disse Nik.

— Oh, sobre a noite passada...

Ele virou a cabeça e olhou para mim.

— Com quem você estava falando?

Nik balançou a cabeça.

— Vamos. A sério.

— Eu prometi que não iria contar a ninguém. — Disse ele.

— Eu sei como manter a porra de um segredo. E se é sério, não será um segredo por muito mais tempo, tenho certeza.

Os gêmeos subiram a bordo da limusine.

— Eles não tinham ideia de quem era quem. — Jex disse.

— E você estava sendo um total idiota sobre isso. — Rex murmurou então se virou para Nik e eu.

— Será que realmente somos tão parecidos? Eu sou obviamente, o melhor. — Rex colocou a mão sob o queixo e piscou rapidamente.

— Claro, eu teria que ter um gêmeo chato. — Jex derramou um copo de uísque e tomou de uma só vez.

Olhei para Nik. — Eu vou descobrir, você me falando ou não.

— Dizer o quê? — Jex colocou o copo.

— Absolutamente nada. — Eu disse, sabendo que isso iria rachar suas bundas porque não sabiam do que eu estava falando.

— Deixe isso quieto. — Nik disse diretamente a mim.

— Será que você deixaria, se fosse comigo? — Eu derramei um copo de bourbon também, o ingerindo em um gole só.

— Justo o suficiente. — Disse ele, derramando um copo também. — Boa sorte em descobrir isso. — Nik continuou e encostou a borda do copo contra o meu. — Você nunca vai adivinhar.

— Agora eu quero saber do que porra vocês estão falando. — Disse Rex.

Bebemos o nosso bourbon e começamos a festa. Não demoraria muito até que a maior festa do ano começasse e eu assistisse a todos os seus movimentos. Eu tive um sentimento que eu sabia quem era, mas eu iria esperar até que fosse confirmado.

Capítulo 35

ELIZABETH

— Você está ótima. — Disse Jenny no espelho enquanto colocava o cabelo longe de seu rosto com um grampo. Nós escapamos para o ônibus um para ficarmos prontas para a noite, assim não teríamos que lutar por um banheiro ou água quente.

— E olhe para você. Você parece uma supermodelo com essas pernas longas. — Eu disse.

Ela riu, sabendo exatamente o que eu estava falando. Essa altura era uma coisa Hathaway, e ela era linda, com grandes olhos azuis e cabelo escuro. Se Jenny quisesse, ela poderia ser uma modelo, mas a música movia a sua vida, e quando a música estava na alma de uma pessoa, nada poderia satisfazê-la mais do que a música.

Ela se virou e inclinou suas costas contra a cômoda e cruzou os braços.

— Meu irmão pode passar dessa para melhor quando ele te ver.

— Oh, pare.

Depois de ter aplicado um escuro e sedutor batom vermelho, eu escorreguei meus pés em um par de sapatos de salto alto estilo peep toe. Ele acrescentou um extra de sete centímetros. Jenny estalou os lábios juntos, alisou o vestido, em seguida, pegou minha mão e me levou para a cozinha. Ela abriu um armário e tirou uma garrafa de tequila, sal e dois copos.

— Você precisa tomar um tiro. — Ela mergulhou a borda do copo em sal, em seguida, derramou um tiro tão cheio que escorria sobre a borda. Depois de limpar as mãos, ela me deu o pequeno copo e segurou um em sua mão.

— Para a minha futura cunhada. — Disse ela com um sorriso.

Apertei os olhos para ela. — Nossa. Por que você não começa a escolher os nomes das crianças enquanto você está nisso. — Eu ri.

— Eu gosto do nome Jacob para um menino e June para uma menina. June Hathway. Parece tão bonito, não é?

Eu olhei para ela.

— Eu estou lhe dando um tempo difícil. — Disse ela, em seguida, tomou o tiro. Ela serviu outro e nós o derrubamos. A sensação de queimação revestiu a minha garganta e eu senti meu corpo relaxar um pouco. Suspirei e ela enrolou seu braço no meu e nós caminhamos para fora do ônibus. Um carro branco com janelas escuras estava esperando por nós. Quando o carro sacudiu para frente, assim fez meu coração.

— Eu me sinto tão rude por não perguntar se você tinha um encontro. — Eu disse.

— Não. Eu quase tive, mas então eu pensei que seria mais divertido se eu fosse sozinha. Agora eu não tenho que entreter qualquer pessoa específica hoje à noite.

— Você é uma jogadora. — Eu sorri.

— Você ainda não viu nada. — Ela bateu uma sobrancelha para mim e isso me fez lembrar de Ace.

Ace. Meu coração disparou e minhas mãos ficaram suadas. Por que diabos eu estava tão nervosa?

O carro diminuiu quando chegamos ao local. As pessoas corriam para dentro do prédio em grandes multidões. As mulheres estavam vestidas com vestidos glamorosos e homens usavam smoking e gravata borboleta. O vestido que Ace tinha escolhido combinava perfeitamente com a ocasião.

Jenny pegou minha mão e apertou. Sua excitação era quase contagiosa. Eu pisei para fora e Jenny me seguiu. Toneladas de pessoas já tinham chegado e muita conversa encheu o corredor para a sala do banquete. Tomei uma respiração profunda enquanto ia para dentro da grande sala e fomos recebidas por uma colorida escultura de gelo da *Band of Brothers.*

— Senhoras. — A voz de Ace era rouca e profunda e me derretia de dentro para fora. Nossos olhos se encontraram e uma sensação esmagadora para beijá-lo ali mesmo na frente de todos quase me ultrapassou, mas tanto quanto eu queria, eu segurei a vontade. Quando ele olhou para mim, era como se a multidão e a música tivessem desaparecido completamente. Poderíamos muito bem sermos as únicas duas pessoas na sala.

— Com licença. — Disse ele sorrindo, puxando a minha mão, até que meu corpo estava perto do dele.

— Divirtam-se vocês dois. — Jenny disse e foi embora nos deixando na entrada.

Eu estava quase ofegando por ar quando o estudei. Smoking preto abotoado e cabelo bagunçado era a combinação perfeita. Ele deu um passo para trás e me olhou dos pés à cabeça. Ele me deu um pequeno aceno com um sorriso de lado em aprovação.

— Esse vestido parece exatamente como eu imaginava que seria em você.

Eu podia sentir o calor indo para o meu rosto. — Obrigada.

Ele se inclinou. — Mas eu tenho uma vontade esmagadora de tirá-lo de você.

— O que você está esperando? — Eu disse, lambendo meus lábios.

— Você quer sair daqui?

Eu não podia acreditar nisso.

— Mas seu lugar é aqui. Esta festa não é um grande negócio?

— Eu prefiro gastar o tempo com você. Haverá muitas festas, mas nós só estamos garantidos por agora. E agora, eu quero passar meu tempo com você.

Ace agarrou a minha mão e nós caminhamos para fora. O ar estava vivo e fresco, mas meu rosto estava quente.

Nós nos encostamos ao lado do edifício de tijolos e ele me beijou como se fosse a última vez.

— Você é tão bonita. — Ace sussurrou. Formigamento inundava meus braços quando seu hálito tocou a maciez do meu pescoço. Abri os olhos e olhei para os seus, muito

verdes. Ele levantou minha mão e beijou meus dedos com os lábios carnudos. Inclinei a cabeça e o observei.

— O quê? — Ele perguntou.

— Eu quero estar com você. Sem câmeras. Sem holofotes. Sem olhos errantes. Só eu e você.

— Eu acho que posso fazer isso acontecer.

Ele nos levou pela calçada, em frente ao estacionamento vazio, em direção a uma limusine solitária estacionada ao lado da rua. O motorista abriu a janela e eles trocaram algumas palavras.

Subimos atrás e uma sensação esmagadora me superou. Ace havia me escolhido esta noite. Ace havia me escolhido.



Capítulo 36

ACE

A limusine parou do lado de fora do Hotel St. Regis e quando Elizabeth viu o antigo prédio de tijolos vermelhos, ela virou e olhou para mim com um olhar escandaloso em seu rosto. A porta da limusine abriu e os sons fracos da música derivaram no fundo. Eu queria levá-la pela mão e dançar com ela nas ruas, mas em vez disso, eu sorri e nós entramos. Da próxima vez, eu disse a mim mesmo. Os pisos e o teto estavam cobertos de mármore branco reluzente, e isso me fez lembrar que não importa o quanto a cidade tinha mudado em torno de St. Regis, o hotel permanecia com a mesma sensação de seu velho mundo e seu velho dinheiro.

Ficamos parados no balcão e nossos braços escovavam juntos. Olhei para ela e sorri. A recepcionista me fez uma pergunta, mas eu não estava escutando. Eu queria me lembrar de Elizabeth em seu vestido preto, cabelo





bagunçado pelo



vento, com as bochechas rosadas contra o fundo de mármore branco rodeada por um brilho amarelo do lustre.

— Sinto muito. — Eu disse, encostado no balcão fazendo contato com os olhos da recepcionista.

Ela começou a digitar furiosamente em seu teclado e um sorriso atingiu seu rosto.

— Você me parece familiar, — disse ela.

Entreguei-lhe minha licença para dirigir e meu cartão de crédito e eu pude ver o flash de reconhecimento em seus olhos quando leu o meu nome, mas ela não disse mais uma palavra sobre isso. Ela deslizou duas chaves de quartos do outro lado do balcão como se tivesse feito um acordo ilegal e me deu uma piscada antes de se afastar. Elizabeth e eu andamos passando pela escada contornando para o elevador. Quando entramos, eu cruzei meus braços e a estudei a partir do zero. Eu tomei mais alguns passos em direção a ela e vi como seus seios subiam e desciam a cada respiração que ela dava. Gentilmente, coloquei minha mão em seu rosto e tracei os meus lábios nos dela. Sua mão acariciou a parte de trás da minha cabeça. Antes que pudéssemos ir mais longe, o ding do elevador e a abertura das portas nos parou.

Ela olhou para mim quando eu abri a porta para a nossa suíte chamada 'The Bentley'. Eu não tenho certeza de

como a mulher nos conseguiu uma dessas, mas ela merecia um aumento. As suítes especiais estavam sempre reservadas.

No momento que Elizabeth entrou, ela engasgou. Os pisos eram de madeira escura e as paredes eram cinzas, mas as janelas que iam do chão ao teto roubaram a cena. Nós caminhamos até a janela alta e ela olhou para o Central Park, enquanto eu olhava para ela. Ela colocou uma mecha de cabelo solto atrás da orelha e timidamente olhou para mim e seus olhos se fecharam. Ela estava me dando permissão para beijá-la novamente, e eu ia aceitar. Quando meus lábios mal tocaram as bordas dos dela, minhas emoções rolaram em pleno vigor como a maré no mar.

Eu ligeiramente ri e ela sorriu para mim.

— O quê?

— Você me faz querer escrever uma canção de amor.

Ela levantou as sobrancelhas para mim. Eu agarrei a mão dela e a levei até a cama e sentei. Sem hesitar, ela me seguiu.

— Mas você não escreve canções de amor.

— Os tempos estão mudando, querida. É setembro e a turnê de verão está chegando ao fim. Quem sabe o que pode acontecer.

Ela se sentou na cama e estendeu a mão atrás das costas e lentamente despiu o vestido de seda e desamarrou a faixa que acentuava sua cintura pequena. Quando eu vi os ombros nus, eu beijei sua suavidade, permitindo que os meus lábios se arrastassem por toda a sua pele. Seus olhos se fecharam e um pequeno sorriso brincou em seus lábios enquanto ela soltou um pequeno gemido.

— Você me faz sentir tão viva. — Disse ela, e eu entendi completamente o que ela estava falando, porque ela fazia a mesma coisa para mim. Emoções como estas são do que canções de amor são feitas. Eu escovei meus dedos sobre os ombros dela até que seu vestido caiu um pouco acima de seus seios. Ela se levantou e saiu do vestido o deixando cair no chão, em uma poça em torno de onde ela estava.

Lingerie preta e transparente abraçou seu corpo e eu não podia deixar de admirar suas curvas. Ela interligou os dedos atrás da minha cabeça enquanto seus braços repousavam sobre meus ombros. Eu enrolei meus braços ao redor da cintura dela e descansei as mãos apertando a sua bunda. Ela olhou nos meus olhos antes de me beijar com os lábios doces e macios. Quando ela se afastou, eu não podia me ajudar, mas suspirei. Porra! Ela estava me deixando louco. A protuberância na minha calça implorou para ser liberada, mas eu a deixaria definir o ritmo para a nossa noite.

Confiante, ela tirou meu smoking e deixou cair no chão, em seguida, afrouxou a minha gravata. Ela me montou e, em seguida, desabotoou cada botão da minha camisa, a tirou do meu corpo. Eu sei que ela podia me sentir. Apenas o material da minha calça e a calcinha dela me mantinha separado dela.

Elizabeth beijou meu pescoço, girando a língua em torno da concha da minha orelha enquanto ela balançou seus quadris contra mim.

—Foda-se. — Eu sussurrei, apreciando ela assumindo a liderança.

Ela moveu os quadris para trás e soltou meu cinto, em seguida, abriu o primeiro botão da minha calça. Ela nem sequer mencionou a dureza em minhas calças porque eu sei que ela sentiu. Escorregando minhas pernas, ela se levantou e deslizou minhas calças do meu corpo. Saí dos meus sapatos e meias, e joguei as calças através da sala. Eu estava apenas com a minha cueca. Elizabeth deu um passo para trás, cruzou os braços, então inclinou a cabeça.

— Agora eu sei por que você é conhecido como o homem que quebrou um milhão de corações.

— Eu nunca vou quebrar o seu. — Eu sussurrei, e ela veio até mim de braços abertos. Esfreguei minha mão contra suas costas quentes quando ela colocou os braços em volta da minha cintura. Por alguns minutos estávamos abraçados.

Corri meus dedos pelo cabelo dela e quando ela olhou para mim, eu beijei sua testa. Esta relação, ou o que seja, foi rapidamente nos transformando em amantes.

Nós nos beijamos no nosso caminho para a cama e ela me empurrou para lá. Eu posicionei meu corpo em um cotovelo e vi como ela lentamente tirou o sutiã e calcinha. Virando-se, permitindo eu ver a bunda dela, ela se inclinou e soltou seus sapatos. Meus olhos vagaram sobre cada polegada de seu corpo sexy. Ela olhou por cima do ombro para mim e sorriu.

Eu enrolei meu dedo, mandando ela vir para mim. Ela rastejou na cama e beijou o meu estômago, em seguida, removeu meus boxers. Eu estava tão duro que quase doía.

Sem esperar por mais tempo, ela me levou em sua boca. Ela lambeu da base para a ponta, me fazendo estremecer. Sua língua girou no topo, em seguida, ela me colocou em sua boca e começou a se mover para cima e para baixo do meu eixo enquanto ela gemia. Se eu não soubesse, eu teria pensado que ela gostava de fazer eu me sentir assim. Por sua linguagem corporal, ela adorou.

— Baby. — Eu disse, sabendo que se ela continuasse eu iria gozar, e eu não estava pronto ainda.

Elizabeth olhou para mim com olhos cobertos e um pequeno sorriso em seus lábios.

— Eu posso provar você. — Disse ela, girando o dedo em minha ponta, brincando com o meu pré-sêmen, em seguida, mergulhando o dedo em sua boca. — E você tem um bom sabor.

Eu tive que me segurar e assumir o controle, porque se eu não fizesse, eu a foderia por cinco minutos e terminaria. Ela me fez tão insuportavelmente quente e eu não queria gozar tão rápido. Eu teria de provocá-la.

—Deite-se. — Eu disse.

Ela não hesitou.

Puxei seu corpo para a beirada da cama e caí de joelhos enquanto pressionei minha língua contra o seu clitóris. Ela estava tão molhada e seu corpo instantaneamente respondeu ao meu toque.

Passei a minha língua contra sua bela buceta, em seguida, me afastei. Eu continuei jogando e a provocando. Lamber, esperar, repetir. Eu mergulhei minha língua dentro dela e provei sua doçura, ela gemeu empurrando com mais força contra mim.

— Ace. — Ela disse, e eu poderia dizer que ela estava perto. Eu me afastei, sorrindo, e eu sabia que a deixei irritada. Embora ela estivesse no limiar, não me atrevi a dar o que ela desejava.

Ela se apoiou em ambos os cotovelos e olhou para mim, respirando com dificuldade. Levantei e enfiei a mão no bolso da calça no chão, peguei a camisinha e a coloquei. Quando me mudei para a cama, ela veio ao meu lado. Beijei-a, lhe permitindo provar a si mesma em meus lábios. Ela chupou meu lábio inferior e eu sabia que eu não podia demorar muito mais tempo.

Rolei e me segurei em cima dela, sem tirar os olhos dos dela enquanto eu lentamente deslizava dentro dela. Ela suspirou com satisfação enquanto eu a enchia com a minha dureza. Meu fim estava no dela e nós estávamos tão perto como duas pessoas poderiam estar. Seus olhos se fecharam e eu olhei para seu belo rosto e seu cabelo que estava espalhado ao redor de sua cabeça. Mergulhei para baixo e chupei seu pequeno bico cor de rosa conforme eu entrava e saía dela. Nossas respirações aumentaram e meu corpo implorou por liberação. Nós não estávamos fodendo, estávamos fazendo amor. Nossas almas se sentiram conectadas e foi naquele momento que percebi uma estranha mudança dentro do meu corpo. Eu sabia que não poderia ter feito sem Elizabeth na minha vida. Seus suaves suspiros se tornaram mais prevalentes e ela empurrou seu corpo contra cada impulso. Eu dei a ela com mais força, seus gemidos mais altos e sua respiração mais profunda.

Quando suas unhas arranharam as minhas costas e sua boca abriu quando ela disse meu nome, eu senti sua pulsação contra o meu pau. Mergulhei minha cabeça para baixo e a beijei enquanto ela ofegava e se perdia dentro de seu orgasmo. Seus olhos se fecharam e ela se inclinou para me beijar. Mas eu não parei.

Ela me segurou firme, os lábios em guerra contra os meus enquanto eu pegava o meu ritmo. Eu sabia que este seria um orgasmo poderoso porque eu estava o segurando por muito tempo. Ela me fez querer gozar no minuto em que ela me beijou como se eu fosse dela.

Antes de eu lhe dar tudo o que eu era, ela segurou meu rosto em suas mãos. Abri os olhos e a observava. Nada no mundo poderia ter quebrado o nosso olhar. Elizabeth estava conectada comigo em um nível tão profundo, eu não tinha certeza se poderia compreender os sentimentos que se apressaram a fluir através de mim como um rio que ruge. Ela colocou a mão em seu clitóris e começou a brincar com ela mesma conforme eu dava a ela cada centímetro de mim. Chupei meu lábio inferior na minha boca quando meu orgasmo tomou todo o meu corpo.

— Eu estou gozando... De novo. — Ela disse, se curvando embaixo de mim, gemendo como se ela não se importasse que o mundo inteiro ouvisse.

Beijei-a tão profundamente, que perdi o meu fôlego.

— Eu não posso ficar sem você. — Eu sussurrei.

— Eu não quero ficar sem você.

Era oficial. Elizabeth Riley era minha!

Capítulo 37

ELIZABETH

O sol da manhã me acordou. Nossas pernas eram como espaguete entrelaçados com lençóis e cobertores. Roupas e travesseiros extras cobriam o chão do quarto. Virei a cabeça e vi Ace dormindo e não pude deixar de sorrir. Ele tinha tomado o controle e fez eu me sentir bonita. O intenso prazer que ele tinha me dado era o que as outras mulheres só sonhavam, mas isso não foi um sonho.

— Bom dia, linda. — Sua voz da manhã estava rouca e fofa. Felicidade espalhou através de mim. Ele passou o braço em volta de mim e beijou minha testa.

— Bom dia. — Eu me aconcheguei nele.

— Eu quero você no café da manhã, almoço e jantar.

— Poderíamos ser capazes de fazer isso acontecer. — Eu disse. Virei a cabeça e olhei para o relógio. Eram quase nove horas da manhã e nós não tínhamos nenhum plano e



nenhum





lugar para estar. Hoje poderíamos gastar cada segundo juntos, um dia para lembrar.

Meu telefone vibrou sobre a cômoda ao lado da cama e eu estendi a mão e vi rapidamente o número do PHASE através da tela.

— Elizabeth Riley.

— Jack falando. Seu voo para a Califórnia sai de manhã.

Meu coração caiu. Meu mundo girou. Tudo o que ele estava dizendo não fazia sentido. Meu rosto ficou sério e minha adrenalina começou a fluir. Eu tive que encontrar minhas palavras.

— O quê? Há ainda mais dois shows.

— Confraternizar com os membros da banda é contra nossa política, que você claramente não tem seguido. — Jack estava furioso, irritado. O que foi ainda mais assustador era que sua voz estava calma, também controlada.

Senti a raiva rolar através de mim, rapidamente seguida por dor e traição. Meus olhos começaram a arder e eu respirei fundo para conter as lágrimas. Jack não tinha ideia do que ele estava falando e fazer tal acusação me fez sentir impotente. Eu forcei a sair uma única palavra.

— Mas...

— Entre no avião ou perca o seu emprego e eu vou tomar medidas legais.

Meu lábio inferior tremeu e ele não disse mais nada, ele simplesmente havia desligado. O meu telefone apitou com um e-mail e eram os meus planos de viagem. Ser vista romanticamente com Ace era o meu medo pessoal, mas ser pega e ameaçada com uma ação judicial era outra. Minha mão tremia e eu deixei cair meu telefone na cama e cobri o rosto.

— Baby, o que está errado? — Ace perguntou, sentando e se movendo em direção a mim. Ele levantou e passou os braços em volta de mim.

— Está tudo bem? — Ele perguntou novamente.

— Eu tenho que sair amanhã. — Uma lágrima escorria pelo meu rosto e eu tomei uma respiração profunda enquanto pressionava meu rosto contra seu peito.

— O que? Porquê? — Ele deu um passo para trás e procurou meu rosto. Ele parecia tão confuso como eu me sentia.

— Porque eu fui pega 'confraternizando' com a banda. — Coloquei meus lábios para dentro da minha boca e tentei segurar a torneira de lágrimas enquanto observava toda a minha carreira ir pelo ralo. Eu odiava chorar, não porque eu estava chateada, mas porque eu estava tão irritada e meu

corpo não podia refletir a minha raiva de qualquer outra forma. Eu tinha passado cinco anos da minha vida tentando ser alguém nessa indústria, e agora eu só seria conhecida como a fã que dormia com a banda.

— Uau. Então, como foi? — Ele perguntou, dando um pequeno sorriso, me beijando na bochecha.

— O melhor que eu já tive. — Eu tentei fazer uma piada de volta.

— Você pode negá-lo?

Dei uma respiração profunda e balancei a cabeça. — E se eu não quiser nos esconder mais?

Um sorriso cresceu em seu rosto.

— Independentemente disso, eu tenho que seguir as regras. Eu tenho que estar no voo de amanhã. Estou em seus termos. Eu tenho que ir.

— Fique. — Disse ele.

— Eu não posso. — Eu sussurrei.

Ficamos deitados em silêncio por alguns minutos. Os sons das ruas abaixo podiam ser ouvidos. Ele me puxou para o seu corpo e me segurou.

— Que horas?

— Seis da manhã. Ele reservou um dos primeiros voos que podia.

— Está tudo bem. Este não é o fim do mundo.

— Não, mas parece o fim da minha carreira. Quem vai me levar a sério daqui para frente?

Ace passou os dedos pelo meu cabelo e beijou minha cabeça. Sua mão esfregou lentamente minhas costas. — Nós vamos passar por isso.

— Temo que quando eu sair, tudo isso vai mudar. Cada dia foi como um sonho e eu estou esperando para acordar.

— Olhe para mim. A distância não pode mudar a maneira como eu me sinto. Vai demorar muito mais do que isso. Eu sei o que eu quero e eu sempre consigo o que quero. — Seus dentes pastavam ao longo do meu pescoço, causando pequenas dores com pontadas de prazer propagando através de mim.

— A turnê está quase no fim e então eu vou estar de volta em Los Angeles com você. — Ele disse quando apertou minha mão.

Forcei um sorriso e me inclinei para ele.

— Eu estarei lá esperando por você. — Eu olhei para ele e seus lábios mergulharam para baixo e encontraram os meus.

— Agora, vamos nos divertir hoje, já que não estamos mais nos escondendo. O que você tem a perder?

— Você. — Olhei para ele com olhos tristes e meu coração estava pesado. Imaginando não o ver até depois da turnê já estava me matando.

— Eu não vou a lugar nenhum, Elizabeth. Não vai acontecer. Vamos lá. — Disse ele, me puxando em direção ao banheiro. Ele se inclinou e ligou o chuveiro, em seguida, entrou e estendeu a mão, eu a peguei e me juntei a ele. A água morna e suas mãos lavando e massageando para fora toda a tensão, fez eu me sentir melhor. Por um momento, estávamos sob a água, permitindo que o aconchego nos cercasse.

— Não é o fim do mundo. É apenas o começo. — Ele passou os braços em volta de mim e me segurou perto.

— Você faz tudo melhor. — Eu olhei para ele e beijei seu queixo. Depois do banho, ele colocou uma toalha na cintura e vi gotas de água rolarem por seu peito e estômago. Ace era tão divino com seus músculos magros, face e dentes perfeitos, e uma personalidade carismática.

Ele deu um passo para frente e secou meu corpo sem pressa, e foi sexy como pecado.

— Mmmm. Você me faz querer fazer coisas muito ruins para você. — Eu disse, e sua sobrancelha levantou.

— O que você está esperando?

Um alarme soou do meu telefone, matando o momento. Corri para o quarto com a toalha em volta de mim e desliguei o alarme. Ele se encostou na entrada para o quarto me observando.

— Então, sexy, nós vamos nos divertir hoje. — Ele disse.

Ace escorregou em suas calças e abotoou a camisa e eu coloquei meu vestido da noite passada. Depois de alguns olhares de lado, ele me puxou para os seus braços e me abraçou. Eu passei meus braços em torno de sua cintura e ele começou a se mover. Nós dançamos a música dentro de nossos corações. Ele me girou e eu não pude deixar de sorrir.

— Pronta?

Eu balancei a cabeça. Antes que sair do quarto, eu me virei e olhei para ele. Muitos começos e fins aconteceram neste quarto. Esse foi o momento no qual tudo mudou.

Ace agarrou a minha mão e nós andamos pelo corredor até o elevador, e através do hotel. A brisa fresca bateu no meu rosto e nas minhas pernas. Nós parecíamos ridículos vestindo roupas extravagantes tão cedo de manhã com a última noite pintada nos nossos rostos. Ace pegou minha mão e me puxou para a Saks Fifth Avenue.

— O que estamos fazendo?

Ele sorriu. — Trocando de roupa.

Nós caminhamos para a seção das mulheres e eu olhei para as etiquetas de preço. Um par de calças de $168 não estava no meu orçamento.

— Eu não posso. — Eu disse.

— Eu estou pagando.

— Então você escolhe o que eu visto. — Eu disse.

Ele inclinou a cabeça para mim com um sorriso. — Você tem certeza?

— Absolutamente.

Ace me levou do outro lado e folheou um rack de jeans lavados em pedra, com rasgos e tiras nas pernas. Ele andou até as camisas e tirou uma camisa de renda cravejada.

— A sério? — Eu perguntei, rindo.

Ele me entregou as roupas e caminhamos para o provador. Ace esperou fora enquanto eu provava as roupas. Meu queixo caiu quando as vi juntas. Quando eu saí, Ace acenou com a cabeça vendo exatamente o que eu tinha visto no espelho.

— Perfeito. — Ele se inclinou e me beijou.

— Obrigada. — Eu disse e ele bateu na minha bunda enquanto eu caminhava de volta para o provador.

— Não comece algo que você não tem a intenção de terminar.

Ele inclinou a cabeça para mim. — Vou começar e terminar neste provador, se você não for cuidadosa.

Eu ri, fechei a porta, em seguida, escorreguei no lindo vestido. Eu não pude deixar de pensar sobre o quão quente e absolutamente impertinente seria se ele irrompesse no provador, arrancasse minhas roupas, e me levasse contra o espelho.

Deus, eu precisava parar de pensar assim.

Saí do provador, tonta pela minha fantasia e ele passou o braço em volta de mim. No caminho para o balcão, Ace agarrou uma jaqueta de couro de motociclista recortada com zíperes e botões de ouro. Uma vez que as roupas foram empacotadas e o caixa declarou o total, minha boca caiu. Ace tinha gasto cerca de US$ 1500 em uma única loja. Ele colocou um par de jeans lavado a pedra e uma camiseta com alguma arte abstrata em cima do balcão também.

Ele me entregou a bolsa, pegou suas roupas e perguntou à mulher onde poderíamos nos trocar. A mulher apontou para o banheiro com um sorriso. Ace entrou no banheiro dos homens e fui para o das mulheres. As roupas se encaixaram como se elas fossem feitas para mim e só para

mim. Eu dobrei meu vestido e o coloquei dentro do saco da Sak's e saí.

— Uau, você está linda. — Disse ele.

— Obrigada. — Eu disse ficando na ponta dos pés roubando um beijo. Ele jogou seu braço sobre meu ombro e nós caminhamos para fora da loja e para baixo da rua. Com ele ao meu lado, eu me sentia bonita. Mulheres tentaram fazer contato visual com ele, mas ele só tinha olhos para mim.

— Eu amo não nos escondermos. — Eu disse, e ele interligou seus dedos com os meus.

— Cuidado com os paparazzi. — Disse ele, me dando uma piscadela.

Revirei os olhos e lhe dei uma cotovelada quando demos uma guinada e entramos no Central Park. Os sons do vento viajavam através das árvores fazendo folhas alaranjadas caírem ao chão. Canoas viajavam em toda a bacia, e os edifícios à distância pareciam como torres por trás deles. O Central Park era estranho e lindo e eu adorei a beleza da natureza cercada por cimento, as ruas movimentadas e as pessoas.

Meu estômago roncou e senti como se todos ao redor pudessem ouvi-lo.

— Eu estou com fome. — Eu disse.

— O que você está com vontade de comer?

— Você.

Ele levantou uma sobrancelha. — Você tem certeza sobre isso?

— Sim, mas eu poderia ter um pequeno lanche.

— Você gosta de pizza?

— Quem não gosta de pizza? — Eu perguntei.

Ele me puxou pelo parque e saímos na rua. Outro bloco e estávamos de pé na frente de um caminhão que vendia pizza por fatia. Ace tirou algum dinheiro e entregou ao homem, em seguida, me deu uma fatia de pizza que cheirava a céu italiano e era maior que minha cabeça. Ele pegou duas garrafas de água também.

— Esta é uma das minhas coisas favoritas sobre New York. — Ele disse enquanto afundava os dentes no queijo e na massa.

Um pequeno gemido escapou de mim quando dei uma mordida na massa macia e queijo muçarela, delícia total.

Nós caminhamos para um conjunto de bancos e pessoas observavam enquanto terminávamos a nossa comida, ocasionalmente limpando o nosso rosto com um guardanapo.

— Eu vou precisar de uma corrida depois disso. — Eu disse.

Ace olhou para o meu tornozelo depois de volta para mim. — Se você diz. — Ele riu.

— Ele realmente não dói mais e eu não planejo beijar o chão tão cedo.

— Eu poderia tocar tantas linhas piegas agora. — Ele riu.

Eu balancei a cabeça para ele. — Sério? Como o quê?

Ele ergueu as sobrancelhas e olhou para mim. — Isso doeu?

— O que doeu? — Eu dei um grande gole de água.

— Quando você caiu do céu.

A água correu por toda a calçada enquanto eu me engasgava de tanto rir. Eu adorava passar o tempo completamente despreocupado com Ace. Um nó apertado se formou no meu estômago quando eu pensei em ir embora. Eu não queria deixar isso, não agora, não quando a nossa relação estava se transformando em algo monumental.

Ace pegou seu telefone e me deu um pequeno sorriso.

— Nós provavelmente devemos começar a voltar. Temos uma reunião da banda às cinco. E você sabe como Miley é sobre o tempo.

Eu respirei fundo e soltei. O tempo estava passando rápido, e o nosso dia estava chegando ao fim. Nós caminhamos ao redor do Central Park pela última vez antes de Ace chamar um táxi. Na viagem de volta para o ônibus, ele me segurou em seus braços em silêncio. Ele tinha me dado muito tempo para pensar.

Antes de sairmos do carro, o dedo de Ace deslizou pelo meu queixo e ele me beijou tão suave e gentilmente que minha voz tinha desaparecido. Emoções agitavam dentro de mim quando ele puxou meu lábio inferior entre os dentes, em seguida, o sugou. Seus olhos se abriram e ele escovou o nariz contra o meu.

O motorista limpou a garganta.

— Eu acho que é hora de ir. — Eu disse.

— Depois de embalar, pegue sua guitarra e me encontre no ônibus. Eu quero mudar suas cordas.

— Hmmm, tão sexy. — Eu ri.

Assim que meus pés tocaram o chão, Jenny correu em frente ao estacionamento com um enorme sorriso no rosto.

— Elizabeth! — Ela respirava com dificuldade.

— O quê?

Ela respirou fundo e soltou. — Romeo me pediu para sair.

— O quê? Romeo? Eu nunca teria pensado. Estou tão animada por você. Quando?

— Amanhã à noite. E eu realmente disse que sim. Desculpe, eu tive que dizer a alguém. Os gêmeos já ameaçaram chutar a bunda dele todo o caminho de volta para Los Angeles. — Ela não conseguia parar de sorrir. Felicidade era um olhar adequado para ela.

Eu queria dizer a ela que estava indo embora. Eu precisava contar a ela. Dei-lhe um abraço.

— Passe um texto para mim e me deixe saber como foi. — Eu disse, esperando que ela fosse receber a dica.

— Eu vou lhe dizer quando eu voltar. — Tudo o que ela precisava era ver o meu rosto.

— O quê? — Ela colocou as mãos nos quadris e me deu seu olhar patenteado.

— A PHASE está me fazendo sair amanhã. Meu voo é às cinco da manhã.

— Que diabos? Por quê?

Revirei os olhos. — Jack é um imbecíl. É uma longa história. Aparentemente, eu quebrei meu contrato e estou sendo ameaçada. Vejo você em Los Angeles quando estiver de volta da turnê. Na próxima semana temos que almoçar juntas. Temos que manter o contato.

— Combinado. — Nós caminhamos para o ônibus juntas. — Estou animada. Eu não posso lhe dizer a última vez que eu fui convidada para um encontro e realmente fui. Tem sido assim por muito tempo, eu estava começando a pensar que havia algo de errado comigo.

— Eu acho que você intimida as pessoas. Você é bonita e franca. E talvez as pessoas pensem que você é lésbica. Não é algo rebuscado. — Eu ri, pensando de volta algumas semanas atrás.

Depois que entramos no ônibus, eu peguei minha mochila e comecei a embalar. Uma vez que as minhas roupas estavam juntas, eu andei até o ônibus de Ace com a minha guitarra na mão. Eu coloquei o código e entrei no ônibus. Nik estava de pé com os braços cruzados e Jex estava com as mãos nos quadris. Ace estava de costas contra o balcão e uma mulher estava a polegadas dele.

Suas mãos estavam em seus quadris e seu rosto ficou em branco quando ele me viu. Ela olhou para mim e sorriu, antes de levá-lo em seus braços e beijá-lo. Eu não podia

assistir, virei e caminhei para fora do ônibus. Ouvi Nik e Ace chamarem meu nome ao mesmo tempo, mas eu não parei de andar. O pensamento só me fez doente. Meu coração estava partindo em mil pedaços. Quem diabos era aquela mulher?

— Você deve ter visto Misty. — Disse Sarah encostada no ônibus seis.

— O quê? — Olhei para ela e minhas narinas tremeram.

Jenny saiu do ônibus seis e olhou para Sarah, em seguida, olhou para mim. O vazio do meu rosto a alertou, porque seu sorriso sumiu de seus lábios. Ela se virou e olhou para Sarah, e então ouvi palavras saírem de sua boca.

— Puta merda. — Disse ela. — Que porra ela está fazendo aqui?

Isso era tudo o que eu precisava para confirmação. Jenny cobriu a boca e eu embarquei imediatamente no ônibus antes que as lágrimas caíssem. Eu podia ouvir Jenny gritando, em seguida, o ônibus balançou com os pés apressados. Subi na minha cama e fechei a cortina.

— Elizabeth. — Disse Jenny.

Abri a cortina e Ace invadiu.

— Elizabeth. — Disse ele.

Fechei os olhos e as lágrimas derrubaram a partir das pálpebras.

— Eu não quero ver você no momento. — Eu disse.

— Você vai me deixar explicar?

— Eu preciso de tempo para processar isso.

— Eu vou lhe dar todo o tempo que você precisa. Mas não vou parar de lutar por você. Eu não irei desaparecer. Mas já estou atrasado para minha reunião com a gravadora e tenho que ir. — Ace esperou que eu dissesse alguma coisa, mas não o fiz. Depois que ele foi embora, Jenny olhou para mim com olhos tristes. Não havia nada que eu pudesse dizer e me senti estúpida. Eu puxei minha cortina fechada e tentei segurar as lágrimas. Depois de uma hora, puxei a minha guitarra, roupas e equipamentos de debaixo do ônibus e chamei um táxi.

— Por favor. — Jenny disse a passos do ônibus quando peguei minhas coisas e fui embora.

— Sinto muito. — Eu disse. Essas foram as últimas palavras que disse a ela enquanto carregava a minha guitarra para o taxi. Eu tinha o motorista me levando a um hotel de beira de estrada onde eu iria de transporte para o aeroporto de manhã. Eu andava em silêncio e olhava para os edifícios, não me fixando sobre um deles.

Assim que entrei no quarto, sentei na cama e adormeci com as roupas que eu estava usando todo o dia. Eu sabia que a turnê estava por acabar, mas após o dia que nós compartilhamos, eu nunca imaginei que iria acabar assim.

Capítulo 38

ELIZABETH

Eu voei de volta para a Califórnia e prometi aos meus pais que iria vê-los depois que lidasse com a PHASE. No momento, não quero estar perto de pessoas. Eu estava em um mau momento onde eu me sentia como o meu maior inimigo. Eu me sentia ridícula. Deveria ter escutado o que Ace tinha a dizer, mas estava ferida. Ele tinha chamado e mandado uma mensagem a cada oportunidade livre que tinha e eu ignorei cada uma. Será que ele não entendia que precisava do meu espaço?

Ele chegou a ameaçar encontrar o meu endereço e disparar até aqui quando voltasse de Los Angeles. Eu quase mandei uma mensagem para ele depois dessa, mas não iria quebrar o meu silêncio. Não por texto, pelo menos. Havia muitas coisas para tratar, mas PHASE era o número um na minha lista.

Segunda de manhã, Jack estaria esperando por mim no escritório e ele, mais do que provavelmente, me despediria. Fotos de nós juntos tinham flutuado na Internet e não havia como negar. Mesmo se a PHASE me pagasse quantidades loucas de dinheiro para escrever um artigo sobre o nosso relacionamento, eu não podia e não iria produzir outra coisa senão a mediocridade.

Eu lhes devia a privacidade e sabia que seria uma injustiça para com a família Hathway escrever sobre coisas pessoais e experiências que eu conhecia. Independentemente de quanto o meu coração foi ferido, eu não seria a vingativa ex-namorada. Mas nós não éramos nem mesmo um casal, então não poderia mesmo reivindicar esse título.

Eu debati e virei a noite toda. ZZTop estava feliz comigo por estar em casa e miou por horas. Uma vez que o sol se levantou, ele caiu dormindo e ronronando ao meu lado. Olhei para o teto do meu apartamento, em seguida, olhei para o relógio no meu telefone. Abri meu telefone e rolei através das minhas mensagens e chamadas não atendidas. Ace e Jenny estavam se unindo. Eles eram oficialmente o duo implacável.

Meu telefone tocou e antes que eu ignorasse, vi que era Jules. Ela sempre foi o pássaro da manhã.

— Que diabos você está fazendo em casa? — Ela perguntou.

— Eu estou me afogando em minha miséria. Espere, como você sabia que eu estava em casa?

— Eu fui alimentar o seu gato esta manhã e a fechadura não girou. E eu precisava ir depressa à doceria, então eu pensei em chamá-la.

— Eu estava acordada, você deveria ter batido.

— Eu prefiro acordar chamando você. Multitarefa. De qualquer forma, eu tenho o furo de Jack também. Ele sempre foi um valentão imbecil.

Eu podia ouvir a música de elevador da doceria ao fundo. Ela era a única pessoa que eu conhecia que ia fazer compras as 07:00 da manhã. Sério?

— Ele é imbecil. — Eu concordei.

— O que você fará esta noite? — Houve um soluço de excitação em sua voz. Eu sabia que ela estava tramando algo.

— Nada. Comer um pote de sorvete e dormir cedo.

— Não, de maneira nenhuma você vai. Você vai se vestir e terminar o trabalho. O último show sempre tem muito mais energia do que qualquer outro. Você ainda tem o passe de acesso?

Atirei-me na cama quando percebi o que ela estava dizendo.

— Eu nem sequer pensei nisso.

— É por isso que você me mantém por perto. Então, descanse um pouco, em seguida, levante sua bunda. Pegue a câmera, e termine o seu trabalho. Não deixe o merdinha do Jack intimidá-la. Vá por vontade própria. E uma coisa, sobre as fotos de você e Ace circulando...

— É totalmente verdade.

Ela gritou.

— Estou totalmente demitida.

— Quem se importa. Você é talentosa o suficiente para freelancer. No final tudo vai se resolver.

Conversar com Jules me fez sentir muito melhor. O peso invisível sobre meus ombros foi lentamente saindo.

— Eu não estou falando com o Ace agora.

Ela bufou no telefone. — Por que não?

— Eu sou estúpida. Devo-lhe um pedido de desculpas por exagerar e ser ridícula.

— Então, por que não lhe dizer na cara?

— Eu amo a sua loucura. — Eu disse a ela, querendo dizer cada palavra.

— Eu também a amo. Mantenha-me informada.

Depois que desligamos, eu puxei as cobertas até o queixo, sorrindo como uma pessoa louca. Jules tinha me alimentado com uma carga de coragem. Hoje à noite, *Band of Brothers* iria tocar em Los Angeles para terminar a turnê e eu ainda tinha meus passes de acesso. Meu batimento cardíaco praticamente parou ao pensar em voltar. Eu respirei fundo e fechei os olhos.

Se esta seria a minha hora final como uma jornalista musical, eu iria fazer a maldita melhor hora que pudesse. Eu programei o meu alarme para o final da tarde antes de adormecer. Eu precisaria de tempo para me preparar e dirigir ao concerto, mas sabia que o tempo iria parecer como se estivesse parado.

Depois que eu acordei, alimentei o gato e tomei uma ducha. O peso quase tinha desaparecido e uma energia nervosa me rodeou por Ace não ter ideia do que eu tinha reservado para ele. Eu escolhi um vestido curto bonito e apliquei uma maquiagem leve. Eu peguei um vislumbre de mim e eu parecia a típica garota da porta ao lado. O que diabos eu estava fazendo?

A viagem ao local levou muito tempo e o pensamento sobre o que eu diria me colocou na borda. Depois que eu estacionei meu carro ao lado da arena, eu sentei lá tentando acalmar meus nervos. Eu usei meus passes para passar pela segurança e fiz meu caminho até a rampa que levava para o

palco. Ninguém me olhou duas vezes. Ninguém sequer deu duas merdas que eu tinha retornado. Eu estava com uma perna dobrada e a outra esticada, câmera jogada por cima do ombro, e esperei o show começar.

Começou da maneira como sempre fez com um apagão, em seguida, toca a primeira música. No meio do set, Ace começou a conversar com o público.

— Esta música é dedicada a mulher que eu amo, mas eu nunca tive a chance de dizer a ela.

A multidão gritou e meu coração se partiu. Ace cantou com tanta emoção, suas palavras, seu tom e os seus gritos no final da canção cavou buracos profundos em minha alma. Eu não queria ser a única a machucá-lo. Ele já tinha experimentado muito disso.

Isso veio como nenhuma surpresa

Eu fui pego em seus olhos

Eu não iria mudar isso se eu pudesse

Eu não quero, não.

A canção foi demais. Em pouco tempo a banda tocou as músicas finais como sempre e eu não fiquei para o final da última música. Arrumei minhas coisas perguntando o que diabos eu estava fazendo lá e o que exatamente eu estava tentando realizar.

Foi estúpido. Eu fui estúpida. Um texto teria feito o trabalho. Por um momento, eu inclinei minhas costas contra a parede fria do corredor. Quando eu fechei os olhos o olhar no rosto de Ace tinha queimado em minhas pálpebras. Eu tinha que tomar de volta o controle porque eu estava lentamente perdendo cada gota que ainda restava.

Passos ecoaram atrás de mim. Eu joguei a câmera por cima do meu ombro e peguei meu ritmo. Eu não queria falar com ninguém ou que ninguém me reconhecesse. Eu tinha tido bastante diversão para a noite e minha coragem havia desaparecido.

— Elizabeth — Uma voz profunda soou do final do corredor e ecoou pelas paredes até que me alcançou. Continuei andando, sem responder.

— Você não me engana.

Olhei por cima do ombro para ver Nik sacudindo a cabeça com um grande sorriso no rosto. Parei e cruzei os braços.

— Sim, Hathway?

— Você chama todos os meus irmãos assim? — Ele perguntou, se aproximando a cada passo até mim.

Eu lhe atirei um olhar de lado e não podia deixar de sorrir.

— Eu deveria começar, não deveria?

Quando eu encontrei seu rosto, pude ver o quanto todos se pareciam, mesmo Jenny. Os irmãos eram homens fortes com personalidades fortes, mas Nik estava mais consciente dos sentimentos dos outros. Durante as entrevistas que Nik tinha dado, ele realmente parecia ter cuidado e compaixão pelos outros. Não estava escondido ou trancado atrás de alguma porta. Todo mundo que conhecia a *Band of Brothers* sabia disso.

— O que há com o traje? — Ele me olhou de cima e para baixo.

Parei e coloquei minhas mãos em meus quadris. — Do que você está falando?

— Este. — Ele estendeu a mão para o meu corpo. O vestido era curto e acentuava minha cintura com um agradável decote.

— E onde é que você vai com tanta pressa? Você não percebeu o que aconteceu lá atrás? — Ele abriu a porta de saída, o ar fresco da noite varreu meu cabelo.

Parei de andar em direção ao meu carro e me virei para ele com as sobrancelhas levantadas.

— Esclareça-me, por favor. — Dei-lhe um pequeno sorriso.

— Eu não sei que fórmulas mágicas você carrega na lente da sua câmera, mas... você tem que ter notado algo diferente.

O set list tinha mudado um pouco, assim como a cor das luzes. Em seguida, me ocorreu e, basicamente, me tirou o fôlego. Hoje à noite, Ace não puxou uma mulher para o palco, nem mesmo para manter a aparência de trazê-la de volta para o ônibus. Na verdade, a música inteira foi cortada, e em vez disso, ele cantou uma canção de amor. Setembro.

Minha boca ligeiramente caiu aberta.

— Bingo. Eu sabia que você era uma menina inteligente, — disse Nik. — E uma bonita também.

Ele piscou para mim, então inclinou a cabeça na direção de seu ônibus.

— Sentimos falta de ver o seu rosto. E para responder à pergunta que está queimando dentro de você, ontem à noite foi exatamente o mesmo que esta. Não há groupies, bem, não para Ace. E ele tem sido tranquilo e fechado. Que bom que você está de volta, Elizabeth. Agora... vá ver o meu irmão para que a carranca permanente em seu rosto desapareça. Eu sei que está morrendo de vontade.

Ele apertou minha mão e eu não pude deixar de sorrir.

— Oh, e eu estou feliz que você não se vista assim o tempo todo. Teria que manter um morcego em torno para manter os homens longe de você. Sério. Quente.

Eu balancei a cabeça e segui pela calçada atrás do palco que levava ao ônibus.

Passei pela multidão de pessoas que já estavam alinhadas para autógrafos. Algumas mulheres reviraram os olhos para mim, enquanto outras me olhavam com inveja. Eu coloquei o código da porta para abrir o ônibus e dei alguns passos para dentro. Assim que meus pés deram o segundo passo, meu coração deu uma guinada no meu peito. Eu ouvi água caindo e vocais melódicos ecoando nas paredes de chuveiro. Eu nunca tinha ouvido essa música antes e as palavras chocaram meu núcleo.

O olhar em seus olhos me assombra.

Como você derramando em minha alma.

Correndo livre.

Você me conhece.

Você me vê.

Por quem eu sou.

Assombrado.

Eu vou sempre ser assombrado pelas memórias de nós.

Ele parou de cantar por um momento, em seguida, começou a cantarolar corridas vocais, com notas altas que caíam para tons baixos. Ele tinha tanto controle em sua voz, mesmo após o show de duas horas. Meu coração quase parou no meu peito e eu estava nervosa com as palmas das mãos suadas. Momentos se passaram e eu ouvi atentamente as letras. Sentei no sofá de couro em estado de choque porque Ace Hathway tinha escrito mais do que uma canção de amor.

— Elizabeth.

Eu pulei e segurei a minha mão ao meu coração. As palavras que eu queria dizer fugiram para as colinas, uma vez que meu nome deixou os seus lábios. A toalha em torno de seus quadris me lembrou do tempo que passamos juntos. Meus olhos começaram no V e fez seu caminho até seu olhar aquecido. Engoli em seco quando ele andou na minha direção.

— Você está bonita. — Suas palavras ressoaram no ar e meu corpo tremia por dentro. Eu estava tão nervosa.

—Há quanto tempo você está aqui?

Eu fiquei parada enquanto ele se aproximava. Sua pele ainda estava quente da água e eu senti como se estivesse pegando fogo de dentro para fora. Levantei e abri minha boca para dizer alguma coisa, mas os lábios de Ace pressionaram contra os meus. Meus olhos instantaneamente se fecharam e

eu lhe dei tudo o que eu era. Emoções estouraram através de mim como cores brilhantes em um caleidoscópio e eu não conseguia segurar a maneira que eu me sentia por mais tempo. Suas mãos agarraram meu rosto e seu beijo se aprofundou enquanto sua língua roçou a minha, me atraindo e me provocando a fazer as coisas que eu tinha sonhado desde que eu o tinha deixado. Não era uma mentira. O que nós vivenciamos foi real e nada no mundo poderia me fazer mais feliz.

A porta abriu e eu ouvi um riso atrás de mim. Ace inclinou a cabeça em torno da minha e limpou a garganta. — Você se importa?

Eu me virei e olhei para Rex, no início ele me olhou de cima a baixo, demorando nas curvas que eu havia coberto por semanas.

— Santo inferno! — Ele assobiou. — Onde você estava escondendo esse corpo?

— Rex. Fora! — Ace apontou o dedo para a porta e Rex revirou os olhos, mas tinha um sorriso enorme no rosto.

Ace pegou seu telefone e enviou textos, em seguida, o deixou cair no sofá.

— Sinto muito, — ele sussurrou. Corri meus dedos até seu estômago e sua respiração ofegou ao meu toque.

— Eu sinto muito por tudo. — Eu disse, querendo que soubesse que eu quis dizer cada palavra.

Uma respiração irregular escapou dele. E pensar que ele se apresentou na frente de milhares de pessoas, teve mulheres pisando em cima dele, e meu toque, *meu*, o fez reagir dessa forma.

— Sinto muito que você teve que ver isso. Misty não significa nada para mim. Ela está com ciúmes, mesmo depois de todos esses anos. Eu não sabia que sua prima Sarah estava na turnê e a alimentava com informações. Eu cuidei desse problema, também.

Finalmente, tudo fez sentido. A maneira como Sarah agiu parecia uma ação premeditada e provavelmente foi. Eu levei um segundo para processar tudo o que tinha acontecido e isso me fez sentir ainda pior.

— Eu sinto muito. Eu prometo nunca ser aquela garota estúpida de novo. — Eu disse.

— Apenas prometa que você nunca vai me deixar de novo.

Eu senti como se estivesse com falta de ar, pois a realidade me afastava. Mas esta era a realidade. Isso estava acontecendo.

— Eu não quero.

— Quando você saiu, eu pensei que nunca iria vê-la novamente. Eu fiz uma promessa a mim mesmo que a próxima vez que a visse eu nunca iria cometer o erro de deixá-la sair de novo. Sinto muito por ferir você. Você sair sem se despedir me deixou em pedaços. Eu quero acreditar que talvez o amor ainda exista no mundo. E quando estou perto de você, eu sei que existe.

— Eu não quero ser prejudicada. Eu não quero ser um prato de lado. Eu quero ser sua, sem preocupação ou cuidado.

— Baby, se você me der uma chance, eu prometo que você vai ser o meu aperitivo, prato principal e sobremesa.

Eu concordei com um pequeno sorriso no meu rosto enquanto Ace irradiava felicidade. Nossos corações estavam sangrando juntos e sabia que vir para ele era a coisa certa a fazer. Juntos como estávamos, parecia certo.

Ele entrelaçou seus dedos com os meus e me beijou como se eu fosse o último oxigênio na Terra e ele precisasse de cada pedaço de mim para respirar. Ele foi lento, então era apaixonado e insaciável. Seus dedos corriam pelo meu cabelo, em seguida, correu o comprimento do meu corpo.

— Eu te desejo com tanta intensidade. — Ele sussurrou em meu ouvido. Seus lábios roçaram contra a suavidade do meu pescoço e eu fechei os olhos contendo um gemido. Eu

era argila em suas mãos, e, naquele momento, ele poderia ter me moldado em qualquer coisa que ele quisesse.

Eu sorri contra seus lábios enquanto suas mãos se lembravam do meu corpo. — Mas eu nunca tive minhas perguntas respondidas.

Ele estreitou os olhos, depois sorriu. — Eu já lhe disse uma vez. Uma peça de roupa para cada pergunta.

Olhei para o vestido que mal cobria minha pele.

Cinco perguntas neste momento, se cada sapato contasse.

— Combinado. — Eu disse, mantendo a promessa que fiz a mim mesma. Eu jogaria o seu jogo, mesmo que eu soubesse que nunca poderia ganhar tal aposta.

Ace sentou no sofá e colocou as mãos atrás da cabeça com um pequeno sorriso bonito de lado colado ao seu rosto.

— Ok, primeira pergunta. Você sempre quis ser músico?

Sentei-me ao lado dele. Seu nariz roçou o meu e sua voz caiu um tom.

— Não desperdice suas perguntas sobre as coisas que já são conhecidas. Cave fundo. Pergunte-me coisas que você não pode encontrar na Internet nem pelas entrevistas dos meus irmãos.

Meu coração batia no meu peito e eu estava quase certa de que ele pudesse ouvi-lo. — Como você define o amor?

Ele lambeu os lábios um pouco e mordeu seu lábio inferior, em seguida, me deu um pequeno aceno de cabeça. Ah, eu vejo. Ele queria que eu fizesse a pergunta e removesse a peça de roupa antes que ele respondesse.

— Tudo bem. — Eu disse. Eu abri o zíper do vestido e sai dele. Calcinha de renda azul brilhante baixa em meus quadris e avançando na minha bunda. Ace fez um pequeno movimento de giro com o dedo, e eu virei, lhe dando exatamente o que queria. Enquanto ele admirava meu corpo e me estudava, eu me senti como a mulher mais bonita do mundo, como se eu fosse dele.

— O amor é a emoção que corre fundo. Ele pode aquecer uma pessoa durante a noite ou congelá-lá até a morte. O amor pode ser gentil ou pode ser destrutivo. Eu o vi rasgar o coração de uma pessoa de dentro para fora e não deixar nada mais do que uma concha vazia. Ele pode fazer uma pessoa feliz ou pode levá-los à loucura. No meu mundo, não há verdadeira definição de amor. Nenhuma quantidade de canções ou músicas pode lhe dar a justiça que merece, porque o amor está sempre mudando, se transformando em emoções mais fortes ou escapando completamente. Novo amor, por outro lado, é uma bela experiência. Ele é como palpitações cardíacas e fantasias e pode fazer um homem se

sentir como se tivesse tudo o que precisa no mundo, quando, na realidade, ele não tem nada. Sem amor, um homem rico é pobre. Com amor, um homem pobre é rico. O amor é uma coisa engraçada, não é? Honestamente Elizabeth, eu não posso dizer exatamente o que é o amor e não existe uma definição neste planeta que pode descrever o que sinto por você adequadamente.

Eu não esperava uma resposta tão profunda, tão significativa, tão poderosa que roubou o meu fôlego. Eu sabia que estava caindo no abismo, caindo para Ace, me apaixonando.

— Isso... — Engoli em seco. — Isso foi lindo.

— Você... — ele apontou para mim. — Você é linda. Próxima pergunta.

Inclinei a cabeça para ele, e pensei muito sobre a minha próxima pergunta.

— Onde você se vê daqui a dez anos?

Ele inclinou a cabeça e sorriu. Tirei meu sapato e sorrí.

— Isso é fácil. Com você.

— Ace, isso não é uma resposta. — Ele se levantou e caminhou em minha direção e suas mãos suavemente escovaram contra o meu estômago, em seguida, delineou a

renda do meu sutiã. Arrepios frios formaram enquanto sua energia corria através de mim.

— Essa é a verdade e minha resposta final.

Eu não poderia mais aguentar. Eu não me preocupava com as questões malditas. Meu corpo, meu coração e minha alma o queriam. Eu passei meus braços em volta do seu pescoço e o puxei para perto de mim.

— Fodam-se essas perguntas. — Eu sussurrei.

Ele me levantou em seus braços e eu envolvi minhas pernas em volta de sua cintura. Até esta data, o único homem que tinha me varrido fora de meus pés era Ace. Quando ele fechou a porta, sentou na beira da cama e caiu de joelhos para que pudesse olhar nos meus olhos antes que seus lábios arrastassem pelo meu corpo. Não foram muitas vezes que eu fui capaz de ter certeza das coisas, mas uma coisa que eu sabia com certeza neste momento, era que precisava dele.



Capítulo 39

Ace

Olhei dentro de seus olhos azuis e encontrei a permissão que precisava. Elizabeth Riley era tudo o que eu queria. Era uma pessoa linda por dentro e por fora. Embora eu fosse um pecador, por ela eu viraria um santo. Ela me inspirou de maneiras inexplicáveis e por causa dela, eu estava me tornando alguém que meus pais teriam orgulho.

Nossos lábios se encontraram com fogo e paixão, ela se derramou dentro de mim e eu dei tudo o que eu tinha. Estudei seu corpo dentro dos pequenos sutiã e calcinha de renda, tirando fotos dela, esperando que eu nunca esquecesse em como ela estava neste momento. Com a respiração pesada, ela me observava e eu olhava para seus seios subindo e descendo. Toda vez que via os seios incharem, quando meus dedos tocavam sua pele.



A próxima coisa que eu soube era das mãos dela e sua boca estarem por todo o meu corpo, e a toalha pendurada em meus quadris tinha caído. Eu estava duro, mas pensar nela fazia isso comigo. A verdade era que Elizabeth poderia me fazer qualquer pergunta que quisesse, eu responderia. Não me importava se iria ser publicado, se isso a fizesse feliz, nada mais importava para mim.

Deitei-a na cama e ela me estudou com um sorriso sexy. Puxei sua calcinha, deslizando-a por suas pernas e, em vez de ir direto para o sutiã, passei meus dedos por seu corpo, acariciando sua pele macia.

— Ace... eu sinto muito. — Disse ela, sem fôlego.

— Baby. — Disse, ficando de pé. — Tudo o que importa é que você está aqui comigo agora.

— Eu estou. — Sua voz soou longe e baixa.

— Misty só apareceu porque viu nossas fotos juntos. Ela não me quer, mas também não quer que ninguém me queira, ou que eu queira outra pessoa. O pensamento de nunca mais ver você, estava me destruindo lentamente. Eu disse que não quero viver sem você e eu realmente quis dizer isso.

— Eu quero você, Ace. Meu Deus, você não tem ideia do quanto eu te quero.

Suas palavras eram como música para meus ouvidos. Era quase como se ela soubesse exatamente o que eu queria ouvir, mas pelo sorriso suave no rosto e o brilho nos olhos, sabia que estava sendo verdadeira. Eu faria o que fosse preciso para ela confiar em mim. Quando estava com alguém, era um homem fiel e ninguém, nem mesmo Misty, a única outra mulher que eu já amei, poderia mudar isso. Elizabeth era tudo o que eu queria, precisava e ansiava. Sorri para ela e ela se levantou e me beijou com a boca ávida.

— Eu gosto dessa roupa. — Sussurrei em sua boca.

— É para você. — Disse, enquanto a deitava novamente na cama.

— Agora é hora de fazer amor com a minha namorada, se estiver tudo bem para você.

Sua boca se abriu e eu puxei o lábio inferior.

Não demorou muito tempo até eu estar dentro dela, que era exatamente onde eu deveria estar. Meu corpo se entregou e meu coração confirmou que Elizabeth era minha. Ela fazia eu sentir certas emoções, o que era algo que não acontecia há muitos anos. Hoje à noite o tempo parou. Ela beijou meu corpo enquanto tomei meu em seu corpo. Lentamente, tive a certeza que ela chegou ao ponto certo de êxtase. Estar com ela assim, era como estar em casa. Seu orgasmo foi tão

intenso que não consegui segurar o meu, enquanto ela gemia no meu ouvido eu gozei.

Uma enorme sensação de felicidade tomou conta de mim quando deitei ao seu lado, eu esperava que não fosse um sonho. A intensidade do que aconteceu fazia meu corpo cantar. Seu corpo nu estava junto ao meu e envolvi meu braço em torno dela e ela fechou olhos. Eu distribuí beijos em suas pálpebras até que se abrissem. Chegando mais perto, se aconchegou contra o meu peito e a apertei em meus braços. Nós deitamos juntos, felizes e contentes.

A noite passou e a manhã chegou, o sol brilhou no chão do ônibus.

— Bom dia querida. — Eu disse, enquanto corria os dedos através de sua pele.

— Bom dia. — Ela murmurou e depois sorriu.

— Nós temos que desocupar os ônibus hoje. — Disse a ela, baixinho.

— Shhh, eu estou curtindo o agora.

Eu não queria apressá-la, e por um momento achei que ela havia caído no sono. Beijei seus cabelos, seu rosto e seus lábios. Ela suspirou depois que nossos lábios se separaram e tive que rir, ela era tão bonitinha pela manhã.

A voz de Nik ecoou pelo ônibus e, pelo nível do barulho, todos os meus irmãos tinham chegado. Elizabeth sentou, nua, e olhou para mim.

— Você não acha que eles vão...

— Vir aqui? Provavelmente.

Ela levantou e colocou as roupas rapidamente enquanto eu continuava deitado, nu, com o cobertor cobrindo apenas minha metade inferior. Assim que ela terminou de se vestir, a porta abriu e meus irmãos e irmã estavam ali. Elizabeth alisou o cabelo e deu a todos um sorriso. Ela olhou para mim, depois de volta para eles, com o cabelo desarrumado e um rosto que dizia “nós acabamos de transar”. Eu não pude deixar de rir.

— Eu disse a vocês que ela ainda estava aqui. — Disse Nik.

— Oh meu Deus, eu estou tão feliz. — Jenny falou.

Rex e Jex tiraram notas de vinte dólares dos bolsos e entregaram a Nik, que olhou para nós, antes de colocar o dinheiro no bolso.

— Obrigado rapazes. O café da manhã é por minha conta. — Nik fechou a porta, não antes de dar uma piscadinha em nossa direção.

— Eu provavelmente tenho que ir. Vou encarar uma longa viagem de volta, e depois PHASE. — Ela gemeu.

Levantei, nu, e fui até ela, a segurando em meus braços.

— Eu entendo. — A beijei, acariciando sua língua com a minha.

— Eu odeio ter que ir.

— Não é um adeus. É um 'te vejo logo'.

A beijei novamente e ela pegou suas coisas, virou, me deu outro beijo, então saiu.

Meus irmãos e Jenny falaram com ela e depois eu a observei atravessar o estacionamento. Ela olhou por cima do ombro e jogou um beijo, como se soubesse que eu estava olhando, mas era impossível porque os vidros eram muito escuros.

Aquela mulher fazia coisas incríveis com o meu coração. Talvez o próximo álbum fosse cheio de canções de amor. Meus irmãos me matariam.



Capítulo 40

ELIZABETH

Meu corpo doía e implorava por mais de Ace, mas tinham muitas coisas a serem resolvidas e muitas decisões a serem tomadas. Eu já não podia colocar isso para fora, pois, a ansiedade iria me comer viva. Segunda-feira chegou rapidamente e eu não poderia prolongar o inevitável. Não. Quando o problema surgia precisava ser resolvido, e hoje ele seria. Liguei para Jack e disse que iria estar no escritório em uma hora. Ele precisava estar preparado para a minha ira.

Peguei meu laptop e câmera, coloquei um vestido bonito e prendi o cabelo. Dirigi para a PHASE em silêncio, repetindo mentalmente o que eu diria a Jack quando o visse. Estacionei em frente e peguei o elevador até o último andar, o andar executivo, onde estavam todas as salas de conferência. Ele queria me intimidar. Quase funcionou.



Meu coração batia forte em antecipação, e a adrenalina corria por minhas veias como uma droga. Adrenalina e nervos dançavam juntos, girando no que só poderia resultar em um tombo. Eu odiava o confronto, evitava a todo custo.

Entrei e Jack sentou na cabeceira de uma longa mesa, ele adorava jogar de intimidante. Quando olhei para a mesa vi fotografias de Ace e eu juntos, perfeitamente colocadas sobre a mesa e toda a minha coragem desapareceu. Eu queria desaparecer também.

Jack levantou e colocou as mãos atrás das costas, com um olhar orgulhoso no rosto.

— Aqui há regras e procedimentos que devem ser seguidos quando você está representando a PHASE Magazine. — Ele andou em volta da sala de conferências, se certificando de que estava fazendo seu show. Fiquei parada, timidamente olhando na direção dele.

— Isto. — Ele apontou para uma foto. — E isto. — Disse, apontando para outra, onde Ace e eu estávamos nos beijando. — Não faz parte das suas atribuições de trabalho. Mas embora eu queira, não estou aqui para demiti-la, Elizabeth. Quero que você escreva uma história sobre sua relação íntima com Ace Hathway. Eu quero uma exclusiva Elizabeth.

Minha boca caiu aberta e fiquei sem palavras. Eu não poderia, eu nunca poderia fazer qualquer coisa desse tipo, eu não faria.

— Você vai escrever a nova história e vamos colocar essas imagens juntas com algumas fotos dos shows. A PHASE será colocada no mapa com esta história, cópias vão voar das prateleiras, e as mulheres vão conseguir o que mais desejam, um olhar do interior de Ace, o homem que roubou um milhão de corações.

Jack parecia o maníaco que sempre imaginei que fosse, mas quase me pegou de surpresa. Gostaria de estar à frente do seu jogo, mas me sentia dois passos atrás.

Ele pegou as fotos cuidadosamente e as empilhou, tendo certeza de ter o seu tempo estudando cada uma delas.

— Você estava me seguindo? A PHASE não é um tablóide, Jack, é uma revista da indústria músical.

— Não estou planejando publicar mentiras, apenas um olhar sobre o que acontece nos bastidores da banda, e uma vez que você era uma funcionária da PHASE ao cobrir os shows, é o mínimo que pode fazer. Eu não estava te pagando para dormir com eles. O artigo tem que estar pronto na sexta-feira, quero que ele seja editado e impresso até o final da próxima semana, pronto para ser distribuído na edição desse mês.

Jack pegou a pilha de fotos e deixou cair na minha frente. Fiquei olhando a cascata pela mesa, exibindo momentos privados e íntimos de nossas vidas. Eu olhei para as fotos e dei um pulo quando a porta da sala de conferência bateu depois que Jack saiu. Tentei me concentrar, tentei me mover, mas sentia como se minha vida tivesse sido colocada em *pausa*. Ele não me deu a chance de dizer não.

Não podia me mover, me sentia presa no lugar. Então, como se Ace estivesse lá, lembrei da pressão dos seus lábios no meu pescoço, pela minha barriga, entre as minhas coxas, e mesmo que quisesse, não conseguiria encontrar palavras para colocar em um artigo os momentos que compartilhamos, momentos que pertenciam só a nós dois. As emoções nunca poderiam ser transferidas para o papel, e eu não iria entregar o que vivemos numa bandeja de prata, para o mundo inteiro ler. Era a nossa história, uma intimidade que eu nunca seria obrigada a contar.

Fui para o meu escritório, olhei pela sala e sentei na minha cadeira de frente para a parede branca, lembrando de todos os momentos maravilhosos que Jules e eu tivemos neste lugar. Os tempos estavam mudando. Liguei meu computador e coloquei todos os meus arquivos pessoais em um pen drive, depois exclui os emails. Abri um novo email e observei o cursor ficar piscando por alguns minutos. Meus

pensamentos estavam desordenados e minha boca seca, então, eu comecei a escrever.

Jack,

A partir de hoje, estou renunciando a minha posição na PHASE Magazine. Em vez de lhe dar a chance de me despedir por insubordinação, por favor, aceite a minha demissão. Os sujeitos do outro lado da lente são pessoas também, e até que você perceba isso e aprenda a tratá-los com o devido respeito, enquanto permanece fiel à missão da PHASE e da indústria, você não vai crescer como pessoa e esta empresa não vai passar para o próximo nível. Jack, você não vai receber os detalhes sujos que exigiu. Eu não gostei de ser seguida enquanto estive em turnê e não gosto de suas atitudes desrespeitosas, comentários maldosos, e ameaças não ditas. Se eu sofrer alguma retaliação, meu advogado será contatado.

Elizabeth Anne Riley

Eu não pressionei imediatamente em enviar. O email ficou aberto me esperando, o cursor piscando me desafiando a enviar, mas eu queria que minhas palavras ressoassem por um momento. Peguei uma caixa vazia e comecei a colocar todos os pequenos itens que eu tinha adicionado à minha mesa ao longo dos últimos anos. Peguei fotos minhas com Jules nos bastidores dos shows e removi o pen drive do meu computador e joguei—o na caixa. Uma vez que minha mesa

foi limpa, eu pressionei em enviar e peguei a caixa. Assim que saí, as pessoas olhavam para mim, a maioria parecia confusa, e eu dei pequenos sorrisos enquanto me dirigia ao elevador. Entrei e antes da porta fechar, consegui ouvir Jack gritando do seu escritório. Fizemos contato com os olhos uma última vez e dei o maior sorriso que eu podia.

Finalmente, eu tinha dado a última risada e isso me fez sentir bem.

Quando cheguei ao meu carro, inclinei a cabeça contra o assento e respirei. A adrenalina estava correndo através de mim em ondas, e eu precisava me acalmar antes de tentar dirigir. Um milhão de quilos haviam sido removidos dos meus ombros, e mesmo que eu não tivesse a menor ideia do que diabos estava fazendo, e não tivesse nenhum plano, eu sabia que tinha feito o certo.

As vezes era preciso arriscar e saltar na escuridão de cabeça. Uma coisa era certa, a vida iria se resolver, de uma forma ou de outra.

No caminho de volta para o meu apartamento fui inundada com as memórias de Jules e eu, e então comecei a pirar porque não tinha um emprego. Felizmente, tinha guardado dinheiro suficiente para viver confortavelmente por alguns meses, mas eu não podia ficar desempregada. Quando cheguei em frente ao prédio, liguei para Jules e contei o que

aconteceu. Ela ficou muito feliz, e queria almoçar na próxima semana.

— Eu acho que depois que o bebê nascer, vou dar meu aviso prévio de duas semanas. — Disse ela.

— Eu concordo, Jules. Quero que você seja feliz e menos estressada e, puta merda, você não tem mais a sua auxiliar.

— Você sempre será minha auxiliar, querida.

Desliguei e mandei uma mensagem a Ace.

Eu: Vou visitar meus pais por alguns dias.

Ace: Vou sentir sua falta. Me avise quando você vai voltar.

Eu: Irei.

Ace: É bom mesmo.

Enquanto subia as escadas liguei para minha mãe e disse a ela que eu estava voltando para casa. Precisava de um tempo para processar tudo o que tinha acontecido. Os meus pais viviam na praia e me faria bem relaxar e estar com eles. Além disso, eu tinha um DVD para mostrar ao meu pai, e uma relação para explicar.

Capítulo 41

ELIZABETH

Poucos dias depois, eu parei no supermercado e por pura curiosidade, eu peguei a edição de setembro da PHASE. Uma parte de mim queria encostar no balcão e ler cada palavra e outro lado de mim queria rasgar cada questão em pedaços. Convenientemente, ela estava ao nível dos olhos nas prateleiras substituindo todos os tabloides. Tenho certeza de que estava em lojas de todo o país, desde que *Band of Brothers* era o assunto principal. As pessoas iriam comprar qualquer coisa com o rosto deles e uma história exclusiva iria voar das prateleiras. Elas esgotaram rapidamente, e eu estava honestamente surpresa que havia quaisquer cópias restantes. Sem protesto, eu havia me recusado a ler os artigos on-line ou até mesmo olhar para as imagens, mas o tipo de fonte e cor me puxou para frente. Infelizmente, eu era uma otária para uma boa fonte.

A Band of Brothers Oficial Summer Tour Cobertura: Informações Internas estavam exibidas em uma grande e brilhante fonte laranja destinada a chamar a atenção. Engoli em seco e virei as páginas para o centro, as quais estavam cheias das minhas fotos dos shows ao vivo. Este poderia ser o maior artigo sobre uma banda que já fora publicado na revista, ou tinha sido durante o meu período lá. Pelo menos PHASE tinha tido a gentileza de me creditar ou eles estavam preocupados que eu fosse processá-los por cada centavo se não o fizessem. Considerando que eles usaram meu nome em seu benefício, eu não tinha certeza se queria o crédito.

ACE HATHWAY TEM UM CORAÇÃO.

VOCÊ TEM QUE SABER ONDE ENCONTRÁ-LO.

ELIZABETH RILEY

Minha boca caiu aberta e ofeguei. Essas palavras foram escritas em grandes letras em negrito, juntamente com parágrafos abaixo que insinuava que Ace, o playboy da banda, e eu estávamos juntos. Após nova inspeção, eles haviam rasgado meus artigos separadamente, transformando cada sentença em uma história de amor de Ace Hathway, citando erroneamente minhas ideias, mas gentilmente me dando o crédito só para eles melhorarem a credibilidade da história.

Quem teria pensado que a isenção que assinei antes de sair em turnê viria ao redor para me morder na bunda? Eu deveria saber melhor. Eu lhes tinha dado permissão para usar toda e qualquer das minhas palavras. Eu não deveria ter assinado até que eu tivesse um advogado verificando todos os pequenos detalhes, mas a PHASE não era estúpida. Os editores iriam montar a linha da legalidade, não me dando uma perna para me sustentar com uma ação judicial. Eu já tinha visto este tipo de coisa uma e outra vez ao longo dos últimos anos. Eu era uma idiota por acreditar que isso nunca aconteceria comigo.

— Querida, eu sei que esses rapazes são lindos, mas eu preciso chegar em casa para os meus cães. — Uma senhora, com duas latas de comida em suas mãos, disse enquanto eu estava bloqueando o caixa com a minha boca aberta.

— Você pode ir em frente. Eu não estou na fila.

Afastei-me do balcão e fiquei no meio do corredor tentando digerir as palavras publicadas com o meu nome creditado. Meu telefone tocou e eu o peguei imediatamente sem olhar.

— Elizabeth.

— Oi, Elizabeth Riley?

Olhei para o telefone e tentei reconhecer o número, mas eu não consegui nada.

— Sim, é ela.

— Oi. Aqui é Amy Frederick.

Fiquei ali parada em silêncio por um segundo tentando lembrar como eu conhecia esse nome, mas nada veio à mente.

— Amy Frederick da *Rolling Stone*. — Disse ela.

— Oh, oi. — Eu disse, dobrando a revista debaixo do braço enquanto sem pensar, caminhei através do supermercado.

— Eu gostaria de fazer uma oferta.

Eu congelei. Ela estava prestes a me apadrinhar? Seria uma oferta que eu não poderia recusar?

— Eu terminei de ler o artigo na PHASE e falei com Ace Hathway. Ele confirmou que era verdade. Você gostaria de vir para uma entrevista com a equipe editorial?

Minha boca abriu e eu não tinha certeza do que dizer.

— Eu entendo como revistas trabalham e estou ciente de como este artigo foi reunido. Eu amo as fotos da banda e só posso imaginar o que você enviou para publicar. Atrás do artigo do tipo tabloide, existem palavras reais e uma verdadeira história. Estou impressionada.

Continuei de boca aberta e as minhas palavras tinham desaparecido.

— Se você quer pensar sobre isso, você pode me ligar de volta. Eu entendo que é um pouco abrupto, mas depois de ver o que você realizou, bem, você tem o que é preciso para fazer uma turnê e eu gostaria de lhe dar consideração.

Eu tinha que sair dessa. Eu tinha que responder a ela. — Umm. Sim. Claro. Eu adoraria isso.

— Ótimo. E o que acha da próxima quarta-feira às dez?

— Sim. Claro. Perfeito. — Minha voz estava tremendo bem como a minha mão.

— Então, te vejo depois. — Ela disse e desligou o telefone.

Larguei a revista e assisti em câmera lenta como as páginas se abriram. Ela capotou e caiu em uma fotografia preto e branco de Ace e minha do lado de fora da arena, em nossas roupas sociais, ocupando toda a página. Essa foi a primeira vez na minha vida em que eu me senti como Cinderela e o ângulo da imagem capturou o quanto eu estava apaixonada pelo Ace. Aquele momento era suposto ser nosso, não compartilhado com o mundo. Baixei a cabeça e olhei fixamente antes de me curvar e pegar a revista. Era como se eu estivesse nadando em mel.

Segurei apertada a revista, abrindo com força contra a sua espinha com o meu coração transbordando de emoção. Eu não tinha certeza de como sentir... ferida, com raiva, ou temendo a situação. Com meu rosto estampado nas páginas de toda a revista, não havia mais como esconder o nosso relacionamento. Era inegável em todos os aspectos. Como diz o ditado, uma imagem vale mais que mil palavras? O olhar nos olhos dele enquanto olhava para mim tinha mostrado milhares de emoções sem uma única palavra falada ou mesmo escrita.

Por mais que eu quisesse me enfiar dentro de uma concha, não havia nada mais a fazer. O meu segredo estava exposto e eu não tinha certeza de como me sentia sobre isso. Ser o centro das atenções não era algo que eu sempre quis, e conforme folheava a dez páginas extendidas, eu sabia que não havia maneira de fugir disso. Tive que aceitar o que a PHASE tinha feito para mim. Eles me mandaram para um caminho sem retorno e eu deveria continuar em frente.

Eu pensei no dia em que parti. Meu único objetivo era não ser um fracasso e enquanto refletia sobre aquele momento, sabia que eu não era. Eu estava desempregada, mas pela primeira vez em minha vida adulta, eu estava feliz. E puta merda! A *Rolling Stone* queria me entrevistar. Meta de sonho cumprida.

Dirigi para o meu apartamento em completo silêncio tentando encontrar a coragem de ligar para o Ace. Ainda ficava nervosa e cheia de borboletas no estômago quando pensava nele. Isso tudo era tão novo para mim. E oláaa, era Ace Hathway, um dos homens mais sexys do mundo. Olhei para o relógio e percebi que ainda era cedo e não tinha comprado nada além da revista maldita, e que meu plano de fazer feira tinha descarrilado em poucos segundos. Talvez isso não fosse o melhor para um adulto hoje, mesmo eu precisando ou não de mantimentos.

Estacionei em meu complexo, peguei a revista e andei até as escadas. Quando cheguei ao último degrau, Ace estava encostado contra a porta com um buquê de flores e um pequeno sorriso de lado.

Eu não poderia deixar de sorrir e inclinar a cabeça para ele.

— Bom dia. — Ele disse, me entregando as flores. O cheiro de pétalas frescas me fez lembrar da primavera e do ar da montanha. Ace passou os braços em volta de mim e me deu um grande abraço. — Parabéns.

Empurrei para longe dele e olhei em seus olhos.

— Pelo quê?

— Por aceitar uma entrevista com a *Rolling Stone*.

Eu coloquei minhas mãos em meus quadris. — Ace.

— Tudo o que você tem a dizer é obrigado, querida. — Ele disse e me beijou na testa.

— Obrigada. — Eu sussurrei em seu pescoço.

Seus lábios tocaram os meus, em seguida, se arrastaram pelo meu rosto beijando meu pescoço e mordiscando minha orelha. Suspirei, amando o jeito com que sentia o seu toque.

— Eu estava pensando...

De alguma forma, minhas costas agora estavam pressionadas contra a porta e meu corpo praticamente derreteu quando ele me beijou no pescoço, orelhas e boca.

— Sim? — Me forcei falar.

Meus olhos abriram e desta vez ele tinha dado um pequeno passo de distância.

— Eu estava pensando que você deve morar comigo. Todas as manhãs, eu me pego querendo você comigo. Toda noite, eu desejo poder dar um beijo de boa noite e te segurar até a manhã. O coração sabe o que quer, e Elizabeth Riley, eu quero você.

Meu coração inchou e parecia como se eu precisasse aprender a falar novamente.

— Quando? — Eu fiquei na ponta dos pés e o beijei, ainda presa no fato de que ele me pediu para morar com ele. Pura emoção liderou o caminho, não a lógica ou razão.

— Agora. Assim que você disser sim, eu vou pedir um caminhão de mudança e as pessoas para arrumar seu apartamento. — Disse. — Eu não posso ficar sem você por tanto tempo novamente.

— Ace... eu só fui embora por alguns dias.

Ele colocou o dedo sobre a minha boca.

— Eu percebi na semana passada que eu não quero nunca mais ficar sem você. Elizabeth Riley, você me faz querer escrever canções de amor, você faz eu querer me estabelecer e ter uma família, você me faz querer ser o melhor homem que eu posso para você. Eu te amo, Elizabeth. Eu a amo tanto.

Tomei as palavras permitindo que elas viajassem através de mim. Essas três palavras eram poderosas, fortes e confiantes. Trocamos um milhão de palavras com os nossos olhos e sua voz tinha preenchido todos os espaços em branco. Ele tinha puxado uma faca e aberto seu coração e, como uma história de amor de Shakespeare, o meu tinha seguido a liderança. Parecia a coisa certa, não forçada, e eu sabia que ele queria dizer o que disse. Ace Hathway me amava.

Essa era a única verdade e eu me sentia exatamente da mesma maneira. O sentimento era inegável, indescritível em todos os sentidos. Eu pularia de cabeça sem olhar para a água abaixo. Eu mergulharia direto em seus braços e nunca iria embora.

— Você faz meu coração cantar e vibrar, e eu não posso imaginar minha vida sem você. Eu também o amo, Ace. Sempre amarei.

Nós nos beijamos com tanto fervor que estava difícil ficar em pé. Meus joelhos enfraqueceram e senti como se estivesse derretendo em seu corpo. Ele agarrou minha cintura e sorriu contra os meus lábios. Deixei cair minhas chaves e ele olhou para a revista que já tinha sido dobrada e vincada. Ele a puxou debaixo do meu braço, e folheou as páginas.

— Minha citação favorita é, "*Ace Hathway tem um coração, você tem que saber onde encontrá-lo*". Foi difícil de encontrar?

— Deus, eu te amo. — Eu disse, e passei meus braços em torno dele.

Não importa para onde nosso relacionamento irá depois daqui. Eu sabia que seria cheio de amor e compaixão, mas acima de tudo, cheio de '*rock and roll*'.



Fim

AVISO 1

Por favor, não publicar o arquivo do livro em comunidade de redes sociais, principalmente no facebook!
Quer baixar livros do PL? Entre no grupo de bate-papo, entre no fórum, no blog, lá você encontrará toda a biblioteca do PL ou envie por email a quem pedir.
Postagens de livros no facebook podem acarretar problemas ao PL!
Ajude-nos a preservar o grupo!

AVISO 2

Gostou do livro e quer conversar com sua autora favorita? Evite informá-la que seus livros em inglês foram traduzidos e distribuídos pelos grupos de revisão! Se quiser conversar com ela, informe que leu os arquivos no idioma original, mas, por favor, evite tocar no nome do PL para autores e editoras!
Ajude a preservar o seu grupo de romance!
A equipe do PL agradece!

AVISO 3

Cuidado com comunidades/fóruns que solicitam dinheiro para ler romances que são trabalhados e distribuídos gratuitamente! Nós do PL somos contra e distribuímos livros de forma gratuita, sem nenhum ganho financeiro, de modo a incentivar a cultura e a divulgar romances que possivelmente nunca serão publicados no Brasil.
Solicitar dinheiro por romance é crime, e pirataria!
Seja esperta (o).



Equipe Pegasus Lançamentos